

José Adriano
de Freitas Carvalho

NOBRES LETERAS...
FERMOSOS VOLUMES...
INVENTÁRIOS DE BIBLIOTECAS
DOS FRANCISCANOS OBSERVANTES
EM PORTUGAL NO SÉCULO XV
OS TRAÇOS DE UNIÃO
DAS REFORMAS PENINSULARES
O Floreto de Sant Francisco



 CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Edições
Afrontamento

NOBRES LETERAS... FERMOSOS VOLUMES...

INVENTÁRIOS DE BIBLIOTECAS DOS FRANCISCANOS
OBSERVANTES EM PORTUGAL NO SÉCULO XV
Os traços de união das reformas peninsulares

O Floreto de Sant Francisco

NOBRES LETERAS... FERMOSES VOLUMES...

INVENTÁRIOS DE BIBLIOTECAS DOS FRANCISCANOS
OBSERVANTES EM PORTUGAL NO SÉCULO XV

Os traços de união das reformas peninsulares

O Floreto de Sant Francisco



José Adriano de Freitas Carvalho

Título

Nobres Letras... Ferosos Volúmes...
Inventários de Bibliotecas dos Franciscanos Observantes em Portugal no Século XV
Os traços de união das reformas peninsulares
O Floreto de Sant Francisco

Autor

José Adriano de Freitas Carvalho

Co-edição

CITCEM

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Via Panorâmica, s/nº

4150-564 Porto

citcem@letras.up.pt

Edições Afrontamento, Lda.

Rua Costa Cabral, 859, 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt

comercial@edicoesafrontamento.pt

Ano: 2018

Execução gráfica

Rainho & Neves Lda. / Santa Maria da Feira

geral@rainhoeneves.pt

ISBN Edições Afrontamento: 978-972-36-1624-8

ISBN CITCEM: 978-972-8351-85-2

Depósito legal: 436353/18

Nº de edição

1847

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/HIS/04059/2013, e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI).

*Ao Luís,
Maria de Lourdes,
Pedro
e Zulmira
com gratidão e por tantos anos em louvor
de S. Francisco*

A MODO DE PREFÁCIO

Justificações e explicações necessárias

O carácter artesanal da edição anterior – evidente na própria qualidade da impressão e no pequeno número de exemplares não venais (nem sequer levou nº do Depósito Legal), em alguns erros do autor, nas muitas e impertinentes gralhas e ainda nas limitações do programa informático então utilizado – pode muito bem explicar-se, sem recurso à tónica da *captatio benevolentiae*, pelas condições da sua «produção» nesse nascente Instituto de Cultura Portuguesa que, sem receitas próprias e sem funcionários, dependia de eventuais subsídios da Faculdade de Letras e da Reitoria da Universidade do Porto e, sobretudo, da diária dedicação dos seus investigadores. Esse

mesmo seu carácter de objecto de artesanato universitário determinou, em larga medida, o quase imediato desaparecimento da edição – depois, quando chegava o pedido de um exemplar, oferecia-se a fotocópia... – e, conseqüentemente, foi levantando, como hipótese, o interesse de uma nova edição. Hoje, contas feitas – não sabemos se bem feitas – decidimos dar-lhe realidade, conscientes, porém, de que, desde 1991/1994, mais de quarto de século atravessou os estudos franciscanos na Península Ibérica, estudos que, em larga medida, devem a sua existência e a sua alta qualidade científica seja à dinâmica e espírito congregador da Asociación Hispánica de Estudios Franciscanos (AHEF), seja às vivas tradições acolhedoras de *Archivo Ibero-Americano* e de *Itinerarium*. Daqui se impõe sermos igualmente conscientes de que actualizar bibliograficamente o nosso trabalho significaria reescrevê-lo – e tudo leva o selo do *seu* tempo –, pelo que optamos, com todos os riscos, por corrigir na sua «Introdução» – que nunca pretendeu ser mais do que isso mesmo – algum que outro erro mais evidente – de datas, sobretudo – e limpar muitas das suas gralhas. Não resistimos, no entanto, a introduzir, em alguma nota, entre [], uma indicação bibliográfica actualizada das fontes franciscanas então utilizadas e da edição ou reedição de

algum texto medieval português entretanto aparecida.

Creemos, porém, que essa «desactualização» poderá ser, de algum modo, compensada pelos dois estudos que, mais recentemente, dedicamos ao *Floreto de sant Francisco* – esse grande traço de união bibliográfico das reformas franciscanas peninsulares – quer na sua utilização por Fr. Marcos de Lisboa na sua *Crónica da Ordem dos Frades Menores* – obra europeia no seu projecto historiográfico e nas suas mais de cem edições no original e em tradução – quer na sua presença – directa ou indirectamente – como provável fonte de acesso às orientações «arquitectónicas» de S. Francisco ao levantar das primeiras fundações (1392) dos que viriam a ser, «oficialmente», os observantes portugueses. Também aqui nos impusemos corrigir não só as impertinentes gralhas de imprensa, mas também descuidos nossos¹.

¹ Os estudos em causa – «Para a história de um texto e de uma fonte das *Crónicas* de Fr. Marcos de Lisboa: o *Floreto* – ou os «Floreto»? – de S. Francisco» e «*Domus pauperulas, cellulas et ecclesias parvulas*: as fidelidades dos primeiros observantes em Portugal (1392-1453) a Francisco «arquitecto» olhadas ao espelho dourado do século XVII» – foram publicados originariamente em AA. VV., *Frei Marcos de Lisboa: cronista franciscano e bispo do Porto*, Porto, C.I.U.H.E. – Instituto de Cultura Portuguesa, 2002 (Anexo XII da *Revista da Faculdade de Letras do Porto* – Série Línguas e Literaturas), e *Via Spiritus*, 23 (2016).

A bibliografia, naturalmente unificada, dos três estudos foi deslocada, como nos pareceu impôr-se, para o final da obra.

Obviamente, ficaram inalteráveis, na sua perenidade, os documentos – inventários de livros e de memórias – que nos serviram de base e de estímulo.

Aproveitamos para uma vez mais agradecer ao Doutor Pedro Tavares o tempo e a paciência de que, desde a primeira hora, dispôs generosamente para nos acompanhar na leitura dos manuscritos; ao Prof. Doutor José Marques e à Doutora Cristina Cunha a gentileza, que, com todo o seu saber, tiveram em nos auxiliar na leitura de algumas passagens dos mesmos textos; à Doutora Maria de Lourdes Correia Fernandes e ao Doutor Luís Fardilha a paciência, só comparável à sua habilidade informática, com que, então e agora, releeram e «trataram» o presente texto em todos os seus avatares, e ao Dr. Marco Paulo Oliveira Marques a generosidade do seu tempo e da sua perspicácia com que nos auxiliou na pesquisa bibliográfica destes ensaios.

À Doutora Amélia Polónia, coordenadora científica do CITCEM, a nossa gratidão por ter aceitado acolher estes nossos estudos, nas edições do Centro de Investigação que dirige.

Esta reedição com os aludidos «suplementos» actualizadores teria sido muito mais difícil de levar a cabo sem a generosidade das

«Edições Afrontamento» na pessoa da Senhora Dra. Joana Francisco a quem profundamente agradecemos. Também a Sra. D. Fernanda Cardoso o nosso «muito obrigado» pela sua paciência e pela competência técnica com que realizou todo o trabalho de paginação que se impunha.

Porto, 17 de Outubro de 2017

INTRODUÇÃO

LIVROS E LEITURAS DE ESPIRITUALIDADE FRANCISCANOS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XV EM PORTUGAL E ESPANHA

Os Traços de União
das Reformas Peninsulares

1. ... *PER LUI, LA MEMORIA TENEVA IL POSTO DEL LIBRI...*

A história da espiritualidade cristã dependeria, em última sede, apenas das suas relações – da leitura, fundamentalmente, mas não só – com um único texto: a Bíblia, ou, se quiséssemos dela valorizar um «livro», com o Novo Testamento. Dependeria..., mas, em verdade, ao longo dos séculos – lendo ou ouvindo ler de forma mais ou menos directa, total e precisa – essa relação foi sendo – não discutamos em que sentido – acentuada, explicitada e, até certo ponto, «substituída» por outros textos e até por outras formas... E seria mesmo possível – e já tem sido tentado – verificar a história desta relação enquanto leitura..., já por referência à letra..., já por referência ao seu «espírito»... O

que nos propomos – objectivo incomensuravelmente mais modesto, mas, cremos, também, mais preciso – é tentar procurar saber, antes de mais, de que textos de espiritualidade – não de Cânones..., não de Retórica..., não de Filosofia..., etc., ainda que, de algum modo, possam estes ter contribuído para ajudar a definir ou a divulgar situações ou correntes de espiritualidade – dispunham e aconselhavam, na segunda metade de Quatrocentos, os franciscanos portugueses e espanhóis reformados, logo, portanto, também os observantes, e, principalmente – questão muito mais difícil – *como* os liam... Cremos, porém, facilmente se concederá que é esse *como* que determina que as suas leituras sejam não só de franciscanos, mas também «franciscanas»... Princípios evidentes, naturalmente, mas que, por motivos vários, nem sempre se têm tido – e é certo que nem sempre se podem ter, em face da escassez de informações... – em consideração, quando se estudam listas de livros ou catálogos de bibliotecas... Não é, naturalmente, o mesmo estudar o fundo mais ou menos grandioso de uma biblioteca real ou senhorial..., o de uma grande abadia cisterciense..., ou o inventário de uns quantos livros de um oratório franciscano reformado, nos fins do século XIV ou ao longo do século seguinte... Neste último caso não está em jogo apenas uma quantidade, mas, sobretudo, uma

qualidade mais ou menos ditada por funções precisas na ordem prática quer da orientação espiritual..., quer das possibilidades financeiras ou humanas, quer ainda, paradoxalmente em sede franciscana, da simples legitimidade do desejo de possuir o livro que falta...

Estas considerações, apesar do seu carácter de coisas óbvias, parecem particularmente pertinentes quando pretendemos ocupar-nos das leituras dos franciscanos reformados – assim, sem mais, apesar dos grupos e correntes que os matizavam em Portugal, em Espanha, em Itália... – da segunda metade do século XV, época para a qual dispomos de algumas preciosas informações... Considerações necessárias, mas também aqui particularmente válidas, pois os franciscanos são uma ordem em que, um tanto ao arrepio do que tradicionalmente se afirma unilateralmente perspectivado pelo ponto de vista da polémica «questão dos estudos», a relação texto (escrito ou livro) / espiritualidade é, originalmente, muito evidente, muito precisa e, logo, de profundas consequências...

Devemos considerar, desde este ponto de vista, que essa relação se equaciona, de um modo, diríamos, quase físico, em gestos e recomendações – umas e outras relevando de idêntica preocupação e orientação – de Francisco de Assis acerca do *escrito*. E todos os livros eram então – e ainda, hoje, largamente o são

– «escritos». Com efeito, Francisco reiterou, por várias vezes, com pequenas variantes, que *similiter* [referira-se anteriormente à Eucaristia] *nomina et verba scripta, ubicumque inveniantur in locis immundis, colligantur et in loco honesto debeant collocari*¹. Tal recomendação, se dirigida naturalmente, antes de mais, aos clérigos, precisa-se, repetida quase à letra, na *Iª Carta aos Custódios*² e, numa dimensão mais profunda, na *Carta a toda a Ordem*³. De todos os modos, este imediato e delicado cuidado de Francisco pelo decoro do escrito que guarda a Palavra podemos vê-lo não só praticado, mas também amplificado nesse texto em que Tomás de Celano nos afirma que

propterea ubicumque scriptum aliud, sive divinum sive humanum, in via, in domo, seu in pavimento inveniebat, reverentissime colligebat illud et in sacro vel honesto reponebat loco, ea reverentia quidem, ne ibi esset nomen Domini, vel ad id pertinens scriptum... – Enim vero cum a quodam fratre quadam die fuisset interrogatus,

¹ S. FRANCISCO, *Epistola Ad Clericos I* (12 e, conf 6.), in *Los Escritos de San Francisco de Assis*, ed. de Isidoro Rodriguez Herrera e Alfonso Ortega Carmona, Murcia, Publicaciones del Instituto Teológico de Murcia OFM., 1985, 264, magnífica edição que, além de texto, oferece um copiosíssimo e eruditíssimo comentário filológico.

² Id., *Epistola Ad Custodes I* (5), in *Escritos...*, 304.

³ Id., *Epistola Toti Ordini Missa* (35-36-37), in *Escritos...*, 278.

ad quid etiam paganorum scripta et ubi non erat nomen Domini, sic studiose colligeret, respondit dicens: Fili, quia ibi litterae sunt, ex quibus componitur gloriosissimum ‘Domini Dei nomen’ (Deut 5, 11). Bonum quoque quod ibi est, non pertinet ad paganos, neque ad alios homines, sed ad solum Deum, ‘cuis est omne bonum’. – Et quod non minus est admirandum, cum litteras aliquas salutationis vel admonitionis gratia faceret scribi, non patiebatur ex eis deleri litteram aliquam aut syllabam, licet superflua saepe aut incompetens poneretur...⁴

⁴ Tomás de CELANO, *Vita Prima* (XXIX-82) in *Summa Franciscana vel Sancti Francisci Sanctae Clarae Assisensium Opuscula, Biographiae et Documenta*, Murcia, 1993 (Publicaciones del Instituto Teológico Franciscano, Serie Mayor, 11), 129-130 que, felizmente, compilou Leonardo Garcia Aragón, O.F.M. Permitimo-nos saudar vivamente esta publicação, pois toma acessíveis os originais das principais ‘fontes franciscanas’ na sua melhor lição actual – ou numa das melhores –, o que, evidentemente, não quer dizer, como muito bem sabe o compilador, que tal lição venha a ser melhor nesse futuro que nos há-de dar a lição «definitiva», o que até hoje, pese a esforços e polémicas, ainda não aconteceu. [Desde 1995, dispomos da notável realização de *Fontes Franciscani*, a cura di Enrico Menestò e Stefano Brufani, Assisi, Edizioni Porziuncola]

Como mantivemos, por simples comodidade de consulta, as anteriores referências à utilização de *Fonti Franciscane*, Padova, Edizione Messagero, s.a., será importante, inclusivamente, atender aqui à nota 108 da pág. 475 dessa mesma edição, preparada e anotada por A. Caluffetti e F. Olgiati (Por uma questão de uniformidade, embora conhecedor dos seus limites – mas também das suas excelências – utilizaremos sempre esta edição para as referências à tradução de algu-

O texto do primeiro biógrafo de Francisco parece não só nos confirma, mesmo se «reflexamente», os seus escritos referidos, mas também os demonstra com gestos e palavras que são outros tantos matizes dessa intensa veneração pelo escrito – por qualquer escrito, pelas suas letras enquanto sinais para uma leitura imediata e totalmente espiritual..., devocional mesmo. Mas esta relação entre o *escrito* (o livro, portanto, também), mesmo na materialidade

mas ‘fontes franciscanas’). Também S. Boaventura, *Legenda Mayor* (10,6), refere com algum matiz a mesma orientação. De qualquer modo, sobre o «valor probatório» das fontes franciscanas, fontes eminentemente «reflexas», v. Grado G. MERLO, «Francesco d’Assisi e la sua Eredità. A proposito di tre libri recenti in *Riv di Storia e Letteratura Religiosa* 26 (1990) 133-157 (esp 139-140) agora in *Tra Eremo e Città. Studi su Francesco d’Assisi e sul Francescanesimo Medievale*, Assisi, Ed. Porziuncola, s.a. (1991), 1-30; G. MICCOLI, *Francesco d’Assisi. Realtà e Memoria di un’ Esperienza Cristiana*, Torino, Einaudi, 1991, aborda, ao longo dos vários ensaios recolhidos, especialmente em «Dall’Agiografia alla Storia: Considerazioni sulle Prime Biografie Francescane come Fonti Storiche» (190-263), esta questão central.

Lembremos que, ainda em meados do século XVII, no convento de Alenquer, Fr. Cristovão da Conceição († 1649) «veneraba finalmente com tão intimos affectos as palavras sagradas, e evangelicas, que pera ouvir sermão avia de estar em pé, e se achava algũas escritas em papelinhos, espalhados pelo chão, assi os andava apanhando e melhorava de sitio, como se forão as reliquias maiores» (Fr. Manuel da ESPERANÇA, *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Provincia de Portugal, Lisboa, Officina Craesbeeckiana, 1656*, I, 1, 32, 120-121.

dos seus suportes – papel..., letras..., tintas... – inclui igualmente a afirmação, como sugerimos, de que tal materialidade é, por sua vez, o suporte imprescindível de uma lição espiritual afectiva e afectuosa que poderia revelar-se também num gosto ou num sentimento da importância da leitura como meio a privilegiar para aprofundar a *contemplatio*. Poderia..., mas, para além da falta de modelo precisamente evangélico e de se considerar, talvez mesmo para além do significado exacto do termo no seu tempo, *idiota*, mas cheio de *doctrina* – não é significativo que uma grande (30) conversão de clérigos e leigos à *forma vitae* de Francisco se tenha dado depois do seu sermão às aves cerca de Bevagna (ou no regresso de Roma?), ponto cume da *simplicitas*? –, é de notar que não se encontram abundantes referências – o que não quer dizer exactamente não precisas – a esse gosto – o que suporia uma certa prática – de ler... Celano, ao mesmo tempo que nos esclarece que Francisco não tinha feito «estudos científicos», indica-nos que «algumas vezes lia nos livros sagrados» (*legebat quandoque in sacris libris*)⁵. No estrito plano em que nos colocamos – o da leitura efectiva como meio para a oração..., meditação..., contemplação... e

⁵ Id., *Vita Secunda* (LXVIII 102), in *Summa Franciscana...*, 224; *Fonti Francescane...*, 635-636.

não para a ciência – haverá tanto a anotar este às vezes (*quandoque*) ..., algumas vezes..., não frequentemente, como a sequência dessa anotação de Tomás de Celano: *et quod animo semel iniecerat, indelebiter 'scribebat in corde'*, (Rom 2,15). Não se trata, evidentemente, de um puro exercício de memória, mas, sim de, no pleno sentido da palavra, decorar, isto é, aprender de e pelo coração. Por isso, comentando, Celano pode dizer que *ubi magistralis scientia foris est, affectus introibat amantis*. E se os seguintes capítulos que Celano alinhava mais não são do que exemplos dessa sabedoria-teologia contemplativa, poderia dizer-se, demonstrando-a com a afirmação desse dominicano que lhe propôs a explicação de uma passagem de Ezequiel⁶ – o próprio Santo, um dia, já muito doente, acabará também por confirmar a erudita asserção de Celano – que *memoriam pro libris habebat*⁷. Não deveríamos, contudo, esquecer que entre

⁶ Id., *Vita Secunda* (LXIX-103): *Fratres mei, theologia viri huius, puritate et contemplatione subnixta, est 'aquila volans' (Job, 9, 26); nostra vero scientia 'ventre graditur super terram' (Gen.1, 20) in Summa Franciscana..., 225; Fonti Francescane..., 636-637. Sobre este episódio, G. MICCOLI, *L'Esegesi di Ez 3,18 in Francesco d'Assisi...*, 114-147.*

⁷ Id., *Vita Secunda* (LXVIIU-102), in *Summa Franciscana...*, 224; *Fonti Francescane...*, 636, citação que, como é bem sabido e anota o editor da tradução italiana, S. Colombarini, deriva da *Vida de Santo Antão* por Santo Atanásio (*PL*, 73, 128).

essas «algumas vezes» em que lia ou ouvia ler os Livros Sagrados há que contar as ocasiões em que a leitura foi, directa ou indirectamente, buscada como alívio ou simples consolo..., um refúgio ou lenitivo para o sofrimento... Com efeito, assim o deixa perceber um irmão companheiro seu que, precisamente numa dessas ocasiões de grande sofrimento, propõe que leia, isto é, que peça lhe leiam algo dos profetas. Confirmando implicitamente o que afirmava o companheiro, recusa-o, porém, nessa ocasião, pois *mihi vero tantum iam ipse de scripturis adegì, quod meditati et revolenti satissimum est. Non pluribus indigeo, fili, scio Christum pauperem crucifixum (1Cor 2,2)*⁸, o que é – e Celano sabe-o bem ao recordar tudo isso no fim dessa sequência de capítulos sobre a «filosofia» de S. Francisco – a prova, a *sua* prova, de que tinha, efectivamente, «decorado» a Cristo.

De todos os modos, estas considerações das e sobre as leituras de S. Francisco haverá que valorizá-las tanto como indicações sobre modos de ler (que, evidentemente, poderiam ser de ouvir ler) como sobre a importância que concedia à leitura privada, íntima, facilitadora do aprender, do deixar-se penetrar pelo texto que se venera ao meditá-lo.

⁸ Id., *Vita Secunda* (LXXI-105), in *Summa Franciscana...*, 225; *Fonti Francescane...*, 638.

Para o nosso propósito não interessa retomar, uma vez mais, a sempre pouco pacífica questão do lugar e da medida que Francisco, por pressões várias – de simples indivíduos a grupos –, foi atribuindo à «ciência», logo, aos estudos dos franciscanos⁹. Importa, no entanto, sublinhar, porque são factos e não comentários – da sua palavra ou de gestos seus, essa *intentio* por que sempre, a partir, sobretudo, dos últimos anos, o andariam questionando, alguma vez até a propósito de livros e leituras¹⁰ –, a sua recusa de procurar o valor material do livro..., a sua preciosidade..., ou a posse de muitos livros..., pois, coerentemente, tal procura opunha-se à

⁹ Uma boa orientação sobre a questão poderá ver-se no trabalho de Albino FELICÍSSIMO, «Os Estudos e o Trabalho Intelectual na Ordem Franciscana» in *Estudios Franciscanos*, 89 (1988), 127-154; sobre os estudos em tempos de observâncias franciscanas no século XV é de indispensável consulta o documentadíssimo trabalho de A. O. de Sousa COSTA, «Le Fonti Francescane nei testi Legislativi Francescani del 1400», in *La Lettura delle Fonti Francescane attraverso i Secoli: il 1400* (a cura di G. Cardaropoli e M. Conti), Roma, Ed. Antonianum, s.d. (1981), 139-262, especialmente a III Parte – «Gli Studi del Frati Minori nella Prospecttiva di Vita Povera e Fraternal e In Funzione dell'Apostolato nella Legislazione Franciscana del 1400» (214-260).

¹⁰ *Compilatio Assisiensis* (101, 102), *Speculum Perfectionis* (2 e 3) in *Summa Franciscana.*, 596, 598; 623, 625 respectivamente; *Legenda Perusina* (66, 69); *Specchio di Perfezione* (2 e 3), in *Fonti Francescane...*, 1232, 1234; 1307, 1308-1309 respectivamente.

pobreza – e à *simplicitas* que conleva – tal como a posse de demasiado saber ou excessivo desejo de o alcançar...¹¹. E S. Francisco bem sabia o valor material dos livros, como prova não só que negativamente tivesse reagido contra o desejo de os possuir ou contra as brechas «legislativas» ou «autoritativas» que o facilitavam¹², mas também não tivesse hesitado em dar, como esmola, a única coisa valiosa que, em certa altura, havia em casa: o livro do *Novo Testamento*...¹³. O gesto afirma quer o valor material do livro quer também, para além do seu símbolo – é o Novo Testamento que se cumpre oferecendo-o –, quanto a pobreza se pode manifestar pela falta de livros, mesmo dos, pelos vistos aparentemente, imprescindíveis para a comunidade..., para a oração, como lembrava, nessa ocasião, Pedro Catani...¹⁴. Será violentar

¹¹ Tomás de CELANO, *Vita Secunda* (CXLVII-195), in *Summa Franciscana*..., 265; *Fonti Francescane*..., 708-709.

¹² *Speculum Perfectionis* (4) in *Summa Franciscana*..., 625-626; *Specchio di Perfezione* (4), in *Fonti Francescane*..., 1310-1312. O *Speculum Perfectionis* e outros textos que, habitualmente, se designam por «rigoristas» podem «construir» uma imagem de Francisco, mas não inventam os seus materiais.

¹³ Tomás de CELANO, *Vita Secunda* (LVIII-91), in *Summa Franciscana*..., 218; *Fonti Francescane*..., 626.

¹⁴ *Speculum Perfectionis* (38), in *Summa Franciscana*..., 651-652; *Fonti Francescane*..., 1343. Por referência ao quadro cultural mais amplo deste contexto e ao significado dos gestos de Francisco que o formam, serão de recordar

o espírito de Francisco apresentar esta faceta da sua relação com o livro como consequência coerente dessa valorização do «decorar»..., isto é, desse aprender, íntima e afectuosamente, que permite – e deve permitir – prescindir da materialidade «física» do escrito..., do livro..., ainda que se venerem e se considerem sempre como um referente insofismável? A *lectio sancta* – do *legere* ao *ruminare* – pode passar, precisamente, por esta presença e por esta «ausência» de textos..., ainda que no futuro – um futuro que, em muitos casos, conheceu o *Poverello* seu fundador, mais por tradições e por florilégios de testemunhos do que, exceptuada a *Regra* e, muitas vezes, o *Testamento*, através dos seus escritos¹⁵ –, as «livrarias» sejam, quase sempre, um seu suporte natural..., originária e originalmente não desmentido...

as precisas considerações de Claudio LEONARDI sobre «L'Eredità di Francesco» in *Francesco d'Assisi Documenti e Archivi Codice e Biblioteche Miniature*, Milano, Eleda, s.a. (1982) 111-115.

¹⁵ Ao apontar esta «situação», de uma importância que diz respeito à visão que de S. Francisco e dos seus escritos tiveram as sucessivas gerações franciscanas, temos presente, como paradigmático, o caso do cronista Salimbene di Adam da Parma (†1288?) que *non pare conosca gli scritti di S. Francesco, al di là della «Regola» bollata, e tanto meno pare percepisca la profondità culturale originaria del concetto e del progetto francescano* (Berardo ROSSI, Introd. a Salimbene di Adam da Parma, *Cronaca*, Bologna, Radio Tau, 1987, XXXIV-XXXV).

2. ORIENTAÇÕES E EXIGÊNCIAS DE LEITURA DE UM REFORMADOR CASTELHANO

De todos os modos, e se assim puder aceitar-se a nossa interpretação, daqui resultará, no quadro *da forma vitae* franciscana, uma extraordinária valorização do livro como veículo de uma sabedoria..., de um saber espiritual... e não de um saber – ciência. De tal valor se reclamarão todos os «espirituais» (não foi Angelo Clareno um importante divulgador deste tipo de escritos?)¹⁶ e todas as observân-

¹⁶ Apesar das suas evidentes limitações, L. BERARDINI, *Frate Angelo da Chiarino alla Luce della Storia*, Osimo, Ed. Pax et Bonum, 1964, oferece uma ainda aproveitável visão geral sobre Ângelo Clareno (Conf., para problema focado, 106, 121, 196-197); mas serão os trabalhos de Lydia VON AUW, «A propos d'Angelo Clareno» in *Chi Erano gli Spirituali (Atti del III Convegno Internazionale)*, Assisi, 1976, 205-220 (esp 216-217) e sobretudo, *Angelo Clareno et les Spirituels Italiens*, Roma, Ediz di Storia e Letteratura, 1979 (cap. XII: *Les Traductions*, 239-245) e de G. L. POTESÀ, *Angelo Clareno. Dai Poveri Eremiti ai Fraticelli*, Roma, I.S. I.M., 1990, que marcarão os mais recentes conhecimentos sobre Pietro di Fossombrone; uma excelente visão de conjunto sobre as questões editoriais da obra de Angelo Clareno e das orientações e resultados de investigação sobre a sua biografia e espiritualidade pode seguir-se, ainda que, naturalmente, um tanto superado pelo trabalho anteriormente citado, no estudo de G. L. POTESÀ, «Gli Studi su Angelo Clareno. Dal Ritrovamento della Racolta Epistolare alle Recenti Edizioni» in *Riv di Storia e Letteratura Religiosa*, 25 (1989), 111-143.

cias, sempre, de algum modo, suas herdeiras tanto na sua multiplicidade como no seu constante reformismo, que dialecticamente se foram ultrapassando por referência, entre outras, a essa valorização.

A este propósito e por uma questão de maiores certezas na cronologia e precisão da informação, uma coisa e outra que as tornam preciosas para o nosso ponto de vista, começaremos por recordar algumas das posições da reforma (de *uma* reforma, se preferirmos...) franciscana castelhana através dos documentos mais rigorosos que, cremos, restam sobre o lugar, a medida e a função a atribuir à leitura – os escritos de Fr. Lope de Salazar y Salinas que, como é sabido, nos remetem para a reforma de Fr. Pedro de Villacreces¹⁷ Precisemos que,

¹⁷ Publicados em *Las Reformas en los Siglos XIV-XV (Introducción a los Orígenes de la Observancia en España)* in *A.I.A.* (XVII-65-68) 1957 – 691-945 (Citaremos sempre por *Las Reformas...*). Bem urgente seria identificar com precisão esse *Libro llamado Regla de los frayles menores de San Francisco que dio Fray Lope al Señor Conde de Haro. Intitulase Flos Minorum contiene diez breves tratados que concluyen y demuestran toda la verdad de la perfección y imperfección del frayle menor, si lo quieren entender y recibir sanamente sin desviar* (Conf. Jeremy LAWRENCE, «Nueva Luz sobre la Biblioteca del Conde de Haro: Inventario de 1445» in *El Crotalón*, 1 (1984) 1073-1111 (nº 72). Uma interessante síntese, ainda que largamente dependente da obra anterior, sobre a reforma villacrejana pode ver-se na vasta obra de Duncan NIMMO, *Reform and*

arrancando dos fins do século XIV, tal reforma continuada, entre outros, por Lope de Salazar, é, entre 1457 e 1460, por este defendida e explicada – sem que nos interesse determo-nos no complexo contexto das polémicas que os originaram – numa série de escritos – *Memorial de la Vida y Ritos...*, *Primeras e Segundas Satisfacciones...* – que contêm abundantes informações sobre leituras e modos de ler praticados, sempre que possível, nessas casas de «estreitíssima» observância que formavam a *Custodia de Santa Maria de los Menores*.

A título exemplar, talvez valha a pena lembrar ainda, como orientação a reter, dada, além do mais, a sua proximidade cronológica da documentação portuguesa, alguns dos princípios que, segundo Fr. Lope de Salazar, norteavam as leituras nas casas da reforma villacreciana. Deixando, por agora, porque a elas teremos de voltar, certas leituras que poderão, pelas suas finalidades especiais, ser consideradas próximas do «estudo», desse *mini-*

Division in the Franciscan Order (1226-1538), Roma, Capuchin Historical Institute 1987, 500-515; algumas precisões importantes quanto à explicação da reforma franciscana em Espanha (Castela... Santiago... logo, também, válidas para Portugal), foram formuladas por Isidoro de VILLAPADIerna, «L'Osservanza in Spagna» in *Il Rinascimento del Francescanesimo. L'Osservanza (Atti dell'XI Convegno Internaz.)*, Università di Perugia, Centro di Studi Francescani, Assisi, 1985, 275-286.

mum de «letras» imprescindível em qualquer ordem, fixemo-nos nestes «estreitos observantes» criados à sombra de um estudante em Tolosa e Bolonha e Mestre por Salamanca – Fr. Pedro de Villacreces – ele próprio senhor de *gran libreria*, para sumariar algumas referências às obras de espiritualidade que frequentavam mais assiduamente: a *Bíblia (los sanctos libros)*...¹⁸, as *crónicas* de S. Francisco *antiguas*, com destaque para o *Speculum Perfectionis*..., a *Doctrina Novitiorum* e a *Forma Novitiorum* de ou atribuída a S. Boaventura..., o *Liber Eruditionis Religiosorum* de Humberto de Romans, O.P.... as *Collationes Patrum* e o *De Coenobiorum Institutione libri duodecim* – as célebres *Instituições* – ambas de Cassiano..., o *Scala Paradisi* de S. João Clímaco..., a *Historia Septem Tribulationum Ordinis Minorum* de Ângelo Clareno..., as *Constitutiones Narbonenses* mandadas coligir por S. Boaventura..., alguns livros de S. Jerónimo..., outros de S. Bernardo... ou então, a ele atribuídos, como a divulgadíssima *Ad Fratres de Monte Dei*...¹⁹ Esta primeira lista que diríamos exaustiva – *e non curamos de*

¹⁸ Fr. Lope de SALAZAR Y SALINAS, *Segundas Satisfacciones*, in *Las Reformas...*, 865.

¹⁹ Id., *Memorial de Vida y Ritos* (cap. XXX) in *Las Reformas...*, 744-745; o *Ad Fratres de Monte Dei* vem, porém, cit no *Memoriale Religionis* (cap. II), in *Las Reformas...*, 690.

*otras lecciones ordinariamente*²⁰ – vem, depois, em diferentes ocasiões, completada por outros autores, que são outros tantos textos que vão no mesmo sentido da valorização das obras de espiritualidade, como sejam, os *de la sancta doctrina de los sanctos e de los doctores que fundaron las religiones*, nomeadamente, além de alguns já referidos, Santa Clara..., Santo António [ou Antão?], S. Gregório..., Santo Agostinho..., «Santa» Ângela de Foligno... sem que seja possível determinar com rigor os textos a que exactamente aludia Com efeito, se para Santa Clara é possível pensar na *Regra* e em outros escritos seus, e para Ângela de Foligno

²⁰ Id., *Memorial de la Vida y Ritos...*, (cap. XXX), in *Las Reformas...*, 745. Apesar de um tanto distantes – cronologicamente – em relação ao século XV franciscano reformado e observante de que nos ocupamos aqui, são de reter, pelas datas e tradições que estudam e expõem, as considerações que C. VASOLI tece na sua introdução à secção de *Codici e Biblioteche* no soberbo catálogo celebrativo do VIII centenário do nascimento do fundador dos Menores – *Francesco d'Assisi Documenti e Archivi Codici e Biblioteche Miniature*, ed. cit., 93-99; bem como as páginas (104-108) que E MENESTÓ dedica ao exame de «La Biblioteca di Mateo d'Acquasparta»; e ainda as que K. W. HUMPHREYS consagra a «Le Biblioteche Francescane in Italia nei secoli XIII e XIV» (135-142); para um período mais recente – posterior a 1418, data da fundação do convento – pode consultar Doroteo FORTE, «Inconabili e Cinquecentine nella Biblioteca «P. Dionisio Piccirilli» del Convento S. Giovanni del Gelsi a Compobasso» in *Studi Francescani*, 91 (1994), 403-431.

no seu *Livro* – nesse que será logo impresso em 1505..., 1510... –, para Santo António [Antão?],..., S. Gregório..., Santo Agostinho... tal tarefa não é fácil, ainda que deles pudessem sugerir-se algumas obras com base em citações que, em diversos momentos, desses autores faz Fr. Lope... Mas, como sabemos, muita erudição do tempo, mesmo dos que se pretendiam mais eruditos, representa essa grande arte do saber manejar *flores...* e *rapiaria...*²¹. De todos os modos, com particular incidência reiterada para os textos legislativos e históricos da Ordem, todos os textos, os referidos e os que podemos supor pela alusão aos seus autores, remetem para leituras de espiritualidade – as *lecciones espirituales*²², isto é, para a *sapientia* e não para a *curiositas*, campo vasto este em que caíam directamente não só as artes liberais, mas ainda as *cuestiones sotiles del Doctor sutil e de otros doctores curiosos*²³ e, talvez, com maior razão, os *Direitos*...²⁴.

²¹ Permitimo-nos remeter aqui para o nosso estudo, «Erudição e Espiritualidade no Século XVI em Portugal. Nótula a Propósito da *Imagem da Vida Cristã*» de Fr. Heitor Pinto, O.S.H., in *O Humanismo Português – 1500-1600*, Lisboa, Academia das Ciências, 1988, 653-681.

²² Fr. Lope de SALAZAR Y SALINAS, *Memoriale Religionis* (cap. XII), in *Las Reformas...*, 711.

²³ Id., *Segundas Satisfacciones...*, in *Las Reformas...*, 864.

²⁴ Id., *Memorial de la Vida y Ritos...* (cap. V), in *Las Reformas...*, 723.

Tais conselhos representam, seguramente, uma orientação geral... e, ainda, o tipo de leituras aconselhadas de acordo com o princípio de que sempre haverá que estudar *más en la oración devota e en las lágrimas humildes que en los libros de curiosas materias...*²⁵, mas será de admitir que eram todos e por todos lidos? A dúvida é permitida quando consideramos tanto a escassez de livros a que, algumas vezes, alude Fr. Lope – e ainda que essa escassez diga respeito, antes de mais, aos livros litúrgicos, permite suspeitar da dos outros –, como a pobreza das listas que conhecemos de algumas casas da Observância portuguesa da segunda metade do século XV com a reforma villacrejana aparentadas – no espírito pelo menos, ainda que, como veremos, seja possível sugerir, em algum caso, uma afinidade mais estreita... De qualquer modo, mesmo diante da generosidade de informações de Lope de Salazar, haverá sempre, para cada casa ou

²⁵ Id., *Constituciones Custodiales* (cap. XIV), in *Las Reformas...*, 166. Pedro de Villacreces e Lope de Salazar bem poderiam ser considerados na rota do radicalismo de um Ubertino da Casale, o qual, criticando também violentamente os que se davam ao *studio paganico curioso et vano* (*Arbor Vitae Crucifixae Iesu*, V, 4 (Veneza, 1485, aliás reprod. anastática de Charles T. DAVIS, Torino, Bottega d'Erasmus, 1961, 439b), não deixava, em termos um pouco mais «liberais» do que os de Fr. Lope, de acentuar a importância do *studium sapientiale... quod consistit* – notemos – *in legendo, meditando, orando, contemplando, audiendo, conferendo et predicando...* (*Arbor Vitae...* III, 9, 194a).

conjunto de casas, que perguntar de que textos concretos dispunham... e, diante dos que dispunham, teremos sempre que questionarnos sobre o quando, o como e o quem lia...

Contudo, num contexto preciso – tempo e espaço – a equação espiritualidade-leitura que as últimas questões terão evidenciado, haverá sempre que a situar no âmbito de uma questão mais vasta, mas igualmente precisa, a que, de algum modo, já aludimos: a da disponibilidade, isto é, da oferta geral de textos e, neste caso, de textos de espiritualidade... As leituras franciscanas tanto como, no seu caso, as cistercienses ou jerónimas ou de qualquer outra ordem e instituto, são também, em boa parte, as leituras de que uns e outros poderiam materialmente dispor em cada momento numa época em que as disponibilidades gerais (oferta) não eram comparáveis às que resultaram, depois, desse fenómeno multiplicador que é a imprensa... Por isso, quando aludimos às «leituras franciscanas» devemos, talvez, preocupar-nos mais, na medida do possível, com o quando, o como e o quem do que propriamente com a selecção, sempre aleatoriamente significativa, que representam as listas de títulos contidas em inventários mais ou menos completos ou em orientações gerais de leitura... Sem, naturalmente, pretender diminuir o alcance de tais listas – inventários e catálogos – haverá que reconhe-

cer que, de um modo geral, essas informações sobre orientações de leitura ou os róis de livrarias que atendem, obviamente, antes de mais, a essa disponibilidade de facto ou, no caso das orientações de leitura, de hipótese, são tratadas literalmente, isto é, como se de reais leituras se tratasse..., o que, havemos de confessá-lo, não parece nem metodologicamente acertado nem, em consequência, conclusivamente correcto...

Por tudo isto, deve resultar óbvia a importância de precisar, tanto quanto possível, esse quando..., como e quem lia... E, para tal, as informações que prodiga Salazar y Salinas revelam-se extremamente fecundas. Muito embora as indicações que fornece sobre tempos, modos e pessoas em relação à leitura correspondam, com alguma variante, à tipologia de circunstâncias corrente em qualquer ordem religiosa do tempo, permitem, contudo, um pouco mais: estabelecer uma certa relação directa, em sede franciscana reformada e observante, entre essa tipologia e os textos lidos. Haverá sempre, porém, algum modo de ver romper-se, a favor de circunstâncias ocasionais, mas não fortuitas, essa tipologia «canónica»..., através de sugestões – às vezes, nem isso – suplementares dispersas por crónicas ou textos devotos que ocasional, mas preciosamente fixam algo que ficava para além do ritmo das horas, dos lugares e das cerimónias...

Convirá, contudo, exorcizar, desde já, principalmente para estes tempos anteriores ou estritamente contemporâneos dos primeiros passos da imprensa na Península Ibérica, a sugestão da leitura como algo de individualizado..., isto é, como um acto que pressuponha o contacto directo e individual com o texto... Sem pôr em causa que tal pudesse, em casos precisos, acontecer, para esta segunda metade de Quatrocentos há que entender ainda – e Lope de Salazar é, nisso, bem explícito – a leitura, o ler, como, antes de mais, ouvir ler, em grupo ou comunitariamente, através de alguém que os mediatiza... Esse alguém é, por antonomásia, o *leitor*, essa figura sempre consagrada em regras e estatutos, mas poderá igualmente ser, em circunstâncias e funções específicas, outro, como, por exemplo, o mestre de noviços...

Talvez seja, agora, possível tentar ver como, de acordo com as informações de Fr. Lope de Salazar, se realizam, nas circunstâncias do quotidiano da vida em comum, essas orientações de leitura, para, depois, as olhar, ainda sob a recomendação e classificação de Fr. Lope, pelo ângulo das orientações da espiritualidade de cada qual – oração e virtudes. São dois tipos de classificação dos mesmos textos, mas que, com alguns matizes, parecem apontar a dois tipos de leitura..., isto é, uma leitura em comum através

do *leitor* e outra pessoal ou, quando menos, mais pessoal que pressupõe não só o saber ler, mas também, como dissemos, em casos precisos, o contacto directo – ou mais directo – com o próprio texto...

Há que começar pelo geral... e pelas generalidades..., não só quanto a circunstâncias, mas ainda quanto a exigências... Com efeito, Fr. Lope estabelece que entre os primeiros cuidados do presidente de cada casa há que contar a vigilância da guarda do silêncio e da lição..., realidades que parecem remeter, solidariamente, uma para a outra. E, por isso, cremos, Fr. Lope desenvolverá a questão da «lição espiritual» num capítulo do *Memoriale Religionis* dedicado aos *ofícios de los contemplativos*...²⁶. De qualquer modo, o discípulo de Fr. Pedro de Villacreces precisa que *de la lección [...] todos en general e cada uno en especial han menester según sus tiempos e sazones e tentaciones e vicios e passiones la requiere haber o no haber*...²⁷. Se a discrição do presidente se manifesta por este saber distinguir o que pode convir a cada qual, é porque sabe que *muchas veces*

²⁶ Fr. Lope de SALAZAR Y SALINAS, *Memorial e Religionis* (cap. XII), in *Las Reformas...*, 710.

²⁷ Id., *Memoriale Religionis* (cap. I), in *Las Reformas...*, 688. Conf., na mesma obra, cap. XII: *...muchas lecciones son provechosas a unos que son dañosas a otros e non provechosas...*, 711.

*algunas lecciones por la malicia de los corazones pueden tanto danar a unos como aprovechar a otros, non porque la lección de los sanctos sea mala, mas porque el corazón del lector o del oidor estará depravado...*²⁸ Fr. Lope, ao longo dos seus escritos informativos e legislativos, não fará mais do que, de diversos modos e finalidades, analisar estes princípios que visam não só as circunstâncias, mas também o modo de ler, e tirar conclusões que, logo, concretiza em algumas orientações de leituras. Por isso, logo depois, nesse mesmo *Memoriale Religionis* e no capítulo, já aludido, em que trata dos *ofícios de los contemplativos*, informa rigorosamente como devem ser *las lecciones espirituales en la congregación*²⁹. Qualquer que seja o sentido de *congregación* – a reforma de estreitíssima observância iniciada por Fr. Pedro de Villacreces ou cada uma das suas comunidades ou ainda, mais particularmente, as assembleias dessas

²⁸ Id., *Memoriale Religionis* (cap. I) in *Las Reformas...*, 688, e conf. *Segundas Satisfacciones* (art. I), in *Las Reformas...*, 860: *Los cuales Padres, aún por esta sancta cautela, non querian, antes viedaban expressamente, que no leyesen todos los frailes todos los libros e en algunos libros non todas las lecciones e en alguna lección non todos los párrafos porque la mortificación e inocencia e sancta simplicidad, e la paz de todos fuese siempre guardada sin estrépito e sin disturbio e sin tumulto alguno...*

²⁹ Id., *Memoriale Religionis...* (cap. XII), in *Las Reformas...*, 710.

comunidades³⁰ –, parece haver um princípio indiscutível a observar que mais não será do que uma explicitação do anterior: *las lecciones espirituales que se deben leer en la congregación deben ser tales que aprovechen a todos e fagan al propósito de su profesión...*³¹. Mas esta exigência natural de adequação da lição espiritual à vocação de cada qual no contexto dessa reforma franciscana³², ver-se-á um pouco mais precisada quando Fr. Lope sublinhar que a lição espiritual deve versar *mayormente de*

³⁰ Efectivamente, utilizando apenas os textos villacrecianos de Fr. Lope, não é fácil determinar um sentido unívoco – tê-lo-ia? – para *congregación*... Poderemos sugerir que, como reunião ou assembleia, Fr. Lope a enumera ao lado do *coro*, da *mesa* e do *capitulo* (*Memorial de la Vida y Ritos*, cap. XXX..., in *Las Reformas...*, 744, mas poderia, sabemos, identificar-se com – ou também – *las colaciones*..., como parece deduzir-se do cap. XII do *Memoriale Religionis*..., in *Las Reformas...*, 711).

³¹ Fr. Lope de SALAZAR Y SALINAS, *Memoriale Religionis*..., (cap. XII), in *Las Reformas...*, 710).

³² Esta preocupação, bem natural, aliás, pela adequação das leituras à «vocação» institucional, tal como ela se realiza em cada momento da sua história, nem sempre vai sem polémicas e sem consequências, por vezes, dramáticas, como se viu nas directrizes sobre leituras entre os jesuítas na segunda metade do séc. XVI e os começos do século seguinte. Sobre esta questão são ainda insubstituíveis os trabalhos de P. LETURIA, S. J., «Lecturas Ascéticas y Lecturas Místicas entre los Jesuitas del Siglo XVI»; e «Cordeses, Mercuriano, Colegio Romano y Lecturas Espirituales de los Jesuitas en Siglo XVI» in *Estudios Ignacianos*, Roma, 1957, 269-331 e 333-378 respectivamente.

*los vicios e de las virtudes e de las ceremonias sanctas de la propria Religion...*³³. Muitos dos textos que já ficaram lembrados encontram-se agora citados como lições a fazer ao longo das semanas e dos anos..., com uma primazia especial e naturalíssima para os textos legislativos próprios e para a história primigénia da Ordem... S. Francisco – legislador «evangélico» ou exemplar reflectido em *legenda* e crónicas – está presente em todos os momentos da lição... como obrigação ou como opção primeira...

No domínio, porém, da lição em comum, lida por um e ouvida por todos, teremos de considerar a do coro e a da mesa... Além de lugares, são modos e momentos também consagrados à leitura... Mas, como teremos ocasião de sugerir, talvez não sejam os únicos... No entanto, pelo que ao coro se refere, se sabemos a importância da leitura (recitação) do breviário como o meio privilegiado de contacto com o texto sacro, também conhecemos que muitos desses textos continham deficientes lições, pois os poucos exemplares de que dispunha cada casa – a Custódia dos Menores, não possuía um terço dos que necessitava³⁴ – eram escritos por

³³ Fr. Lope de SALAZAR Y SALINAS, *Memoriale Religionis* (cap. XII), in *Las Reformas...*, 710.

³⁴ Id., *Segundas Satisfacciones...* (art. III), in *Las Reformas...*, 866 (conf. *Constituciones Custodiales...* cap. VI, in *Las Reformas...*, 758).

*los pulgares de los frayles...*³⁵. Daqui resultava, segundo confessa Fr. Lope, que, pela maior parte, não fossem bem escritos nem bem corrigidos... Deficiências de letra – logo, dificuldades de leitura – e de lição textual que concorriam para os «defeitos» do ofício litúrgico que o próprio Salazar y Salinas reconhece³⁶... Fr. João da Póvoa, essa «coluna» da Observância em Portugal na segunda metade do século XV³⁷, grande procurador de livros – um *Evangelho de S. João com a sua glosa* transportou ele às costas desde Salamanca ao conventinho da Ínsua como o anota em um dos inventários dessa casa – não deixará também de taxar de *mentirosos* alguns dos breviários e outros livros que encontrará nas casas que visita... E, num caso ou outro, talvez não se tratasse apenas de erros de cópia..., mas de adulterações mais profundas,

³⁵ Id., *Segundas Satisfacciones...* (art. VI), in *Las Reformas...*, 866.

³⁶ Id., *Segundas Satisfacciones...* (art. VI), in *Las Reformas...*, 866. Seria muito importante poder, algum dia, verificar o *como* copiavam e as técnicas – pelos vistos bem pobres – que utilizavam...

³⁷ Fr. Manuel da ESPERANÇA, O.F.M. *Historia Serafica dos Frades Menores na Província de Portugal*. Lisboa, Off. Craesbekiana, 1656, I, 10, 46, 487 (A *Segunda Parte* é publicada em Lisboa, por António Craesbeck, em 1666; a *Terceira*, *Quarta* e *Quinta Partes*, da autoria de Fr. Fernando da Soledade, são editadas em Lisboa, respectivamente por Manuel Joseph Lopes Ferreira, em 1705 e 1709 e por António Pedrozo Galrão em 1721).

como falta de texto ou de textos, por exemplo. De todos os modos, a escassez ou a abundância de livros de coro – missais..., breviários..., saltérios... sacramentais..., etc.... – para além desse contacto muito importante com o texto sacro – aspecto que, desde o nosso ponto de vista, interessa reter – diz respeito, acima de tudo, não à lição espiritual propriamente dita, mas à oração litúrgica – a *lectio spiritualis* por excelência –, isto é, ao maior ou menor rigor e esplendor na celebração do ofício divino...³⁸

A mesa, porém, parece ser um lugar importante da lição espiritual. A ela se referem muitas vezes os «escritos villacrecianos» de Fr. Lope e da sua importância podemos facilmente concluir, pois que, além de ser uma circunstância normal na vida de qualquer comunidade, na reforma de Villacreces que em tudo, segundo Fr. Lope, se pautava pela franciscaníssima Porciúncula, nem os enfermos que à mesa da enfermaria podiam sentar-se dela estavam dispensados...³⁹. A estes devia lê-la ou o enfermeiro, se sabia ler..., ou o doente *más recio* ou o frade que *menos mengua haga en la congregación*⁴⁰..., indicações que, por

³⁸ Fr. Lope de SALAZAR Y SALINAS, *Memorial de la Vida y Ritos...* (cap. VI), in *Las Reformas...*, 726.

³⁹ Id., *Memoriale Religionis...* (cap.V II), in *Las Reformas...*, 702.

⁴⁰ Id., *Memoriale de Religionis* (cap. VII), in *Las Reformas...*, 702.

si mesmas, dizem do lugar de relevo concedido a esse tempo de leitura... Indirectamente ainda, poderíamos detectar algum sinal mais dessa importância através da *disciplina de la mesa que deve ser tal que la boca coma e la lengua calle, los bezos no conchinen, los carrillos non finchen, la oreja oya, el corazón a Dios ame, el ojo non mire, ni la mano palpe, el cuerpo esté honesto, el pie non salte...*⁴¹. Grande parte dessa disciplina orienta-se a que *el corazón a Dios ame...* através do silêncio (*la lengua calle*, mas não só) e da atenção à leitura (*la oreja oya*)... Fr. Lope, sempre tão minucioso, tão severamente preciso sobre todas as cerimónias e circunstâncias da vida comunitária, preocupado em legislar, orientar ou defender princípios e conteúdos, não parece ter proposto o tipo de leitura espiritual ou, dentre as que, tantas vezes, menciona, as obras que seriam mais indicadas para esse momento e lugar. Há, contudo, a certeza de que nesse lugar era privilegiada a leitura do texto bíblico de modo a que, em combinação com a *lección de conformación*, toda a Bíblia fosse, em casas definitivamente instituídas e de número regular de membros, integralmente lida – *ambos Testamentos* –⁴²

⁴¹ Id., *Memoriale de Religionis...* (cap. VII), in *Las Reformas...*, 706.

⁴² Id., *Memoriale Religionis...* (cap. XII), in *Las Reformas...*, 711.

ao longo de cada três anos...⁴³ e *con atención y devoción...*, *con mucha atención e sancta devoción*⁴⁴. A esta limitação de circunstâncias externas (*cumunidat [...] gruesa e la casa [...] asentada*) haverá que juntar outras limitações a que também alude Fr. Lope e que, por uma questão de ordem expositiva, preferimos analisar mais tarde.

O coro e a mesa são, como se sabe, os lugares comuns, tradicionalmente consagrados, da leitura em comunidade... Em algum dos inventários dos observantes portugueses que analisaremos, tais lugares determinaram até a rubrica de classificação das obras: *Livros de coro e de mesa...* Mas, além destes – coro e mesa – haverá outros lugares e outros momentos de leitura? Fr. Lope que, ao longo dos seus textos legislativos ou das *Satisfacciones* com que tentou explicar e defender a originalidade da reforma de que era continuador, não dedica qualquer rubrica particular ao assunto da leitura propriamente dita, permite, no entanto, perceber que a comunidade de cada casa se congrega para ter lição espiritual... Com efeito, se, ao vê-lo recordar as leituras mais próprias da congregação, podemos aceitar estava a referir-

⁴³ Id., *Memorial de la Vida y Ritos* (cap. XXX) in *Las Reformas...*, 744 (conf. *Memoriale Religionis...*, cap. XII).

⁴⁴ Id., *Memoriale Religionis ...*, (cap. XII), in *Las Reformas...*, 711.

-se às que se acordavam com o tipo de espiritualidade franciscana que a reforma villacreciana propunha, quando, porém, o vemos proibir que *en la congregación comun* se façam leituras especiais ou próprias de confessores ou de pregadores, teremos que admitir que alude a uma reunião (a um lugar e a um tempo) normal da comunidade para ouvir ler...⁴⁵. E o mesmo se dirá, seguramente, do cuidado que há-de pôr-se na ordenação da lição *de la conformación* (ou *enformación*), de modo a que, conjugada, como sugerimos, com a da mesa, pennita estender a leitura da Bíblia por cada três anos...⁴⁶. Do lugar dessas reuniões nada nos diz Fr. Lope... – o coro? –, mas parece possível, tanto pela tradição do género como pelo contexto em que se lhe refere, que tais «congregações» se possam identificar com a *colación* a que, como orientador das leituras⁴⁷ e da assembleia⁴⁸, o presidente, tal como à mesa, nunca deveria

⁴⁵ Id., *Memoriale Religionis...* (cap. VII), in *Las Reformas...*, 711.

⁴⁶ Id., *Memorial de la Vida y Ritos...* (cap. XXX), in *Las Reformas...*, 744.

⁴⁷ Id., *Memoriale Religionis...* (cap. XII): *e la Biblia de tal manera ordenada por discreción del Presidente...*, in *Las Reformas...*, 711, o que confirma o já referido sobre esse dever do presidente (no cap. I do mesmo *Memoriale Religionis...*).

⁴⁸ Id., *Segundas Satisfacciones...* (art. I), in *Las Reformas...*, 858 e art. I e II da mesma obra (863).

faltar e das quais a mais importante, quer pelos textos aí lidos quer pelas referências explícitas que lhe são feitas, seria a de cada sexta-feira⁴⁹...

A leitura em comum pressupõe, como já aludimos, um *lector*, figura a que dedica, ainda que fugazmente, uma atenção precisa no *Memoriale Religionis* ao tratar de *el lector que lee la sancta lección a la congregación*⁵⁰. Se não parece fácil determinar rigorosamente o que há-de entender-se já, como aludimos, por *congregación*, já por *sancta lección* – as lições do ofício divino? a *lectio spiriualis* feita à comunidade para tal congregada? – podemos, contudo, tentar uma certa aproximação ao *lector*... Com efeito, ainda que o contexto em que se insere a referência às exigências da sua pessoa e da sua função diga respeito aos *oficios de los contemplativos* – hebdomário..., diácono..., subdiácono..., turifário... acólitos... – tornando, assim, uma figura relevante do ofício divino, nada impede que as mesmas exigências se apliquem igualmente ao leitor da *lectio spiriualis*... Na verdade, por outro lado, Fr. Lope aborda no mesmo contexto a função de *confessor* quando este não é, em sentido rigoroso, um interveniente do ofício divino e, por

⁴⁹ Id., *Memoriale Religionis*... (cap. I XII), in *Las Reformas*..., 688 e 711.

⁵⁰ Id., *Memoriale Religionis*... (cap. XII), in *Las Reformas*..., 710.

outro lado, ainda, em alguma ocasião, ao tratar nas *Segundas Satisfacciones* da ordem das leituras (*el ejercicio verbal*) semanais da Regra e das «crónicas» franciscanas, informa que algumas vezes se lê *en punto alto e a las veces en tono bajo, como manda el Presidente...*⁵¹, o que pressupõe que alguém desempenha essa função com exigências semelhantes às requeridas para o *oficio contemplativo* de leitor... Se a nossa interpretação for correcta, devemos, então, notar que quem desempenha tal função *ha de entender lo que lee, e ha de haber devoción en ello, e leerlo despierto, abierto e distinto e igual en los puntos con sus debidas pausas, como quien ha sabor de entenderlo. E non debe correr*⁵². A estas exigências – entendimento, devoção, clareza, ritmo – há que juntar o que já ficou aludido sobre a leitura em *punto alto ou en tono bajo* de acordo com as orientações do presidente da assembleia, o que, talvez, releva não tanto da obediência como da capacidade de adaptação.

Será importante ter igualmente em atenção que todo o quadro em que se desenvolve a leitura espiritual em comum conta ainda com outro elemento: a intervenção, além da que

⁵¹ Id., *Segundas Satisfacciones...* (art. I), in *Las Reformas...*, 858.

⁵² Id., *Memoriale Religionis...* (cap. XII), in *Las Reformas...*, 710.

acabámos de aludir, do presidente para comentar, a seus tempos, o texto lido. Fr. Lope, que fornece tão preciosas informações sobre textos lidos por si mesmos e como comentário de apoio ao que se estava lendo – v.g. a *Regra* de S. Francisco e algumas fontes franciscanas⁵³ –, não precisa se o presidente intervinha, comentando-a, em qualquer leitura, apenas o afirmando claramente acerca da Bíblia...⁵⁴. Comentaria outros textos? Parece natural, embora, alguma vez, se nos informe que a leitura da *Regra* era feita *publicamente e simplesmente ai pie de la letra, sin alguna exposición, nin otra declaración sobrepuestas*⁵⁵. Haverá de entender-se por esta afirmação que tal leitura não sofria qualquer comentário ocasional ou que se utilizava um texto livre de qualquer comentário interpretativo (em sentido mitigador, talvez) da mesma

⁵³ Id., *Memoriale Religionis...* (cap. XII), in *Las Reformas...*, 711. Conf. ainda *Memorial de la Vida y Ritos...* (cap. XXX), in *Las Reformas...*, 744. Fr. Lope, como resultará da leitura dos textos referidos, parece oscilar no modo de realização de tais leituras, pois se no *Memoriale Religionis* e no *Memorial de la Vida y Ritos* dá a entender que a *Regra* e as *Constituições* de Barcelona (1451) se lêem na mesma altura, nas *Segundas Satisfacciones* indica que se lêem separadamente, isto é, uma semana (à sexta feira) a *Regra* e na semana seguinte as *Constituições*.

⁵⁴ Id., *Segundas Satisfacciones...* (art. II e III), in *Las Reformas...*, 863.

⁵⁵ Id., *Segundas Satisfacciones...* (art. I), in *Las Reformas...*, 858.

Regra? De todos os modos, exceções à parte, é de admitir a intervenção normal do presidente da casa durante a leitura de *enformación*... A exigência, que já ficou relevada, da presença do presidente nessa reunião, pode, além do mais, ir também nesse sentido...

Seria muito interessante conhecer a ordenação, segundo dias e lugares, das leituras já obrigatórias já recomendáveis que Fr. Lope vai enunciando, tantas vezes, ao longo das suas obras, mas o grande continuador de Fr. Pedro de Villacreces apenas se demora a determinar dois tempos de leitura: a sexta-feira de cada semana e os outros dias... A sexta feira era, como se sabe, um dia de suma importância na vida comunitária, pois, além de tempo dedicado à leitura de textos especificamente franciscanos – costume comum em toda a ordem⁵⁶ –, era também o dia do capítulo de culpas... E poderá mesmo ser que tivessem coincido, pois dos textos de Fr. Lope parece ser possível concluí-lo⁵⁷. De todos os modos, à sexta-feira, quer à mesa quer à colação lia-se a

⁵⁶ Theophile DESBONNETS na sua Introd. às obras de S. Francisco de Assis – *Ecrits*, Paris, Ed. du Cerf – Les Editions Franciscaines, 1981, 26 – aponta este costume da Ordem.

⁵⁷ Fr. Lope de SALAZAR Y SALINAS, *Memoriale Religionis*... (cap. I e Cap. XII); *Segundas Satisfacciones*... (art. I), in *Las Reformas*..., 688, 711 e 658, respectivamente.

*Regra de S. Francisco nas suas duas versões – a «bulada» por Honório III (1223) que prometemos con sus estrechas declaraciones e la regla antigua de N.ro Padre San Francisco que nos concedió el Papa Inocencio sin bula*⁵⁸. A estes textos legislativos sobre cuja ordenação dará Fr. Lope algumas precisões mais, juntavam-se o *Testamento do Poverello*, texto sempre querido das observâncias mais estreitas, as *Flores*⁵⁹ que, como veremos, talvez não sejam as *Fioretti*, as *corónicas primeras e más antiguas* de S. Francisco, designação que, como indicam muitas citações de Fr. Lope, pode remeter para uma compilação de fontes em que se privilegiaria uma *corónica antigua ou corónica dita de Alvernia*, que, contas feitas, se poderá identificar com um texto do *Speculum Perfectionis* mais ou menos completo⁶⁰. De qualquer modo, essa

⁵⁸ Id., *Memoriale Religionis...* (cap. XII), in *Las Reformas...*, 711.

⁵⁹ Id., *Memoriale Religionis...* (cap. XII); *Segundas Satisfacciones...* (art. I), in *Las Reformas...*, 711, 858 e 860, respectivamente.

⁶⁰ Id., *Memorial de la Vida y Ritos...* (cap. II); *Segundas Satisfacciones* (art. I) in *Las Reformas...*, 718, 719, 858, respectivamente *et passim*. Dizemos «mais ou menos completo», já que, ao parecer, algum capítulo importante do *Speculum Perfectionis* como esse em que S. Francisco compara a perfeita obediência à impassibilidade de um corpo morto, parece aí faltar; com efeito, assim se explicaria melhor que Fr. Lope quando tenha de aduzir esse exemplo ilustrativo o cite através das *Flores...* (*Memorial de la Vida y Ritos*

corónica antigua ou a compilação que a acolhia – as *corónicas primeras e más antiguas* – surge altamente valorizada diante da *breve corónica nueva* de um compilador que, ao parecer, ainda não terá sido identificado⁶¹; por fim, *la esclarecida disputación de los padres antiguos de Italia sobre la Regla* que, com algum deslize cronológico, se nos diz ser *la disputación general pública, que se fezo entre los Padres Espirituales de Italia e los Conventuales colapsos delante el Papa Clemente quinto en la corte de Aviñon, agora ha ciento e cuarenta e quatro ocho anos...*⁶² e, ainda, um desconhecido *Tratado de la obediencia*⁶³. Tudo «lições de S. Fran-

[cap. II] in *Las Reformas...*, 118, 719). O capítulo referido também falta, curiosamente, na *Legenda Perusina* ou *Compilatio Assisiensis* e, sabendo-se das estreitas e complexas relações entre os dois textos, poderia pensar-se que essas *corónicas primeras e más antiguas* representariam, como essas mais célebres, muito desse material que se salvou da drástica e quase dramática decisão do Capítulo de Paris (1266): a destruição de tudo que não fosse a *Legenda Nova* do futuro S. Boaventura. Daí as coincidências e variantes. D. NIMMO, *Reform and Division in the Franciscan Order...*, 504-506, chama a atenção para a suma importância da influência do *Speculum Perfectionis* no *Memorialis Religionis* e outros textos da reforma villacreciana.

⁶¹ Id., *Primeras Satisfacciones...* (art. IX), in *Las Reformas...*, 826.

⁶² Id., *Memorial de la Vida y Ritos...* (cap. I), in *Las Reformas...*, 715.

⁶³ Id., *Memoriale Religionis...* (cap. XII), in *Las Reformas...*, 711.

cisco», como diz Fr. Lope ao assinalar o peso que a literatura especificamente franciscana ganha nas lições desse dia... Outro conjunto de textos franciscanos, isto é, textos legislativos e orientativos dizendo respeito já às *constituciones primeras e ordenaciones e observancia antigua que el mesmo nuestro Padre S. Francisco fizo e ordenó, según está en la Corónica antigua, para que se guardasen, de más de la Regla, en los eremitorios e en la cabeza de la Orden, Santa Maria de los Angeles*⁶⁴, já à reforma villacreciana propriamente dita, quer dizer, *los memoriales de las ordenaciones, oficios e penitencias de la propia casa*⁶⁵, era igualmente lido à sexta feira, ainda que, como deixámos entrever, segundo uma certa distribuição. Nos outros dias da semana, em momentos e lugares que não conseguimos precisar, liam-se S. Boaventura..., Cassiano..., S. João Clímaco..., S. Bernardo..., S.

⁶⁴ Id., *Segundas Satisfacciones...* (art. I), in *Las Reformas...*, 858, Fr. Lope nomeia aqui com precisão as fontes legislativas inspiradoras da reforma villacreciana: não só a breve *Regula pro eremitoriis*, mas ainda os capítulos 55 (*Qualiter acquisivit humiliter ecclesiam Sanctae Mariae de Angelis ab abbate Sancti Benedicti de Assisio et voluit fratres semper ibi habitare et conversari humiliter*) e 82 (*De singulari zelo quem habuit ad locum Sanctae Mariae de Portiuncula et de constitutionibus quas fecit ibi contra verba otiosa*) do *Speculum Perfectionis* (conf. *Compilatio Assisiensis*, cap. 56; *Legenda Perusina*, caps. 8 e 9).

⁶⁵ Id., *Memoriale Religionis...* (cap. XII), in *Las Reformas...*, 711.

Jerónimo..., Ricardo de S. Victor..., B. Ângela de Foligno e os outros textos que ficaram já enunciados, sobretudo, a Bíblia, pois o texto sacro era, naturalmente, privilegiado, embora, conforme confessa Fr. Lope, algumas passagens não pudessem ser lidas por todos...⁶⁶.

Mas desse esforço por conhecer a Sagrada Escritura fazia humilde gala Fr. Lope, pois, se aceitava, até certo ponto, a acusação dos Observantes de que os seus frades eram *idiotas*, distinguia que se o diziam *por non saber leer la sacra Escritura del Viejo Testamento e Nuevo* era certo, já que, *con todo eso, hallados somos necios e tenemos ordenado, aunque mal lo guardamos, que la Biblia se lea por lo menos una vez en tres anos...*⁶⁷ Tal leitura complementar, para alguns poucos, o estudo do texto sacro que tinham obrigação de fazer⁶⁸.

Fr. Lope, porém, deixou algumas indicações preciosas sobre o ritmo da distribuição

⁶⁶ Id., *Memorial de la Vida y Ritos...* (cap. III), in *Las Reformas...*, 720.

⁶⁷ Id., *Segundas Satisfacciones...* (art. II e III), in *Las Reformas...*, 863 (conf. *Memoriale Religionis...*, caps. XII), devendo, no entanto, como já referimos, notar-se que Fr. Lope precisa que tal leitura e em tal extensão se verifica onde *buenamente podamos haber la Biblia, e la cumunidad gruesa e la casa es ya asentada...* (*Memorial de la Vida y Ritos...*) (cap. XXX), in *Las Reformas...*, 744.

⁶⁸ Id., *Memorial de la Vida y Ritos...* (cap. V), in *Las Reformas...*, 723.

de algumas destas leituras ao longo do ano. Mesmo correndo o risco de repetir algumas indicações que já ficaram, por outros motivos, aludidas, cremos será interessante deixar aqui uma visão de conjunto e tanto quanto possível sistemática desses ritmos distributivos que criavam como que uns quantos ciclos de leitura ao longo do ano... Ler não era – nem é – algo apenas relacionado com um lugar e um momento, mas também uma certa cadência organizativa... e, por isso, talvez não seja absolutamente ilegítimo falar de uma certa «liturgia» da leitura nesse quadro religioso.

Assim sendo, sabemos que diariamente, à mesa ou na colação do dia, segundo o determinasse o Presidente⁶⁹, se lia a Sagrada Escritura, de modo, como sabemos, a distribuir *por asignados tiempos*⁷⁰ o seu texto por três anos; semanalmente, cada sexta-feira⁷¹, na colação desse dia, mas alternadamente⁷², as *Regras* de

⁶⁹ Id., *Memoriale Religionis...* (cap. XII), in *Las Reformas...*, 711.

⁷⁰ *Por sus asignados tiempos...*, indica Lope de Salazar no *Memoriale Religionis...* (cap. XII), in *Las Reformas...*, 711. Como haverá de entender-se tal expressão? De acordo com os tempos litúrgicos ou com os do ritmo da vida comunitária (que não eram absolutamente coincidentes)?

⁷¹ Id., *Memoriale Religionis...* (cap. XII), *Memorial de la Vida y Ritos*, (cap. XXX), in *Las Reformas...*, 711 e 744 respectivamente.

⁷² Id., *Segundas Satisfacciones...* (art. I), in *Las Reformas...*, 858.

S. Francisco e outros textos franciscanos – com destaque para um provável conjunto ou compilação em que sobressaía o *Speculum Perfectio- nis* – e, alguma vez, a bula *Exivi de Paradiso*, que, de certo modo, serviriam de comentário à *Regra*; uma vez por mês o *Memoriale Religionis* ou seja o *Memorial de los oficios activos y con- templativos de los Frailes Menores...*⁷³

Havia ainda, como sabemos, outras leituras que pressupõem outros tempos e, talvez, outros lugares ou, pelo menos, uma distribuição própria que nos escapa. Com efeito, Fr. Lope, se exceptuarmos as lições espirituais de sexta-feira, perfeita e tradicionalmente determinadas, e a leitura da Sagrada Escritura que, como sugerimos, parece ser diária, limita-se a lembrar que *en los otros dias se deben leer e ordenar las lecciones de S. Boaventura, Cas- siano...*, etc.⁷⁴.

Estas lições – lugares, tempos, ritmos, obras – em comum não eram, naturalmente, as únicas. Há, efectivamente, a considerar, numa ordem decrescente – do comum ao indi- vidual – os pequenos grupos que por devoção ou por obrigação se reuniam para ler ou, talvez, melhor, para ouvir ler. Pensamos não tanto nos

⁷³ Id., *Memorial de la Vida y Ritos...* (cap. XXX), in *Las Reformas...*, 744.

⁷⁴ Id., *Memoriale Religionis...* (cap. XII), in *Las Reformas...*, 711.

que, candidatos à ordem, ouviam ler e explicar a *Regra al pie de la letra, simplemente, sin sotileza de distinción alguna, como ella mesma manda...*⁷⁵, mas, preferentemente, nos noviços, pequeno grupo regido e orientado pelo mestre (*enformador, nudridor ou emponedor*)⁷⁶, ofício a que Salazar y Salinas dedica larga atenção. Directa ou indirectamente, o mestre também seria leitor, embora não nos constem leituras especiais para esse grupo, mas, sim, como veremos, para o mestre.

Depois, há ainda a considerar a leitura individual, não mediatizada por um leitor, e, portanto, até certo ponto, mais pessoal. Muitos dos textos já enunciados poderiam ter cabimento pleno nesta lição mais pessoal... Sabemos que depois da mesa – onde? – a alguns era autorizado ler a Bíblia⁷⁷, o que parece sugerir uma leitura individual – ou mais individual – em relação, de certo modo, com a leitura do texto sacro feita à mesa ou à colação do dia...

Será igualmente de ter em consideração, como sugerimos, a leitura pessoal do mestre de noviços directamente relacionada com as suas

⁷⁵ Id., *Segundas Satisfacciones...* (art. I), in *Las Reformas...*, 856.

⁷⁶ Id., *Memoriale Religionis...* (cap. XII), in *Las Reformas...*, 689.

⁷⁷ Id., *Memorial de la Vida y Ritos...* (cap. III), in *Las Reformas...*, 720.

funções e a leitura de «estudo» que tinham de fazer os poucos confessores e pregadores⁷⁸ e os que eram destinados a *regir e aconsejar...*⁷⁹. E se o primeiro, o *enformador* dos futuros frades menores, devia ler a *Ad fratres de Monte Dei* de G. de Saint-Tierry, então atribuído a S. Bernardo, o *De Eruditione Religiosorum* de Humberto de Romans, O. P., o *De Statu Monachorum* de Cassiano e, sobretudo, S. Boaventura – o autêntico e o que corria sob o seu nome –, como, por exemplo, a *Regula Novitiorum* e o *De Profectu Religiosorum*⁸⁰, os segundos, cujas «leituras de estudo», bem fixas pelo prelado, não cabem directamente no nosso plano, deviam conhecer Nicolau de Lira..., as «sumas de casos»..., confessionários..., sacramentais..., alguma colectânea de sermões, algumas obras teológicas, especialmente *Theologicae Veritatis* (= *Breviloquium de Veritate Theologiae* de S. Boaventura ou o *Compendium Theologicae Veritatis* também atribuído ao Doutor Seráfico, mas

⁷⁸ Id., *Memoriale Religionis...* (cap. XIII), in *Las Reformas...*, 692.

⁷⁹ Id., *Segundas Satisfacciones...* (art. II e III), in *Las Reformas...*, 860.

⁸⁰ Sobre estas duas obras de que uma (*Regula Novitiorum*) pertence a S. Boaventura e a outra, cujo autor é David de Augsburg lhe é espuriamente atribuída, v. Balduinus DISTELBRINK, *Bonaventurae Scripta. Authentica Dubia vel Spuria Critice Recensita*, Roma, Ist. Storico Capuccini, 1975, 53, 91, 93 e 11, 113, 118-119 respectivamente.

da autoria de Hugo Ripelin de Estrasburgo?)..., etc., obras que Fr. Lope enumera a título orientativo⁸¹; finalmente, a esses que se destinavam a *regir e aconsejar* era-lhes ordenado *que estudien e lean las dos breves exposiciones e sumulas que son puestas sobre la regia en la «corónica antigua», en la «Exposición» de San Juan Peccam, con las «Florestas» e la «Vida nueva» que ordenó San Buenaventura e la «Crónica nueva» e la clementina «Exivi de paradiso» e la «Exposición de los quatro maestros»...*⁸², com outros documentos papais atinentes a um esclarecimento da letra da *Regra*. Fr. Lope apenas recomendava mais que *de todo esto escojan lo más estrecho e más conforme a la voluntad de S. Francisco para regir los frayles, e dejen lo largo e lo flojo, aunque sea bueno, pues tienen autoridad para ello*⁸³.

Todos, especialmente *los reclusos coristas*, deviam dedicar-se, no recolhimento da cela, a

⁸¹ Fr. Lopo de SALAZAR Y SALINAS, *Memorial de la Vida y Ritos...* (cap. V) *Segundas Satisfacciones* (art. II e III), in *Las Reformas...*, 723-724 e 864, respectivamente. Quanto à identificação desse *Theologicae Veritatis* naturalmente – e talvez mais provavelmente – se poderá também pensar no *Compendium Theologicae Veritatis* que, largamente atribuído ao Doutor Seráfico, pertence a Hugo Ripelin de Estrasburgo (Conf. B. DISTELBRINK, *Bonaventurae Scripta*, 102, 104).

⁸² Id., *Segundas Satisfacciones...* (art. II e III), in *Las Reformas...*, 860.

⁸³ Id., *Segundas Satisfacciones...* (art. II e III), in *Las Reformas...*, 860.

enformarse en sanctas lecciones... Se conhecemos que, como o *proveer el divinal oficio divino crátino, e decorar, e estudiar lo necesario, e en escribir e corregir sanctos libros*, tal *enformación* é considerada uma das *obras de las cellas*⁸⁴, nestas zonas de leitura individual escapam-nos, naturalmente, os tempos e, com mais fortes razões, o seu ritmo e a sua distribuição e a sua didáctica..., mas todas essas sugestões podem servir para completar esse complexo mundo de leitura de uns frades menores que se diziam e queriam *idiotas* e que, apesar do que proclamavam os seus acusadores, talvez o fossem muito menos do que pensavam...⁸⁵

⁸⁴ Id., *Memoriale Religionis...* (cap. XIV), in *Las Reformas...*, 713.

⁸⁵ Num trabalho notável – «Le Fonti Francescane nei Documenti Pontifici del Secolo XV. Il Significato Ecclesiale delle Riforme Minoritiche» in *Lettura delle Fonti Francescane Attraverso i Secoli: il 1400* (a cura di G. Cardoroppi e M. Conti), 119-142 – em que tenta, com notável equilíbrio, repor a valorização da «conventualidade» frente à «observância», fonte de (quase) todas as visões históricas, geralmente negativas, sobre aquela a partir do século XV, o P. Cristoforo BOVE, O.F.M. Conv., afirma *che bisogna ricordare alcuni atteggiamenti che non le permisero* (à Observância) *un vero inserimento nelle ansie del tempo come la pietà formalistica e la scarsa sensibilità allo studio, come mezzo di apostolato in clima di umanesimo e Rinascimento* (pág. 133). O autor enuncia aqui um problema extremamente complexo, pois se é verdadeira essa *scarsa sensibilità allo studio*, também é verdade que o Humanismo e Renascimento, mesmo esse Erasmo que tanto

Convirá, então, agora aludir a uma outra sistematização de leituras que Fr. Lope organiza já no *Memoriale Religionis* e, com mais relevo, no *Memorial de la Vida y Ritos de la Custodia Santa Maria de los Menores*. Nele o grande defensor da reforma villacreciana vai repassando, a propósito da oração e das virtudes mais típicas do religioso consagradas pelos votos – pobreza, obediência, castidade –, as lições espirituais mais recomendáveis para o aprofundamento de tais virtudes. Então, não se cansa de empregar, imperativamente, *estudia bien..., lee...*⁸⁶. Se para que a oração tenha

combateu a *pietà formalistica* teve em alto apreço toda essa espiritualidade baseada na *lectio sancta* da Bíblia..., dos Padres..., dos grandes textos de espiritualidade medieval... Por isso, as «observâncias» franciscanas – mas não só – se encontram, nomeadamente na Península Ibérica, tantas vezes, com esse, releve-se-nos a expressão, «humanismo devoto moderno», facto para que chamou há muito a atenção E. ASENSIO, «El Erasmismo y las Corrientes Espirituales Afines» in *R.F.E.*, 35 (1952), 31-99, e, mais recentemente, M. ANDRÉS, *La Teología Española en el siglo XVI*, Madrid, B.A.C., 1956 (conf. I, 85, 99, 111, 113, 250 *et passim*; II, 97, 100-105 *et passim*); conf. também, para um enquadramento mais vasto, o preciso trabalho de J.P. MASSAUT, «Mystique Rhénane et Humanisme Chrétien d'Eckhart à Erasme. Continuité, Convergence ou Rupture?» in *The Late Middle Ages and the Dawn of Humanisme outside Italy*, Leuven, University Press, The Hague, Martinus Nijhoff, 1972, 112-130).

⁸⁶ Fr. Lope de SALAZAR Y SALINAS, *Memoriale Religionis...* (cap. XIV), in *Las Reformas...*, 713.

calor ou *calidad* recomenda a *colación del abad Isaac*⁸⁷, para a pobreza alinhada, naturalmente, textos franciscanos – *Regra...*, *Crônicas*, com o sempre privilegiar do *Speculum Spiritualis* e com a precisão, agora, das suas primeiras vinte e duas folhas...⁸⁸, as *Constituciones Generales* mais *estrechas* (Lyon..., Paris)..., a *Disputa* entre os padres de Itália e a bula *Exivi de Paradiso* que dela foi consequência...⁸⁹ – e para a obediência aconselha as *Flores* de S. Francisco..., e, talvez, o *De Perfectione Evangelica* de S. Boaventura..., a *Scala Paradisi* de João Clímaco...⁹⁰, recomendações que repete para a castidade...⁹¹. Sem nada tirar à sua importância e valor informativo, todos estes conselhos, facilmente se terá verificado, não representam mais do que uma sistematização por «assuntos» – oração e ascese – do *corpus* de leituras espirituais que sempre tem presente e que seriam realizadas em comum ou individualmente segundo lugares, tempos, pessoas e ofícios.

⁸⁷ Id., *Memoriale Religionis...* (cap. XIV), in *Las Reformas...*, 713.

⁸⁸ Id., *Memorial de la Vida y Ritos...* (cap. I), in *Las Reformas...*, 714-715.

⁸⁹ Id., *Memorial de la Vida y Ritos...* (cap. I), in *Las Reformas...*, 715.

⁹⁰ Id., *Memorial de la Vida y Ritos...* (cap. II), in *Las Reformas...*, 718-719.

⁹¹ Id., *Memorial de la Vida y Ritos...* (cap. III), in *Las Reformas ...*, 719.

É esta mesma orientação que parece presidia às leituras *de particulares personas e estados*⁹² a que alude Fr. Lope e que se traduzem nessa leitura individual..., pessoal, feita sob controle ou conselho, e que era, como já vimos, uma das *obras de cella*...

De todos as maneiras, tanto pelo que liam como pelo modo como liam e, sobretudo, por aquilo que não deviam ler⁹³, parecem ter os reformados villacrechianos querido cultivar com o livro uma eficaz relação de meio para a oração (meditação e contemplação) – por algo trata do assunto Fr. Lope no contexto dos *ofícios de los contemplativos* (não discutamos a extensão do termo) – que não era outra coisa mais que tentar reproduzir com precisão a relação que com a leitura (escrito, livro) tinha mantido o seu Fundador. Intencionalmente, cremos, sublinha Fr. Lope com tanta constância o estilo, o conteúdo, e as finalidades contemplativas das

⁹² Id., *Memorial Religionis...* (cap. XII), in *Las Reformas...*, 711.

⁹³ Fr. Lope de Salazar dentre as obras de que positivamente não admite a leitura apenas aponta, que saibamos as que propunham uma interpretação menos rigorosa da *Regra e Constituições* da Ordem de S. Francisco, estando mesmo disposto a *hacer mil juramentos* para garantir que Fr. Pedro de Villacreces *ante supiera quemar los libros que consentir que sus frailes estudiasen las tales constituciones e declaraciones declinantes a los deseos sinceros de San Francisco...* *Segundas Satisfacciones...* (cap. I), in *Las Reformas...*, 855.

lecciones espirituales... las sanctas lecciones... Com efeito, ainda que afirme que *con limpieza de corazón todo lugar será cubículo de oración*⁹⁴, nem por isso deixa de contar a lição espiritual entre *las ayudas* da oração...⁹⁵, pois, como traz no seu *Testamento*, esse precioso documento em que, um tanto mimeticamente, reclama tradições, previne desvios e resume intenções, *lectio sancta est nutrix virtutum, maxime claustralium...*⁹⁶.

Mas todas estas precisões, esquemas e conselhos não esgotariam as possibilidades da leitura, bem como dos lugares e modos de ler... Fr. Lope de Salazar não avança, julgamos, mais indicações, mas sugere, citando, uma vez mais, o *Speculum Perfectionis*, que a natureza pode ser um «livro» importante para o frade menor⁹⁷, orientação a que, como veremos alude, com mais rigor, alguma nota das crónicas franciscanas portuguesas para esses dias..., ao mesmo tempo que deixam perceber que a mesma natureza pode ser uma boa moldura para a leitura espiritual...

⁹⁴ Fr. Lope de SALAZAR Y SALINAS, *Memorial de la Vida y Ritos...* (cap. VII), in *Las Reformas...*, 728.

⁹⁵ Id., *Memorial de la Vida y Ritos...* (cap. VIII), in *Las Reformas...*, 728.

⁹⁶ Id., *Testamento...* (art. 17), in *Las Reformas...*, 921.

⁹⁷ Id., *Memoriale Religionis...* (cap. X), in *Las Reformas...*, 707.

3. INVENTÁRIOS (6) DE LIVRARIAS DOS OBSERVANTES PORTUGUESES: INFORMAÇÕES E LEITURAS

Será, porém, possível perceber estas orientações e prescrições que, até certo ponto, poderão ser um «modelo», num contexto português desses mesmos tempos? – A resposta terá de ser matizadamente dada, pois se cremos não se conservam – terão mesmo existido? – para Portugal, por estes anos já província franciscana independente, textos tão amplamente informativos como esses em que Fr. Lope defende ou define legislativamente a reforma villacreciana, dispomos, porém, de algumas informações muito valiosas sobre pequenas bibliotecas de algumas casas da Observância em Portugal... Tais casas, como tentaremos sugerir, pelas suas características, estão, nesses dias, próximas de espírito villacreciano, inclusivamente, porque um momento houve em que na observância portuguesa vingou um movimento rigorista que pode não só no espírito, mas também na letra ter apontado para a consagração de uma reforma desse tipo, isto, é, uma reforma *strictioris observantiae...*, independentemente das diferenças de obediência hierárquica imediata (*sub ministris...*, *sub vicariis*) sob que, por necessidades estratégicas, muitas vezes, se colocavam as reformas... Sabemos ainda, embora de uma

maneira um tanto vaga, que o seu promotor mais evidente – Fr. Gomes do Porto – tinha passado a Portugal vindo de Castela. Como, porém, tudo isto poderá ser algo a concluir, convirá assentar os pontos de partida, começando pelos livros...

Essas informações a que fizemos, por várias vezes, referência, constam, principalmente, de certos inventários que, acompanhados de algumas «memórias», foram feitos nos eremitórios de Santa Maria de Ínsua – *angusta insula sale circumdata* na foz do rio Minho – e de S. Clemente das Penhas, *cum ex vicino mari plura incommoda fratres paterentur*, entenda-se tão junto também ao mar, em Leça da Palmeira (Matosinhos) que as ondas e a prudência obrigaram os frades a abandonar a casita e a construir (1478), um pouco mais no interior, junto ao rio Leça, o convento da Senhora da Conceição: *saeculari conversatione remotus, inter silvas summa gaudens quiete...*, segundo Lucas Wadding que aí foi noviço... Dispomos ainda de algumas – muito poucas – notícias dispersas por crónicas sobre alguns livros pertencentes a bibliotecas de outras pequenas casas franciscanas e sobre o desejado destino franciscano, manifestado por testamento, da biblioteca do infante D. Fernando de Portugal, o «santo» *Príncipe Constante*. São, como dissemos, indicações precisas, mas, obviamente,

além de serem de outra natureza, muito menos elaboradas do que as de Fr. Lope. Um inventário não é, propriamente, um texto explicativo... No entanto, como teremos ocasião de ver, podem prestar, além da estritamente factual, certo tipo de informação complementar a ter em conta.

Os documentos a que vimos aludindo são constituídos por três dos quatro inventários já conhecidos e publicados referentes a S. Clemente das Penhas e dois inéditos e praticamente desconhecidos⁹⁸ e, conseqüentemente,

⁹⁸ O grande benemérito historiador Fernando Félix LOPES, O.F.M., ao editar as *Lembranças Avulsas da Livraria do Convento de S. Francisco de Xabregas*, Lisboa, 1979 (separata de *Itinerarium*, 24 (1978), parece pensar (12) que dos cadernos em que, para dar cumprimento aos *Estatutos* de Barcelona, se deviam registrar os livros de cada casa franciscana, apenas tenha sobrevivido o de S. Clemente das Penhas de Matosinhos, notícia que, aliás, repete em «Franciscanos Portugueses Pretridentinos Escritores, Mestres e Leitores» in *Repertorio de Historia de las Ciencias Eclesiásticas en Espana*, 7 (Siglos III-XVI), Salamanca, 1979, 451-513 (489). As referências de L. Wadding à Insua e a S. Clemente podem ler-se in *Annales Minorum*, IX, Roma, Typis Rochi Bernabó, 1734, 114 e 116 respectivamente, *editio accuratissima auctior et emmendatior ad exemplar editionis* por Fr. José Maria da Fonseca e Évora, sumptuoso bispo do Porto (1739). Sobre esta edição pode ver-se Stanislaw da CAMPAGNOLA, *Le Origini Francescane come Problema Storiográfico*, Perugia, Università degli Studi, 1979 (2ª ed.), 114 n.º 122. Uma síntese biográfica de Fr. José M.ª da Fonseca e Évora, acentuando, sobretudo, as facetas de famoso erudito e de político curial pode ver-se

ainda quase não estudados⁹⁹. Com efeito, se os inventários de S. Clemente das Penhas, conservados no Arquivo Distrital do Porto foram já, em 1940, publicados¹⁰⁰, os que dizem respeito ao eremitério da Ínsua guardam-se, hoje, no Arquivo Distrital de Braga¹⁰¹.

em Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* (Nova ed. preparada e corrigida por Damião Peres), Porto-Lisboa, Livraria Civilização, 1968, II, 652-653.

⁹⁹ Permitimo-nos afirmar «quase não estudados», porque o Doutor Pedro Villas Boas Tavares, da Faculdade de Letras do Porto, deles utilizou alguns elementos no seu artigo «Das Crónicas da Ordem às leituras: uma livraria franciscana do século XVI (Algumas das disponíveis no caso de Caminha)», in *A.L.A.*, 51 (1991) 357-374. Aproveitamos para agradecer *ex corde* a Pedro Tavares a generosidade com que nos permitiu estudar e utilizar esse «seu» manuscrito.

¹⁰⁰ Efectivamente, em 1940 (Porto) A. Magalhães BASTO publicou com o título de *Memórias Soltas e Inventários do Oratório de S. Clemente das Penhas e do Mosteiro de N^g S^a da Conceição de Matozinhos dos séculos XIV e XV por Fr. João da Póvoa e outros* o Ms. S. 21-22^o-3 da «Secção Monástica» do Arquivo Distrital do Porto, códice que descreve e estuda na *Introdução*. Naturalmente, servimo-nos directamente desta edição ao longo do nosso trabalho, ainda que tivéssemos controlado, para discretamente a normalizar, a sua transcrição.

¹⁰¹ Com a cota F-5 do A. D. Braga, o referido ms., em papel, mas com uma folha em pergaminho, mede, aproximadamente 30x10 e, pelo que aos dois Inventários propriamente diz respeito, está escrito de uma só letra, com as capitais e títulos ou escritos ou sublinhados a vermelho; visível a falta de algumas páginas – expressamente cortadas –, embora haja ainda algumas em branco; no estado actual a numeração das páginas é caótica e, em muitas,

Feitos, talvez, para dar, de alguma forma, cumprimento ao estatuído no capítulo geral de Barcelona de 1451¹⁰², tais documentos, como inventários de casas concretas que são, ocupam-se de todos os pertences e, assim o *títulos dos livros* é um entre outros. Necessariamente, apenas nos ocuparemos destes, abandonando, assim, o que diz respeito a pratas, roupas, paramentos, alfaias, painéis, etc., bem como as mil pequenas notícias (*memórias*) sobre alguns frades (por exemplo, Fr. Pacífico de Viseu que

vêm numerações sobrepostas; os parágrafos parecem ser de introdução mais tardia, tal como muitas notícias referentes a casos e memórias do século XVI e XVII; os diferentes «itens» de cada título de cada inventário não se seguem a espaços regulares, pelo que há muito diferentes espaços entre cada qual; e, por fim, há nítidos acrescentos, algumas vezes a vermelho, da mesma letra da dos inventários.

¹⁰² Os *Estatutos* de Barcelona, de que se conserva uma tradução portuguesa de 1501, efectivamente determinavam quanto aos livros: os *livros dos frades que fallecerem, serom daquelles lugares em cujos termos os frades os ouverom ou procuraram. E se sobre esto despois nacer algua duvida, façasse aquello que o Vigairo em a congregaçom provincial julgar ser melhor. E por guarda dos taes livros, queremos que os livros dos conventos sejam registrados em huum caderno e de cada huum ano fecto o registro delles em presenca do convento se leam e sejam renovados. E os taes livros sejam distribuidos pollo guardiam de consentimento do convento e licença do vigario provincial com cedula de conhecimento* (A.N.T.T., Conventos indeterminados, liv. nº 7, fl. 27, cit. por F. Félix LOPES, *Lembranças Avulsas da Livraria de S. Francisco de Xabregas*, 12).

recorda, sob estes apontamentos, Fr. Manuel da Esperança¹⁰³; benfeitores, reuniões capitulares, notícias sobre fundações ou particularidades de casas, (como a da fundação de Santa Maria de Mosteiró por Fr. Diego Arias em 1392 ou a origem de Fr. Gonzalo Mariño)¹⁰⁴; acontecimentos contemporâneos (a entrada na Ínsua em 1502 de D. Manuel de Portugal; o encontro, em 1-VIII-1548 de Fr. André da Ínsua, Padre Geral da Ordem, aí de visitaçã, e do Infante D. Luis que se dirigia a Santiago)¹⁰⁵ ou recordados que os seus autores tiveram por bem aí inserir ou que outros, posteriormente, de um modo, em geral, caótico, continuaram à medida das folhas e dos espaços em branco... Informação preciosa para conhecer aspectos do viver franciscano desses dias, mas, evidentemente, hoje nem sempre captável para a casa da foz do rio Minho, dado o estado de desordem do manuscrito. Neste sentido convirá fazer constar que as últimas notícias do códice que guarda os inven-

¹⁰³ A morte de Fr. Pacífico de Viseu, com algumas notas sobre a sua biografia espiritual, vem recordada a pág. 32 actual do Ms do A.D.B; Manuel da ESPERANÇA, *Historia Serafica...*, I, 4, 10, 413-414.

¹⁰⁴ Estas notícias, de que é particularmente interessante a que diz respeito a Fr. Gonzalo Mariño, relevante aliás, pelos pormenores que fornece em relação à entrega do Castelo de Guimarães a D. João I de Portugal, encontram-se a págs. 9 e 10 actuais do Ms. do A.D.B.

¹⁰⁵ Tais memórias registam-se a págs. 41 e 42 actuais.

tários de S. Clemente dizem respeito a duas profissões feitas em 1599 e que as de Santa Maria da Ínsua apontam para os começos do século XVII, como, por exemplo, a da entrada de corsários ingleses na ilha *na era de 1602 no mes de Outubro na vespera dos nossos 7 mártires um sabado...* (fl. 13 actual) onde *roubarão muyto fato ou*, mais tarde, dos holandeses *no anno do Senhor de 1606 dia de Sancto Antonio 13 de junho hũa terça feira entre as tres e as quatro oras de pella manhã...* (foi 13 actual)¹⁰⁶.

Antes, porém, de ponderar os seus conteú-

¹⁰⁶ Por serem notícias curiosas sobre o sentir das «fronteiras de cristandade» e dos sobressaltos da pequena comunidade franciscana transcrevemos aqui essas memórias «extremas» do ms.: «1602: seys centos dous na era de 1602 no mes doutubro vespora dos nossos 7 martires hum sabado entrarão nesta santa Insoa os Ingreses e fizerão muito mal. Roubarão muyto fato como esta escryto em outras memorias. 602.

1606: ceisentos e seis no Ano do Senhor de 1606 dia de Santo Antonio 13 de Junho hua terça feira entre as tres e as quatro oras de pella manham entrarão nesta santa Insoa treynta e seis homes de olanda e zelanda e roubarão quanto acharão na samcristia e no refeytorio quebrarão as santas imagens dos santos crucifixos que erão tres coa Imagen da vyrgem nossa seõora lamcarão pora terra derão hum grande golpe a ymage da magdalena pelo rosto levarão mais de XX vestimentas e algũas de preço levarão três frades e profanarão as cousas do culto divino de todas estas vezes nos ficou o Santissimo Sacramento que os ereges muito pretendião achar não para o venerar. Os frades que levarão logo no mesmo dia mandarão hum e os dous lançarão junto as ylhas de bayona» (pág. 13 actual).

dos, convirá precisar autores e datas, pois quer uns quer outros – os conhecidos e os inéditos – apresentam, sobre esses pontos, dificuldades que convirá esclarecer.

O primeiro inventário conhecido de S. Clemente das Penhas foi levado a cabo por *Fr. Rodrigo de Arruda sendo vigário na era de mill e cccc e bii annos...*¹⁰⁷. Impõe-se, portanto, tecer algumas considerações sobre essa data, informando, desde já, que Fr. Rodrigo foi vigário entre 1451 e 1454 e, depois, de 1459 a 1462, como consta, aliás, do *Catálogo dos Vigários Provinciais da Observância de 1447 a 1506* incluído no próprio códice¹⁰⁸. O benemérito editor desses inventários, por razões que desconhecemos, não atendendo a essa indicação de que o documento tinha sido elaborado durante a vigararia de Fr. Rodrigo de Anuda, reduziu a era a ano de Cristo (A.D.) e propôs-lhe uma data: 1369, o que indicaria uma prestigiosa antiguidade da casa e permitia «corrigir» L. Wadding e Fr. Manuel da Esperança e Fr. Fernando da Soledade que, nas respectivas obras – *Annales Minorum* (Lyon, 1625-1654) e *Historia Serafica* (Lisboa, 1656-1709) – propunham a sua fundação *cerca de 1392...*¹⁰⁹. A única leitura possível dessa data, apesar de alguns

¹⁰⁷ A. Magalhães BASTO, *Memórias Soltas e Inventários...*, 55.

¹⁰⁸ Id., *Memórias Avulsas e Inventários...*, 42-50 (pág. 43 e 44).

¹⁰⁹ Id., *Memórias Avulsas e Inventários...*, 55, nota 1.

autores a terem, inexplicavelmente, atrasado ainda mais (1367)¹¹⁰ ou de a terem, alguma vez, aceitado¹¹¹ ou mesmo de a terem fixado *literalmente* (uma espécie de *sicut iacet...*) em 1407¹¹², é a de 1452, uma leitura «sequencial» dessa confusa datação «à Romana»: MCCCCBII = 1452¹¹³. De outro modo, para além de ter de

¹¹⁰ Serafim da Silva NETO, *Textos Medievais Portugueses e seus Problemas*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1956, 122.

¹¹¹ Mário MARTINS, S. J., *O Ciclo Franciscano na Nossa Espiritualidade Medieval* Coimbra, 1952, 93 (aliás, Separata de *Biblos*, vol. XXVII), aceitou essa data proposta por A. Magalhães Basto; no entanto, esse insigne estudioso a quem a Idade Média portuguesa – a literatura religiosa, sobretudo – deve o ser menos desconhecida, acabou por verificar que tal data *não pode estar certa* (*As Florinhas de S. Francisco e a Crónica da Ordem dos Frades Menores*, in *Brotéria*, 70 (1960) 154-163 (154, nota 1).

¹¹² D. de Pinho BRANDÃO, *Teologia Filosofia e Direito na Diocese do Porto nos Séculos XIV e XV. Alguns Subsídios para o seu Estudo* Porto, C.E.H., 1960, 69.

¹¹³ F. Félix LOPES, *Lembranças Avulsas da Livraria do Convento de S. Francisco de Xabregas...*, ed. cit., pág. 11, nota 7 pensa que tal data MCCCVII (sic) será devida a um erro da cópia que publica A. Magalhães Basto e como Fr. Rodrigo de Arruda foi vigário provincial entre 1451 e 1454 e de 1459 a 1462 «conjectura» que o inventário será de 1454... Em «Franciscanos Portugueses Pretridentinos Escritores, Mestres e Leitores» in *Repertorio de Historia de las Ciencias Eclesiásticas en España*, 7, Salamanca, 1979, 498, mantendo as mesmas conclusões, o historiador franciscano não avança, porém, com a sugestão de qualquer data para o inventário. O eminente estudioso franciscano apontou as balizas seguras, mas cremos que a

justificar uma fundação tão temporã de uma casa reformada em Portugal e de ter de buscar outro Fr. Rodrigo de Arruda que em 1369 tivesse sido igualmente seu vigário, mesmo que não observante, mas, simplesmente, reformado – seria um dado quase revolucionário! – teríamos de aceitar ver aceder ao vicariato em 1451, Fr. Rodrigo de Arruda com mais de 100 anos...¹¹⁴, o que se não é impossível... é altamente improvável...

Outro tanto deve oferecer-se para o segundo inventário de S. Clemente que consta ter sido *recebido* por Fr. Diogo de Pombal na *era de mill e 414*... Com efeito, o seu primeiro editor, coerente com o princípio que adoptara de reduzir a *era de César a anos do Senhor*, datou-o de A.D. 1376..., embora algum autor tenha accitado ler, positivamente, 1414...¹¹⁵. Só que Fr. Diogo de Pombal foi, como consta igualmente

nossa leitura, cabendo igualmente nelas, se ajusta melhor a um modo não muito erudito de escrever datas...

¹¹⁴ Tal número não parece ser muito difícil de obter. Com efeito, se Fr. Rodrigo de Arruda tivesse sido vigário, mesmo que não provincial, em S. Clemente das Penhas em 1369, poderíamos supô-lo, então, com cerca de 30 anos, por exemplo. Deste modo, nascido cerca de 1339..., Fr. Rodrigo em 1451, andaria pelos 112 anos... Qualquer «desconto» de menos de 10 anos parecerá irrelevante... e um «aumento» de mais de 10 impossível...

¹¹⁵ D. Pinho BRANDÃO, *Teologia, Filosofia e Direito na Diocese do Porto*..., 69. 70.

do mesmo *Catálogo*¹¹⁶, não só quem, em 1447, trouxe a provisão de separação dos observantes portugueses dos claustrais, mas também, em consequência, eleito vigário provincial nesse mesmo ano, governando até 1450...¹¹⁷. Se não conhecemos verdadeiramente o autor desse inventário – poderia, aliás, ser o próprio Fr. Diogo que à casa continuou ligado e ainda em 1474 era seu vigário¹¹⁸ – sabemos que não o teria *recebido* antes de 1447..., ou, então, como para o caso de Fr. Rodrigo de Arruda, teríamos de inventar «outro» Fr. Diogo de Pom-bal e supô-lo, a este que foi vigário provincial de 1447 a 1450, igualmente centenário em 1447... O que se nos afigura mais provável é igualmente aceitar que em 1414 o segundo (1), o das dezenas, estaria representado por um l (50), ou um b (5), donde, como anteriormente, 1454... Depois, a dificuldade restante seria determinar, para maior justificação da nossa proposta, a qualidade em que terá *recebido* tal inventário... Para o nosso objectivo, no entanto, tal dificuldade não tem uma decisiva importân-

¹¹⁶ A. Magalhães BASTO, *Memórias Soltas e Inventários...*, 42-43.

¹¹⁷ Id., *Memórias Soltas e Inventários...*, 43.

¹¹⁸ Assim o regista Fr. João da Póvoa, precisamente, no título e datação do inventário de S. Clemente das Penhas de 21-X-1474 (A. Magalhães BASTO, *Memórias Soltas e Inventários...*, 65).

cia, pois tal inventário, talvez por incompleto, apenas apresenta, dentre os livros, 1 missal, 2 breviários e 1 saltério...¹¹⁹.

O terceiro inventário de S. Clemente já não apresenta qualquer dificuldade de datação, pois foi levado a cabo por Fr. Gil de Guimarães aos 9 de Dezembro de 1457, isto é, um ano depois de ter tomado posse como vigário provincial dos observantes portugueses¹²⁰.

O mesmo se dirá do quarto inventário, levado a efeito, em 21 de Outubro de 1474, por Fr. João da Póvoa, vigário provincial e confessor do rei João II de Portugal, sendo vigário de S. Clemente Fr. Diogo de Pombal...

Este último documento, muito importante, como veremos, porque parece permitir observar uma certa evolução, natural, aliás, nos caminhos da Observância pelo que a livros e leituras se refere – talvez insinue, através de alguns títulos, um certo «estudo» que não apenas leituras de espiritualidade – estabelece uma ligação com os inventários da casa da Ínsua, pois estes foram, ambos, igualmente realizados por Fr. João da Póvoa.

O primeiro dos inventários do oratório da ilha do rio Minho, que, como parece ser regra de Fr. João da Póvoa, começa – não escrevesse

¹¹⁹ Id., *Memórias Soltas e Inventários...*, 60.

¹²⁰ Id., *Memórias Soltas e Inventários...*, 43-44.

ele igualmente as «memórias» da casa – pela lembrança dos moradores da casa¹²¹, é, aliás, do mesmo ano – 1474 – do último de S. Clemente, mas um pouco anterior, pois foi feito a 16 de Maio, e, entre bens, notícias, cópia de documentos escritos então ou posteriormente, ocupa cerca de 15 folhas (30 páginas); o segundo, iniciado igualmente pela relação dos moradores¹²², está datado de 21 de Outubro de

¹²¹ Os moradores de Santa Maria da Ínsua eram, então, Fr. Jorge de Sousa, confessor e pregador e, desde 1471, seu vigário; Fr. Rodrigo de Barcalha, confessor, galego, velho; Fr. Bartolomeu de Salvaterra, diácono, castelhano; Fr. Álvaro de Arouca, corista; Fr. Paulo, francês, leigo, *que morreo en Malaga, no cerco quando a tomarão aos mouros anno domini 1487 em agosto*; Fr. Boaventura, leigo; Fr. Gabriel leigo, *mosso criado do duque de Bragança dō Fernando*; Fr. António do Porto, confessor e companheiro do provincial.

O referido Fr. Jorge de Sousa, personagem de quem voltaremos a ocupar-nos, foi quem ordenou em *forma religiosa* a casa da Ínsua, quer dizer, acrescentou a capela, fez celas, retelhou a casa, *buscou livros pera rezarem no coro*, fazendo assim comunidade perfeita, segundo Fr. Manuel da ESPERANÇA, *Historia Serafica...*, II, 10, 38, 463-464. O grande cronista franciscano recorreu para estas notícias precisamente às «memórias» da Ínsua de Fr. João da Póvoa para esse ano de 1471 que se encontram no respectivo ms. (fol. 21 actual).

Nesse mesmo ano viviam em S. Clemente das Penhas: Fr. Diogo de Pombal; Fr. João do Porto, sacerdote; Fr. Sebastião, do coro; Fr. João de Alcácer, do coro e Fr. Pero, castelhano.

¹²² Em 1491 moravam na Ínsua Fr. Vasco..., (ilegível por mancha de água, mas que poderemos identificar com Fr.

1491 e alarga-se por 8 folhas (16 páginas)... O primeiro inventário (1474) poderá até ser o primeiro efectuado na casa, pois Santa Maria da Ínsua, apesar dos seus pergaminhos datarem do começo dos começos da reforma observante em Portugal, foi até 1471 um oratório quase abandonado. Com efeito, como escreve Fr. João da Póvoa na sua «memória» referente a esse ano, *nom aturava aqui ninguem senão dous ou tres e aas vezes hum frade e hum segral...* Deste modo, compreende-se que na casa também não houvesse – ou quase não houvesse – livros e que se devam a Fr. Jorge de Sousa, tão recordado nas «memórias» e inventários da casa, não só os *livros de rezar*, mas também muitos dos outros inventariados. Inéditos, não foram, porém, desconhecidos estes inventários e «memórias» por Fr. Manuel da Esperança, o grande cronista franciscano, autor da *Historia Serafica* e pelo seu continuador, Fr. Fernando da Soledade, pois não só sumariamente se referem a esses

Vasco de Santarém que aparece nomeado no corpo do inventário), vigário; Fr. António da Poça, confessor; Fr. Diogo de Vila Real, confessor; Fr. Pero da Cunha, subdiácono; Fr. Tristão de Penacova, corista; Fr. Francisco, barbeiro, leigo; Fr. João de Guadalupe, leigo; Fr. Duarte da Ponte, noviço, leigo; Fr. João Mendes, contador de Évora, noviço; Fr. Álvaro [mas, por cima, de outra mão (?), Afonso] de Pinhel, corista, noviço... Esta lista poderá ser confrontada com a que fornece Fr. João da Póvoa numa «memória» de 1493 e que transcrevemos na nota seguinte.

documentos elaborados por Fr. João da Póvoa, mas ainda deles transcrevem, entre outras, alguma passagem ilustrativa do teor de vida e austeridades que aí se levavam e se viviam...¹²³

¹²³ A notícia referente ao estado de abandono da Ínsua lê-se na aludida «memória» do Ms. Do A. D. B., fol. 21 actual, «memoria» que Fr. Manuel da Esperança comentou atribuindo-o ao *desemparo da ilha, dos desconodos da casa que não estava perfeita, e quiçá da falta de devaçam que averia nos frades* que preferiam, mesmo faltando ao coro, morar na *casa dos pobres* em Caminha... (*Historia Serafica...*, II, 10, 38, 463).

Em 1493 Fr. João de Póvoa registou, em longa nota de que só transcrevemos o que nos parece mais significativo, o estilo de vida da Ínsua: «item no anno do senhor de mil e cccc noventa e tres moravão aqui na Insoa estes frades que se seguem, s.: Fr. Vasco de Santarém confessor que fazia libros para a comunidade de lingoagem; e ajudava-o Fr. Tristão de Lisboa, diácono; fr. Pero da Cunha, confessor, estudava; fr. Francisco Lobo fazia libros e buscava-lhas mintiras e faziaas correger; Fr. João de Deus estudava e pregava na vila; e fr. Tristão de Coimbra sodiacono aprendia; fr. João de Tentugal aprendia a ler; fr. João da Póvoa andava por hy; fr. Marcos, leigo, fazia esteiras de palha; fr. Francisco, leigo, fora barbeiro, fazia as barbas e corregia a ferramenta; fr. Manuel da Ponte, leigo, era sapateiro e corregia a casa; todos com fr. Marcos ajudavão na orta; fr. Estevão de Valença, leigo, com fr. Manuel erão sapateiros do segre; e acudialhe fr. João da Póvoa. E todos ao coro de noute e dia. E em silencio se davão à oração e em muita paz que nunca os ninguem ouvia contender; tres bebião vinho e os outros todos agoa; pescado em quaresma pouco; e delles nada; carne nos dias aadur; e porem, avião medo do grão juízo de Deos; e do dar da conta; nã dizão trintauros nẽ os tomavão; nẽ tomavão toda a esmola que lhes davão; muito pouco pedião de

E se os inventários de S. Clemente das Penhas oferecem, quanto à sua data, as dificuldades apontadas e que gostaríamos de ter resolvido, estes de Santa Maria da Ínsua estão, como dissemos, inequivocamente datados e muitos dos seus *items*, como, aliás, os de S. Clemente, oferecem ainda indicações relevantes sobre datas e circunstâncias em que as obras em causa entraram na livraria da casa, oferecendo, assim, dados valiosos para tentar seguir a sua história – a do livro e a da biblioteca. No entanto, sem que possamos explicar convincentemente tal facto, em ambas as casas, muitas dessas indicações de ano e de circunstâncias remetem para datas posteriores à do inventário que as regista¹²⁴. Como não há,

fora; sempre estavão em casa; com pão da villa soo quasi se mantinhão cada somana com algo de biscoyto de que se proviã no tempo; de ventura ouciusedades, nẽ estar juntos; fallar baixo; caridosos. E ainda que milhares fossem nõ perdião nada; comião em rodilhas aa mesa e trazião burel muitos delles; não tinhão esmolos em depósito, todolos avitos estavão em comunidade e sayas; em oração mental e trabalhar cada dia hũ pouco...» (pág. 23 actual); Fr. Manuel da ESPERANÇA que, como dissemos, conheceu estas «memórias» e inventários da Ínsua, transcreveu, um pouco mais abundantemente, também esta passagem na *História Serafica* (II, 10, 38, 465-466), donde, por sua vez, a transcreveu parcialmente M. MARTINS, *O Ciclo Franciscano na nossa Espiritualidade Medieval...*, 91-92.

¹²⁴ A título de exemplo, que a consulta dos inventários confirma e amplia, poderá notar-se que no corpo do *Inventário da Ínsua de 1474* se regista um *dominical grande*

para esses casos, diferenças de letra e o admitir que nos encontrássemos perante cópias, que não de originais, é hipótese que, sob este ponto de vista, nada adiantaria, cabe pensar, diante de tantos espaços em branco deixados ao longo dos diversos títulos dos inventários, que Fr. João da Póvoa, o seu autor, morador em S. Clemente e na Ínsua sempre que lhe era possível, ia completando os inventários já feitos registando novas entradas de livros e precisando-lhes as circunstâncias – tal como o fazia para os moradores, por exemplo¹²⁵ – sem grandes atenções a qualquer «choque» cronológico... «Actualizava-os». E com um pouco de

que fez Fr. João da Póvoa em 1477..., um *breviário* que deu a alcaidessa de Castro Muño em 1492; uns restos de um *missal cantado* que escreveu Fr. António do Porto em 1490..., etc.; em S. Clemente, e para nos atermos apenas aos livros, em 1474 vem um *missal cantado* que «aviou» muito bem Fr. Álvaro de Córdova 1487..., *huma brivia muj boa de papel em forma* oferecida à casa em 1480..., afora alguns impressos que, como veremos, entraram mais tarde ainda.

¹²⁵ Efectivamente, como poderá observar-se no título inicial dos moradores da casa com que abre os seus inventários Fr. João da Póvoa deixaria alguns espaços destinados a serem preenchidos posteriormente, e, por outro lado, na mesma ordem de razões, juntava ao já registado, circunstâncias e dados que lhe pareciam relevantes. Um exemplo saliente é o que acrescentou ao registo de Fr. Paulo, francês, morador na Ínsua em 1474: *morreo em Malaga no cerco quando a tomarão aos mouros anno domini 1487 em agosto...*

humor, poderíamos mesmo admitir que esses complementos e perfeições seriam até, uma das suas ocupações, quando, em 1493, numa passagem dos *inventários* e «memórias» da Ínsua já aludida, ao registar o teor de vida e ocupações de vários frades, o vemos escrever de si próprio, ele que ajudava os sapateiros e escrevia livros: ... e Fr. João da Póvoa andava por hy...¹²⁶.

Não será necessário apontar a importância destes últimos documentos, pois completam a imagem que das primitivas casas da observância em Portugal já possuíamos e isto para um tempo em que o convento ainda não se tinha quase sobreposto ao oratório.

Se todos os seis inventários, seguindo uma prática comum em documentos semelhantes¹²⁷, tecem, ocasionalmente, breves comentários à caligrafia de alguns dos textos inventariados – no que iria tanto uma apreciação estética como

¹²⁶ Fr. João da PÓVOA, *Inventários e «memórias»* de Santa Maria da Ínsua (Ms. A.D.B., 23 actual), em passagem que citamos em nota anterior.

¹²⁷ J. MATEU IBARS, *Braquigrafia de Sumas. Estudio Analítico en la «Traditio» de algunos Textos Manuscritos, Incunables e Impresos*. Barcelona, Universidad de Barcelona, 1984, 46, e Zelina ZAFARANA, em notável trabalho, «Per la storia della Biblioteca di S. Francesco in Siena: in margine ad una recente pubblicazione», in *Da Gregório XI a Bernardino da Siena. Saggi di Storia Medievale*, Regione dell'Umbria, «La Nuova Italia» Editrice, s.a. (1987), 379-390, assinalam este tipo de anotações, e em documentação semelhante à nossa esta última investigadora.

funcional para o leitor –, também não se existem, por vezes, a algum apontamento sobre o valor e preço, apresentação ou conservação do volume e, mais importante ainda para os nossos objectivos, sobre o interesse da obra como lição espiritual... Assim, ao lado de alguns de *boa letera...*, *nobre letera...*, *mui boa letera...*, encontramos Fr. João da Póvoa a classificar, em 1474, de *notável livro de pergaminho* uma *História de Barlaão e Josephat* que a casa da Ínsua possuía e se perdera durante a encadernação no Varatojo; e a Fr. Gil de Guimarães a informar que S. Clemente possuía, em 1457, um *nobre missal* e um *Mestre das Sentenças em formoso volume*, volumes que contrastavam com outros *rotos...*, *caducos...*, *mintirosos...*, ou, simplesmente, *comunalmente verdadeiros...* – ou ainda, o mesmo Fr. João da Póvoa a classificar – e vale um conselho – de *leitura mui proveitosa* o *Livro do abade Isacc...*, a *Forma Novitiorum* e, para os confessores, entre outros de difícil identificação, o *Sacramental* de Valdeiras...

No entanto, para além destes dados de que alguns nos são hoje preciosos para ajuizar de valorizações e orientações de leitura, tais inventários sugerem ainda, através de outras notas, toda uma vida em redor dos livros, pois registam, muitas vezes, não só onde foi comprado..., ou quem o ofereceu..., ou quem o copiou ou mandou copiar..., ou donde veio emprestado...

e, logo, a quem se há-de devolver, mas também os que se perderam..., ou circunstâncias trágicas que rodearam a sua existência na casa ou ainda os trabalhos grandes que custou o possuí-los... Destes últimos poderíamos lembrar novamente aquele *Evangelho de S. João com sua glosa ordinaria*, volume em pergaminho que à casa de Santa Maria da Ínsua ofereceu o vigário geral, Fr. João «Felipa» Malberto (Maubert) e que Fr. João da Póvoa trouxe às costas de Salamanca ano de 1482...¹²⁸

Muito mais interessante, contudo, do que todas estas informações, é saber-se que tais inventários nos documentam, com precisão, sobre as livrarias concretas de cada casa e, quando as comparamos, é possível assistir não só ao seu enriquecimento ou empobrecimento, mas também à sua evolução – não apenas quantitativa – ou imaginar o que teriam sido se um grande (relativamente) legado, como o do infante D. Fernando à casa de Leiria, nelas tivesse dado entrada... De qualquer modo, no seu conjunto, permitem-nos uma aproximação ao que teria sido a *bibliotheca* dos observantes portugueses nos meados e, para alguns casos, na segunda metade de Quatrocentos..., visão que procuraremos completar, como insinuá-

¹²⁸ Fr. João da PÓVOA, *Inventário* de Santa Maria da Ínsua, Ms. A. D. B., pág. 17 actual.

mos, com alguma notícia dispersa pelas crónicas franciscanas... Não interessa copiar aqui os catálogos que se publicam em anexo, mas será conveniente deixar constante como contribuição para essa visão dessa *bibliotheca*, quer as obras mais relevantes que cada casa possuía quer as que mereceram algum comentário por parte dos inventariadores quer ainda como os «estudos», que não unicamente a literatura de espiritualidade, vão afirmando uma presença que, se nunca negada, não teria sido, inicialmente, tão nitidamente observável...

Dessa *bibliotheca* não assinalaremos aqui os missais, os breviários, os térios, os santorais e outros livros litúrgicos (bençãos de água..., mesa... etc.) que, em geral, vêm arrolados entre os «livros de coro», mesmo sabendo que, mais ou menos extensamente, constituíam uma antologia bíblica fundamental e a mais directamente utilizável. Convirá, contudo, em homenagem aos doadores, destacar que na Ínsua guardavam um *velho* breviário em pergaminho que pertencera ao Infante D. Henrique († 1460) e um *missal de frandes* que dera a aia da rainha D. Isabel, D. Beatriz de Meneses, mulher de Aires Gomes da Silva, grande partidário do Infante D. Pedro e herdeiro do célebre João Gomes da Silva que recebera os bens confiscados ao famoso alcaide de Guimarães, Aires Gomes da Silva (que não há que confundir com

o anterior) e de sua mulher, D. Urraca, isto é, dos frustrados sogros de Fr. Gonzalo Mariño, um dos fundadores do oratório¹²⁹.

E, nesta sequência, anotemos que S. Clemente das Penhas entre 1451 e 1474, num con-

¹²⁹ Muito embora esse *breviario velho* que o Infante deu a Fr. Gil de Carvalho não deva poder ser identificado com o seu *livro de rezar* que, depois de sua morte, Luis de Sousa, seu camareiro, entregou, com o *seu lenho da cruz* e o *seu sinete*, a D. Afonso V (Gomes Eanes de ZURARA, *Crónica da Tomada de Ceuta*, ed. de F. M. Esteves Pereira, Lisboa, Academia das Ciencias de Lisboa, s. a. (1915), cap. 41, 127, sempre será um dado ajuntar aos que releva A. J. Dias DINIS em «O Espólio do Infante D. Henrique. Subsídio para o seu Estudo» in *Colectânea de Estudos* (Segunda Série), 1951, 193-257. Quanto à poderosa e genealógicamente confusa família Gomes da Silva, são de consultar A. D. de Sousa COSTA, *Studio Critico e Documenti Inediti sulla Vita del Beato Amedeo da Silva nel Quinto Centenario della Morte*, Roma, Pontificium Athenaeum Antonianum, 1985, 111, 126 *et passim*; e H. C. Baquero MORENO, *Um aspecto da Política Cultural de Afonso V: A Concessão de Bolsas de Estudo*, Universidade de Lourenço Marques, 1970, 15-16; A. D. de Sousa COSTA, *Momumenta Portugaliae Vaticana*, I (Porto, Liv. Edit. Franc., 1968), XXII-XIII, LX-LXII, e IV (Braga, Edit. Franc., 1970), docs. nº 1000, 1280, 1516, pág. 132, 336 e 508, respectivamente, publica documentação relativa ao casamento de D. Beatriz de Meneses com A. Gomes da Silva. Por sua vez, Fr. Manuel da ESPERANÇA, *Historia Serafica...*, II, 10, 25, 420, que aproveita, uma vez mais, as «memórias» da Ínsua por Fr. João da Póvoa, sem que estas sejam aqui a sua exclusiva fonte, refere, sumariamente, o frustrado casamento de Gonzalo Mariño e a intervenção do arcebispo de Sevilha nesse sentido.

junto de obras que se mantêm quase inalterável em número (16-17) e qualidade, não parece ter possuído o texto bíblico completo..., o que seria já uma limitação ao seu conhecimento, mesmo pelas pautas de Fr. Lope... Da Sagrada Escritura possuíam, então em linguagem, as *Epístolas de S. Paulo* e os *Evangelhos*, estes, porém, talvez só depois de 1457 e, mesmo assim, uma e outra obra, *velhos... e bem velhos...* Juntamente com um destes exemplares dos *Evangelhos*, *exemplar velho e bem roto que quase nom tem começo*, andava uma *Vida de Cristo*. O *Vita Christi* de Ludolfo de Saxónia? Se assim fosse – duvidamos que Fr. João da Póvoa omitisse o nome de tal autor – seria a única referência a tal obra nestes inventários da casa de Leça. E, mesmo assim, poderá bem duvidar-se que estivesse completa. Mais tarde – por volta de 1509 – possuía-a impressa. O texto sacro – *hũa bibria muito boa* –, em latim, só o terão possuído em 1480, oferecido por Jorge Gonçalves, *cavaleiro de Lisboa e bõ christão...*, mas nesses dias já não era oferecido a S. Clemente das Penhas, mas, sim, ao recentíssimo convento de N^a S^a da Conceição de Matosinhos que lhe sucedeu... No entanto, para esse mesmo ano de 1474, com as precauções que, como dissemos, impõem as caóticas informações dos inventários, da Ínsua especialmente, a casa da foz do Minho que, curiosamente, parece ter sofrido uma (intri-

gante?) diminuição nas existências dos seus livros – passa de 38 obras para 21, o que parece traduzir-se igualmente na qualidade – conta com dois exemplares da Bíblia – um grande e outro pequeno – *de forma*, isto é, impressos, que à casa tinha oferecido Fr. João da Póvoa sendo provincial, embora o exemplar pequeno andasse a seu uso... Ora, Fr. João da Póvoa foi eleito pela primeira vez para o provincialato justamente em 1474, donde os inventários da Ínsua e de S. Clemente serem um dos primeiros resultados do cumprimento das suas funções... Datará a entrada desses volumes da *Bíblia* desse mesmo ano? É possível – a data do inventário a isso obrigaria –, mas se não tiver sido, podemos, de todos os modos, situá-la um pouco posteriormente, sempre, porém, à volta de 1474... Em qualquer caso, em 1491 já não se regista a *bíblia pequena*, pois, como era do seu uso, Fr. João da Póvoa tinha-a levado consigo... Teria ficado em Matosinhos, onde ele faleceu (1506)?

Sublinharemos a aparentemente prolongada ausência do texto bíblico completo em manuscrito contra a presença dum texto impresso que conferia uma outra facilidade à leitura que não iria sem incidências na sua lição? Talvez. No entanto, a livraria da Ínsua ficou apenas com um exemplar completo, o que, tendo mesmo em conta o reduzido número de moradores, não seria muito..., nem

um modo de insinuar a lição do texto bíblico na sua amplitude nem com as exigências de conhecimento que preconizava um Salazar y Salinas... Uma situação típica das livrarias das casas da Observância por meados do século XV? – Talvez não, pois sabemos que alguma outra casa teria mais... Essa *brivia de forma grande*, por exemplo, que Fr. João da Póvoa ofereceu à Ínsua tinha vindo donde não fazia falta, pois lá – o P. Póvoa não precisa mais – *estava sobeja*... De todos os modos, confrontadas as situações de reformas e observâncias de um e de outro lado da fronteira, apercebemo-nos como as dificuldades que obrigavam Fr. Lope de Salazar a ceder no cumprimento rigoroso de algumas normas para obviar à escassez de textos, parecem reproduzir-se aqui pelos mesmos anos... São as dificuldades do começar dos «novos» pobres..., pois não devemos esquecer que reformas e observâncias eram, para além de velhos anseios, muito recentes..., muitas das casas recentíssimas..., seguindo, apesar de «facilidades» que se iam insinuando, um *usus pauper* restritíssimo... e, por isso, não tinham nem tradições nem recursos comparáveis aos da «claustra»... Mas que sabemos hoje das livrarias – que suspeitamos ricas – dos claustrais?

Ainda no domínio do texto bíblico, Santa Maria da Ínsua possuía igualmente não só esse *Evangelho de S. João con sua glosa ordinária*

que bom trabalho dera a transportar a Fr. João da Póvoa, mas também uma *Paixão de Christo* e, em grande volume, uns *Autos dos Apóstolos* copiados por Fr. Vasco de Santarém que foi vigário da casa e ainda, impressa, uma *postilha dos Evangelhos e Autos dos Apóstolos...* E guardava – quer dizer, acabou por guardar ao fim de muitos anos – também algo que, até certo ponto, equivalia a muito do texto evangélico glosado – as quatro partes do *Vita Christi* de Ludolfo de Saxónia¹³⁰, isto para não falar

¹³⁰ Cremos de algum interesse anotar as existências destes exemplares das quatro partes do *Vita Christi* de Ludolfo de Saxónia, cópias feitas entre 1476 e 1494, datas redondas que, a julgar pelas variantes de datação com que se regista a sua existência nos inventários da Ínsua de 1474 e 1491, não deverão ser muito precisas, a menos que se trate de outros exemplares. Representariam estas cópias a tradução que virá a ser impressa em Lisboa em 1495, isto é, a tradução que iniciou um desconhecido monge [alcobacense?] e, a pedido da duquesa de Coimbra, D. Isabel, continuara Fr. Bernardo de Alcobça? – De qualquer modo, é muito interessante verificar que os observantes portugueses, não só os de S. Francisco de Xabregas, especialmente na pessoa de Fr. André, pregador da rainha D. Leonor, chamados a corrigir e a rever essa tradução, mas também os outros, como estes da Ínsua, se esforçavam por possuir a obra (Sobre a valorização cultural destes factos, pode ver-se F. Félix LOPES, *Lembranças Avulsas da Livraria do Convento de S. Francisco de Xabregas...*, ed. cit., pág. 14). Como se sabe, os dados referentes quer a esse Fr. André quer aos franciscanos de Xabregas estão tomados, respectivamente, da *Prohemial Epistola* e do colofón dessa edição de 1495 (conf. Ludolfo CARTUSIANO, *O Livro de*

desse *Libro de Infantia Salvatoris* que é, como se sabe – e o inventariador sabia-o –, um dos evangelhos apócrifos...

As *Vitae Patrum* do Pseudo-Jerónimo estão presentes, desde 1451, pelo menos, em S. Clemente e delas havia um volume impresso na Ínsua..., o que, apesar de tudo, parece ser uma presença muito tardia Não teria existido um manuscrito? Depois, convirá assinalar o *Flos Sanctorum*, desde sempre igualmente presente em ambas as casas Na Ínsua, porém, *em lingua-gem* [português? castelhano?] Em S. Clemente, o *Inventário* de 1457 não indica a língua em que estava o *Flos Sanctorum* que, então, possuía... Depois, no *Inventário* de 1474 Fr. João de Póvoa registará um *flos sanctorum storia lombardica* por ele próprio oferecido e que pela descrição (*em boom volume com tavao nova mui comprida...*) parece ser um impresso...¹³¹. A partir de 1474, pelo menos, na Ínsua, a *Scala Paradisi* de S. João Clímaco..., o *Livro do Abade*

Vita Christi em Lingoagem Português, Edição facsimilar e crítica do Incunábulo de 1495 cotejado com os Apógrafos por Augusto MAGNE, S. J., Rio de Janeiro, 1957 (I vol.) e 1968 (II vol.).

¹³¹ Se assim for, terá como outras que vêm no *Inventário* de 1474, entrado depois de 1481, isto é, nos anos em que os frades de S. Clemente já se tinham passado ao Convento de N^ª S^ª da Conceição de Matosinhos. Neste caso tratar-se-ia do Incunábulo (n^º 3) da Biblioteca Nacional de Lisboa.

*Isacc*¹³², as *Meditações e o Solilóquio* de Santo Agostinho (ou a ele atribuídos)..., as *Meditações* de S. Bernardo (seguramente que não eram suas)..., as *Collationes Patrum* de J. Cassiano..., uma *Doctrina [Juvenum?]* de S. Boaventura (?)¹³³ e o *Stimulus Amoris* que, então, lhe era atribuído... Se a Ínsua se distinguia por ter posuído em *notável volume* a *Vida de Fr. Barlaão e Josafat*..., bem como esse importante tratado da vida monástica que é o *Horto do Esposo*...¹³⁴ e ainda, em linguagem também, o *Castelo*

¹³² Também aqui seria de muito interesse conhecer a tradução que utilizavam. Seria em português? Em português, em letra do século XV, corria uma tradução incompleta (A.N.T.T Cód. Alcob. CCLXX) que M. MARTINS estudou («O Livro do Desprezo do Mundo de Isaac de Ninive, em Linguagem», in *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, Livraria Cruz, 1956, 201-211).

¹³³ Tratar-se-ia da *Doctrina Iuvenum* que é a autêntica *Regula Novitiorum* de S. Boaventura ou da *Doctrina Morum pro Novitiis* [ou *Speculum Disciplinae ad Novitios*] de Fr. Bernardo de Besse? (conf. Balduinus DISTELBRINK, *Bonaventura Scripta*..., 52 e 193).

¹³⁴ Esta obra tão importante para conhecer os ideais monásticos e culturais em que monges e frades se reviam, relativamente frequente nas bibliotecas portuguesas como assegura M. MARTINS no seu estudo «À Volta do *Horto do Esposo*» in *Estudos de Literatura Medieval*..., ed. cit., 423-446, em que defende a sua originalidade portuguesa (pág. 426), encontra-se editada e estudada nas suas fontes por Bertil MALER, Rio de Janeiro, 1956 [Irene Freire Nunes, em colaboração com Helder Godinho, ofereceu uma nova e cuidada edição do *Horto do Esposo* (Lisboa, Ed. Colibri, 2007)].

*Perigoso...*¹³⁵, registados em 1474, S. Clemente das Penhas, pelas mesmas datas, guardou, por algum tempo, as *Revelações* de Santa Brígida...¹³⁶ e uma precisa *Forma Novitiorum* (*Formula Novitiorum* de David de Augsburg?) que passava por ser de S. Boaventura...¹³⁷, obra que só aparece no oratório da foz do rio Minho em 1491... Tinha esse exemplar pertencido a Fr. Gil de Guimarães e Fr. João da Póvoa di-lo, como já lembrámos, *mui proveitosa leitura...*

A estas que seriam, para ambos os oratórios franciscanos, as principais obras de *lectio spiritualis* propriamente dita, poderíamos juntar alguns títulos especialmente indicados para confesores – um *Viridario...*, um *Vergel de Consolação*¹³⁸, existente em ambas as livrarias –,

¹³⁵ Ofereceria esta obra a mesma lição que o *Livro que se chama Castelo Perigoso*, que faz parte dum conjunto de tratados cartuxos da B. N. Lisboa (*Alcob.* 199) e que estudou o P. M. MARTINS nos seus citados *Estudos de Literatura Medieval...*, 159-182? [Do referido códice há preciosa edição crítica por Elsa M. Branco da Silva, Lisboa, Ed. Colibri, 2001].

¹³⁶ Dissemos «por algum tempo», pois o volume que pertencia a Fr. Jácome, galego, foi devolvido a seu dono.

¹³⁷ B. DISTELBRINK, *Bonaventura Scripta...*, 111, 113, 116.

¹³⁸ De novo, dois dos «títulos vagabundos» de códices medievais, para utilizar uma feliz expressão com que M. MARTINS inicia o seu estudo do *Vergel da Consolação* que guarda o Códice *Alcob.* CCXLIV/211 da B. N. L. (*Estudos de Literatura Medieval...*, 60-73); deve atender-se que o *Vergel da Consolação*, com uma introdução que completa, em algum ponto, o trabalho de M. Martins,

os sacramentais, com especial relevo para o de Clemente Sánchez (de Vercial) arcediogo de *Valdeiras...*, igualmente presente em S. Clemente e na *Ínsua*, e obra por que Fr. João da Póvoa tinha especial apreço, pois não só a classifica, como vimos, de *mui proveitosa leitura pera confessores*, mas também a tinha ele próprio comprado e oferecido à casa de Leça... Dentro deste campo conviria recordar ainda o *Penitencial* de Martín Pérez, também conhecido por *Pobre Livro das Confissões...*¹³⁹ de que a *Ínsua* guardava a versão castelhana, isto é, os *Ciento y dos Capítulos del Libro de Martín Pérez...* ou, talvez, mais precisamente, *El Libro de las Confesiones*¹⁴⁰. A registar

foi editado por Albino de Bem VEIGA, Baía, Livraria do Globo, s.a., (1959).

¹³⁹ Sobre esta obra, especialmente utilizada pelo rei D. Duarte no seu *Leal Conselheiro* pode ver-se a edição que dela preparou M. MARTINS, *O Penitencial de Martín Pérez em Medieval-Português*, Lisboa, 1957.

¹⁴⁰ M. MARTINS, *O Penitencial de Martín Pérez...*, ed. cit., pág. 10, e, principalmente, A. GARCÍA Y GARCÍA e Jesús M. MÚGICA, *O «Libro de la Confesiones» de Martín Pérez* in *Itinerarium*, XX (1974), 137-151, em que se dão notícias dos vários códices da obra e do seu estado e completude, lugar de composição – tudo parece apontar para o reino leonês –, identidade do autor, etc., e se completam, corrigindo-os em algum aspecto, os estudos de M. Martins; para outras questões levantadas pela obra será sempre de consultar A. GARCIA Y GARCIA, *Estudios sobre la Canonística Portuguesa Medieval*, Madrid, F.U.E., 1976, 201-217. De todos os modos cremos que este dado revelado pelo inventário da *Ínsua*, ainda que tardio, pode ajudar a

ainda serão algumas «sumas de casos», como o *Supplementum...* do franciscano de Santa Maria degli Angeli, Nicolau de Ausmo (Auximo)..., a *Angélica* desse importante observante que foi Ângelo de Clavasio, (uma e outra impressas) e, como indício de uma evolução verificada na orientação de S. Clemente, talvez até como prefácio da sua transformação em convento, não só a renovação da sua biblioteca pela substituição de exemplares cansados por outros novos, mas também a presença de um *Donato*, isto é da *Ars Minor...*, de uma *Ars Predicandi* (= *De Arte Praedicatoria*, ca. 1199) de Alain de Lille... um *Leonardo Deutino*, quer dizer, um volume dos *Sermones Quadragesimales de Legibus* de Leonardo Mathaei de Utino¹⁴¹, que ao lado dos

confirmar a difusão da obra e a interrogamo-nos sobre a lição que nesse ms. estaria representada.

¹⁴¹ Será interessante anotar que, por esta época, também o Beato Amadeu da Silva procurava esta mesma obra para a livraria do seu convento de Santa Maria della Pace, em Milão, como assinala, no mais documentado e mais preciso estudo biográfico e visão de conjunto até hoje dedicado ao célebre reformador franciscano, A. D. de Sousa COSTA, *Studio Critico e Documenti Inediti sulla Vita del Beato Amedeo da Silva nel Quinto Centenario della Morte*, in *Noscere Sancta. Miscelanea in memoria di Agostino Amore, OFM (†1982)*, a cura di Isaac Vasquez Janeiro, OFM, Roma, Pontificium Athenaeum Antonianum, 1985 226. Como veremos, o convento da Conceição de Matosinhos, herdeiro do Oratório de S. Clemente, guardava, por estes dias, outras obras deste autor.

velhos *Sermonários* e do *Mestre das Sentenças* poderiam sugerir já alguma abertura aos «estudos», mesmo se limitados pelo espírito um tanto anti-intelectualista das observâncias ainda pelos meados do século, da *Grammatica...*, da pregação..., e da teologia moral..., estudos que, em 1456 teriam começado em Alenquer e em Leiria¹⁴², e de que S. Francisco de Xabregas será, pela sua situação junto à corte, o centro por excelência, o que, necessariamente, se traduziu na sua grande livraria...

Deixamos, expressamente, para último lugar as referências aos textos franciscanos existentes em ambos os oratórios. Naturalmente, os dois guardavam, em melhor ou pior estado, em latim ou em linguagem (em português, provavelmente) a *Regra* (ou as *Regras*) e as *Constituições (Estatutos)* da Ordem. Como todos, necessariamente? Por vezes, temos a sensação que nem todas as casas possuíam esses documentos basilares ou, então, que deles não possuíam exemplares

¹⁴² Fr. Fernando da SOLEDADE, *Histórica Serafica...*, III, 2, 1, 141, indica que os primeiros leitores da Observância em Portugal foram instituídos em Alenquer e Leiria em 1456..., 74 anos depois dos começos da reforma observante..., o que parece remeter tal começo para 1382..., isto é, para dez anos antes dos esforços de Fr. Diego Arias e Fr. Gonzalo Mariño... e das respectivas autorizações pontificias. Mais correcto seria, talvez, dizer 64 anos... Erro de conta, da cópia ou desconhecimento nosso de qualquer outro referente histórico a que recorria o cronista franciscano?

em razoável estado de conservação e utilização. Doutro modo, como se explicará que um *livro velho* com a *Regra* em latim e os *Estatutos* de Barcelona *em lingoagem...*, tivesse sido, juntamente com outro (se não o mesmo) contendo, igualmente *em lingoagem*, a *Regra* e o *Testamento* e (de novo) os *Estatutos* de Barcelona, feito (também traduzido?) por Fr. João da Póvoa e pelo francês Fr. Paulo († 1487), oferecido, pela casa da Ínsua, a Santo António de Ponte de Lima, porque Fr. Tristão de Penacova tinha, desses textos, feito novas cópias em 1493? Em qualquer caso, o que conservavam seria a *Regra* de S. Francisco, certamente a dita «bulada» (1223), juntamente com os documentos pontifícios que, face a interpretações e polémicas, tentavam, algumas vezes com certa violência, explicitá-la. Fr. Lope também manejava alguma dessa documentação. O oratório de Leça possuía ainda um exemplar da 3ª *Regra* de S. Francisco que devemos entender essa pela qual se regiam os penitentes seculares que pertenciam à «ordem terceira», grupo que naturalmente era apoiado pelos franciscanos¹⁴³. E tanto S. Clemente das Penhas como a Ínsua possuíam, em exemplares

¹⁴³ G. G. MEERSSEMAN, *Ordo Fraternalitas. Confraternite e Pietà del Laici nel Medioevo*, Roma, Herder Editrice, 1977 (3 vols.), especialmente 1, 355-449; e do mesmo autor, *Dossier de l'Ordre de la Pénitence ou XIIIe siècle*, Fribourg, Edits. Universitaires, 1982.

velhos e rotos..., cópias dos *estatutos antigos...*, indicação interessante que, porém, não permite identificação segura... Poderia tratar-se quer das *Constitutiones Narbonensis* (1260)..., quer das *Constitutiones* impostas por Benedito XII (1336)..., quer dos chamados *Statuta Farinare-niana* (1354)..., quer ainda das *Constituiciones Martiniana* (Assis, 1430)... De todos os modos, e sabemos-lo por referência explícita do *Inventário* de 1474, na Ínsua, possuíam as *Constituições* aprovadas no capítulo geral de Barcelona em 1451...¹⁴⁴, texto que naturalmente também possuiriam as outras casas¹⁴⁵, alguma vez acompa-

¹⁴⁴ À reunião capitular de Barcelona (1451) assistiu, como vigário provincial da Observância portuguesa, Fr. Rodrigo de Arruda, juntamente com Fr. Gil de Guimarães, Fr. Vicente e Fr. Diogo de Basto (*Catálogo dos Vigários Provinciais da Observância...* in A. Magalhães BASTO, *Memórias Soltas e Inventários...*, 43). F. Félix LOPES, no seu já tantas vezes citado trabalho, *Lembranças Avulsas da Livraria do Convento de S. Francisco de Xabregas...*, II, inclina-se para que Fr. Rodrigo tenha mandado copiar e traduzir esses *Estatutos*.

¹⁴⁵ A ausência de referências a textos legislativos em algum inventário não deveria, em princípio, cremos, significar a sua inexistência. E afirmámo-lo ao notar que em S. Clemente das Penhas se regista, em 1457, *hum livro de pergaminho que contem as constituiçãoens e a Regra...*, obra que, pelo menos quanto às *Constituições* não aparece no *Inventário* de 1474...; situação idêntica se verifica na Ínsua onde, em 1474, se registam a *Regra, Constituições, Bulas Exiit qui Seminat e Exivi de Paradiso*, textos a que se não faz qualquer referência em 1491... Antes de pensar

nhado não só de documentos pontifícios, mas de outro tipo de comentários – ditos de doutores..., *exemplo...* As referências de S. Clemente das Penhas a textos que andavam juntos à *Regra* poderão ir precisamente nesse sentido.

Para além da *Regra* (ou *Regras*) de S. Francisco, de outros escritos do santo Fundador – car-

no seu desaparecimento, devemos perguntar-nos pelo estado dos inventários, pois estes, em qualquer dos casos, não estão completos nem cronologicamente ordenados..., ainda que, por vezes, revelem preocupações – localização de livros que andavam fora..., empréstimos..., anotação do estado e da qualidade da obra..., etc. – que poderiam fazer supô-los imelhoráveis. Aliás, como teremos ocasião de ver, livros houve que, por qualquer razão, não foram registados... No entanto, estas razões de prudência não podem fazer esquecer casos como o de Santo António de Ponte do Lima onde, como já referimos, a existirem, tais textos estariam em tal estado de conservação que até os velhos exemplares da Ínsua lá serviam. E mesmo que, na fé de que a observância franciscana era ainda, por esses dias, uma realidade verdadeiramente «reformada» – questão não absolutamente indiscutível para muitos membros da Ordem –, não possamos aplicá-lo a esses observantes frades regidos por um Fr. João da Póvoa ou por um Fr. Gomes do Porto, recordemos o que, em 1467, aos beneditinos de Paço de Sousa lembrava, com a veemência que lhe ditavam a sua piedade e o seu zelo reformador contrariado pelos seus monges, o abade Fr. João Álvares: *vós sabees como, ao tempo que eu cheguey a esse moesteyro, hy nom avia nêhũu livro da regra de Sam Beento em nossa lingoa nem tam somente hũu de vós outros, monges nom sabia cousa nêhũua da regra...* in *Obras...*, ed. de Adelino de Almeida Calado, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1960, II, 94.

tas..., orações..., conselhos..., ofícios... – apenas possuíam o *Testamento* de 1226 que na Ínsua se regista em 1474..., talvez, até, em tradução..., embora gostássemos de ter a certeza de que aquele *Trauto das Virtudes* que vem no *Inventário* de S. Clemente de 1457 se poderia identificar com as *Admonitiones* de S. Francisco...

Não há referências, como havia nos escritos de Fr. Lope, a «crónicas» velhas ou novas do santo de Assis e dos seus primeiros companheiros..., mas há a presença de uma obra assinalável que, até certo ponto, as supre – o *Floreto de S. Francisco*. Vem inventariado em S. Clemente das Penhas e em Santa Maria da Ínsua e, como veremos, existia em outras casas, tal como deverá ter existido, quase seguramente, nas livrarias da Custódia de Santa Maria de los Menores nos tempos em que Fr. Lope escrevia...

4. SUPLEMENTO DE «EXTRAVAGANTES» E «DISPERSOS (LIVROS E BIBLIOTECAS)

Mas, antes de tecer sobre essa obra – o *Floreto de S. Francisco* – o comentário que julgamos merecer, poderemos ainda perguntar-nos se as lacunas que parecem ter existido terão exactamente a extensão que essa ausência de algumas obras levaria a suspeitar... Com efeito, não é só o *De Conformitate* que não vemos regis-

tado nessas bibliotecas..., mas também algumas das primeiras biografias de S. Francisco – Fr. Lope conhecia e fazia ler essa *Corónica antiga* que podemos supor próximo (se não preferirmos dizer integrando) do *Speculum Perfectionis*, pelo menos –, e ainda, igualmente, um *Arbor Vitae Crucifixae* de Ubertino... É certo que alguns livros, como assinalámos na esteira das indicações dos próprios inventários, eram emprestados..., outros eram oferecidos a bibliotecas mais carenciadas..., outros perdiam-se pelos encadernadores..., outros ainda foram devorados pelos ratos... – de tudo há exemplos –, mas, de um modo geral, as suas existências constavam dos respectivos inventários... Tudo isto deverá alertar-nos para um facto muito simples: os inventários não oferecem a situação real das livrarias da Ínsua e de S. Clemente das Penhas entre, digamo-lo assim imprecisamente, 1452 e 1491. Uma ideia mais aproximada poderia ser obtida se dessas listas retirássemos os livros cujas entradas são posteriores às datas que encabeçam os inventários. Contudo, o registo dessas entradas anteriores ou posteriores permitem, de certo modo, verificar a vida dessas bibliotecas, isto é, como foram crescendo ou diminuindo... e, assim, datar com alguma segurança o momento em que os livros entraram na casa e estiveram ou deixaram de estar, virtualmente, pelo menos, à disposição dos leitores...

Ora, foi possível verificar que, por qualquer motivo, algumas obras pertencentes, à data dos últimos inventários, às duas livrarias de que vimos, fundamentalmente, tratando, não foram registadas... Com efeito, precisando um pouco melhor, pudemos localizar um conjunto de obras – digamo-las «extravagantes» – que diz respeito a entradas muito posteriores à data do último *Inventário* conhecido de S. Clemente das Penhas (1474) e ligeiramente posteriores ao ano do derradeiro rol de Santa Maria da Ínsua (1491). No entanto, apesar de um aparente anacronismo, pensamos devemos tê-las em consideração, pois esses mesmos inventários, especialmente os de 1474 (Ínsua e S. Clemente) e o de 1491 (Ínsua), o autorizam quando registam, como já tivemos ocasião de assinalar, objectos e livros entrados em anos posteriores... No oratório de Matosinhos, recordemos, inclui-se, por exemplo, no *Inventário* de 1474, *hum solene missal de Frandes* oferecido em 1484..., *hum capituleiro com salteiro* que, recuperado na Ilha da Madeira, Fr. João da Póvoa doou ao, já então, convento da Conceição em 1486..., *hum dominical cantado bem aviado* por Fr. Álvaro de Córdova em 1487, e até *hum supplemmentum summae pisanellae* de Nicolau de Ausmo que entrara, sabemos-lo agora, em 1491... quer dizer, registam-se obras entradas posteriormente a 1474, mas também posteriores à passagem

dos frades de S. Clemente para o Convento da Conceição de Matosinhos (1481). E também em 1474, na Ínsua, apontam-se por exemplo, *hum pedaço de hum missal cantado que fez Fr. António do Porto ano 1490...*, *hum nobre missal de forma que deu o bispo do Porto D. João de Azevedo em 1497* e, finalmente, em 1491, aparece um *passionário* escrito em 1492..., uma *Regra e Estatutos* copiados em 1493... e até uma determinação de 1513 para que um *breviário grande* não possa sair da casa...

A fonte desta informação sobre esses que dizemos «extravagantes» são os «pertences» de alguns impressos do século XV que, outrora nas livrarias da Ínsua e de S. Clemente das Penhas, se guardam hoje na Biblioteca Nacional de Lisboa e, como tal, vêm descritos no seu recente *Catálogo de Incunábulo*s. Deste modo, foi possível completar esses inventários com mais dezoito títulos que sabemos terem pertencido a essas bibliotecas nos finais do século XV e nos começos do século XVI. Como data limite a reter, através das informações datadas desses «pertences», para esse conjunto de obras, impusemo-nos 1506-1507, isto é, o ano da morte de Fr. João da Póvoa (†1506) – autor dos inventários e de muitas das notas neles apensas... e grande benfeitor dessas livrarias – ou o ano seguinte. Com efeito, alguns dos «pertences» datados de 1507 bem poderiam

ter sido apostos em livros por que ainda se interessara..., comprara ou cuidara..., tal como escrevera muitos. Alguns desses volumes levam até a indicação de por ele terem sido usados ou procurados para essas casas¹⁴⁶.

Pelo que diz respeito à Ínsua apenas podemos saber que, em 1489, aí se cuidou preciosamente de um *Mammotrectus Super Bibliam*, Veneza, 1479, a célebre obra do franciscano J. Marchesinus e que, em 1492, possuía a *Arbor Vitae* de Ubertino da Casale na edição – aliás única – de 1485 (Veneza, Andrea Bonetti). É, esta última, uma informação apreciável, pois, até agora, quase todas as notícias nos remetiam para o exemplar que fora de S. Francisco de Xabregas (INC. 726 B.N.L.)¹⁴⁷ e que nos atesta, juntamente com o exemplar de Santa Cristina e o de Alenquer, a atenção concedida por parte dos observantes portugueses – Fr. João da Póvoa possuía-a desde 1488 – a essa obra polémica¹⁴⁸

¹⁴⁶ Estas notas de posse – «pertences» – serão publicadas em Apêndice (II) juntamente com a lista dos respectivos «livros extravagantes».

¹⁴⁷ F. Félix LOPES, *Lembranças Avulsas da Livraria do Convento de S. Francisco de Xabregas...*, 53.

¹⁴⁸ Para além destes exemplares (4) conhecemos mais três conservados actualmente: dois na B.P.M. do Porto: INC. 234 e 235 (Conf. Narciso de AZEVEOO, *Indicação Sumária dos Incunábulo da Biblioteca Pública Municipal do Porto*, Porto, 1988, 52); o exemplar nº 235 não traz qualquer marca de posse, mas traz, como portada, uma belíssima gravura a toda plana do gravador francês Th.

em que, aliando, numa tentativa de síntese, S. Boaventura a Joaquim de Flora e a Pierre de Jean Olivi, o seu autor nos apresenta *un'imponente vita di Gesu coronata da un comento all'Apocalisse volto al interpretare l'intera storia della Chiesa, ma riferito in particolare alle vicende comprese tra la fondazione dell'ordine francescano e gli anni di stesura del libro*¹⁴⁹.

de Leu (1562-1620) que como também assinalou A. H. da Silva Carvalho, em *Incunábulo da Real Biblioteca Pública-Municipal do Porto*, Porto, 1904, 37, aí foi colocada por algum dos seus antigos possuidores; o exemplar n.º 234 contém, depois do 'colofon' esta nota: *Este lyvro deixou a senhora Iffante nossa senhora p. seu falicimento ao m.ro de jhc.* que, como igualmente indica A. H. da Silva Carvalho na obra citada (pág. 37), deverá referir-se à Infanta D. Joana de Portugal, filha de Afonso V e vivendo (1472-1490) no Convento de Jesus de Aveiro, casa a quem deixou todos os seus bens; e outro exemplar na B.P.A.D. de Évora: INC. 248 – (conf. Isabel CID, *Incunábulo da Biblioteca Público e Arquivo Distrital de Évora, Catálogo Abreviado*, Évora, 1988, 37). A Biblioteca da Sé de Braga possuía igualmente um exemplar desta obra como se regista no respectivo inventário de 1612: n.º 46 (conf. P. Avelino de Jesus COSTA, *A Biblioteca e o Tesouro da Sé de Braga. Séculos XV a XVIII* Braga, 1984, 84). Estes oito exemplares parecem sugerir uma mais larga difusão da obra entre nós.

¹⁴⁹ G. Luca POTESTÀ, *Storia ed Escatologia in Ubertino da Casale*, Milano, Pubblicazioni della Università Cattolica, 1980, 15. Convirá chamar a atenção para esse preciso comentário da *Arbor Vitae* de Ubertino que é a magna obra de Marino DAMIATA, *Pietà e Storia nell'Arbor Vitae di Ubertino da Casale*, Firenze, Ed. «Studi Francescani», 1988.

Grande fundamentador e, por isso, bom representante da espiritualidade dos franciscanos ditos, por genérica comodidade, «espirituais», aponta, escatologicamente, sobretudo no livro V da *Arbor Vitae*, a um «tempo de paz e de pobreza» que, nos fins do século XV, deveria ser sumamente grato aos mais fiéis ao espírito inicial da Observância¹⁵⁰, embora a obra, entre

¹⁵⁰ E, no entanto, essa atenção parece apenas garantida pelo texto impresso, pois não há nos *Inventários* referências que atestem uma tradição ms. da *Arbor Vitae*. Quase diríamos que esses exemplares da edição veneziana de 1485 insinuam como que uma «descoberta». Teria sido exactamente assim? Mas sabemos que já foi, com justeza, ponderada a importância do papel que, num momento de atenuação por Sisto IV das tradicionais condenações dos escritos dos «espirituais», a imprensa desempenha na sua divulgação, incluindo, com particular incidência, a «*Arbor Vitae*» de Ubertino (conf. R. RUSCONI, «La Tradizione Manoscritta delle Opere degli Spirituali nelle Biblioteche dei Predicatori e dei Conventi dell'Osservanza» in *Picenum Seraphicum* 12 (1975), 63-137 (esp. 71). De qualquer modo, a tradição ms. da obra de Ubertino em Portugal parece reduzir-se a um esplêndido códice da B. N. de Lisboa (11. 81-82) cuja história não conseguimos fixar. Note-se, porém, que Fr. Lope de Salazar também não parece nomear o autor da *Arbor Vitae*, pois a única referência que faz a *Ubertino* (*Memoriale Religionis*, XIV) indicará, talvez, Uberto de Romans, O. P., autor que recomenda vivamente.

A história da fortuna e influência de Ubertino da Casale na Península Ibérica que P. SAINZ RODRÍGUEZ suspeitava de *grande* (*Espiritualidad Española*, Madrid, Rialp, 1961, 85), resta, cremos, por fazer. R. RUSCONI, «La Tradizione Manoscritta delle Opere degli Spirituali...», in

nós, se tenha tornado essencialmente, o que de nenhum modo deve entender-se como exclusivamente, um texto inspirador de muitos, como Jorge da Silva¹⁵¹, que no século XVI meditavam sobre a humanidade de Cristo sofrente.

Para S. Clemente das Penhas, agora já transferido sob a auréola das grandezas de convento – Nossa Senhora da Conceição – para Matosinhos podemos encontrar um *Catholicon* de Giovanni de Balbi da Genova na sua edição de Lyon de ca 1486 e pertencente, desde 1489, ao uso de Fr. João da Póvoa. Esta obra – léxico bíblico e epítome gramatical –, alvo de tantas críticas humanísticas, com Nebrija, peninsularmente, à frente, confirma-nos, no entanto, um certo interesse pela *Grammatica* de que já nos apercebêramos nessa casa, então. E, por isso, será interessante vê-lo complementado não só por aquele *hum Donato*, isto é, como esclarece o *Inventário* de 1474, o *De Octo Partibus Orationis*, quer ainda dizer a *Ars Minor...*, mas também por aquela inventariada *De Arte Predicandi* do cisterciense Alain de Lille... Em

Picenum Seraphicum, 12 (1975) 79-80, acena igualmente a essa história que só terá a ganhar quando confrontada com os dados que fornece o ilustre Mestre para outras áreas culturais europeias.

¹⁵¹ Pensamos ocupar-nos deste assunto num próximo estudo em que abordaremos a obra – poesia e prosa – de Jorge da Silva.

domínios muito vizinhos – arte de pregar..., *exempla... eruditio* – mas já com outra elaboração constatámos possuíam o *Liber Discipuli de Eruditione Christifidelium*, Basileia, 1489 (?), de J. Herolt e, na mesma linha, reiterando, uma vez mais, esse interesse que as obras mais didácticas nos indiciavam, encontrámos, com a confirmação do seu «pertence» por Fr. João da Póvoa em 13.VII.1490, uma *Summa Praedicatorum*, Basileia, 1484 de Johanes de Bromyard, que fora de Fr. João de Aguiar. A Ínsua, unicamente com uma *Ars dictaminis* que não pudemos identificar, parece ter andado mais longe destes interesses e dessa mínima preparação que supõem...

As outras obras situam-se, na sua maioria, nessa vasta e nem sempre perfeitamente definível área do sermão penitencial..., da canónica..., das sumas «de casos» e ainda do comentário bíblico. Encontrámos, com efeito, do franciscano Roberto Caracciolo¹⁵², uns *Ser-*

¹⁵² Sobre R. Caracciolo (Roberto de Lecce, 1425-1495), célebre pregador franciscano imitador de S. Bernardino de Sena e personagem de importante protagonismo nos confrontos entre a Comunidade e a Observância a meados do século XV, é de consultar o artigo de Zelina ZAFARANA, in *Dizionario Biografico degli Italiani* (XIX), Roma, 1976 e reproduzido na colectânea dos seus principais estudos – *Da Gregorio VII a Bernardino de Sena Saggi di Storia Medievale*, 403-409; Raul MORDENTI in *Intr. às Opere in Volgare* de Roberto Caracciolo (a cura di Enzo ESPO-

mones *Quadragesimales de Peccatis*, Veneza, 1490, comprados para uso de Fr. João da Póvoa...; roborando um interesse por um autor de quem já assinalámos outra obra (*Sermones Quadragesimales de Legibus*) no *Inventário* de 1474, uns *Sermones de Sanctis*, Vicenza, 1480, de Leonardo de Utino, oferecidos pelo bispo do Porto, D. João de Azevedo a Fr. Álvaro de Córdoba, personagem bem conhecida dos inventários de S. Clemente e da Ínsua...¹⁵³; e

SITO), Galatina, Congedo Ed., 1993, apresenta, além de uma precisa «Nota Biobibliográfica», um «Contributo per un Repertorio delle Opere a Stampa» do mesmo autor (pág. 50-66), tratando dos *Sermones Quadragesimales de Peccatis* (pág. 59-60), conjunto que culmina com uma cuidada bibliografia. Sobre as críticas de Erasmo ao seu estilo v. E. V. TELLE, «En Marge de l'Éloquence Sacrée au XV-XVI Siecle», in *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance*, 48 (1981), 449-470.

¹⁵³ O bispo D. João de Azevedo, sempre por intermédio de Fr. Álvaro de Córdoba, não só ofereceu ao convento de N^a Senhora da Conceição de Matosinhos estes livros, mas ainda à Ínsua *hum grande missal de forma... com hua arca grande chea de livros de latim de muitas cousas ano 1493...*, isto é, segundo o *Inventário* de 1491, antes de viajar a Roma donde veio para renunciar à diocese em 1495. D. Rodrigo da CUNHA no seu *Catálogo dos Bispos do Porto*, Porto, João Rodrigues, 1623, II.P., XXI, 265-269, ocupa-se, naturalmente, deste prelado, embora desconheça, por exemplo, a sua renúncia à mitra. De todos os modos, quanto à sua livraria, informa que o bispo a deixou ao Cabido, dado que não podemos controlar. Toda, de qualquer modo, não foi, pois há estas ofertas à Ínsua e à Conceição de Matosinhos, mesmo depois de

ainda uns *Sermones de Tempore et de Sanctis cum Quadragesimale*, Estrasburgo, 1489, de J. Nider que pertenceram a Fr. António do Porto, frade grande «escritor» de livros e que da

ter passado a residir com os Padres Lóios em S. Bento de Xabregas onde veio a falecer em 27.6.1517. Eugénio de A. da Cunha e FREITAS, *O Convento Novo de Santa Maria da Consolação (Padres Lóios)*, Porto, Gabinete de História da Cidade, s.d. (1947), traz (116-117) uma breve, mas precisa, nota sobre esta figura com algum relevo na vida portuguesa dos tempos de D. João II.

Sobre Fr. Álvaro de Córdova, Fr. Manuel da ESPERANÇA, *História Serafica...* II, 10, 42, revela-nos o seu grande empenho e actividade na fabrica do convento de N^a S^a da Conceição, ao mesmo tempo que traça um breve semblante espiritual deste frade «castelhano» (possivelmente andaluz, como sugere que se chamasse «de Córdova»): *era homem de notoria virtude, amado e respeitado dos príncipes, muito industrioso... teve graça de roubar os corações...* (476-477), traço este que documenta com muitas e quantiosas esmolas que lhe davam... E nós podemos comprová-lo, desde o nosso ponto de vista, pelos livros que trouxe para a Ínsua e Matosinhos..., onde foi o guardião (era-o, por exemplo, em 1484, como se vê no *Inventário* de S. Clemente de 1474) e onde mostrou o seu amor aos livros, atestado, por exemplo, por aquele *missal cantado* em pergaminho, escrito por Fr. Francisco de Sevilha, e que ele *aviou muito hem...* Contudo, para fugir aos grandes louvores que lhe teciam pelas obras da Conceição de Matosinhos, foi-se esconder na Ínsua donde nunca *mais saiu, se não na morte para o ceo...* (*id.* II, 10, 45, 485). Faleceu depois de 1518, como afirma Fr. Manuel da Esperança, ou em 1506-1507 como parece deduzir-se da declaração de Fr. Nicolau de Lisboa aposta nos *Sermones de Sanctis* (Vicenza, 1480) de Leonardo de Utino (B.N.L., INC. 1151)? Apesar de tudo, é mais fiável esta última data.

«claustra» passara à Observância...¹⁵⁴. Ao lado destes sermonários apontemos ainda outro, de fins mais práticos, de Ambrósio de Spiera, *Quadragesimale cum Floribus Sapientiae*, Veneza, 1476, que também registou, porque, talvez, o tenha ele próprio oferecido à casa, Fr. João da Póvoa em 1488.

No campo do *commentus super Bibliam* quer do Novo quer do Velho Testamento apontemos, ainda que um pouco imprecisamente aqui, um *Vita Christi*, Estrasburgo, 1474, de Ludolfo de Saxónia, que oferecera em 1509 que boa falta fazia aos frades para substituir aquela *Vida de Cristo*, velha e rota (e seguramente incompleta) registada no inventário de 1474, o bispo D. João de Azevedo; a *Postilla Super Epistolas et Evangelia*, Lyon, 1493, de Guilherme Parisiense, livro que pertencera a Fr. Pacífico de Matosinhos, e um *Commentum in Psalmos*, Valencia, 1484, de J. Pérez de Valencia, livro também oferecido por D. João de Azevedo a Fr. Álvaro de Córdoba. E quase como um complemento, um Eusébio de Cesareia, *Historia Ecclesiastica*, Mantova, 1479, que igualmente viera do paço episcopal através do mesmo Fr. Álvaro...

A canonística penitencial estava representada, neste núcleo de obras «extravagantes» por

¹⁵⁴ Efectivamente, Fr. João de Póvoa registou no *Inventário* de 1474 *hum missal votivo* que, em 1478, fez Fr. António de Porto *quando se veio da crasta em 1477...*

referência ao último inventário, pelo *Supplementum Summae Pisanellae*, Veneza, 1481, de Nicolau de Ausmo, mas havia um outro exemplar registado nesse *Inventário* de 1474 e que fora «procurado» por Fr. João da Póvoa. A Biblioteca Nacional de Lisboa conserva os dois exemplares, ambos com a nota de «pertence» aposta pelo grande provincial, mas cremos não ser possível saber hoje, com segurança, qual o que vem registado no *Inventário*... Possivelmente o que Fr. João da Póvoa integrou na biblioteca em 13.VII.1490 por morte de Fr. João de Aguiar (INC. 688), pois o outro exemplar (INC. 667) só aí terá entrado em data imprecisa de 1491. E nesta mesma ordem, registemos, finalmente, uns *Opuscula* de S. Tomás de Aquino na impressão de Veneza, 1498, que pertenceram a Fr. Pacífico...

Recordaremos ainda, noutra direcção, isto é, na de uma erudição mais civil, as *Epistolae*, Veneza, 1473 (?), do grande humanista Francisco Filelfo, que, se conheceramos melhor a livraria dos franciscanos da Conceição de Matosinhos no século XVI, poderia ser um indício de interesses mais humanísticos... Como teriam aí chegado – e como leriam – essas cartas desse *libelista aspro e senza freni*... que *riflettono tutto un mondo anche se spesso deformato dall'avidità, dall'ambizione, dall'astio dell'autore*? À mesma interrogação, ainda que

um pouco mais matizada, dado o carácter mais «tradicional» da obra – fonte de *exemplo* para pregadores – poderia responder a existência de uns *Facta et Dicta Memorabilia* (Veneza, 1487) de Valério Máximo¹⁵⁵. Curiosamente, porém, as indicações que possuímos sobre outros impressos quatrocentistas nessa livraria entrados mais tarde, alguns mesmo nos meados de Quinhentos, se alguma conclusão permitissem, não iria possivelmente nesse sentido¹⁵⁶.

Creemos terá algum interesse juntar a estes dados algumas notícias, mesmo se dispersas,

¹⁵⁵ E. GARIN, *Prosatori Latini del Quattrocento*, Milano-Napoli, R. Ricciardi Editore, s.a., 491. Pedro M. CÁTEDRA nesse *opus magnum* sobre a pregação medieval (e não só...) que é o seu *Sermón, Sociedad y Literatura en la España Medieval. San Vicente Ferrer en Castilla (1411-1412). Estudio Bibliográfico, Literario y Edición de los textos inéditos*, Junta de Castilla y León, 1994, aponta alguma ocorrência dessa utilização de Valério Máximo (pág. 208).

Em Apêndice (II) publicaremos a lista dos «livros extravagantes» que, embora tivessem podido ser registados, tal como outros seus contemporâneos, nos inventários, não o foram e constituem o núcleo formado por alguns dos incunábulo hoje na B. N. Lisboa. Em tal lista incluímos alguns cuja entrada só indirectamente é possível datar, como, por exemplo, um ou outro dos que foram oferecidos a Fr. Álvaro de Córdova († 1507) ou algum dos que foram do uso de Fr. Pacífico († 1502).

¹⁵⁶ Em apêndice (III) daremos a lista dos restantes impressos quatrocentistas que, tendo pertencido às bibliotecas estudadas e a outras da Ordem, nelas, porém, só terão dado entrada posteriormente a 1506-1507.

sobre outras bibliotecas da observância franciscana em Portugal no último quartel do século XV e nos começos do século XVI, mantendo também aqui os anos de 1506-1507 como data limite.

S. Francisco de Alenquer, que gozava da primazia das casas franciscanas portuguesas, embora a sua reforma por Fr. Diego Arias date de 1399¹⁵⁷, elevada cerca de 1500, a *como que o arquivo principal* da Ordem¹⁵⁸, possuía, também depois de 1466, oferecidas igualmente por Fr. João da Póvoa, as *primeiras chronicas da nossa ordem, escritas de mão que entrarão neste reino...*¹⁵⁹. Com que obra identificar estas *Crônicas*? Com a *Chronica XXIV Generalium Ordinis Minorum* de que a *Crónica dos Frades Menores*, texto português do século XV, é uma parcial tradução que parece remontar a um texto mais antigo, embora feita a partir de uma versão castelhana? Ou seria, mais precisamente, identificável com o *Floreto* de S. Francisco? Se, com rigor, não sabemos responder à primeira

¹⁵⁷ Fr. Manuel da ESPERANÇA, *História Serafica...*, I, 24, 3, 98.

¹⁵⁸ Id., *História Serafica...*, I, 25, 1, 103: «Por isso, [a primazia] também se depositarão nella [casa de Alenquer], como em arquivo principal, pelos annos de 1500, muitos papeis, quaes são os que temos dito com as taboas de capítulos geraes, e que importão não só a esta província, mas a outras deste reyno, e a toda a família Serafica».

¹⁵⁹ Id., *História Serafica...*, II, 10, 46, 490.

questão, pensamos, contudo, que esta última não tem qualquer apoio, pois essa obra já corria pelas casas franciscanas da Observância em Portugal muito antes de 1474... É, no entanto possível sugerir que, efectivamente, poderá ser identificável com essa versão da *Crónica da Ordem dos Frades Menores...*, já que sabemos que o ms. actualmente conservado foi acabado de escrever em Santo António de Vila Franca por mandado de Fr. António da Ribeira, galego, então vigário da casa, em 14-XI-1470..., como se deduz do *explicit* do ms. e de uma declaração aí assinada por Fr. João da Póvoa¹⁶⁰.

Podemos, no entanto, dizer que, além desses manuscritos, Fr. João da Póvoa integrou, em 1490, na biblioteca da casa, uma *Summa Angelica*, (Chivasso, 1486) de Ângelo de Clavasio, que pertencera a um Fr. Estevão... e que em 4-V-1501, por morte de Fr. Jordão de Santarém, entra na livraria um *De Proprietatibus Rerum*, Estrasburgo, 1491, de Bartolomeu Anglicus. Notícia muito mais importante desde

¹⁶⁰ *Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1918, vol. II, 280-281; para as questões da tradução, v. José Joaquim NUNES na *Introdução* à ed. cit., I, pág. XIV; S. da Silva NETO, *Textos Medievais Portugueses...*, 93. A. IVARS, O.F.M., «Una versión castellana de la «leyenda de S. Francisco» y la Crónica de los XXIV Ministros Generales» in *A.I.A.*, 18 (1922), 252-266, mostrou ser a tradução portuguesa feita sobre a versão castelhana.

o nosso ponto de vista, sabemos agora, como já insinuámos, que Alenquer possuía a *Arbor Vitae Crucifixae*, Veneza, 1485, de Ubertino... O pertence não indica o ano de entrada, mas cremos não ser violento colocá-la neste período em que nos situamos, já que a Ínsua e Santa Cristina também o receberam por esses dias...

Outras indicações que recolhemos sobre o fundo bibliográfico de S. Francisco de Alenquer dizem já respeito a obras entradas ao longo do século XVI...

Santa Cristina de Tentúgal, oratório fundado por Fr. João de Lamego e por um companheiro castelhano em 1437 e, como teremos ocasião de aludir, um dos centros fulcrais da observância recoleta, sabemos ter possuído, manuscritos, «uma Bíblia incompleta» – um caso mais a juntar, talvez, aos já assinalados – que, segundo uma *Memória* de Fr. João da Póvoa consultada por Fr. Fernando da Soledade, pertencera a Fr. João de S. Mamede, confessor de D. Afonso V¹⁶¹, e um *Floreto*, exemplar que, como vemos indicado no respectivo *Inventário*, serviu para fazer uma das cópias que se guardavam na casa da Ínsua...

¹⁶¹ Fr. Fernando da SOLEDADE, *Historia Serafica*, III, 3, 29, 361; e dizemos «talvez», porque o cronista aponta essa *Bíblia incompleta* por referência à exemplar pobreza e austeridade do seu possuidor e não, propriamente, à livraria da casa.

Uma notícia, esta, importante, como teremos ocasião de ponderar.

A estas indicações, juntemos um exemplar da *Arbor Vitae*... de Ubertino da Casale. O livro, como reza uma nota nele aposta, tinha sido oferecido a Fr. João da Póvoa em Abril de 1488 por um seu amigo de Sevilha, Luis de Medina, certamente o mesmo «honrado e virtuoso cavallero», «veynte e quatro de Sevilla e thesorero de la casa de la moneda», por encargo de quem Alfonso de Palencia traduzira para castelhano o *Speculo de la Croce* de Domenico Cavalca... Seria mesmo em 28.IV.1488? – Poderia ser esse o sentido desse 28: *ap'1488* que precede a citada nota... Depois, Fr. João de Póvoa, na sua qualidade de vigário provincial, deu-o à biblioteca de Santa Cristina, casa onde tinha professado... A casa de Tentúgal, porém, não deveria possuir uma livraria comparável, não diremos já à de S. Clemente Conceição de Matosinhos, centro de importância mais relevante, mas ponhamos, por exemplo, à da Ínsua, oratório que se conservou durante mais tempo em situação idêntica à sua... Com efeito, apenas pudemos recolher indicações sobre um outro livro que lhe pertencera no século XVI...

De Santo António da Castanheira, cerca de Vila Franca – casa visitada por D. João II e onde vivia a rainha Leonor no momento (II.3.1493) em que aí a foi visitar Cristovão

Colombo aquando da sua forçosa passagem por Lisboa no regresso da sua primeira viagem –, sabemos guardava, desde 1492, oferecido pelo grande provincial, um exemplar impresso do *Floreto de Sant Francisco...*, em castelhano (portanto, Sevilha, 1492), ainda hoje conservado na Biblioteca Nacional de Lisboa...¹⁶²

A esta notícia básica podemos juntar alguns títulos de outras obras oferecidas por Fr. João da Póvoa e que, uma vez mais, abundam esse seu afã de bem dotar as bibliotecas observantes a que já tinha aludido Fr. Manuel da Esperança, embora com algumas provas substanciais, mas fragmentárias... Em primeiro lugar uma *Bíblia*, Veneza, 1478, doada à casa pelo provincial em 1483...; o mesmo Padre Póvoa trouxe para a casa, nesse mesmo ano (14 de Maio) um *Supplementum Summae Pisanellae*, Veneza, ca. 1473, de Nicolau de Ausmo, obra que, a julgar pelos exemplares que pôs nas diferentes casas, tinha em alta estima.

¹⁶² Fr. Manuel da ESPERANÇA, *História Serafica...*, I, 38, 3, 135. Fr. João da Póvoa assinalou depois, em nota manuscrita, a seguir à marca dos impressores da edição do *Floreto* de 1492, essa sua oferta com alguns pormenores circunstanciais. Ora, quem pagou os 300 reais que custou em Lisboa a obra foi, como regista Fr. João da Póvoa, a mulher do «escrivão» dos livros de João II... Haverá alguma relação mais profunda nesta série de factos – visitas reais..., confessor do rei..., «escrivão» dos livros do mesmo monarca... – à volta do Convento da Castanheira?

Mais tarde (1507), a livraria do convento da Castanheira recebeu um importante texto da canonística oficial: as *Decretales* de Gregório IX na edição veneziana de 1486...

Outros cimélios tipográficos possuía ainda este convento de Santo António, mas os que conhecemos hoje (4) lá devem ter dado entrada ao longo de Quinhentos...

Em Azambuja, o convento de Nossa Senhora das Virtudes tinha também, por especial cuidado do provincial Póvoa, uma compilação dos «Milagres da Senhora Padroeira da casa», isto é, o seu *Livro...*¹⁶³

Não temos referências a obras entradas até 1506-07 e apenas detectamos uma que lhe pertenceu à volta de 1547...

Nesta série de notícias fragmentárias, mas as únicas, cremos, conhecidas, sobre algumas livrarias franciscanas dos finais do século XV, lembremos ainda as de Santa Catarina de Carnota, de S. Francisco de Setúbal, de S. Francisco de Viseu, de Santo António de Ponte de Lima e de S. Francisco de Leiria, pois, ape-

¹⁶³ Id., *História Serafica...* II, 11, 46, 490; conf. ainda II, 11, 26, 581-586, páginas em que assinala, através de alguns exemplos, o alto espírito de pobreza que regia a vida da casa; O *Livro dos Milagres de Nossa Senhora das Virtudes compilado por Fr. João da Póvoa em 1497* foi editado com introdução e em transcrição diplomática por F. CORREIA in *R. B. N. L.*, s. 2^a, 3 (1988) 7-42.

sar de exíguos, os dados que possuímos ainda reflectem a acção de Fr. João da Póvoa.

Com efeito, à Carnota pertencia por oferta da viúva de um Dr. Álvaro Pires, em 1492, uma *Expositio Evangeliorum dominicalium et festivalium*, Veneza, 1476, de Alberto de Pádua... Mas em 7.VII.1496, em Alenquer, Fr. João da Póvoa, então, de novo, vigário provincial, apõe-lhe a sua assinatura Teria passado à biblioteca de Alenquer? Estaria a uso de Fr. João da Póvoa? Não sabemos – os livros migravam..., fixavam-se em outras livrarias... perdiam-se... recuperavam-se... Tanto nos inventários como nos «pertences» há de tudo isto exemplos... De todas as maneiras, é este o único dado sobre a biblioteca dessa célebre casa que encontramos...

S. Francisco de Setúbal surgiu-nos com duas obras: um *Commentarius in Secundum Librum Sententiarum Petri Lombardi*, Veneza, 1477, de S. Boaventura, e que pertencia à casa desde 1480, consoante reza o «pertence» a aposto por Fr. João. Em face da impossibilidade de datar a edição de essas *biblia grande e biblia pequena de forma* que possuía a casa da Ínsua, este *Commentarius*..., será um dos mais antigos testemunhos de impressos nas livrarias franciscanas observantes em Portugal. A mesma livraria possuía ainda um *Decretum*, Veneza, 1483, com um «pertence» de 1505.

A S. Francisco de Viseu pertenciam em 1474 *huas horas de Sancta Maria* que nesse ano se inventariam na Ínsua [nº 17] e da sua biblioteca conserva-se hoje um *Mammotrectus* que do oratório da foz do Minho para lá foi levado em pleno século XVI (1533).

A casa de Ponte de Lima possuía *hum livro que*, pelos anos de 1490, *escreveu Fr. Bartolomeu de Salvaterra...* No inventário da Ínsua de 1474, onde se regista a notícia, também se nos informa de que foi devolvido, porque *fr. João da Póvoa, morando na Insoa, fez outro pequeno...* Tratavase de um livro de coro e, por mais sinais, de um breviário, de acordo com a confirmação do inventário de 1491. A este devemos juntar, segundo a mesma fonte, a *Regra* em latim e os *Statutos de Barcelona em lingoagem...*, acompanhados das *declarações* de Nicolau III e Clemente V... Era esse *livro velho* que recebeu da Ínsua em 1493..., ano em que também, como já referimos desde outro ponto de vista, lhe foi oferecida, num velho exemplar igualmente, a tradução desses textos juntamente com a do *Testamento* de S. Francisco. Na mesma vila (e no mesmo convento?) terá, porém, mandado Fr. João da Póvoa comprar, em 1496, para a Ínsua por *mi 2009 rs.*, *hua angelica de forma*, isto é, a *Summa Angelica* de Ângelo de Clavasio...

E, por fim, Leiria. Além de ter sido a herdeira do *diurnal* e do *breviário* de uso de Fr.

João de Lamego, leigo, fundador de Santa Cristina e filho de Leiria, a quem, por especial deferência, foi concedido o uso desses livros que, depois da sua morte, se conservavam *catenati* na biblioteca da casa como relíquias¹⁶⁴, deveria igualmente ter herdado grande parte da *my grande e nobre livraria de todas as obras ecclesiasticas e segraes*¹⁶⁵ do infante D. Fernando que também contemplava o mosteiro das Damas de S. Salvador de Lisboa. O príncipe, com efeito, em 18.VIII.1437¹⁶⁶, nas vésperas de partir para a conquista de Tânger, assim o dispunha no seu testamento. O infante português faleceu no seu cativeiro de Fez em 1443... Teriam os livros doados – *hũa bryvia pequena per latim..., hũu flos sanctorum..., hũu livro das preegações de frey Vicente per linguagẽ..., hũu livro que chamã*

¹⁶⁴ Fr. Manuel da ESPERANÇA, *Historia Serafica...* II, 12, 5, 653: «... muitos annos adiante guardamos na mesma casa o diurnal e o breviário que elle [Fr. João de Lamego] então deixou, prezos por hua cadea em testemunho de acção tão gloriosa [ser noviço para frade de coro e ter escolhido, por humildade, ficar leigo] para rezarem por elles os que não seguião o coro...».

¹⁶⁵ Fr. João ÁLVARES, *Trautado da Vida e Feitos do Muito Virtuoso Sr. Infante D. Fernando* in *Obras...* I, 17.

¹⁶⁶ Apesar de simples coincidência, é interessante notar que S. Francisco de Leiria «recebe» a biblioteca de D. Fernando no mesmo ano em que dois frades dessa casa – Fr. João de Lamego e o castelhano Fr. Francisco – a abandonam para fundar Santa Cristina de Tentúgal... Ou haverá algo mais do que uma simples coincidência?

Crimaco... , hũu evangelicorum... , hũu caderno do canto de santa Maria das Neves... , o livro das collacções dos padres e estatuta monachorũ... , os sermões de santo Agustinho per latim... , hũu livro de linguagem que chama rosal d' amor, hũu livro das meditações de S. Bernardo... , hũu livro de linguagẽ que chamã estimullo amoris... , o solliloquio de santo Agustinho e de suas meditações em linguagem... , outro livro que chamã isaac em linguagem... , hũu livro de papel per latim de muitas cousas místicas... , além de vários officios litúrgicos¹⁶⁷ – chegou a entrar na casa de Leiria? Não sabemos como foram efectivamente cumpridas as disposições testamentárias

¹⁶⁷ O último testamento do infante D. Fernando foi fielmente publicado por A. Brancamp FREIRE na sua Introdução à «Parte Primeira» da *Crónica del Rei D. Joham I de Boa Memória e dos Reis de Portugal o décimo* em A.H.P (1915) e reproduzida em fac-simile pela I.N.C.M., Lisboa, 1973 com um prefácio de Luis F. Lindley CINTRA. O testamento do infante encontra-se a pág. XLVILVII donde tomámos as nossas referências. Haveremos de confessar não ter logrado qualquer pista sobre a execução do mesmo após a morte do referido infante. A biblioteca deste príncipe de Avis foi estudada, quanto à identificação (em alguns casos a rever) dos seus volumes, por Teófilo BRAGA in *História da Universidade de Coimbra* Lisboa, Academia Real das Ciências, 1892, I, 228-231; R. RICARD estudou-a, porém, do ponto de vista das correntes de espiritualidade que nela se cruzavam, in «Les Lectures Spirituelles de l'Infant Ferdinand de Portugal» in *Études sur l'Histoire Morale et Religieuse du Portugal*, Paris, Centro Cultural Português, 1970, 53-61.

do «Príncipe Constante», mas sabemos que nenhuma fonte franciscana nossa conhecida refere a entrada dessas obras na livraria de S. Francisco de Leiria, o que, a ter acontecido, tanto pelo vulto da oferta como pela categoria do doador, certamente teria sido registado... Porque ignorarão os cronistas essa doação ou, quando menos, a sua tradição? De todos os modos, confirmando um tanto o que dissemos inicialmente sobre as disponibilidades gerais da bibliografia desse tempo frente à especificidade das opções de cada qual, a biblioteca do infante D. Fernando, que já foi apontada como fundamentalmente monástica¹⁶⁸, bem poderia ser igualmente dita «franciscana»... e, como tal, integrar-se perfeitamente, duplicando até os exemplares, numa livraria franciscana observante dos meados do século XV... Por vezes, perante a identidade de títulos, poderíamos mesmo perguntarmo-nos se os livros do infante não se teriam dispersado por várias casas..., casas cujas pequenas bibliotecas por esses anos de Quatrocentos se aproximariam das da Ínsua ou de S. Clemente das Penhas...

Para além destes dados hipotéticos, apenas sabemos hoje de um livro que realmente pertenceu a essa casa: uma *Summa Casuum*

¹⁶⁸ R. RICARD, «Les Lectures Spirituelles de l'Infant Ferdinand de Portugal» in *Études sur l'Histoire Morale et Religieuse du Portugal*, ed. cit., 60.

Conscientiae, Novi, 1484, de Baptista de Salis. S. Francisco de Leiria recebeu-o, como declara Fr. João da Póvoa em nota «de pertence», de Fr. Henrique de Leiria... Isto em 1491... Depois, não sabemos quando, este único testemunho da sua biblioteca «real» no séc. XV passou para N^a S^a da Conceição de Matosinhos. Levado pelo Padre Póvoa? É bem possível...

Alguns outros volumes quatrocentistas que lhe pertenceram nela terão, seguramente, entrado mais tarde... e, mesmo destes, algum também passou a outra casa...

Infelizmente, nenhum dos *inventários* nas suas mil notas – e cremos que nenhum outro tipo de documentação conhecida – refere ciclos ou ritmos de leituras como deixou precisamente indicado Fr. Lope de Salazar... De seguro, por tradição da Ordem, cada sexta-feira, aí, como em todos os oratórios e conventos franciscanos, seriam lidas a *Regra...*, as *Constituições...* Também as *Crónicas?* – De qualquer modo, se quase todos os inventários preferiram seguir a norma de registar os livros de acordo com a língua em que estavam escritos (latim / linguagem) ou, para os do coro, fazer uma distinção entre missais e outros (breviários, saltérios, etc.), um houve, o de Fr. Gil de Guimarães (1457), que os arrolou por *livros de coro e de mesa...*, recordando-nos, assim, pelo menos, esses dois lugares privilegiados de leitura...

Como insinuámos, porém, nem o coro nem a mesa nem a cela esgotariam as possibilidades de lugares de leitura. Com efeito, se o «livro da Natureza», numa tradição contemplativa, aliás, bem aprofundada por Francisco¹⁶⁹, era permanentemente legível, muitas vezes, como lembra Fr. Fernando da Soledade, a propósito dos moradores do oratório de Ribeira de Ver (Penela), fundado em 1448, transforma-se na moldura ideal para a leitura... Com efeito, diz o grande cronista, acerca dos moradores *daquella soledade santa, há tradição que quando sahião a recrearse a hũa pequena horta junto da ribeyra, levavão livro em que lião alguma materia espiri-tual, com o fim talvez de que sendo as criaturas espelhos enigmáticos do Creador, contemplassem logo nas flores, nas plantas, nos frutos, a Formosura, o Poder e a Providência de Deos, quando pelos mesmos objectos não decifrassem a vaidade, inconstancia e miséria do homem...*¹⁷⁰

São estes os comentários que directa ou indirectamente nos permitiram sugerir as pre-

¹⁶⁹ Franco CARDINI, *Francesco d'Assisi*, Milano, A. Mondadori, s.a. (1990), 234-237; 258-259, põe, com pertinência, o sentido das relações de Francisco com a Natureza. Desta grande biografia há agora tradução portuguesa por Cármen Morais Sarmiento com uma «Nota de Apresentação» por José Adriano de Freitas Carvalho, Lisboa, Editorial Presença, 1993.

¹⁷⁰ Fr. Fernando da SOLEDADE, *Historia Seráfica...*, III, I, I, 43.

ciosas notícias de Fr. Lope de Salazar y Salinas e os não menos preciosos *Inventários* de Santa Maria de Ínsua e de S. Clemente das Penhas que, para estes dias, nos podem igualmente sugerir, para além das disponibilidades gerais do seu tempo, uma orientação aproximada, quanto a livros e leituras, dessa austera reforma villacreiana e da observância portuguesa vista através de alguns dos seus principais centros.

Inventários preciosos... Ignoramos, porém, se para Espanha haverá algo de mais precioso¹⁷¹, mas para os meados e segunda metade do século XV português permitimo-nos duvidar que, conhecido, haja algo de mais completo e informativo¹⁷².

¹⁷¹ Pedro M. CÁTEDRA, *Fundación y Dote del Convento de la Visitación de Madrid de Monjas Clarisas* in *A.I.A.*, XLVII (1967), 307-329, publica o inventário geral desse convento, ocupando-se dos seus livros, dentre os quais sobressai o *Livro de Barlaão e Josaphat* (pág. 324).

¹⁷² Para além do esforço *mais* sistemático, mas sujeito, naturalmente, a uma certa caução, feito por Teófilo BRAGA na *História da Universidade de Coimbra* ed. cit., I, 49-58 e 203-245, os estudos sobre livrarias medievais portuguesas até 1963 foram longamente registados por D. Pinho BRANDÃO, *Teologia, Filosofia e Direito na Diocese do Porto nos séculos XIV e XV* 58, nota 3. Depois, sem qualquer pretensão de exacção, permitimo-nos recordar os de António CRUZ, *Santa Cruz de Coimbra na Cultura Portuguesa da Idade Média. 1. Observações sobre o «Scriptorium» e os Estudos Claustrais*, Porto, 1964; de José MATTOSO in *Religão e Cultura na Idade Média Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, s.d., (1982) 481-

Algumas observações, porém, deve merecer-nos uma obra que cremos ter estado presente em quase todas as casas «reformadas» portuguesas e, suspeitamos, também nas da reforma villacreciana: o *Floreto de S. Francisco*.

5. UMA LEITURA ESPECIAL

Por várias vezes, ficaram feitas observações à existência de um *Florete ou Floreto* que podemos facilmente identificar com o *Floreto de Sant Francisco* que em 1492 imprimiram em Sevilha *maestre Menardo Ungut aleman e Lançalao polono compañeros...* e de que hoje, ao parecer, apenas se conhecem quatro exemplares¹⁷³.

-552; de Isabel Vilares CEPEDA, *Os Livros da Rainha D. Leonor, segundo o Códice 11352 da Biblioteca Nacional de Lisboa* in *R. B. N. L.* s. 2^a, 2 (1987), 51-81; de José MARQUES, *A Arquidiocese de Braga no Século XV*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, s.a. (1980), 879-880. Para Espanha, com alguns acenos que têm especial interesse para a cultura portuguesa, C. B. FAULHABER numa obra fundamental, *Libros y Bibliotecas en la España Medieval*, Londres, Grant and Cutler, Ltd., 1987, sistematizou criticamente todos os dados dispersos referentes ao assunto.

¹⁷³ Pensávamos, efectivamente, em 1988, apenas existirem dois exemplares, mas Juana Mary Arcelus Ulibarrena numa preciosa e documentadíssima nota crítica à nossa edição da obra, revelou a existência de outros dois exemplares: um na Biblioteca de Catalunha e outro na Biblioteca da Diputación Foral de Vizcaya. *Conf. A.I.A.*, 49 (1989) 652-655. Con-

Trata-se, como é bem sabido, de uma colectânea – *flores* – de diversas «legendas» franciscanas e de diversos «documentos» directamente relacionados com S. Francisco, com os seus companheiros e ainda com alguns discípulos dos seus companheiros... É, no fundo, uma ampla antologia – uma espécie de *collectio operum et extratum* – das mais importantes «fontes franciscanas», muito embora semelhante a outras que, por toda a Europa, as diferentes províncias dos Menores, por algo mais do que *something like a historical mania*, foram organizando num desejo de reunir, transcrever e divulgar textos e dados menos «oficiais»¹⁷⁴ sobre os primeiros

virá anotar aqui que, dos dois nossos conhecidos, somente o exemplar da Biblioteca Nacional de Lisboa (INC.175) está completo, pois ao da Biblioteca Nacional de Madrid (INC. R.1814) falta, entre outras, a folha correspondente ao cap. XII e a parte do cap. XIII (corresp. às págs. 27 e 28 da numeração artificial da nossa recente edição). Com efeito, este precioso incunábulo foi, por nós, reproduzido, com uma breve «Nota de Apresentação», no âmbito das publicações do *Congresso Internacional sobre Bartolomeu Dias e a sua Época*, Porto, 1988, mas, por uma falha técnica, apenas na versão em inglês da citada «Nota de Apresentação» se deu conta dessa omissão, aliás já assinalada por A. IVARS, O.F.M., in «Una Versión Castellana de la “Leyenda de San Francisco” y la “Crónica de los XXIV Ministros Generales” in *A.I.A.*, 18 (1922), 252-266 (261, nota 3).

¹⁷⁴ Apesar de conhecermos e de pensarmos ter compreendido o alcance e a pertinência das razões que levavam R. MANSELLI a recusar a distinção entre textos «oficiais» e «não-oficiais» (*Nos Qui cum eo Fuimos. Contributo alla*

tempos da sua Ordem¹⁷⁵ ou de fornecer cópias novas de textos conhecidos...¹⁷⁶. Pela amplitude

Questione Franciscana, Roma, Ist. St. del Capuccini, 1980; Introd. à ed. do *Speculum Penecionis* (minus) preparada por M. BIGARONI, O.F.M., Assisi, Ed. Portiuncola, 1983), atrevemo-nos a utilizar a expressão «textos e dados não-oficiais» para significar todas essas variadas correntes compilatórias – *Flores... Floreto...*, *Speculum...* etc. – que, recorrendo, naturalmente, a todo um vasto material oficialmente reunido por ordem de Crescencio de Iesi, procurava, segundo circunstâncias, objectivos e crises precisos, aprofundar, para além da *Legenda Mayor*, aspectos ou silenciados ou apenas aludidos nessa biografia «oficial» depois de 1266... (Cont: o inteligente trabalho de Enrico MENESTÒ, «Dagli *Actus* al *De Conformitate*: La Compilazione come Segno della Coscienza del Francescanesimo Trecentesco» in *I Francescani nel Trecento* (Atti del XIV Convegno Internazionale), Università degli Studi di Perugia, Centro di Studi Francescani, Assisi, 1988, 41-68) e ainda para uma valorização tanto da classificação «não-oficial» como da sua importância historiográfica, as considerações de A. MARINI in Introd. a *Vita del Povero e Humile Servo di Dio, Francesco*, Assisi, Ed. Porziuncola, 1985.

¹⁷⁵ Duncan NIMMO, *Reform and Division in the Franciscan Order...*, 335, 336 e 337; L. DI FONZO, O.F.M. Conv., «L'Anonimo Perugino tra le Fonti Francescane del Secolo XIII. Rapporti Letterari e Testo Critico» in *Miscelanea Franciscana*, 72 (1977), 117-483 (esp. 410, 422).

¹⁷⁶ Duncan NIMMO, *Reform and Division in the Franciscan Order...*, 309-355, passa em revista a importância e os conteúdos das principais compilações de fontes franciscanas aparentadas com o *Floreto de Sant Francisco...*, permitindo-nos nós lembrar, neste contexto, a importância das «compilações» de Barcelona (1^a e 2^a) estudadas por J. CAMBELL, O.F.M., nas suas «Glanes Franciscaines» in *A.I.A.*, 23 (1963), 65-91: 391-452 e 25 (1965), 223-298

da recolha¹⁷⁷ e, muito especialmente, por aí se conservar a tradução quase completa dessa importante «fonte» que é o *Anónimo Perusino*, já foi considerada l'última grande collezione del medioevo francescano...¹⁷⁸. Convirá ainda dizer, porque tal interessa à nossa exposição, que aí se transcreveu todo o *Speculum Perfectionis*...

E uma questão ainda: será o *Floreto* uma antologia ibérica? Naturalmente, quanto à sua organização, assim será, talvez, possível defini-la¹⁷⁹, pois, por exemplo, quanto a conteúdos

respectivamente; L. DI FONZO, O.F.M. Conv., «L'Anonimo Perusino...», art. cit. in *Miscelanea Francescana*, 72 (1972), 117-483 (414, 420).

¹⁷⁷ Recolhe, entre alguns menores, o texto do *Anonimo Perusino*... e do *Speculum Perfectionis*, com longo aproveitamento de *2Celano*..., da *Legenda dos Três Companheiros*..., *Actus*... *Tratado das Chagas*... *Exposição sobre a Regra de Angelo Clareno*... *Indulgencia de Santa Maria da Porziuncola*..., *Verba Conradi de Offida*..., *Dicta de Fr. Egidio*...

¹⁷⁸ L. DI FONZO, O.F.M. Conv., «L'Anonimo Perusino...», art. cit. in *Miscelanea Francescana*, 72 (1972) 117-483 (422).

¹⁷⁹ SOPHRONIUS CLASEN, O.F.M., «El Floreto de Sant Francisco Collectionis Hispanicae de S. Francisco Eiusque Sociis Notitiarum Analysis» in *Collectanea Francescana*, 35 (1965), 249-286, sugeriu (285) que o seu autor poderia ser Francisco Jiménez de Cisneros, o futuro cardeal reformador e depois governador de Castela. E, para tal, propunha os anos 1459-1465 da estância do célebre franciscano em Roma como tempo e lugar para organizar a recolha das fontes franciscanas do *Floreto*... L. DI FONZO, no seu trabalho citado, «L'Anonimo Perusino...» in *Miscelanea Francescana*, 72 (1972), 117-483 (425), aponta que tal é

– milagres..., casos raros..., lugares e cidades...
– a tradução portuguesa da *Chronica XXIV Generalium* poderia bem parecer mais peninsular... De qualquer modo, não tanto pela sua organização provável no quadro peninsular, como, principalmente, pela sua larga aceitação nos ambientes reformados franciscanos da Península Ibérica, poderemos, sem dificuldade, classificar o *Floreto* como obra peninsular... E a sua impressão em 1492 deverá, então, ser vista não só como a consagração desse interesse, mas ainda como o aproveitamento de um meio extraordinário (a imprensa) de a tornar ainda mais conhecida e de facilitar, no pleno sentido da palavra, a sua leitura. O impresso suplantara, seguramente, os exemplares manuscritos, mesmo quando estes fossem de *boa letera* e, em algum caso, poderia mesmo oferecer uma lição textual mais aceitável.

Nas casas observantes portuguesas deste período pode documentarse a sua presença, desde, pelo menos, 1452, pois neste ano Fr. Rodrigo de Arruda regista-a em S. Clemente das Penhas *em boa letera*, indicação que se repete em 1457 com a precisão de ser em pergaminho e em 1474, ano este em que desse volume em

solo possibile... Contudo, a circulação em Portugal já em 1452 parece dever fazer recuar a sua organização para a primeira metade do século XV...

pergaminho¹⁸⁰ não só se informa que é livro

¹⁸⁰ Curiosamente nesse *Inventário* de 1457, além dessas precisões, indica-se até uma leitora da obra: a mulher de Fernão Pereira a quem Fr. Pedro Gonçalves tinha emprestado o livro (A. Magalhães BASTO, *Memórias Soltas e Inventários...*, 64) Como aproximação à «realidade» desses leitores poderemos perguntar-nos se este Fernão Pereira poderá identificar-se com o Fernão Pereira que, sendo do Concelho do rei, fidalgo da Casa Real e alcaide-mar de Guimarães, aparece, em 1471, em alguma documentação como a que revelaram Luis Miguel DUARTE e Maria da Conceição F. FERREIRA, «Dependentes das Elites Vimaraneses face à Justiça no Reinado de D. Afonso V in *Rev. Fac. Letras da Univ. Porto (História)*, II s., VI (1989), 174-221 (195). Ou deverá identificar-se com um dos Fernão Pereira que assinala H. Baquero MORENO, *A Batalha de Alfarrobeira. Antecedentes e Significado Histórico*, Lourenço Marques, 912-914? (Agradecemos penhoradamente ao nosso colega Doutor Luis Miguel Duarte a gentileza de nos ter chamado a atenção para estes últimos casos). E a título de curiosidade, notemos, do outro lado da fronteira, um possuidor secular e possível leitor do *Floreto*: o Duque de Medina Sidónia, como nos revela o inventário da sua biblioteca feito em 1507 publicado por Miguel Angel LADERO QUESADA e Maria Concepción QUINTANILLA RASO no estudo sobre *Bibliotecas de la Alta Nobleza Castellana en el siglo XV* in *Livre et Lecture en Espagne et en France sous l'Ancien Régime* [Colloque de la Casa de Velázquez], Paris, Editions, A.D.P.F., s.a. (1981) 47-59 (conf. *Inventário* cit. nº 173). Embora para tempos muito posteriores, será importante ter em atenção toda uma série de observações e métodos sobre a investigação de bibliotecas, leituras e leitores que desfilam em *Le Livre dans l'Europe de la Renaissance. Actes du XXVIIIe Colloque International d'Études Humanistes de Tours*, Paris, Promodis, s.a.

em linguagem, mas também dele se dá o *incipit*. Neste mesmo ano de 1474 aparecerá igualmente assinalado em Santa Maria da Ínsua e – anotemo-lo, porque é relevante – o seu registo é feito numa sequência de inventário e de escrita não interrompida nem interpolada. O ms. é aqui e neste «item» extremamente claro... Tratava-se, neste caso, de um exemplar *em papel*. Tinha sido oferecido por um Fr. Jorge, personagem que parece ser legítimo identificar com Fr. Jorge de Sousa, pregador e confessor, que segundo uma notícia do *Inventário*, em 1471 tinha feito algumas obras na casa da Ínsua e estava então, nesse mesmo ano de 1474, de vigário da casa. Tal exemplar seria, segundo Fr. João da Póvoa, *muito vicioso*, isto é, se a nossa interpretação não for errada, oferecia uma lição textual não muito correcta. Gostaríamos de saber com segurança que tal anotação é desse ano de 1474... Fr. João da Póvoa sempre achou importante introduzir notas e precisões nos seus inventários... Se fosse de 1474 – é, apesar de tudo, o mais provável – revela, por parte de Fr. João da Póvoa, um atento conhecimento da tradição textual da obra ou dos textos que a integravam antes da sua fixação pela imprensa. Por isso, ganha relevo que ao lado desta nota o provincial inventariador assinale que *de forma em castellano está aqui também doutro modo...*, o que ao mesmo tempo nos garante tratar-se

de um exemplar da edição sevilhana de 1492 e nos confirma o que já sugerimos sobre a possibilidade do impresso oferecer, em alguns casos, uma lição textual mais correcta – do texto à sua ordenação – do que a do manuscrito. Talvez seja mesmo esse o sentido daquele *doutro modo* explicitante com que Fr. João da Póvoa termina essa nota. Convirá lembrar que tal notícia sobre esse exemplar *de forma em castelhano*, é evidentemente, posterior ao segundo *Inventário* da Ínsua de 1491. Ora, neste último *Inventário*, Fr. João da Póvoa inscreve *hum floreto de S. Francisco em papel em linguagem* que fora oferecido pelo mesmo Fr. Jorge de Sousa em 1476... Dado o relativo caos cronológico de tantas informações lançadas – questão para que já chamámos a atenção –, poderia pensar-se que estávamos perante o mesmo exemplar... Aparentemente, assim poderia ser..., só que agora (1491) Fr. João da Póvoa já não taxa o exemplar registado – entrado em 1476 – de *muito vicioso...*, antes esclarecendo que foi trasladado pelo de Santa Cristina *que está em linguagem aragonês ou catallana...* Por isso, quando vemos (em 1492?) Fr. João da Póvoa anotar, retomando o *Inventário* de 1474, que a casa possuía, então, esse exemplar *de forma em castelhano*, parece legítimo pensar que o exemplar *muito vicioso* oferecido por Fr. Jorge de Sousa, antes de 16-V-1474, aí esteve ao lado

dessa cópia de 1476 mandada igualmente fazer pelo mesmo Fr. Jorge de Sousa sobre o de Santa Cristina... O único facto um tanto estranho, sabendo nós que tantas vezes o fez, será que Fr. João da Póvoa não registre nem indique o destino desse exemplar *muito vicioso...*, falha que não será suficiente, cremos, para anular a letra das suas informações Se não erramos, a Ínsua chegou, portanto, a possuir, entre antes de 1474 e 1492 três exemplares da obra... Assim sendo, todos estes dados parecem poder ser tomados como um bom índice quer do esforço por possuir tal livro nas suas melhores lições quer, conseqüentemente, do alto apreço que lhe era votado. E um pouco mais: a existência desses exemplares da edição de 1492 – o de Santo António da Castanheira e este da Ínsua¹⁸¹

¹⁸¹ Como já ficou assinalado, o exemplar de Santo António da Castanheira foi oferecido por Fr. João da Póvoa; terá o confessor real igualmente oferecido o exemplar impresso da Ínsua? Talvez não, pois, como era seu hábito, tê-lo-ia registado nos respectivos inventários.

Por outro lado, cremos será de algum interesse apontar neste contexto de livros e confessores reais que o Fr. Jorge de Sousa que ofereceu à casa da Ínsua, em 1476, entre outros, uma cópia do *Floreto*, deverá ser o mesmo Fr. Jorge de Sousa que em 1494(?) *avia sido quitado de un hermitorio de la yslla de la Madera y trahido al reyno e tendo demandado licença para venirse a Castilla*, procura pôr-se, ao parecer com alguma protecção de João II, em contacto com os Reis Católicos para tratar de interesses do rei português que, nesse momento, se polarizavam

– insinuam uma certa difusão em Portugal

na sua sucessão. Assim informam os dois religiosos que os Reis Católicos tinham enviado como embaixadores a Portugal sobre que *el rey de Portugal queria hazer jurar por sucesor a don Jorge, para que le persuadiesen que no la hiziese*. Os frades espanhóis, depois de terem ouvido o confessor da rainha Leonor que o conheceria bem, pois também era franciscano, tinham-no por *hombre doblado...* e disso preveniam Fernando e Isabel (Conf. a *Relación* da embaixada in *Documentos Referentes a las Relaciones con Portugal durante el Reinado de los Reyes Católicos*, ed. de Antonio de la TORRE e Luis SUÁREZ FERNÁNDEZ, Valladolid, C.S.I.C., 1960, II, 412-420 (esp. 420). A identificação avançada pode alicerçar-se no que traz Manuel da ESPERANÇA (*Historia Serafica*, II, 10, 38, 463-464) sobre Fr. Jorge de Sousa. Dele recorda, seguramente baseado nestes inventários de Fr. João da Póvoa, as obras na casa da Ínsua..., o seu tempo como segundo guardião do Varatojo... e a sua ida para a Ilha da Madeira. Sobre a sua passagem pela Madeira o cronista franciscano nada diz..., mas a documentação aduzida pode deixar perceber que não terá sido pacífica. Fr. Fernando da SOLEDADE (*Historia Serafica...*, III, 2, 10 11, 172-173) confirma-nos esta última sugestão ao revelar que o Breve papal logrado (c. 1480) por Fr. Jorge para reformar a casa de S. Bernardino da Madeira incluía *indultos tão amplos que o izentavam da obediencia do nosso vigario provincial sugeitando-o somente ao ministro de toda a ordem...*, facto que Soledade, revelando que deveria saber mais do que escreveu, comenta: *Porém não fugia de nós por agravos recebidos, mas só por se ver desembaraçado de algum prelado imprudente que lhe quizesse estorvar a reformação...* O que é certo é que as grandes obras feitas no oratório madeirense que ficou *totalmente transformado em convento*, mereceram forte oposição e, assim, em 1486, viu Fr. Jorge de Sousa revogados todos os *indultos* do Breve. Algumas das datas serão a rever.

desse impresso que tanto no quadro cultural do tempo como no do movimento reformador franciscano que dele não é, evidentemente, separável, bem poderia ser outro marco desse *annus mirabilis*...

Cabe agora perguntar, perante algum dado já avançado, por uma tradução portuguesa do *Floreto*... Cremos, efectivamente, existiu..., pois não só Fr. João da Póvoa, nessa notícia de (pelo menos) 1492 aposta ao *Inventário* de 1474, ao assinalar o *Floreto* da Ínsua entre os *livros em linguagem* como que o opõe ao *de forma em castelhano*, mas também afirma que a cópia do de 1476 foi feita pelo exemplar de Santa Cristina em aragonês ou catalão... Quer dizer, o exemplar manuscrito *muito vicioso*, anterior a 1474, não estaria nem em castelhano nem em catalão... Mas estava *em linguagem*... e tinha sido *tresladado*, isto é, traduzido, pois se tivesse sido apenas copiado estaria igualmente em *lingoagem aragonês ou catallana*... Estas indicações parecem suficientes para sugerir a existência de uma tradução portuguesa do *Floreto de S. Francisco* anterior a 1474... Ora, nesse mesmo ano, Fr. João da Póvoa anota, no respectivo *Inventário*, o *incipit* do *Floreto* existente em S. Clemente das Penhas: *Aqui sam escriptas*..., dado que parece garantir uma lição em português e, mais ainda, a julgar por esse *incipit*, que não coincidia com o início – pelo

menos – da lição transmitida pela impressão de Sevilha... E o seu título completo bem poderia ser *Floreto das Cousas do Padre Sam Francisco e alguns companheiros...*, que é como o cita, ao elencar as suas fontes, Fr. Marcos de Lisboa na «Primeira Parte» da sua *Crónica da Ordem dos Frades Menores...*, ele que se fez Menor em Santa Cristina. Talvez esse *doutro modo* anotado a propósito do exemplar da *Ínsua muito vicioso* pudesse aqui ter cabimento semelhante... De qualquer maneira, tais notícias concorrem para assegurar a existência dessa tradução – porque não a situar no movimento de tradução de que a *Crónica da Ordem dos Frades Menores* de Fr. Marcos de Lisboa, pelas que contém, será ainda não só um bom testemunho, mas também como que uma consagração?¹⁸² – ao mesmo tempo

¹⁸² F. Félix LOPES, «Franciscanos Portugueses Pretridentinos. Escritores Mestres e Leitores», in *Repertorio de las Ciencias Eclesiásticas en Espana* 7, Salamanca, 1979, 451-508, defende também a existência de uma tradução portuguesa do *Floreto*, sem, contudo, atender – aparentemente, pelo menos – ao *incipit* fornecido pelo inventariador, antes insistindo no facto de estar *em lingoagem...*, o que por si só não indica que se tratasse de uma versão em português.

Quanto aos diversos textos de espiritualidade de S. Boaventura ou a ele atribuídos e de outros autores divulgados, alguns deles pela primeira vez, na Península Ibérica por Fr. Marcos de LISBOA no corpo da «Primeira Parte» e da «Segunda Parte» da *Crónica da Ordem dos Frades Menores* (Lisboa, 1556 e 1562 respectivamente) estudámo-

que nos revelam a circulação peninsular de uma tradução castelhana e de uma outra em catalão...

Esta última evidência leva-nos a pôr a questão da existência do *Floreto* nas casas da *Custódia dos Menores* de Fr. Lope de Salazar... Terá realmente circulado esta grande colecção de «fontes franciscanas» nas casas dessa reforma?

-los, com alguma detenção, na *Introdução* à reedição dessa obra de Marcos de Lisboa em curso de publicação como primeiro texto da «Biblioteca Sacra e Missionária», projecto em realização no Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto sob os auspícios da Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses. Tal actividade, que foi continuada pela publicação de outros títulos «boaventurianos» (permitimo-nos remeter, novamente, para o nosso trabalho «Das Edições de S. Boaventura em Portugal nos Séculos XVI, XVII e XVIII. Semântica de uma Influência na História da Espiritualidade Portuguesa» in *A.I.A.*, 47 [1987] 131-159) parece brotar antes de mais e para além de condicionalismos práticos imediatos, duma concepção de História que fornece não só os factos e os exemplos em que se deve rever o leitor (neste caso, o frade menor), mas também os textos mais importantes que a eles remetem numa complementaridade imprescindível para situar e fundamentar a formação espiritual de tal leitor. De todos os modos, por estes motivos, Fr. Marcos de Lisboa pode bem ser apontado como um testemunho e um impulsionador desse já antigo movimento de tradução de que são ainda frutos a *Crónica da Ordem dos Frades Menores 1209-1285*, publicada por J. NUNES (Coimbra, 1918), versão portuguesa, como já assinalámos, de uma tradução castelhana da *Chronica XXIV Generalium Ordinis Minorum*.

A resposta absolutamente positiva não pode deduzir-se de informações de Salazar y Salinas, pois este, que sabemos, nunca nomeia, como tal, essa compilação, mas é possível juntar alguns dados e uns tantos indícios que podem levar a mais do que a sugerir essa existência e consequente conselho de leitura.

Como é bem sabido, ao longo dos seus escritos, Fr. Lope recomenda – e com bastante precisão – e cita uma obra intitulada *Flores* e, uma vez, pelo menos, recorda, entre outros textos franciscanos, as *Florestas...* que, talvez, se possam, título por título, aproximar daquelas...

Convirá, porém, antes de mais, examinar, com o rigor possível, os contextos em que Fr. Lope faz menção de tal leitura para tentar precisar a quantas obras intituladas *Flores* alude.

Em primeiro lugar, recordaremos que, em qualquer dos contextos, tal leitura se faz à sexta-feira. No entanto, se no *Memoriale Religionis* apenas indica, para esse dia, as outras leituras que a precedem – o *Evangelho...* a *Regra* de Honório III..., a *Regra Antigua...*, o *Testamento* de S. Francisco – e as que a seguem – a *Esclarecida Disputación de los Padres de Itália...* e esse desconhecido *Tratado de la Obediencia*¹⁸³ –, e se no *Memorial de la Vida y Ritos*

¹⁸³ Fr. Lope de SALAZAR Y SALINAS, *Memoriale Religionis...* (cap. XII), in *Las Reformas...*, 711.

precisa que a leitura da *Regra* é acompanhada por *ciertos capítulos de las Flores...*¹⁸⁴, nas *Segundas Satisfacciones*, juntando às leituras referidas outras como *los capítulos esenciales e especiales de las Constituciones Primeras e ordenaciones, e observancia antigua... para que se guardasen, de más de la regla, en los eremitorios e en la cabeza de la orden, Santa Maria de los Angeles*, assinala que, então, se lêem igualmente *otros pocos e ciertos capítulos que se llaman Flores...*¹⁸⁵. À primeira vista, diríamos que Fr. Lope refere sempre a mesma obra – *Flores* – da qual, sempre à sexta-feira, mas não em todas as sextas-feiras, se lêem *ciertos capítulos..., pocos e ciertos capítulos...* Mas, esses *ciertos capítulos* das *Flores* serão o mesmo que *otros pocos e ciertos capítulos que se llaman Flores*? – Assim o cremos, pois na expressão *pocos e ciertos capítulos* esse *pocos* parece mais não ser que uma precisão de *ciertos* e, logo, desses *ciertos capítulos* dum obra chamada *Flores* a que sempre aludiu e não uma indicação de outra obra, formada por *pocos e ciertos capítulos* que também, talvez até, aparentemente, com mais razão, se chamaria *Flores* e seria igualmente lida à sexta-feira...

¹⁸⁴ Id., *Memorial de la Vida y Ritos* (cap. XXX), in *Las Reformas...*, 744.

¹⁸⁵ Id., *Segundas Satisfacciones* (art. I), in *Las Reformas...*, 858.

Assim sendo, diremos que Fr. Lope nomeia ainda tal obra entre os livros que traduzem a doutrina de S. Francisco sobre a castidade...¹⁸⁶ precisando também que os que *son para regir e aconsejar* devem ler não só a *crónica antigua* de S. Francisco que, como já sabemos, se poderá, de algum modo, identificar, por indicações várias que fornece Fr. Lope, com um texto muito próximo – o que pode querer também significar incompleto – do *Speculum Perfectionis*, a *Exposición de San Juan Peccam*, as *Florestas* e *La vida mayor que ordenó San Buenaventura...*¹⁸⁷

Como outros investigadores, também os beneméritos editores destes textos villacrecianos de Fr. Lope de Salazar identificaram esta obra – *Flores* e *Florestas...* – com as *Fioretti...*¹⁸⁸ que são, recordemo-lo, uma tradução, de

¹⁸⁶ Id., *Memorial de la Vida y Ritos...* (cap. III), in *Las Reformas...*, 719.

¹⁸⁷ Id., *Segundas Satisfacciones...* (art. I), in *Las Reformas...*, 860.

¹⁸⁸ Pode verificar-se a nossa afirmação percorrendo as notas dos respectivos textos, especialmente a nota nº 8 a *Segundas Satisfacciones* (art. I), in *Las Reformas...*, 858; D. NIMMO, *Reform and Division in the Franciscan Order...*, 502, fazendo-se eco dessa identificação das *Flores* com as *Fioretti* proposta pelos editores dos escritos de Lope de Salazar, sugere, porém, que *it was some small collection associated with the writings of the three companions, possible even Leo's Intentio Regular, which we know to have existed as an independent collection and the purpose*

certo modo levemente antológica, mas bastante precisa, de *Actus Beati Francisci et Sociorum Eius*¹⁸⁹. A primeira vista nada haveria a opôr a tal identificação sugerida, antes de mais, seguramente, pela aproximação dos títulos – *Flores... Florestas... Florecillas... Fioretti...* –, tanto mais que Fr. Lope alude, sem contudo precisar as suas fontes, a alguns gestos e doutrinas de seu Padre Francisco que bem poderiam remeter – ou remetem mesmo, em algum caso – para as *Fioretti...* Entre estes últimos assinalamos a passagem das *Primeras Satisfacciones* em que Fr. Lope expõe *porque recibimos chicos a la orden* (art. 7), apontando não só a *Regra* que o admite, mas ainda que o próprio *San Francisco criaba aquel niño tan sanctamente que vió aquellas revelaciones, que sabedes, despertandolo el mesmo San Francisco per la fuerza de la cuerda que ató con la suya e como San Francisco*

of which was precisely to display the saint's intentions regarding his Order's observance...; Isidoro de VILLAPARDIerna, «L'Osservanza in Spagna», in Il Rinascimento del Francescanesimo. L'Osservanza..., 283 pensa, com maior aproximação, che potrebbero forse corrispondere alla Legenda Perusina detta da altri Compilatio Assisiensis o Fiori dei tre Compagni...

¹⁸⁹ Para todas as referências ao *Actus B. Francisci et Sociorum Eius* utilizamos a *Nuova Edizione postuma di Jacques Cambell con testo del Fioretti a fronte* a cura di Marino BIGARONI e Giovanni BOCCALI, Assis, Ediz Porziuncola, s.a. (1988).

*lo trataba tan piadosamente...*¹⁹⁰. A fonte mais importante deste episódio que resume Fr. Lope é o *Actus Beati Francisci et Sociorum Eius* e, depois, as *Fioretti...*¹⁹¹

No mesmo caso estão as referências ao *Capitulo General, celebrado en Santa Maria de los Angeles, en la fiesta de Pentecostés, en el cual tiempo no hay cuaresma. En el cual capitulo fueron cinco mil e más frailes, presente Santo Domingo, de los Predicadores, el cual reprehendió a San Francisco de indiscreción por la poca providencia dellos. E declárase ende los manjares que comieron en tan espantosa congregación, conviene a saber: pan e huevos, queso e fabas, empero non se face ende mención alguna de carne*¹⁹², acontecimento de que o *Actus* e, depois, igualmente, as *Fioretti* revelam todo o conjunto de pormenores¹⁹³.

O mesmo se dirá das alusões à soberba de

¹⁹⁰ Fr. Lope de SALAZAR Y SALINAS, *Primeras Satisfacciones...* (art. VII), in *Las Reformas...*, 802.

¹⁹¹ *Fioretti di San Francesco* (cap. XVII), in *Fonti Francescane...*, 1491-1492.

¹⁹² Fr. Lope de SALAZAR Y SALINAS, *Primeras Satisfacciones...* (art. IX), in *Las Reformas...*, 825, 836.

¹⁹³ *Fioretti di San Francesco* (cap. XVIII), in *Fonti Francescane...*, 1492-1495. É bem sabido que também no *Speculum Perfectionis* (68) é referido, quase por simples alusão, este acontecimento, ainda que tenha conhecido larga divulgação em diferentes compilações de «fontes» franciscanas nos séculos XIV e XV (conf. *Actus B. Francisci...* 258, nota 234 ao cap. XX).

Fr. Elias quando se recusava a receber um anjo que o queria questionar sobre a licitude dos seguidores do Evangelho comerem o que lhes é apresentado¹⁹⁴, cena que só o *Actus e*, quase consequentemente, também as *Fioretti* relatam¹⁹⁵.

Todas estas citações mais ou menos exactas, aduzidas, principalmente, a favor da rigorosa abstinência que praticavam os villacrecianos, remetem para episódios que só as referidas fontes relatam com essas precisas circunstâncias e abundância de pormenores. E, como em algum caso, que não para estes, Fr. Lope citou as *Flores*, tem-se afirmado que as citações apontadas provêm das *Fioretti*... Ora, todos esses episódios foram recolhidos pelo *Floreto*¹⁹⁶ de que uma das fontes é, justamente, o *Actus Beati*

¹⁹⁴ Fr. Lope de SALAZAR Y SALINAS, *Primeras Satisfacciones...* (art. IX), in *Las Reformas...*, 815, 826.

¹⁹⁵ *Fioretti di San Francesco* (cap. IV), in *Fonti Francescane...*, 1460-1481.

¹⁹⁶ Oferecemos, em síntese, a respectiva localização desses episódios no *Floreto* seguindo a paginação artificial da nossa edição já referida: *Actus* (XVI) – *Fioretti* (XVII) – *Floreto* (136, pág. 150-152); *Actus* (XX) – *Fioretti* (XVII-XVIII) – *Floreto* (131, pág. 145-147), *Actus* (DI) – *Fioretti* (IV) – *Floreto* (Cap. não n.º, pág. 181-183) Naturalmente, como já aludimos a propósito de um dos textos, poderiam multiplicar-se os lugares paralelos em que tais episódios ocorrem em compilações de «fontes franciscanas» nos séculos XIV e XV, indicações que os recentes editores do *Actus* apontaram com utilíssima prodigalidade.

*Francisci et Soeiorum Eius...*¹⁹⁷ Terá sido, então do *Floreto* que Fr. Lope deu essas citações? É bem possível, pois esse único caso em que o austero seguidor de Fr. Pedro de Villacreces cita, directamente – dizemos cita e não apenas recomenda –, as *Flores* alude a um texto que não vem nas *Fioretti* (nem no *Actus...*), mas que, comum, embora, a outras fontes, se encontra igualmente no *Floreto*. Estamos a referir-nos à passagem do cap. 2^o (*De la Obediencia*) do *Memorial de Vida y Ritos* em que para se alcançar *la impassibilidad sin el súbdito sentir por qué le mandan las tales diversas cosas* se propõe que se olhe *a la intención e doctrina de San Francisco, que se pone en «las Flores» cerca del enxemplo del cuerpo muerto...*¹⁹⁸. Ora, este «exemplo» encontra-se, precisamente, no

¹⁹⁷ S. CLASEN no seu já referido estudo sobre o *Floreto de Sant Francisco* deixou assinaladas, linha por linha, as respectivas fontes, incluindo, obviamente, o *Actus* e as *Fioretti*. Nem sempre, porém, como já o deixámos sugerido na «Nota de Apresentação» da nossa edição do *Floreto*, podemos estar de acordo com a fonte apontada pelo ilustre autor de tão minucioso e preciso trabalho e, por isso, um dia voltaremos a essa análise.

¹⁹⁸ Fr. Lope de SALAZAR Y SALINAS, *Memorial de la Vita y Ritos* (cap. II), in *Las Reformas...*, 716, 719. O mesmo exemplo aparece em 2CI52 e na L.M.6.4, embora, neste último caso sobretudo, em forma mais sintetizada que não deverá ser tomada em consideração; dentre as fontes franciscanas «não oficiais» reteve-o a *Vita del Povero et Humile Servo di Dio Francesco*, cap. 70 b/c, 223-224.

*Floreto...*¹⁹⁹, ainda que pertença ao texto do *Speculum Perfectionis* (cap. 48) que a obra integra..., o que, como já sugerimos (n.º 61), pode permitir pensar que o texto compilativo que utilizava Fr. Lope – as *corónicas primeras e más antiguas* em que se transcrevia largamente o *Speculum Perfectionis* – talvez estivesse falto desse cap. 48 desta última obra, determinando assim o recurso a outra compilação – essas *Flores = Floreto* – que, curiosamente, coincidia, em larga medida, com essas *corónicas primeras e más antiguas...*²⁰⁰. O facto, porém, de remeter neste preciso exemplo para as *Flores* parece tornar evidente que, ponderadas todas as circunstâncias, citações e recomendações que poderiam permitir identificar as *Flores* com as *Fioretti*, as *Flores* citadas e tão recomendadas por Fr. Lope mais não serão do que essa grande antologia franciscana em que se contém quase todo o *Speculum Perfectionis*, isto é, o texto, ao

¹⁹⁹ *Floreto de Sant Francisco...*, cap. 49, 56.

²⁰⁰ Convirá ter presente que esse capítulo XLIX do *Floreto* não é uma tradução exacta do cap. 48 do *Speculum Perfectionis*, mas, sim, uma combinação de 2CI52 com o texto do *Speculum...*, o que poderia confirmar um pouco mais a nossa sugestão, ainda que não torne menos intrigante essa utilização cruzada de compilações afins... Por outro lado, essa «abundância» de fontes poderá ajudarnos a descobrir o gosto ou o interesse das reformas pela história – e, logo, pelo Francisco «histórico», isto é, mais verdadeiro, mais autêntico – como base da sua identidade e, portanto, da sua própria razão de ser.

parecer, fundamental dessa *Corónica antiga*, também dita *de Alvernia*, e outros textos que, até certo ponto, podiam suprir certas ausências de textos franciscanos como o *De Conformitate Vitae b. Francisci ad Vitam Domini Iesu de Fr. Bartolomeu de Pisa* – que é igualmente, uma das suas fontes²⁰¹, obra que não figura nas recomendações de Fr. Lope nem nas listas das pequenas bibliotecas portuguesas inventariadas que estudamos²⁰².

²⁰¹ Deverá notar-se, como convenientemente assinalaram os editores dos textos villacrecianos, que há citações de Fr. Lope que unicamente remetem – ou parecem remeter para o *De Conformitate* (conf. *Las Reformas...*, 691, 722, 735, 793, 803, 806, 862, 891 908, 911), ainda que haja outras passagens comuns a outras fontes franciscanas, e, naturalmente, ao *De Conformitate*, igualmente assinaladas. Um útil trabalho a fazer seria o de verificar quantas dessas citações e alusões são também comuns ao *Floreto*. Sobre o *De Conformitate* será sempre de ter presente o trabalho de P.e António BLASUCCI, «Le Fonti Francescane nel *De Conformitate* di Fra' Bartolomeo de Pisa (†1401) – Considerazioni Critiche e Rifflessi nella Storia in *Lettura delle Fonti Francescane attraverso i Secoli: Il 400*, 301-324.

²⁰² Haverá, no entanto, a assinalar a existência do *De Conformitate* na livreria da rainha Leonor Lancastre, mulher de João II. Infelizmente o inventário e destino da maior parte dos livros da rainha é hoje desconhecido, apenas deles restando a notícia de um pequeno núcleo que foi estudado por Isabel Vilares CEPEDA, «Os Livros da Rainha D. Leonor segundo o Códice da Biblioteca Nacional de Lisboa» in *R. B. N. L.* s.2ª, 2 (1987), 51-81; Ivo M. Carneiro de SOUSA, *A Rainha da Misericórdia na História da espiritualidade em Portugal na Época do*

Deste modo, não parece violento concluir, documentando o que as fontes portuguesas sugerem sobre a circulação do *Floreto* em castelhano, aragonês ou catalão, que essa grande compilação franciscana era um texto bem conhecido não só da reforma de Fr. Pedro de Villacreces, mas também dos seus observantes opositores... É isto, pelo menos, para os anos em que Fr. Lope de Salazar escrevia as *Segundas Satisfacciones* (1457-1460)²⁰³ e em que redigiu o *Memorial de Vida y Ritos* (1451)²⁰⁴.

Renascimento, Porto, 1993 [Ed. policopiada, Dissertação de Doutoramento em «Cultura Portuguesa» na Univ. do Porto], I, t 1, 994-1013 abordou com mestria as questões da «livraria» da «Rainha Velha».

²⁰³ Os editores e autores da Introdução aos escritos villacrecianos de Fr. Lope de Salazar y Salinas propõem, com bons argumentos, esses anos para a redacção das *Segundas Satisfacciones* (Conf. *Las Reformas...*, 176).

²⁰⁴ Como se sabe, o próprio Salazar y Salinas datou esse *Memorial* de «cinco de junio, año de mil e quatrocientos e sesenta e un años» [5.VI.1461] (conf. *Memorial de la Vida y Ritos*, in *Las Reformas...*, 746). Neste contexto terá interesse aludir aos problemas da possível relação do *Floreto* com essa *Vida* de S. Francisco em castelhano antigo – princípios do século XV – que se conserva na B.G.U Coimbra (MS 1192) e de que o Padre G. Gasca Queirazza, S. J., identificou as principais fontes, chegando mesmo a sugerir a sua leitura no âmbito das reformas observantes castelhanas («La Vita di San Francesco in Castigliano antico. Problemi e Ipotesi», in *Collectanea Franciscana*, 43-44 (1973), 377-383). Por sua vez, J. PERARNAU ESPELT, *Dos Tratados «Espirituales» de Arnau de Vilanova en traducción castellana medieva*,

No entanto, as alusões e citações de Fr. Lope parecem pressupor uma já certa tradição da leitura dessa obra, o que a documentação portuguesa, que, como vimos, nos remete para 1452, poderá ajudar a confirmar. A ser assim, poderá ser bem legítimo ver na presença do *Floreto* nas diferentes livrarias um dos mais fortes traços de união de timbre bibliográfico – e, claro, de perspectivar – entre as diversas reformas franciscanas ibéricas dos fins do século XIV e ao longo do século XV, tal como não será totalmente ilegítimo sugerir, que essa presença poderia ser a nota mais evidente que, de um ponto de vista das existências bibliográ-

Roma, Iglesia Nacional Española, 1976, 29, pensa que *el pequeño enigma del manuscrito de Coimbra queda totalmente desvanecido con la sola hipótesis de su origen en alguna de las casas de terciarios o terceros que, como sabemos, no faltaron en la parte norte-occidental de España...* É uma hipótese altamente sedutora..., mas os argumentos aduzidos pelo P. Perarnau, mestre insigne dos estudos sobre o grande catalão, também podem verificar-se, talvez com maior pertinência ainda, nas reformas observantes de tom mais rigorista... Todas estas questões foram tratadas por Maria Joana V. P. de A. de Sousa GUEDES na sua edição desse precioso ms. de Coimbra: *A «Compilação de Coimbra». Edição Crítica do Ms. 1192 da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Porto, 1993 (Dissertação de Mestrado em História Medieval na Faculdade de Letras do Porto, Ed. policopiada), trabalho em que se completam algumas das pistas oferecidas por Gasca Queirazza e se discutem, para as matizar, algumas das sugestões de Perarnau Espelt.

ficas, caracterizaria, franciscanamente, uma biblioteca observante ou reformada da mesma época...

6. GESTA MINORUM PER LIBROS

De todos os modos, da reforma villacreiana defendida por Fr. Lope à Observância portuguesa do século XV – e recordemos que Santa Maria da Ínsua..., Santa Maria de Mosteiró e S. Clemente das Penhas nos remetem para cerca de 1392, isto é, para os anos em que também Fr. Pedro de Villacreces se empenhava na sua reforma – podemos constatar, afirmada não só através dos títulos das obras, mas ainda da sua valorização, uma assunção do livro como meio de *lectio spiritualis* e não como fonte de ciência, mesmo teológica, ou de estudos de «artes liberais»... E isto na sequência de uma espiritualidade que, mais do que reformar, se queria restaurar. Fr. Lope aponta sempre como pauta Santa Maria degli Angeli... Para Portugal, e concluindo através de alguma insinuação dos *Inventários*, só lentamente o estudo da Gramática e da Retórica, afirmada inicialmente pela presença de um *Donato* ou de uma *Ars Praedicandi*, foi avançando e, mesmo assim, cingindo-nos à letra dos documentos, nem em todas as casas... Mas, de S. Clemente

das Penhas em Matosinhos, em vésperas de passar a integrar o Convento de N^a Senhora da Conceição, a S. Francisco de Xabregas, ressalvadas a situação geográfica e o entorno social cortesão, as diferenças não desmentiriam a orientação geral... Na Ínsua, contudo, apesar do último *Inventário* datar de 1491, não seria pela presença de um *ars dictaminis* e (desde 1489...) do indispensável *Mammotrectus* que o constataríamos, e Santa Cristina de Tentúgal, pelo que diremos, também estaria, por estas datas, bem longe de tais estudos... Lembremos que um dos seus fundadores e primeiro prior foi o leigo Fr. João de Lamego...

Traduziriam essas diferenças algumas clivagens ou matizes na orientação da Observância em Portugal? De qualquer maneira, porém, para estes anos 1451 a 1474, em que o peso da literatura litúrgica e da de espiritualidade, um conjunto harmónico, é bem notório nas livrarias dos oratórios – na Ínsua continuava ainda nos fins do século, apesar do decréscimo dos livros inventariados – poderá afirmar-se um privilegiar, tal como do outro lado da fronteira, da «lição espiritual», da *lectio sancta*... E, no entanto, talvez seja possível, como queria sugerir a nossa pergunta, notar alguma clivagem na orientação geral da espiritualidade da Observância portuguesa em direcção (um regresso...) a uma «observância» mais rigorosa que, em

certas casas, a poderá ter aproximado de uma reforma da do tipo de Fr. Pedro de Villacreces de que Fr. Lope de Salazar continuava, por esses meados do século XV, a manter bem alto o espírito e a letra. E talvez tudo nos conduza, uma vez mais, a Santa Cristina de Tentúgal..., casa onde, recordemo-lo, tinha professado Fr. João da Póvoa... Aí poderia ter conhecido – gostaríamos de dizer: conheceu – o *Floreto* em lição que mais tarde foi utilizada – gostaríamos igualmente de poder dizer: mandou utilizar, ou utilizou – para lograr, na Ínsua, para a livraria do oratório, um texto fiável...

Com efeito, quer através das notas de Fr. João da Póvoa que constituem esse *Catálogo dos Vigários Provinciais da Observância de 1447 a 1506* que se encontra entre as *memórias* de S. Clemente das Penhas quer através de documentação aduzida por Fernando da Soledade na continuação do trabalho de Fr. Manuel da Esperança (*História Seráfica*), podemos conhecer algo sobre essas diferenças na evolução da reforma franciscana em Portugal – oficialmente reunida à Observância desde 1447 – que – talvez valha a pena repetir – se inicia legalmente, à parte qualquer tentativa esporádica anterior²⁰⁵, cerca de 1392 com a

²⁰⁵ Interpretamos, deste modo, o gesto, entre outros, de Fr. Gonzalo Mariño e seus *companheiros* de partir, em 1389, com autorização e recomendação de Urbano VI, para

fundação, entre outros, dos oratórios de Mosteiró (Valença), Ínsua (Caminha) e S. Clemente das Penhas (Matosinhos)... As três casas, curiosamente, todas muito próximas do rio ou do mar – brotam do movimento desencadeado em terras portuguesas por Fr. Diego Arias, Fr. Gonzalo Mariño e Fr. Pedro Díaz da Província de Santiago, no rescaldo da política peninsular desses dias que culminou em Aljubarrota e que há que ver inscrita no quadro mais amplo da fractura entre Roma e Avinhão...²⁰⁶ Não interessam aqui precisas e delicadas questões de

diversas partes do mundo que, antes de mais, deverão entender-se, como é legítimo supor, pela Itália das reformas «observantes». Conf. F. Félix LOPES, «Franciscanos de Portugal antes de formarem Província Independente, Ministros Provinciais a que obedeciam» in *A.I.A.* 45 (1985), 349-450 (esp. 437-439), em que publica a bula *Cum Dilectus Filius* nesse sentido dirigida a Fr. Gonzalo. Recorde-se, então, o relevo que, dentro desta perspectiva, poderio ganhar figuras como a de Fr. Rodrigo Martínez de Lara que, mesmo que não tenha sido ministro da Província de Santiago, amava os retiros e a observância da Regra de S. Francisco ao modo dos «espirituais», como anota, na sequência do autor de *Arbol Cronológico*, F. Félix Lopes no trabalho citado (425).

²⁰⁶ Sobre este quadro parecem unânimes os factos e as interpretações como se pode ver em *Las Reformas...*, 69 e na anónima *Crónica de la Provincia Franciscana de Santiago - 1214-1614*, Madrid, *A.I.A.*, 1971, com importante Introd. e notas de Manuel de CASTRO, O.F.M. (conf. 96, 119); F. Félix LOPES, «Franciscanos de Portugal antes de Formarem Província Independente. Ministros a que obedeciam», in *A.I.A.*, 45 (1985), 349-450 (esp. 428-431).

cronologia e prioridades, mas, sim, acentuar que a reforma da Província de Santiago – portuguesa desde 1384 (?) – avança pelo que ao território de Portugal se refere, por esse ano de 1392... Quais o seu espírito e estilos de vida? Para além do sentir geral que conlevam termos como «reforma» e «observância» que todos os documentos perfilam num sentido de austeridade e pobreza, mas que nunca haverá que medir por uma pauta nem rígida nem única²⁰⁷, talvez, apesar do confusionismo em que incorre tantas vezes, o anónimo autor da *Crónica da Província de Santiago – 1214 – 1614* se tenha aproximado de uma certa verdade ao pretender relacionar essa reforma com a acção

²⁰⁷ Os autores dos estudos fundamentais que tentaram precisar, no meio de tanto dado incontrolável e desconexo oferecido pelos cronistas franciscanos dos séculos XVII e XVIII, o arranque e o desenvolvimento das observâncias nas diversas províncias franciscanas da Península Ibérica, formularam com justeza uma conclusão importante e a nunca perder de vista: *se sabe la forma casi anárquica con que comenzó la reforma en España y fuera della...* (*Las Reformas...*, 437); Isidoro de VILLAPADIerna, «L'Osservanza in Spagna», in *Il Rinovamento del Francescanesimo. L'Osservanza...*, 275-286 confirma os factos e as interpretações; para Itália, os estudos de Mario SENSI, *Le Osservanze Francescane nell'Italia Centrale*, Roma, Istituto St. dei Cappucini, 1985, apontam à mesma conclusão (conf. 295). Para França e outras províncias da Europa central podem ver-se como introdução – ao tema, os trabalhos recolhidos no Colóquio *Il Rinovamento del Francescanesimo...* já acima referido.

de Fr. Pedro de Villacreces e de Fr. Pedro de Santoyo em Castela...²⁰⁸. Pelo menos, em Portugal, cinquenta anos mais tarde – por alturas em que Fr. Lope tem de defender a reforma villacreciana – é possível encontrar indícios de que um espírito semelhante percorria parte da Observância. Diremos que aqui, como por toda a Península Ibérica, da Observância brotavam as observâncias? Sem qualquer dúvida, mas tal não obstará a que esse movimento de meados do século tenha pretendido recuperar esse espírito reformador inicial pela inserção na Observância portuguesa de um *tonus* reformador castelhano... Estamos, evidentemente, a

²⁰⁸ Com efeito, escreve o anónimo franciscano autor da referida *Crónica de la Provincia Franciscana de Santiago* depois de recordar os tempos e personagens definidores da reforma de Fr. Pedro de Villacreces e de Fr. Pedro de Santoyo: *y aunque entraron* [os dois grandes reformadores) *en esta sancta provincia de Santiago, y reformaron las conventos de Zamora Benavente, La Coruña y Cabeza de Alba y otros... No pudieron por entonces reformar del todo el insigne convento de San Francisco de Salamanca...* cap. XXVI, 97-98)... Como assinala o eruditíssimo anotador desta *Crónica...*, Manuel de Castro, O.F.M., não só não consta a entrada dos dois grandes reformadores na Província de Santiago, mas também alguns dos conventos pretensamente por eles reformados segundo o anónimo autor, só o foram mais tarde ou nasceram reformados... Se tudo isto é historicamente positivo, não terá sido também, para além dos erros do cronista, o conhecimento do espírito e do exemplo villacreciano um dos factores detonantes da reforma na Província de Santiago?

aludir ao que se passa à volta da eleição, como vigário provincial, renúncia e lances de vida de Fr. Gomes do Porto – português?²⁰⁹ – que depois de 1447 entrou, por ordem de vigário geral da Observância, Fr. João Perioche de Maubert, como visitador das casas observantes portuguesas...

Professo e guardião da casa de Palenzuela, *homem de mui bom desejo e provada religiom*, como regista o Padre Póvoa²¹⁰, ficou em Portugal e foi eleito vigário provincial em 1450... Um ano depois (1451), teve, porém, de renunciar

²⁰⁹ Seria Fr. Gomes do Porto português? As «memórias» de S. Clemente das Penhas em que se registam os vigários provinciais da Observância apenas referem que, *sendo elle em castella gardiam de palencoyla*, foi a Portugal enviado por Comissário visitador do Geral... (V. A. Magalhães BASTO, *Memórias Soltas e Inventários...*, 43). Fr. Fernando da SOLEDADE que conheceu essas «memórias», afirma sem outras provas que o *appellido manifesta sua patria... a qual foy a nobilissima cidade do Porto...* (*Historia Serafica...*, III, 2, 30, 251) Seria? Talvez, e a favor desta interpretação pode estar o silêncio das «memórias» aludidas..., pois se Fr. Gomes foi atacado por querer introduzir cerimónias de Castela... natural seria que o dissessem também castelhano... Pedro de SALAZAR na sua *Crónica y Historia de la Fundación y Progreso de la Provincia de Castilla de la Orden del Bienaventurado Padre S. Francisco...*, Madrid, En la Imprenta Real, 1612, nada traz e Atanasio LÓPEZ, O.F.M., «Documentos Relativos al Convento de Palenzuela», in *A.I.A.*, 13 (1916) 321-333, nada igualmente nos revela sobre o assunto.

²¹⁰ A. Magalhães BASTO, *Memórias Soltas e Inventários...*, 43.

por imposição dos frades que o acusavam de *trazer alguuas cerimoniaas de Castela...*²¹¹ Que cerimónias seriam essas que tão grave «escândalo» provocaram? O Padre João da Póvoa, nas *Memórias* registadas ao longo do *inventário* de S. Clemente onde vem esse *Catálogo dos Vigários Provinciais* não especifica... Contudo, Fr. Fernando da Soledade, que terá visto outras do mesmo Fr. João da Póvoa guardadas em S. Francisco de Lisboa, anota que Fr. Gomes era, segundo aí escrevia o confessor real, *mais dado à quietação e retiro da cela que ao espírito de mandar...*²¹². *Quietação e retiro da cela...* insinua, por si mesmo, um alto pendor interiorizante e contemplativo..., isto para não dizer que recordaria a vocação predominantemente eremítica que da *forma vitae* de Francisco fixou unilateralmente e, logo, polemicamente, uma parte dos Menores... Poderia ser o tom desses *estilos que se practicavão em Castela* a base para o acusarem de *inventor de novidades*²¹³. Será legítimo tudo resumir no seu

²¹¹ Id., *Memórias Soltas e Inventários...*, 43; Fr. Fernando da SOLEDADE, *História Serafica...*, III, 1, 10, 67; III, 2, 30, 251.

²¹² Fr. Fernando SOLEDADE, *Historia Serafica...*, III, 2, 1, 139.

²¹³ Fr. Fernando DA SOLEDADE, *Historia Serafica...*, III, 2, 30, 251. G. Miccoli, «Dall'Agiografia alla Storia: Considerazioni sulle Prime Biografie francescane come Fonti Storiche», in *Francesco d'Assisi...*, 190-263 (esp. 239-242),

intento de introduzir na Ordem, consagrando tais «estilos», *as Constituições Premitivas da mais Estreita Observancia Seráfica* que se lhe atribuem?²¹⁴ Talvez. Com efeito, renunciado o vicariato – que, aliás, voltou a exercer, também apenas por outro ano (1454) – Fr. Gomes do Porto retira-se para Santa Cristina, *casa terrea*,

coloca em termos muito precisos as questões levantadas, chamando a atenção para que *il loro* [dos companheiros] *profundo disagio rispetto all'ulteriore sviluppo che l'ordine aveva subito, pur senza riuscire a contestarne del tutto l'ispirazione di fondo, trova un rifugio nel nascondimento dell'eremo, unica isola che permette di restare poveri e umili, estranei ai problemi che l'impegno pastorale nelle città inevitabilmente comporta. Il prezzo, nell'uno come nell'altro caso, fu l'abbandono della sostanza originaria di quella che era stata la coerente e compatta proposta di Francesco, di cui solo singoli frammenti riescano ancora a riemergere.* (241).

²¹⁴ Diogo Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, I, Lisboa, Ignacio Rodrigues, 1747, 388. Tal como F. Félix LOPES, «Para a História da Ordem Franciscana em Portugal. Fontes Narrativas e Textos Legais», *A.I.A.*, V, (1945), 172-203, n.º 37, também nós não sabemos donde recolheu o Abade de Sever essa notícia, que, apesar de tudo, não é inverosímil. Será que o grande bibliógrafo traduziu desse modo a notícia que traz L. Wadding sobre o *Modus laudabilis Observantiae Stricteris in Sancta Christina a venerabili Patre Fratres Gomesio Portuensi inchoatus* e de que transcreveremos algum trecho mais adiante? Deve notar-se, porém, que M. MARTINS, *O Ciclo Franciscano da nossa Espiritualidade Medieval*, 6 (n.º 2), parece induzir que nas suas páginas da *História Seráfica*, Fr. Fernando da Soledade refere essas *Constituições*, o que não lográmos confirmar.

*humilde estreita, as celas com portinhas que ainda se viam no século XVII...*²¹⁵, *plantada numa charneca, mas parecendo um jardim*²¹⁶, onde se viu consagrada, um pouco mais tarde, exactamente em 1456, a *mais estricta Observância (strictioris observantia)* da vida franciscana a que prologara já o estatuto de «casa recoleta» nos tempos de Fr. João da Póvoa²¹⁷, isto é, quase desde os seus começos. Com efeito, o célebre provincial e não menos célebre confessor do rei João II de Portugal²¹⁸ aí tomara o hábito das mãos do fundador, Fr. João de Lamego... Em 1447, dez anos depois da sua fundação (1437)... Ora, precisamente, nas *Constituições* aprovadas pelo capítulo provincial de Alenquer, presidido por Fr. Gil de Guimarães, no referido ano de

²¹⁵ Fr. Manuel da ESPERANÇA, *História Serafica...*, II, 12, 5-11, 654, 656.

²¹⁶ Id., *História Serafica...*, II, 12, 5-11, 652.

²¹⁷ Id., *História Serafica...*, II, 12, 5-11, 655.

²¹⁸ Id., *História Serafica...*, II, 10, 48, 495, aponta que Fr. João da Póvoa não aceitou ser confessor de D. Manuel I que sabia *ser feitura deste venerável padre*, porque queria *antes viver com quietação nalgum convento da ordem que ser confessor de hum Rei tão excelente...*, apontamento que, mesmo em alguns pormenores, será curioso afrontar com a tradição das razões por que Fr. João da Póvoa não quis continuar a ser confessor do Venturoso que se guarda em algumas memórias quincentistas, como essas editadas por Ch. L. LUND com título de *Anedotas Portugueses e Memórias Biográficas*, Coimbra, Liv. Almedina, 1980, 161-163 em que se pondera o diferente modo de os dois soberanos atenderem à emenda da *res publica*.

1456, manda-se, por ordem do vigário geral, então aí pessoalmente presente, que o vigário da província observante portuguesa favoreça o *modo de vida sancta e muito louvável que havia de mais estreita observancia nos conventos de Santa Christina, Santa Catarina da Carnota, S. Bernardino de Atouguia e Ínsua, o qual modo de vida*, esclarece ainda o mesmo documento, *tinha instituído o venerável padre Fr. Gomes do Porto em o primeiro dos conventos nomeados*²¹⁹. Não podemos garantir com o cronista franciscano, Fr. Fernando da Soledade, que tenha sido essa a ocasião em que pela primeira vez na religião seráfica se utilizava, como titulo definidor, a expressão *strictioris observantia*²²⁰, mas podemos afirmar que, aí e então, *os estilos de Castela*, através dessas verosímeis *Constituições Premitivas da mais Estreita Observancia* terão sido para alguma coisa... Sempre favorecidos por Fr. João da Póvoa²²¹, confirmados pelo

²¹⁹ Fr. Fernando da SOLEDADE, *História Serafica...*, III, 2, 1, 141-142. No *Catálogo dos Vigários Provinciais...*, in A. Magalhães BASTO, *Memórias Soltas e Inventários...*, 43-44, chama-se a atenção, confirmando o cronista, para o facto de a esse capítulo provincial ter assistido pessoalmente o vigário geral, sublinhando ser esse o *vigario geeral o primeyro que a esta provyncia de Portugal per pessoa ataa aly viera visitar*.

²²⁰ Id., *História Serafica...*, III, 2, 1, 141-142.

²²¹ Id., *História Serafica...*, III, 4, 9, 413. Será de algum interesse pôr em relação este texto com o apontamento de Fr. João da Póvoa sobre o estilo de vida na Ínsua (*supra*

capítulo provincial de Alenquer de 1486, os Estatutos da recolecção conseguem também ver oficialmente reconhecido o seu estilo de vida mais estreito:

...vestirião mais pobremente e seria burel ou outro qualquer pano despresível; nos leytos não haveria cousa de penna, nem branda, nem curiosa; no refeytorio terião mais abstinência, contentandose com o pouco que a misericordia divina lhes administrasse, sem andarem vagueando e dando molestia aos devotos; das esmolas que estes lhes trouxessem à portaria não aceytarião mais que o precisamente necessário e largarião o resto; não diriam missas nem trintarios por esmola de dinheiro; nos seus conventos farião muito por escusar trabalhadores de fora, que levassem ordenado, ou jornal, mas todos servirião conforme suas forças e industrias, cavando a horta, lavando a roupa e fazendo todas as mais cousas de que dependesse o bom governo e asseyo das casas; finalmente terião cada dia mais horas de oração que a costumada, ajustandose quanto pudessem com os apertos da pobreza evangélica e pontos da nossa Religião seráfica²²².

n^a 124), confronto que nos torna mais evidente o favor concedido pelo provincial Póvoa a essas *Constuições Permittivas da mais Estreita Observancia* e às casas que por elas se regiam.

²²² Id., *História Serafica...*, III, 4, 9, 413.

Fr. Fernando da Soledade, preocupado em demonstrar que *teve esta recoleção a singularidade e prerogativa de ser a primeyra de todas em nossa Ordem dentro do estado da Observância*²²³ – pecha esta (a das prioridades...) de tão graves consequências, sob alguns aspectos, para a historiografia, religiosa e profana, do tempo – aponta-lhes paralelos futuros nas diversas reformas que foram surgindo a partir dos fins do século XV – Juan de la Puebla..., Juan de Guadalupe... – e para nada recorda com precisão as suas origens.

Na hora de concluir, e perante os dados que fomos coligindo, será ilegítima a insinuação que as origens da formação e orientação de Fr. Gomes do Porto (falecido em 1461) – o mesmo ano em que Lope de Salazar escrevia o *Memorial de la Vida e Ritos* – talvez remetam para uma zona de influência da reforma de Fr. Pedro de Villacreces de que era, por essas datas, alta figura e sustentáculo Fr. Lope de Salazar y Salinas? Uma resposta segura talvez a pudessem ajudar a dar os livros já não diremos que se liam, mas, pelo menos, os que se guardavam em Santa Cristina de Tentúgal, um centro onde não só parece ter confluído, mas também donde se terá difundido em Portugal

²²³ Id., *História Serafica...*, III, 4, 9, 413.

o *Floreto de Sant Francisco*²²⁴ que é largamente centrado no «rigorista» *Speculum Perfectionis*... Não esqueçamos que o «rigorista» Fr. Lope o lia em «duplicado»: nas *Flores* que deverão ser identificadas com o *Floreto* e na *Corónica anti-gua* que fazia parte das *Corónicas primeras e más antiguas* da Ordem. Conheceremos algum dia esses livros que havia em Santa Cristina de Tentúgal?

7. E AS LIVRARIAS?

Até aqui tratámos de livros e fizemos constantemente referência a livrarias... Um termo cómodo – e muito preciso – para significar o conjunto de livros de que dispunham essas casas e que, estatutariamente, desde, pelo

²²⁴ A posição de Santa Cristina de Tentúgal como centro de confluência e de difusão do *Floreto* poderia ser ainda sugerida, como já recordámos, pela utilização que dele faz Fr. Marcos de Lisboa como fonte das suas *Primeira e Segunda Parte das Crónicas da Ordem dos Frades Menores*. Com efeito, Marcos de Lisboa professou e foi noviço em Santa Cristina (Manuel da ESPERANÇA, *Historia Serafica...*, II, 12, 6, 656) e nada custa a admitir que aí, pelos finais do primeiro quartel do século XVI, tivesse conhecido o *Floreto*... Da importância desta obra como fonte de Fr. Marcos já se ocupou Armando QUAGLIA, O.F.M., «Il Floreto come Fonte Storica sconosciuta di Marco da Lisbona e del Wadding» in *Studi Francescani*, 54 (1957), 40-49.

menos, 1451, os observantes eram obrigados a inventariar e, obviamente, a registar. Gostaríamos de os imaginar reunidos e dispostos à maneira de uma das nossas bibliotecas..., mas convém lembrar que nesta documentação não se alude sequer a um espaço especial – aposento ou parte de aposento ou móvel – para guardar e dispor os livros..., isto é, aquilo que, com o acumular dos anos e dos livros, veio a chamar-se livraria... Fr. Lope de Salazar também não recorda tal especialização... Assim, é legítimo pensar que os livros de coro estariam, seguramente, no coro..., outros, os missais, por exemplo, na sacristia – também aí estavam, em S. Clemente, as escrituras da casa e outros papéis, como alvarás com certos privilégios de alguns livros –, outros, algures numa arca, como, ao parecer, acontecia – ou aconteceu, durante algum tempo – como muitos dos que acabaram por ser oferecidos à Ínsua pelo bispo do Porto, D. João de Azevedo, que, antes de partir para Roma, lá assim os deixou ao cuidado de Fr. Álvaro de Córdova... Muitos outros andariam com quem deles precisava... De todas estas localizações há exemplos nos inventários que estudámos. Se pudéssemos defender que Fr. João da Póvoa ia estabelecendo os inventários à medida que ia encontrando os objectos ou o lugar em que deveriam estar – o que não deverá ser verdade –, então, poderíamos pensar

que na rouparia de S. Clemente andaria um *Mestre das Sentenças*, em pequeno volume, que em 1474 estava emprestado em Viana... Aliás, se não erramos, os *Estatutos* de Barcelona (1451), que tanto cuidado põem na obrigação do registo anual dos livros de cada casa – como de outros bens, naturalmente –, não referem especificamente um lugar especializado para os guardar. Quando muito, para os que tivessem algum valor, um lugar seguro... talvez o mesmo lugar para esses livros que para os cálices²²⁵. Só, como já aludimos, com o abrir da Observância aos estudos – uma das consequências das exigências de um melhor desempenho dos pregadores e dos confessores –, o avolumar de livros que tais exigências pressupunham terá levado a pôr a questão do espaço e do lugar das livrarias nas casas observantes e reformadas. Gostaríamos de supor que ao transferirem-se, em 1481, do minúsculo oratório de S. Clemente das Penhas para o convento da Conceição, os frades, já então possuidores de mais livros – os inventários atestam-no –, teriam pensado em

²²⁵ Assim se ordenava, em datas próximas das nossas, nos *Statuta Observantiae Provinciae S. Angeli in Apulia, ann. 1448* in *Archivum Historicum*, VIII (1915), 102, cit. por Doroteo FORTE, «Inconablli e Cinquecentine nella Biblioteca «P. Dionisio Piccirilli» del Convento de S. Giovanni del Gelsi a Campobasso» in *Studi Francescani*, 91 (1994), 375-402 (esp. 376).

reservar um espaço para a livraria da casa nova e maior... Mas não o sabemos. Nem Lucas Wadding que aí foi noviço em 1606, parece recordar, para essas datas, tal espaço, ele que não esqueceu que *intra monasterii ambitum amplissimi habentur horti, referta pomaria, amoena viridiana, virentia prata...*²²⁶ Mas não nos admiraria que o houvesse cerca de 1500 em Alenquer quando a casa foi elevada a arquivo central da Observância em Portugal... S. Francisco de Xabregas só quase um século depois que o salão anexo ao convento, mandado fazer pela rainha Leonor de Portugal, por comodidade sua de acesso e visitas, foi, por morte da benfeitora (1525), incluído na clausura, terá tido uma casa de *livraria, que he magnifica...*, construída por Fr. Luis dos Anjos²²⁷, como refere Fr. Jerónimo de Belém antes de lembrar, com algum remoque ao parecer, outras grandezas feitas na casa no tempo de Fr. Diogo César...²²⁸ Para os anos de que nos ocupámos,

²²⁶ L. WADDING, *Annales Minorum...*, IX, 116.

²²⁷ Fr. Jerónimo de BELÉM, *Chronica Serafica da Santa Província dos Algarves da Regular Observancia de Nosso Serafico Padre Francisco*, II, Lisboa, Mosteiro de S. Vicente de Fóra, 1753, 7, 4, 148.

²²⁸ Id., *Chronica Serafica...*, II, 7, 4, 148-149: *O P. Fr. Diogo Cesar que, como esquecido da sua religiosa profissão, com animo de cavalleiro que era pello illustre do sangue, aperfeçoou o claustro grande e em muita parte os edificios do convento e da igreja, não reparando em gastos...*

a Ínsua..., S. Clemente da Penhas..., Santo António de Ponte de Lima..., Santa Cristina de Tentúgal..., Nossa Senhora das Virtudes de Azambuja..., Santa Maria de Mosteiró... e outros pequenos oratórios e conventos com poucos frades não teriam tantos livros que se lhes ocorresse dispô-los numa biblioteca... E se lhes tivessem colocado tal questão teriam, certamente, rejeitado tal luxo com um espanto que, com deleite, nos atrevemos a imaginar parecido ao de Fr. Giordano da Giano quando, aos cidadãos de Erfurt encarregados de lhe construir casa que lhe perguntavam *si ad modum claustris sibi vellet edificari*, respondeu: *nescio quid sit claustrum; tantum edificate nobis domum prope aquam, ut ad lavandam pedes in ipsam descendere possimus...*²²⁹.

O que temos, portanto, nestes inventários são os livros existentes nessas casas reunidos e dispostos em ordem, mas só talvez no papel em

²²⁹ Giordano da GIANO, *Chronica* (1262), cap. 43, in *Summa Franciscana...*, 961. Mais tarde, pelos fins do século XVI, quando já tinham algumas bibliotecas, talvez houvesse quem, como muitos dos que responderam ao inquérito sobre o estado das bibliotecas monásticas lançado pela Congregação do Índice, desejasse, em nome da pobreza, a redução radical dos seus livros... (R. di Maio, «I Modelli Culturali della Controriforma. Le Biblioteche del Conventi Italiani alla fine del Cinquecento», in *Riforma e Miti nella Chiesa del Cinquecento*, Napoli, Guida Ed., 1973, 365-381, esp. 368).

que nos chegaram os seus títulos, os seus autores, os seus copiadotes, os seus compradores, os nomes de muitos que ofereceram outros e até os de alguns que contribuíram para que um ou outro se perdesse... E ainda o nome de algum frade que os amava a ponto de obter licenças que garantiriam que não desapareceriam esses livros depois da sua morte...

8. A MODO DE CONCLUSÃO

Os três núcleos bibliográficos, aqui estudados desde a sua perspectiva mais evidente – a das leituras de espiritualidade –, como que permitem formar uma ideia do que poderia dizer-se a «livraria ideal» dos franciscanos reformados – neles incluíamos, para além do rigor técnico dos termos, os observantes – peninsulares ao redor da segunda metade do século XV..., mesmo sabendo que esse «ao redor» tende, da parte portuguesa, já para os fins da segunda metade do século...

As coincidências de títulos e as repetições de exemplares que procurámos assinalar são, para estes dias, ainda um meio de poder sugerir uma certa unidade – de leituras e, logo de orientações – em que se nos escapam muitos dos modos de ler que em última análise, poderiam mitigar, se não mesmo anular, essa «comuni-

dade»... Ao nível, porém, da informação que nos permitem os documentos, preciosos, mas quase sempre tradutores de um apreço de um bem – o livro – e não do seu significado enquanto texto, apesar de abundarem notas neste sentido, pensamos que, objectivamente, não será possível ir muito mais avante. Mas essa «livraria ideal» na sua realização concreta nos três núcleos que principalmente polarizaram a nossa análise – Custódia de Santa Maria de los Menores, Santa Maria da Ínsua e S. Clemente das Penhas – permite igualmente anotar os seus limites e limitações... Aqueles e estas, do ponto de vista quantitativo, resultarão, muitas vezes, desse espírito de renovado amor à «Dama Pobreza», que devia impedir o acumular do supérfluo e, sobretudo, do inútil perspectivados por uma espiritualidade que valoriza, antes de mais, a *pauperis Christi imitatio*... que foi sempre, mas especialmente nestes dias de reformação, mais do que um lema garantidor de uma identidade fundacional. Muitas outras vezes, porém, os limites e limitações que transparecem nos *Inventários* e informações resultariam de falta de meios – de novo, de outro modo, a pobreza – para os ultrapassar... No que diz respeito, por exemplo, a textos essenciais para a digna celebração do ofício divino, Fr. Lope assinala-o explicitamente... E o esforço que denotam os *Inventários* portugueses em procurar..., copiar

e recopiar..., em proteger (encadernando) é, antes de mais, outra maneira de ultrapassar, sublinhando-os, esses limites... Seria, para estas datas, uma traição ao seu espírito ver em tal esforço e em tais cuidados um simples entesouramento... ou uma manifestação de *curiositas*. Uma actividade que, segundo resulta de tantas indicações dos *Inventários*, não conhece distinção de pessoas nem de hierarquias... Aquele *Evangelho* que Fr. João da Póvoa trouxe de Salamanca, às costas, poderia bem ser como que um símbolo... Os poucos e dispersos doadores de livros que os *Inventários* assinalam...²³⁰,

²³⁰ Através das referências dos *Inventários* e dos «pertences» dos exemplares das obras de bibliotecas franciscanas do século XV conservados na B.N.L é possível apurar os seguintes doadores: Infante D. Henrique (Inv. Ínsua, nº 5); Alcaidessa de Castro Muño (Inv. Ínsua, 1474, nº 7); Aires Gomes da Silva e Beatriz de Meneses (Inv. Ínsua, 1474, nº 22); D. João de Azevedo, bispo do Porto (Inv. Ínsua, 1474, nº 27; Ínsua, 1491, nº 14); João Gonçalves (Inv. S. Clemente, 1474, nº 27); Luis de Medina, de Sevilha (Apênd. II, Tentúgal); Lopo Mendes (Inv. Ínsua, 1474; nº 54, 55, 56); Lopo de Calvos (Inv. S. Clemente, 1474, nº 5). Deverá, porém, notar-se que alguns dos livros doados não o foram directamente às bibliotecas dos oratórios, mas, sim, a frades e que só por morte destes, como determinavam os *Estatutos* de Barcelona, entraram na casa. Francisco Lobo (Inv. Ínsua, 1474, nº 52; 1491, nº 24) é um caso especial de doador – alguém que oferece livros antes de se fazer noviço –, situação que também Fr. Lope, com alguma resistência, se via obrigado a admitir face à escassez de livros.

as derrogações dos *Estatutos* da sua Custódia que admite Fr. Lope perante a escassez de livros de coro, não fazem mais do que confirmar um espírito e as dificuldades de o manter dentro da esfera dum mínimo funcional e formacional tolerável. Os empréstimos de livros..., a sua recuperação..., o envio de *livros velhos* para casas que, porque não teriam outros, deles necessitavam mesmo em tal estado... parece ir igualmente nesse sentido. Os inventários estudados documentam toda uma circulação do livro. E se, alguma vez, perante casos como aquele em que em S. Clemente guardaram as hóstias dentro de um livro, assim atraindo os ratos que o roeram... – não interesse aqui o ter-se tratado de um missal –, podemos suspeitar que, uma vez mais, ter livros não significa lê-los... E seria por razões que nada tinham a ver nem com a falta de recomendações..., nem de conselhos de leitura..., nem sequer com a ausência de esforços por obter mais e melhores cópias ou exemplares impressos. Se Fr. Lope prodigou sapientes conselhos, Fr. João da Póvoa não se esqueceu nunca de assentar os que se empenhavam em tal labor e de, perante os resultados, os elogiar quer estética quer funcionalmente... *Nobre letera...*, *fermoso volume...*, *pera servir no que quiserem...* Compreende-se que muito naturalmente, na documentação que maneámos, apareçam casos em que o livro, mais do que um instrumento,

se diria um *objecto*. Poderíamos ser tentados a pensar que nesse caso estariam os que, por preciosos, não se podiam emprestar nem tirar da casa... Proibição, por vezes, determinada até por alvará... Na sequência do que já referimos, seria, contudo, errado – ou, pelo menos, exagerado – ver em tal atitude uma manifestação de entesouramento... ou de *curiositas*... Quando Fr. Francisco Lobo tomou hábito, em Setúbal, em 1476, ofereceu à casa da Ínsua a terceira parte da *Vila Christi* de Ludolfo de Saxónia... Se nos lembrarmos de que as outras três partes só foram aí copiadas entre 1490 e 1494 – quase vinte anos depois – percebemos melhor que lhe tivessem apostado um alvará... Era tudo o que, então, tinham dessa preciosa obra..., uma obra fundamental em que tanto ressoava do espírito e até da letra do franciscano Boaventura de Bagnoregio... Compreende-se que não pudessem arriscar-se a perdê-la... Os pobres sempre tiveram que se defender...

De todas as maneiras, porém, da parte portuguesa, à medida que a segunda parte do século avança, é possível sugerir, confrontando *Inventários* e informações dispersas, um certo diluir desse prístino ideal de pobreza traduzido nesses «mais» livros, livros que, por oferta ou por compra, com tantas penas monetárias e até físicas, lhes chegavam de Veneza, de Vicenza, de Burgos, de Zaragoza, de Valencia, de Sevi-

lha, de Bruges, de Lyon, de Estrasburgo... S. Clemente das Penhas, abandonado e absorvido por um convento, com uma biblioteca «rica» em textos impressos, talvez possa confirmar essa sugestão... que o movimento de observância recoleta, *strictioris observantiae*, iniciada em Santa Cristina, mas a que pertencia, por esses anos, a Ínsua, pode ajudar a reequilibrar... Infelizmente, contudo, como assinalámos, muito pouco sabemos sobre a livraria de Santa Cristina, mas, mesmo correndo o alto risco de manejar dados incompletos, parece, hoje por hoje, bem significativo que dela, para estes dias, apenas nos tenham chegado notícias de uma *Bíblia* incompleta..., de um *Floreto* e de uma *Arbor Vitae* de Ubertino... Livros bem próprios, pelo estado e qualidade, de uma casa de uma radical observância... E se tudo o que é incompleto não permite pôr demasiada ênfase nas conclusões, a «letra, porém, dos documentos – neste caso, o seu silêncio – pode levar a chamar a atenção para o facto de que S. Clemente não parece ter possuído a *Arbor Vitae Crucifixae*... O exemplar que o sevilhano Luís de Medina ofereceu, em 1488, a Fr. João da Póvoa, ofereceu-o este, por sua vez, a Santa Cristina... Haveria já um exemplar na casa de Matosinhos, ou Fr. João da Póvoa considerou o livro mais apropriado para essa casa onde se polarizava um movimento «rigorista» que o

confessor de João II favorecia, enquanto provincial, tanto quanto lhe era possível?

De qualquer modo, as informações de Fr. Lope, as dos *Inventários* e as que resultam de alguns impressos que pertenceram, por essas datas, a outras bibliotecas dos observantes portugueses, permitem desenvolver a sugestão de que aos limites e limitações quantitativos que nelas transparecem e que temos procurado perceber enquadrando-os no amplo e variado movimento de renovação da Ordem das Frades Menores de que brotam, haverá que juntar uns certos limites qualitativos... Estes resultaram também da orientação espiritual que enformava o franciscanismo por esses dias de reforma... em que, tomemos os números pelo que possam valer, se lia mais em vulgar (espanhol..., português) do que em latim... Contas feitas, ao nível do registado nos *Inventários*, os livros em vulgar são mais do que os em latim, não contabilizando, evidentemente, os de côro e de sacristia... Com efeito, globalmente, os resultados vão nesse sentido, mas convirá precisar que são obtidos pelo sempre maior número de livros em vulgar (31) que se inventariam na Ínsua (7 em latim), pois em S. Clemente, pelo mesmo ano (1474), o número de textos em latim (16) é já ligeiramente superior aos em romance (13)... Valerão estas contagens para confirmar sugestões que deixámos feitas?

É possível, desde que não se esqueça, como prevenimos, que os inventários estudados não fornecem toda a informação sobre a situação real dessas livrarias nessas datas... E, por isso, talvez tenha maior interesse insistir em outro tipo de sugestões: antes de mais, à medida que os anos passam e a imprensa a torna mais acessível, é possível constatar um número cada vez maior de «bibliografia» para confessores..., para pregadores..., o que parece confirmar o que já sugerimos sobre um cada vez maior empenho das observâncias nessas actividades intelectuais e pastorais... Dramatizando um pouco, poderia dizer-se que, se nunca tinham sido, naturalmente, desconhecidas, parecem agora ganhar, de novo, o primeiro lugar na eterna alternativa ermo / cidade..., contemplação / pregação... Alternativa que Francisco recusou, como G. Miccoli assinalou magistralmente. Talvez, por esses dias, começassem os observantes a lembrar-se do *Seraphicus Doctor* – canonizado, note-se, em 1482 – especialmente da *Espistola de Tribus Quaestionibus ad magistrum innominatum* em que se conclui *licet igitur fratribus libros habere* e, sobretudo, segundo a tradução de Fr. Marcos de Lisboa, naquelas *Determinações e Respostas de muitas Perguntas sobre o Estado dos Frades Menores* em que na 3^a pergunta a licitude dos estudos se transforma em obrigação e na 22^a os livros,

como quaisquer outros bens, se podem usar, mas não possuir em propriedade...²³¹. E isto talvez possa ser outro índice de um abandono – se preferirmos, uma transformação – dos ideais que presidiram à fundação dos observantes em retirados e minúsculos eremitérios. A passagem de S. Clemente das Penhas para o convento da Conceição de Matosinhos pode, a seu modo, sugerir-lo e as posições – melhor ainda, talvez, as oposições – de Fr. Gomes do Porto podem confirmá-lo. Depois, num segundo lugar que é puramente arbitrário e que do nosso ponto de vista é fundamental, temos de assinalar o peso – relativo – da literatura de espiritualidade ou filiável em tradições franciscanas e que confere ao conjunto inventariado uma certa fisionomia «franciscana». Não são apenas os clássicos textos de S. Boaventura, ou a ele atribuídos, para a formação de noviços..., mas igualmente um *Stimulus Amoris* que passava por seu... e ainda, provavelmente, um Francisco Eiximenis... e, resultado de uma cadeia que, como já lembrámos, remete ainda a S. Boaventura, a *Vita Christi* de Ludolfo de Saxonia... A revelar ainda neste filão, as indicações persistentes de Fr. Lope sobre a leitura das *crónicas antigas*

²³¹ Fr. Marcos de Lisboa, *Chronicas da Ordem dos Frades Menores*, II, 2, 29 e 48, respectivamente, que citamos pela ed. de Fr. Luis dos Anjos, Lisboa, Pedro Craesbeck, 1615, II, 57r e 65v respectivamente.

da Ordem – entendamos, especialmente, o *Speculum Perfectionis*... – e sobre o *Floreto*..., recomendações que têm paralelo na presença notável deste último texto nas casas portuguesas..., o que significa que, tal como os castelhanos (e os de Aragão e da Catalunha) os reformados observantes portugueses privilegiaram o *Speculum Perfectionis*... Curiosamente, quase em contraste, em Portugal não há referências registadas (nestes *Inventários*, claro!) à *Legenda Mayor* de S. Boaventura e Fr. Lope é bem parco nas suas alusões a esta obra (que, aliás, cita)... De salientar ainda o interesse que a *Arbor Vitae* de Ubertino desperta logo que o seu texto se torna mais acessível (e conhecido?) pela imprensa... São textos, estes últimos, e principalmente o derradeiro, que haverá que inscrever tanto num certo radicalismo reformador que Fr. Lope defende como herdado de seu mestre Fr. Pedro de Villacreces, como num espírito *strictoris observantiae*? Aportámos já a esta sugestão por outras vias..., mas não parece justo passar, por ora, das sugestões, pois, como dissemos, ignoramos como era lido – valorizado ou, parcialmente, registado – esse polémico texto de Ubertino... Contemplariam nele, sobretudo, o Cristo pobre e sofrente que largamente patenteia o frade italiano? Que lugar concediam ao Livro V da *Arbor* nesses anos finais do século XV em que pareciam fundadas, sob tantos

aspectos – da política às divisões franciscanas que culminariam em 1517, passando pelas guerras, pelo fim dos tempos num mundo que se descobre e «completa»... –, as teses de Ubertino sobre a *horrenda et effrenata laxatio clericorum, monachorum et vulgarium plebem...*, a *pestifera inundatio hereticorum...*, a *multiplicativo hypocrisaria religiosorum et spiritus Christi et vite eius ab omnibus impugnatio*²³² ou sobre a *clarificatio sexti status*:²³³ Não sabemos. Mas sabemos que, em algumas casas, circulavam as *Revelações de Santa Brígida...* e que o *Floreto* contém, igualmente, algumas páginas proféticas sobre o devir da ordem franciscana...²³⁴

²³² Ubertino da CASALE, *Arbor Vitae Crucifixae Iesu* Veneza, 1485, V, 7 (coof ed. fac. simil. de Charles T. DAVIS, Torino, Bottega d'Erasmus, 1961, 454).

²³³ Id., *Arbor Vitae...*, V, 9, ed. cit., 470.

²³⁴ *Floreto de Sant Francisco* (Sevilha, 1492, que citamos pela ed. anastática de Porto, 1988, de acordo com a paginação artificial aí introduzida): *Tratado I que fabla de una profecia de Joachim abad de la orden de los predicadores e de los menores* (28-29); cap. LXVI: *Como sant Francisco profetizo que los que en el tiempo de la tribulacion advenidera entraran en la orden seran bienaventurados e seran provados e que los que perseveren en el bien que començaron seran mejores que los antecessores* (81); cap. LXXXI: *De la profecia de sant Francisco que dixo del mal estado que avia de venir su orden* (84); cap. LXXXII: *De la grand tribulacion que hade venir a la orden segundo que sant Francisco muchas vezes dezia y sus companeros publicaron despues. E son escriptas de las siguientes palabras en la exposicion de la regia que hizo fray Angel Clareno*

As nossas perguntas – estas e as que foram ficando ao longo desta introdução – não pretendem insinuar uma interpretação, mas ser uma efectiva confissão de ignorância... Com alguma certeza, essa precária certeza que nos transmitem os mais objectivos dos documentos – os catálogos – e as claras recomendações de Fr. Lope, gostaríamos de ponderar, uma vez mais, a importância que na reorganização das leituras de espiritualidade das reformas franciscanas peninsulares – observantes, de estrita observância, ou reformados – ganha o *Florete de Sant Francisco*... É essa uma obra que, para além dos homens – e tantos foram os castelhanos e galegos nas casas franciscanas portuguesas²³⁵ – poderia ser vista como o grande traço de união de reformas e observâncias na Península Ibérica à volta da segunda metade do século XV e que, por si mesmo, poderia dizer-se – que nos seja descontado um certo

(86). Para as questões levantadas por alguns destes textos há que ter em conta G. L. POTESTÀ, *Angelo Clarenò. Dai Poveri Eremiti ai Fraticelli...*, 196-198.

²³⁵ J. GARCIA ORO, *El Elemento Español en las Reformas Portuguesas Pretridentinas*, in *Compostellanum*, 15 (1970), 559-591, não pôde ocupar-se destes anos e, por isso, será um trabalho bem urgente a levar a cabo esse de precisar, com os nomes e números possíveis, o «elemento espanhol» nas reformas observantes franciscanas dos meados do século XV em Portugal. E sem esquecer o «elemento português» do outro lado da fronteira.

exagero – vale toda uma livraria franciscana organizada, sobretudo, em tomo do *Speculum Perfectionis*... Uma orientação «literária» por si só relevante desse desejo de rigorosa observância que também organizava a vida e a espiritualidade..., numa relação precisa que o Fundador sempre sublinhara²³⁶. E, perante isto, que nos seja igualmente permitido lembrar – mesmo correndo o risco de um aparente despropósito – quanto a questão da ignorância dos frades – e talvez do clero em geral – nestes e em outros dias é uma outra questão. Geralmente mal colocada.

²³⁶ A veneração de Francisco pelo escrito como suporte – e exigência – de uma lição espiritual, deverá ter tido alguns ecos ao longo dos tempos, pois Fr. Manuel da Conceição († 1649, Alenquer) *venerava [...] com tão íntimos affectos as palavras sagradas e evangelicas que para ouvir sermão avia de estar em pé e se achava algũas escritas em papelinhos espalhados pelo chão, assi os andava apanhando e melhorava de sitio, como se fossem as reliquias maiores...*, segundo refere Fr. Manuel da ESPERANÇA, *Historia Serafica...*, I, 32, 120-121. Tradição? Devoto mimetismo? O cronista não dá qualquer orientação, mas é possível pensar que Fr. Manuel da Conceição se revele um atento imitador de Francisco conhecido através *da Legenda Mayor* (10,6), já que à *Vita Prima* lhe seria difícil, se não impossível, o acesso.

INVENTÁRIOS

DAS LIVRARIAS
DE SANTA MARIA DA ÍNSUA (Caminha)
E DE S. CLEMENTE DAS PENHAS
(Matosinhos)

CRITÉRIOS DE EDIÇÃO

1. Na transcrição dos ms. referentes a Santa Maria da Ínsua (Caminha) desenvolvemos as abreviaturas; introduzimos as maiúsculas nos nomes próprios; acentuámos em alguns casos; utilizámos a cedilha (ç); reduzimos a uma consoante única os *ss-*, *rr-* e *ll-* iniciais, este último caso somente em palavras portuguesas; transcrevemos por *-v-* o *-u-* no interior das palavras; e, por fim, introduzimos não só uma paginação artificial nos *Inventários* da Ínsua, dado que, como explicámos, a numeração actualmente conservada não tem qualquer significado, mas também, em todos os *Inventários*, uma numeração dos respectivos *items*.

2. Em relação aos *Inventários* de S. Clemente das Penhas seguimos a leitura proposta pelo seu primeiro editor, Dr. Artur Magalhães Basto, mas, consultado o respectivo ms., permitimo-nos aproximá-la dos critérios adoptados para os *Inventários* da Ínsua acima expostos.

3. Pusemos entre [] algumas notas de outra letra.

INVENTÁRIOS DE SANTA MARIA DA ÍNSUA

1 - INVENTÁRIO DE 16.V.1474 POR FR. JOÃO DA PÓVOA

Dos Livros de Coro
[pág. 14 actual]

1. item hum salteiro grande que fez frei João da Póvoa ano 1473.
2. item outro salteiro piqueno que custou no Porto de Portugal ccc Rs. ao calvo frei Álvaro d'Alenquer vigário da Insoa ano 1462.

3. item hum dominical grande de regimento e lições que fez Fr. João da Póvoa ano de 1477.
4. item hum santural de lições e regimento que também fez, da marca do sobredito santural.
5. item hum breviario de pergaminho velho que foi do infante don Anrique que deu a Fr. Gil de Carvalho.
6. item outro breviario de pergaminho piqueno que aqui deu frei João da Póvoa vigário provincial para levar fora.
7. item hum outro breviario de forma em papel que aqui deu a alcaidessa de Castro Munho ano 1492.
8. item hum capitulairo do coro que escreveu hum castelão segral no ano de 1438.
9. item hum diurnal grande de forma para capitulairo de papel ou para servir no que quiserem na comunidade.
10. item um pedaço de missal cantado de missas em papel que fez frei António do Porto ano 1490.
11. item um caderno que tem as antífonas cantadas das completas com algũas missas e outras cousas.
12. item hum livro que escreveu frei Bartolomeu de Salvaterra castelhano ano de 149 [?] Este livro era de Santo António de Ponte de Lima e o frei João da Póvoa morando na Ínsoa fez outro novo pequeno que ora [?].

13. item item hum livro de papel velho que tem muitos officios e outras cousas. Foi de frei Rodrigo de Barcalha que fez frei Rodrigo Fonseca a rogo de frei Ruben de Viana ano de 1444 quasi.
14. item hum diurnal velho de papel. Foi de frei Rodrigo de Barcalha o velho que finou em São Lourenço de Santiago da Galiza ano de 1477.

[pág. 15 actual]

15. item hum bom diurnal borrachudo que foi de frei Álvaro de Arouca em pergaminho e el traz outro tal daqui pequeno que fez frei João Tamariz que se fez depois frade de S. João ano de 1478.
16. item hum livro pequeno que tem a primeira vegília e salmos do dia e mortos e de Sancta Maria e outros officios por aly fora pellos santos pedir aas ermedas.
17. item hũas oras de Sancta Maria que tem muitas regras em pregaminho e forão de frei Diogo da Rocha e pertencem a São Francisco de Viseu. Já não estão aqui.
18. item oras de mortos e sete psalmos que fez frei Bartolameu para o coro e outras taaes muitas cartapácios meudos.
19. item hum livro de papel tem mortos e VII

psalmos e al. fez frei Francisco Escoto castelhana ano de 1483.

20. item tres oras de Sancta Maria, mortos e VII psalmos de forma que a não parece. coro. pequenas e grandes e ainda são mais outras.
21. item hum livro de orações muitas em papel que fez Fr. Gil de Guimarães que foi provincial vigário ano 1476. Não está aqui já.

Título dos Missaes

22. item hum missal grande novo de Frandes do altar mor que deu dona Beatriz molher de Aires Gomez da Silva que na era do Senhor de 1441 trouverão para aqui os antiquos. De A[i]res Gomez e de dona Beatriz de Meneses sua molher que o deram.
23. item hum missal comprido de Inglaterra pequeno e velho e com muitas mintiras pouco vale fora que não parece dias há.
24. item hum missal de papel de forma grande que ouve para aqui frei Jorge de Sousa.
25. item hum missal votivo de pergaminho que aqui fez frei António do Porto quando se veio da crasta 1477, por mandado de frei Álvaro de Córdova vigário desta casa em 78.
26. item hum caderno que tem a benção da água benta e outros cadernos das procições

- de ramos e candelaira que fez o dicto frei António do Porto [tonoeiro?].
27. item hum nobre missal de forma que deu o bispo do Porto dō João de Azevedo 1497.
28. item hum missal cumprido de forma pequenino que deu aqui frei João da Póvoa ano do Senhor de 1503 sendo daqui vigário.

Título dos Livros de Latim [pág. 16 actual]

29. item a Regra de São Francisco e os statutos de Barcellona geraais em lingoagem em pergaminho contem as declarações de Nicolao 3 e Clemente V em lingoagem que aqui escreveu frei Tristão de Penacova pregador morando aqui ano de 1493. Outro tal livro velho derão a São António de Ponte de Lima¹.

¹ A *Regra* de S. Francisco, muito provavelmente a dita «bulada» por ter sido confirmada pela bula *Solet Annuere* (29 XI. 1223) de Honório III; os *Estatutos ou Constituições Gerais* aprovados pelo capitulo geral de Barcelona em 1451; a bula *Exiit qui Seminat* (14. VIII. 1279) de Nicolau III e a bula *Exivi de Paradiso* (6.V.1312) de Clemente V e, talvez, ainda o decreto deste mesmo papa *Fidei Catholicae Fundamentum* (6. V. 1312). Apesar de registados sob o título dos «livros em latim», cremos só a *Regra*, ao abrir o conjunto, estaria nessa língua, pois de tudo o resto se diz estar «em lingoagem». O *Inventário*, porém, contém, igualmente, a sua tradução (nº 36).

30. item hũa vida e disputa de sanctos Josafa e Barlaão em pergaminho nobre letera. Frei Jorge o levou para o encadernar sendo guardião do Varatojo, e perdeu-se. Era notável livro em pergaminho tudo assi ano de 1476².
31. item hum livro de arte dictaminis em purgaminho pequeno³.

² Supondo, como parece indicar o título deste capítulo do *Inventário*, tratar-se de um texto em latim, estaríamos perante uma cópia da *Vita Beatorum Barlaam et Josaphat...* informação preciosa sobre a circulação desse texto em latim em Portugal, pois, tanto quanto sabemos, o único testemunho a que, de costume, se faz referência, é o que decorre da sua versão atribuída a Fr. Hilário de Lourinhã: *Vida do Honrado Infante Josaphat, Filho del Rey Avenir* (séc. XIV?) (conf. J. SONET, S. J., *Le Roman de Barlaam et Josaphat*, Paris, 1949); *Vida do Honrado Infante Josaphat, Filho del Rey Avenir*, ed. de M. Correa de LACERDA, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1963; *Barlaam e Josaphat*, ed. crítica das versões castelhanas por J. E. KELLER e R. W. LINKER, Madrid, C.S.I.C., 1979). Note-se que, por estas datas, uma versão latina já corria impressa por Henrich Eggestein de Estrasburgo e dela se guarda um exemplar na B.N.L (Incun n.º 1349, v. Maria Valentina A. Sul MENDES, *Catálogo de Incunábulo da Biblioteca Nacional de Lisboa*, Lisboa, 1988).

³ Na impossibilidade de identificar esta obra de retórica medieval (a divulgada *Dictaminis Epithalamium* do franciscano Juan GIL DE ZAMORA, por exemplo?) remetemos para ampla «antologia» destes tratados publicada por L. ROCKINGER, *Briefsteller und Formelbücher des elften bis vierzehnten Jahrhunderts*, Quellen und Erörterungen zur bayerischen und deutschen Geschichte, IX, Munique, 1863-1864; J. J. MURPHY, *Rhetoric in the Middle Ages*,

32. item hum mamotreto de forma que aqui trouxe frei João da Póvoa⁴.
33. item hũa brivia de forma grande que aqui deu frei João da Póvoa vigário provincial trazendo a donde estava sobeja. Outra tal pequena de seu uso está aqui na Insoa.
34. item hũa suma angelina de forma que o dicto aqui procorou sendo provincial e a fez trazer e comprar por Deos [?]⁵.

University of California Press, Berkeley, Los Angeles, London, s.d. (1974); e, sobretudo, Charles FAULHABER, *Latin Rhetorical Theory in Thirteenth and Fourteenth Century Castille*, University of California Press, Berkeley, Los Angeles, London, 1972; e, para o domínio mais especificamente ibérico, do mesmo autor, *Retóricas Clássicas y Medievales en Bibliotecas Castellanas*, in *Ábaco*, 4 (1973), 51-300 e *Las retóricas Hispanolatinas Medievales*, in *Repertorio de las Ciencias Eclesiásticas en España*, 7, Salamanca, 1979, 11-65.

- ⁴ Johannes MARCHESINUS, O.F.M., *Mammotrectus super Bibliam*. Dado que se regista explicitamente um exemplar de forma, é possível pensar tratar-se de um da edição de Veneza, Nicolas Jenson, 1479. Um pouco mais: talvez o exemplar registado seja o que actualmente se conserva na B. N. Lisboa (INC. 633) (conf. Apêndice II). Este exemplar depois migrou para S. Francisco de Viseu e desta casa ostenta também o respectivo pertence datado de 14. III. 1533. (Maria Valentina A. Sul MENDES, *Catálogo de Incunábulos da Biblioteca Nacional de Lisboa*, 240, n^o 829).
- ⁵ Angelus de CLAVASIO, *Summa Angelica de Casibus Conscientiae*; talvez, da edição de Lyon, Johannes de Prato, 1492. S. Francisco de Alenquer guardava um exemplar desta obra e edição oferecido, como este da Ínsua, por Fr. João da Póvoa (conf. Apêndice II).

35. item ho evangelho de São Iohã com glosa ordinária em pergaminho que aqui deu frei João Fillipa vigário geral e frei João da Póvoa a trouxe aas costas de Salamanca ano de 1482 onde o mandara chamar o dicto geral que estava em Salamanca lho entregou e de lá aqui o trouxe aas costas com frei João de Viseu, frei João Clemente seus companheiros com os quaes visitou a província por mandado do dicto geral esse ano de 1482 sendo provincial frei Mendo de Olivença e levou a visitaçõ a Salamanca ao dicto geral onde elle estava em capítulo provincial da província de Santiago com o vigário provincial frei João de Tamariz e com toda a província e dali se tomou com o dicto frei João da Póvoa ao capítulo provincial de Portugal que se fazia nas Virtudes em Maio ano do Senhor como dicto he de mil I I I I oytenta e dois em Maio.

Título dos Livros de Lingoagem
[pág. 17 actual]

36. item a Regra pera lingoagem e o testamento que fez frei João da Póvoa; e tem os estatutos geeraes que fez em papel frei Paulo leigo francês com outras muitas cousas e as declarações de Nicolao e Clemente 5º o

qual livro [está] em Santo António de Ponte porque frei Tristão para aqui fez outro tal e melhor⁶.

37. item hum livro castellano em pergaminho e começasse: três cousas e tem o Vergel de consolaçom em papel⁷.

⁶ Novamente, agora em tradução provavelmente portuguesa, a *Regra* de S. Francisco acompanhada do *Testamento*, último e final que o Santo de Assis ditou em 1226. Tal tradução terá sido levada a cabo por Fr. João da Póvoa? É uma simples hipótese que esse «fez» possa, além de os escrever, incluir a tradução desses textos. A cópia e/da tradução dos *Estatutos* foi feita antes de 1487, ano em que o francês Fr. Paulo morreu no cerco de Málaga e poderá ter-se até dado o caso de ter sido esse o texto de que se serviu Fr. Tristão de Penacova para a nova cópia desses textos (Conf. nota 1). Com algum risco, poderia, porém, sugerir-se que esse volume feito por Fr. Paulo e por Fr. João da Póvoa seja esse *livro velho* com a *Regra* e os *Estatutos* de Barcelona que, porque havia essa cópia nova em pergaminho da *Regra* em latim e dos *Estatutos em lingoagem*, igualmente feita por Fr. Tristão de Penacova, foi oferecido, em 1493, a Santo António de Ponte de Lima. A falta de referência ao *Testamento* junto da *Regra* poderia ser apenas um dos muitos lapsos dos inventários, mas o mais provável é tratar-se de velhos exemplares diferentes, mas de conteúdo quase idêntico.

⁷ Cremos impossível identificar com segurança a primeira obra castelhana cujo «incipit»: *Tres cousas* (dado em português) poderia representar uma floresta de obras e opúsculos medievais em latim, desde o *Duobus praeceptis charitatis et decem legis praeceptis* de S. Tomás cujo *incipit*: – *Tria sunt hominis necessaria ad Salutem* conhece algumas variantes, até a um tratado espiritual de Pedro de G. Olivi (*incipit*: – *Tria sunt que debemus fugere et evitare*), passando por

38. item hum livro grande em pergaminho de infantia salvatoris começasse: sabede que aa semelhança de lei velha⁸.
39. item hum Crimaco velho probe de papel⁹.
40. item huns statutos antigos em papel e velhos¹⁰.

outros que remetem para obras de carácter confessional e penitencial (Conf. Morton W. BLOOMFIELD et allii, *Incipits of Latin Works on the Virtues and Vices 1100-1500* A.C. Cambridge Mass., 1979, 524-526).

– *Vergel de Consolación* de Fr. Jacobo de BENAVENTE, O. P., obra de que existe tradução portuguesa (séc. XV) – *Virgeu de Consolaçom* (B.N.L., cód. Alcob. CCXLIV – 211). Edit. por A. de Bem VEIGA, Baía, Livraria do Globo, 1959. Sobre a sua atribuição a S. Boaventura, v. B. DISTELBRINK, *Bonaventura Scripta...*, 211, 212. Como um outro testemunho da enorme difusão desta obra assinala-se a sua presença entre os livros do 1º Conde de Haro (Conf. Jeremy LAWRENCE, *Nueva Luz sobre la Biblioteca del Conde de Haro. Inventario de 1445*, in *El Crotalón*, I (1984) 1073-1111, nº 64).

⁸ *Liber de Infantia Salvatoris*, um dos «Evangelhos Apócrifos» (conf. para o seu texto e comentários, *Los Evangelios Apócrifos. Colección de Textos Griegos y Latinos. Versión crítica y Estudios introductorios y comentarios* por A. de SANTOS OTERO, Madrid B.A.C., 1984 (4ª ed.) esp. 360-372).

⁹ S. João CLÍMACO, *Scala Paradisi*, obra que correu em Portugal sob o título *de Precontemplatio sancte scale* (B.N.L., cód. Alcob., CCLXI – 387) e de que se conhece igualmente uma tradução em português: *O Livro da Escola Espiritual ou como havemos de fugir do mundo* (B.N.L. cód. Alcob., CCCXXIV – 213).

¹⁰ Exemplar das *Constitutiones Narbonensis* aprovadas em 1260 sob o generalato de S. Boaventura? Das *Constitutiones sive Statuta* de Benedito XII (1336)? Dos chamados

41. item hum sacramental começasse: aa honra de Deos¹¹.
42. item hum froleto de são Francisco em papel que deu frei Jorge muito vicioso. Outro de forma em castellano está aqui também doutro modo¹².
43. item ho livro do abad Isaac velho em papel e he de S. Francisco de Viseu¹³.
44. item hum sacramental de Valdeiras que deu frei Jorge em papel¹⁴.

Statuta Farineriana (1354)? Ou, mais provavelmente, das *Constitutiones Martinionae* (Assis, 1430)? Ou haverá que pensar em *estatutos* dum ministro geral como, por exemplo, os que, em Astorga (24. VI. 1381) decretou Fr. Ângelo de Espoleto para a Província de Santiago? (conf. F. Félix LOPES, *Franciscanos em Portugal antes de formarem Província Independente*. Ministros Provinciais a que obedeciam, in *A.I.A.*, 45 (1985) 349-450, esp. 430).

¹¹ Apesar do *incipit* foi-nos impossível determinar a filiação deste sacramental. Em S. Clemente das Penhas (conf. *Inventários* de 1474, n.º 37) havia uma obra diferente a julgar pelo *incipit* que dá Fr. João da Póvoa.

¹² Tradução, muito provavelmente portuguesa, da compilação de fontes franciscanas conhecida por *Floreto de S. Francisco*, cuja versão castelhana foi editada em Sevilha per Menardo Ungut e Lançalao Polonio, em 1492, edição a que também faz referência o *Inventário*.

¹³ Issac de NINIVE, *Liber de Contemptu Mundi ou de Vita Solitaria* de que há um exemplar na B.N.L (Cód. Alcob., CCLXI – 387); da sua tradução em português. – *Livro de Isaac* – conserva-se igualmente um exemplar (T.T., Cód. Alcob., CCLXX).

¹⁴ Clemente SÁNCHEZ DE VERCIAL (Arcediogo de Valdeiras), *Sacramental*, obra de larguíssima difusão ms. e

45. item hũas meditações de sancto Agostinho em papel com outras cousas¹⁵.
46. item ho livro dicto do orto do esposo em papel de frei Jorge Não parece dias há¹⁶.
47. item hum tratado que fez em postilla o papa Benedicto XI^o em aragonês que deu aqui frei Jorge¹⁷.
48. item hũas meditações de Bernardo e soli-

impresa (Conf. Rosa Maria Erika HORCH, *O Primeiro Livro Impresso: um Depoimento*, in *Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa*, S. 2^a, 2 (1987) 41-51; e da mesma autora, *Clemente Sánchez, Dados Biográficos*, in *Didaskália*, 16 (1986) 347-364.

¹⁵ Tradução das *Meditationes* do Ps.-Santo Agostinho, das quais é conhecida a representada pelo cód. Alcob. XXLXXIV – 212 da B.N.L. (conf. neste *Inventário* o n^o 48).

¹⁶ *O Horto do Esposo*, de um anónimo monge português, obra ascética de forte impregnação monástica, insigne representante, com o *Boosco Delytoso*, da literatura de espiritualidade medieval em Portugal (conf. Bertil MALER, *Orto do Esposo*. Texto inédito do fim do século XIV ou começo do século XV. Edição crítica com introdução, anotações e glossário, Rio de Janeiro, 1956).

¹⁷ Não sabemos a que tratado de Bento XI (†1304) se poderá referir este «item» do *Inventário*. Provavelmente a um dos seus comentários bíblicos escritos enquanto foi, até ser eleito papa (1304), o dominicano Nicolau Boccasini – *In cap. V Evangelii D. Mathaei absolutissima Commentaria sive Enarrationes Fusiores; In Psalmos Commentarii; In Job et in Apocalypsin*, pois os seus *Sermones de Tempore et de Sanctis* não parecem poder identificar-se com um *tratado... em postilha...* (conf. J. QUETIF – J. ECHARD, *Scriptores Ordinis Praedicatorum*, Lutetiae Parisiorum, 1719, 1, 444b- 447b). De todos os modos estava o texto traduzido em «aragonês» (=catalão).

- loquio de Agostinho em hum volume de papel que deu frei Jorge de Sousa¹⁸.
49. item hum flos sanctorum em lingoagem de papel que deu aqui frei Jorge. Mintiroso. Feito em Coimbra¹⁹.
50. item a primeira parte de Vita Christi que escreveu frei Vasco de Santarém estando aqui em sendo vigário ano de 1490.
51. item a segunda parte de Vita Christi que escreveu frei Tristão de Lisboa diácono morando aqui ano de 1493.
52. item a terceira parte de Vita Christi que escreveu frei Fernando e deu-ha aaqui frei Francisco Lobo contem alvará do geral frei João Fellippa.
53. item a quarta parte de Vita Christi que

¹⁸ Tradução de uma obra – *Meditationes Püsimè de Cognitione Humanae Conditionis ou De Interiore Homine* – atribuída a S. Bernardo e de que uma versão é representada pelo Cód. Alcob. CCXLIV – 211 da B.N.L.? (Conf. para outras obras, autênticas e apócrifas, de S. Bernardo e da sua circulação em Portugal durante a Idade Média, Mário MARTINS, «A Biblioteca de Alcobaça e o seu Fundo de Livros Espirituais: cap. 3 – O Tratado das Meditações e Pensamentos do Ps. – Bernardo», in *Estudos de Literatura Medieval*, 257-283); – Tradução dos *Soliloquia Animae ad Deum* atribuídos a Santo Agostinho e de que é igualmente conhecida uma versão portuguesa representada no Cód. Alcob. CCLXLIV – 198? (conf. Maria Adelaide do Vallè CINTRA, na sua Introd. à edição crítica do *Livro de Solilóquio de Santo Agostinho*, Lisboa, C.E.F., 1957) – (Conf. neste *Inventário* nº 45).

¹⁹ *Legenda Aurea* de Jacobo de VORAGINE (Conf. *Inventário* [1474] de S. Clemente das Penhas, nº 29).

escreveu frei Simão de Lisboa morando aqui ano de 1494²⁰.

[pág. 18 actual]

54. item ho livro dos angios em lingoagem castelhana que aqui deu de forma Lopo Mendez irmão de Joam Mendez que aqui foi noviço e perdeu o siso e saiu-se no ano de 1492²¹.

²⁰ Tradução portuguesa das quatro partes do *De Vita Christi* de Ludolfo de SAXÓNIA (Ord. Cart.), talvez cópia da versão encomendada por D. Isabel, duquesa de Coimbra e terminada em Dezembro de 1446 e que, como é bem sabido, esteve na base da edição que de tal obra deram em 1495 (Lisboa) N. de Saxónia e Valentim Fernandes (Conf. de Augusto MAGNE a sua Introd. a *O Livro da Vita Christi em Lingoagem Português*. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, s.d. [1957]).

Note-se que o doador da 3^a P. da obra, Fr. Francisco Lobo, tomou o hábito em Setúbal, mas vivia na Ínsua em 1493, onde escrevia livros, segundo nota que transcrevemos a seu tempo, de Fr. João da Póvoa. Isto se não se trata de algum homónimo.

²¹ Tratando-se de um texto impresso, não parece possível ser uma edição da tradução *De Locutione Angelorum* que Raimundo Lulio escreveu em Montpellier em 1312 (conf. J. N. HILLGARTH, *Ramon Lull and Lulism in Fourteenth Century France*, Oxford, Clarendon Press, 1971, 109, 127, 129); por isso, estando em castelhano, talvez seja legítimo identificá-lo com o *Libro de los Santos Angeles* de Francisco EXIMENIS, O.F.M., de que houve uma edição de 1490 (Burgos) por F. de Basileia (Conf. André IVARS, O.F.M.,

55. item hũa postilla per lingoagem castelhana de forma dos Evangelhos e apóstolos que deu aqui o dicto Lopo Mendez²².
56. item hum vitas patrum de forma em castelhano grande que elle aqui deu²³.
57. item a doctrina de Bonaventura em papel grande volume que fez aqui frei Vasco de Santarém vigário ano de 149 [0?]²⁴.

El «Llibre dels Angels» de Francisco Eximenex y Algunas Versiones Castellanas del Mismo, in *A.I.A.*, 19 (1923), 108-124. O 1º conde de Haro possuía duas traduções desta obra (Conf. Jeremy LAWRENCE, *Nueva Luz sobre la Biblioteca del Conde de Haro. Inventário de 1445*, in *El Crotalón*, I (1984) 1073-111, nº 65).

²² *Evangelios y Epistolas con sus exposiciones en Romance*, tradução por Gonzalo de SANTA MARIA (Zaragoza? P. Hurus? 1485? – edição não pacificamente aceite –; Sevilla, Ungut y Polono, 1492; Salamanca, s. editor, 1493) de Guilherme PARISIENSE, *Postilla supra Epistolas et Evangelia*, obra frequentemente editada já no século XV (Conf. C. HAEBLER *Bibliografía Ibérica del Siglo XV* (1ª Parte] La Haya – Leipzig, 1903, nº 250; (2ª Parte), La Haya – Leipzig, 1917, nº 250, 250 (3); 250 (5). O convento de Nossa Senhora da Conceição de Matosinhos possuía um exemplar da edição do original em latim (Lyon, Mathias Huss, 1493) (Conf. Apêndice II).

²³ Seguramente a tradução, por Gonzalo de SANTA MARIA, de *In Vitas Patrum* atribuído a S. Jerónimo, de que há edições de Zaragoza? P. Hurus? C. 1490; e de Salamanca, s. editor, 1498. (Conf. C. HAEBLER *Bibliografía Ibérica del Siglo XV...*, [2ª Parte] nº 335, 336).

²⁴ *Doctrina Juvenum ou Regula Novitiorum* de S. Boaventura, ou a *Doctrina morum pro novitiis* de Bernardo de Besse e que ao Doutor Seráfico foi muitas vezes atribuída? (Conf. B. DISTELBRINK, *Bonaventura Scripta...*, 52, 193).

58. item o autto dos apóstolos e passionário em grande volume que fez aqui o dicto frei Vasco sendo vigário ano de 1493²⁵.
59. item as collações dos padres santos em papel lingoa castelhana Forão de frei Fernando Correa castelhano gardião que morreo sendo de Viana em Novembro de 1478²⁶.
60. item hum livro dicto castelo perigoso em papel e o stimulo amoris de Bonaventura que aqui deu frei Vasco de Santarém²⁷.
61. item hũa soma bartolomea de lingoagem em pergaminho que escreveu frei Miguel de Elvas sacerdote aqui por mandado de frei Álvaro de Córdova vigário aqui então²⁸.

²⁵ Os *Actos dos Apóstolos* e as quatro narrativas da Paixão de Cristo que se cantam na Semana Santa. Para a tradição das traduções desta parte do Novo Testamento, conf. M. MARTINS, «Vidas e Paixões dos Apóstolos» in *Estudos de Literatura Medieval*, 111-117.

²⁶ Tradução castellana de J. CASSIANO, *Collationes Patrum XXIV*.

²⁷ Tradução portuguesa (c. 1368) do *Chateau Perilleux*, tratado de ascética monástica escrito por um cartuxo, do qual uma versão se guarda no cód. Alcob. CCCXXVI – 199 de B.N.L.;

– Possivelmente, o *Stimulus Amoris* de Jacobo de MILÃO, atribuído a S. Boaventura, embora o *De Triplici Via*, obra autêntica do Doutor Seráfico, corresse igualmente sob o título de *Stimulus Amoris* (conf. B. DISTELBRINK, *Boaventura Scripta...* 194-197).

²⁸ Deverá tratar-se de *Summa de Casibus Conscientiae* de Bartholomeu de SANCTO CONCORDIO ou de PISA O.

62. item hum Martin Pires das confissões em castelhano em papel grande volume em lingoagem²⁹.
63. item a vida de são Luis per lingoagem em papel com seus milagres³⁰.
64. item hũa paixão de Christo per lingoagem e latim muito boa e tem na fim a morte do duque de Bragança dõ Fernando que ano

P., obra de larga difusão europeia e de que o convento de N^a S^a das Virtudes guardava, em 1547, um exemplar da impressão de Zamora, por António de Centenera, 1482 (conf. Apêndice, III). No entanto, conviria ter presente que Fr. João da Póvoa, no *Inventário* de 1474 de S. Clemente das Penhas (n^o 31) regista, com alguma justificação, o *Supplementum Summae Pisanellae* de Nicolau de AUSMO também como bartolina.

²⁹ Martín PÉREZ, *El Libro de las Confesiones* (c. 1312-1317, segundo A. GARCIA Y GARCÍA, *Estudios sobre la Canonística Portuguesa Medieval*, Madrid, F.U.E., 1976, 201-217). A parcial tradução portuguesa, de acordo com os ms. mais antigos existentes que pertenceram à biblioteca de Alcobaça, datam de 1399, como referem A. GARCÍA Y GARCÍA e Jesús M. MÚGICA, *O «Libro de las Confesiones»*, de Martín Pérez, in *Itinerarium*, XX (1974), 137-15.

³⁰ Um caderno com a biografia de S. Luis de França que, talvez, será legítimo supor próxima da que integra o *Flos Sanctorum em Lingoagem: Sanctos Extravagantes*. Lisboa, 1513 (Conf. ed. de Maria Clara de Almeida LUCAS, Lisboa, INIC, 1988, 52-57) que é a tradução adaptada do texto da *Legenda Aurea* de J. de Voragine (Conf. *La Legenda Aurea*, Madrid, Alianza Editorial, 1982, vol. II, 925-929)? Ou, talvez, melhor, de S. Luis de Sicília, frade menor, Bispo de Tolosa, de que trata, entre outros, Fr. Marcos de LISBOA na *Segunda Parte das Crónicas dos Frades Menores*, Liv. 6, cap. 1-21 (conf. ed. Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1615, 156r-165v).

do Senhor de 1483 foi degolado em Évora cidade por el rei dō João o II^o. Outras paixões haa em muitas outras da comunidade. A primeira he de frei João da Póvoa³¹.

65. item hum livro de são Miguel e dos angios que fez frei Pacífico de Matozinhos por mandado de frei João da Póvoa vigário provincial na Insoa ano de 1492³².
66. item hum tratado de são Tomás das confissões [?]³³.

³¹ A narrativa da Paixão de Cristo segundo os Quatro Evangelistas; e a lembrança da execução 1483) de D. Fernando, duque de Bragança.

³² Cópia ou extracto do *Libro de los Sanctos Angeles*, de Francisco EXIMENIS? (Conf. neste *Inventário*, n^o 54).

³³ Possivelmente o *Confessionale sive De Modo Confitendi et Puritate Conscentiae* atribuído a S. Tomás de AQUINO.

2 – INVENTÁRIO DE 19.X.1491 POR FR. JOÃO DA PÓVOA

Título dos Livros de Coro e Missaes [fol. 35 actual)

1. item hum salteiro grande que fez frei João de Póvoa vigario provincial 1474.
2. item outro salteiro velho: que el corregeo que custou no Porto III Rs. 1462.
3. item hum diurnal e hum santural das lições e regimento em grandes volumes para o coro que fez frei João da Póvoa ano de 1477.
4. item dois breviários velhos hum grande e outro pequeno para fora, e ainda são dois de forma.
5. item breviário que fez frei Bartolomeu de Salvaterra. Derão-no a Santo António de Ponte de Lima e frei João da Póvoa para aqui fez outro.
6. item cadernos [ilegível) de missas cantadas dous de papel que fez frei António do Porto que tem XL missas [cantadas?] ano de 1489.
7. item hum missal grande e solene que deu Ayres Gomes da Silva e dona Beatriz sua molher.
8. item hum missal simpres velho comprido com signaes muitos nõ se avistão.

9. item outro missal de papel comprido de forma; e outro que deu o bispo dō João de Azevedo e outro que derão a frei João da Póvoa.
10. item dous missaes votivos: hum delles fez frei António do Porto outro fez frei Bartolomeu de Salvaterra em pergaminhos e hũa benção da ágoa benta e hum caderno de missas pequenino. Derão-no aas freiras de Valença.
11. item hum diurnal de purgarminho pequeno.
12. item outro livro de orações que deu aqui frei Tristão Fogaça porque o tornou a pedir e derão-lho.
13. item diurnal de papel muy velho e roto; galego.
14. item hum grande missal de forma que deu dō João de Azevedo, bispo do Porto, com hũa arca grande cheia de livros de latim de muitas cousas, ano de 1493, quando se foe a Roma em Outubro dessa era de 1493. Depois levou com muitos delles por aviamento de frei Álvaro de Córdova que della tinha cuidado.

Título dos Livros do Latim e Lingoagem

15. item hũa brivia em papel grande de latim.
16. item item livro que tem o Evangelho de São

- João com a grosa ordinária que deu aqui frei João Felippa vigário geral e frei João da Póvoa vigário provincial o trouxe de Salamanca onde lho elle entregou ano de 1482.
17. item hum mamotreto partista que aqui deu frei João da Póvoa vigário provincial³⁴.
 18. item hũa angelina em grande volume... [ilegível]... nada que encadernou frei António de Lisboa e frei João da Póvoa vigário provincial fez comprar... [ilegível] em Ponte de Lima e a deu por fazer bem a... [ilegível] de Santa Maria da Insoa e custou por encadernar mi 2000 rs anno 1496³⁵.
 19. item hũa natura angelica de forma em castellano que aqui deu Lopo Mendez ano de 1492³⁶.
 20. item hum Vitas Patrum que aqui deu Lopo Mendez quando Joam Mendez aqui tomou o ávito seu irmão e ensandeceu ano de 1491 em castelhano de forma³⁷.
 21. item a segunda parte de Vita Christi que escreveu frei Tristão de Lisboa morando aqui ano milesimo cccc nonagesimo segundo.

³⁴ v. *Inventário* – Ínsua – 1474, nº 32.

³⁵ v. *Inventário* – Ínsua – 1474, nº 34.

³⁶ Deverá tratar-se da obra de Francisco EXIMENIS, *El Libro de los Sanctos Angeles*, Burgos, F. Basileia, 1490 (conf. *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 54) também conhecido e editado com o título *De la Natura Angelica*.

³⁷ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 56.

22. item a primeira parte de Vita Christi escripta em papel que escreveu para aqui frei Vasco de Santarém vigário desta casa ano de 1490.
23. item a quarta parte de Vita Christi em papel encadernada que escreveu frei Simão de Lisboa morando aqui ano de 1492.
24. item a terceira parte de Vita Christi em papel encadernada; deu-a aqui frei Francisco Lobo quando tomou o ávito em Sutual ano de 1476 em o começo de maio³⁸.
25. item hum livro de São Boaventura em papel De forma novitiorum que escreveu aqui sobredicto frei Vasco Vigário da Insoa... [ilegível]...³⁹
26. item as collações dos padres sanctos em papel em lingoa castelhana que deu aqui frei Francisco [ilegível] que morreo sendo guardião ano [ilegível] em novembro⁴⁰.
27. item o auto dos Apóstolos ou passionário delles que escreveu frei Vasco de Santarém sendo daqui vigário ano de 1492... [ilegível]⁴¹

³⁸ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, n.ºs 50, 51, 52, 53.

³⁹ v. *Formula Novitiorum* de David de AUGSBURG, geralmente atribuída a S. Boaventura (Conf. B. DISTELBRINK, *Bonaventura Scripta...*, 111, 113).

⁴⁰ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, n.º 59.

⁴¹ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, n.º 58.

[pág. 36 actual]

28. item hum froleto de São Francisco em papel em lingoagem. Tresladado por o de Santa Christina que está em lingoagem aragonês ou catalana. E deu-o aqui frei Jorge de Sousa ano de 1476⁴².
29. item hum flos sanctorum de papel em lingoagem que aqui deu o dicto frei Jorge de Sousa encadernado⁴³.
30. item livro orto do esposo em papel que aqui deu o dicto frei Jorge de Sousa⁴⁴.
31. item hum Valdeyras em lingoagem que aqui deu o dicto frei Jorge de Sousa⁴⁵.
32. item hum [livro?] castello perigoso e tem o estimolo [amo]ris bonaventura em hum volume que aqui deu frei Vasco de Santarem vigário ano 1491⁴⁶.
33. item hũa partida em pergaminho de infancia salvatoris muy bem encadernada e boa letera leúda e ella he apócrifa⁴⁷.
34. item hũa bartholomea em pergaminho por lingoagem que fez frei Miguel de Elvas per sa mão morando aqui ano de 1478 por

⁴² v. *Inventário* – Ínsua, 1474, n.º 42.

⁴³ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, n.º 49.

⁴⁴ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, n.º 46.

⁴⁵ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, n.º 44.

⁴⁶ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, n.º 60.

⁴⁷ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, n.º 38.

mandado de frei Álvaro de Córdova vigário leigo⁴⁸.

35. item hum Martim Peres em lingoagem castellana em papel. Bõo volume⁴⁹.
36. item a vida de São Luis em purgaminho e milagres⁵⁰.
37. item o Livro da Regra e estatutos encadernados em pergaminho em papel que deram a santo António de Ponte de Lima⁵¹.
38. item o livro de Isaac leitura muy proveitosa encadernado e he de Viseu de São Francisco⁵².
39. item hum livro da Regra e estatutos e declarações dos papas em purgaminho que fez frei Tristão de Penacova aqui ano de 1493⁵³.
40. item hum breviário grande que mandou aqui trazer frei Afonso de Portugal sendo provincial esta segunda vez o qual quer ninguém o não tire daqui para nenhum caso nem saya fora do coro em o ano domini 1513⁵⁴.

⁴⁸ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 61.

⁴⁹ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 62.

⁵⁰ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 61.

⁵¹ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 29, 36.

⁵² v. *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 43.

⁵³ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 29, 36.

⁵⁴ Este «item» é de outra letra e, como se vê pela data, posterior de 7 anos à morte de Fr. João da Póvoa.

**INVENTÁRIOS DE S. CLEMENTE
DAS PENHAS**

**1 – INVENTÁRIO DE 1452 POR FR.
RODRIGO DE ARRUDA**

Título dos livros
[fol. 24^o]

1. item huum briviayro muy boom todo comprado.
2. item outro mays pequeno.
3. item dous salteiros huum grande e outro pequeno.

4. item huum livro em que está o ofício d'encomendar e o ofício da bençom da aogua.
5. item hũas ora(s) de Santa Maria que apenhou o de Jaraz.
6. item huum caderno em que está o ofício da Trindade e de Sam Luis e de Santa Clara.
7. item huum sacramental em porgaminho todo comprido.
8. item outro em papel que está em Viana velho.
9. item huum sermonairo em latym e lingua-jem.

Título dos livros de lingua-jem

10. item huum flos sanctorum em porgaminho⁵⁵.
11. item outro em que estam as epistollas de Sam Paulo.
12. item huum livro em porgaminho da vida dos padres sanctos⁵⁶.
13. item vrydário⁵⁷.

⁵⁵ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 49.

⁵⁶ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 56.

⁵⁷ Apesar de abundarem obras com o título de *Viridário*, poderá suspeitar-se de que se trata do *Viridário* ou *Vergel de Consolación* de Fr. Jacobo de BENAVENTE, O. P. no seu texto original castelhano e de que será tradução o *Virgeu de Consolaçom* que se regista sob o nº 16 e que existia igualmente na Ínsua (v. *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 37).

14. item huum florete de San Francisco em boa letera⁵⁸.
15. item huum livro boom em porgaminho e tem a regra e constituyçoões e outros dictos dos santos doutores⁵⁹.
16. item huum livro de papel a saber virgel de consollaçom⁶⁰.

⁵⁸ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, n.º 42.

⁵⁹ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, n.º 29, 36.

⁶⁰ v. *Inventário* – Ínsua, 1474 n.º 37, v. *Inventário* S. Clemente das Penhas, 1474, n.º 35 para a lição desta tradução.

2 – INVENTÁRIO DE 1454 POR FR. DIOGO DO POMBAL

1. item huum missal comprido e outro votivo.
2. item huum briviayro perfectio em tres volumes.
3. item outro breviayro comprido em huum volume e minga-lha a primeira vigillia.
4. item huum salteyro comprido.

3 – INVENTÁRIO DE 9. XII. 1457 POR FR. GIL DE GUIMARÃES

Título dos livros do coro e da mesa [fol. 26v-27]

1. item breviayro mui nobre novo em tres volumes perfeitoyto.
2. item outro breviayro todo comprido pequeno.
3. item dous salteyroos huum grande e outro pequeno.
4. item huum livro em que está o officio de encomendar e beençom da auga.
5. item huum caderno em que estam três officios a saber da Trindade Santantonio e Sam Luis.
6. item huum sacramental em pergaminho comprido.
7. item huum sermonayro de papel em lingoagem e em latim.
8. item huum Mestre das Sentenças em fermoso volume que deu frey Joham de Lisboa⁶¹.
9. item huum fros sanctorum em pergaminho⁶².

⁶¹ Pedro Lombardo, *Sententiarum Libri...* sem, porém, que se saiba se acompanhado de algum comentário (Henrique de Gorichen..., S. Boaventura..., S. Tomás de Aquino...).

⁶² v. *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 49.

10. item huum livro em papel dos evangelhos e epístolas de Sam Paulo em lingoagem.
11. item huum livro em pergaminho dos padres sanctos⁶³.
12. item huum viridario em papel⁶⁴.
13. item huum frorete de sam Francisco em pergaminho⁶⁵.
14. [o Mestre da(s) Sentenças levou o padre vigário frei Gil pera Viana] [Item o frolete do pater Francisco emprestou frei Pero Gonçalvez à molher de Fernam Perejra (a) frei Álvaro].
15. item huum livro de purgaminho que contem as constituíçoens e a regra e trauto de virtudes⁶⁶.
16. item outro livro em papel que chama vergel de consolaçom⁶⁷.

⁶³ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 56, ainda que não se trate de um exemplar impresso.

⁶⁴ v. *Inventário* – S. Clemente das Penhas, 1452, nº 13 e *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 37.

⁶⁵ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 42.

⁶⁶ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 42, 1474, nº 29, 36. Será o *Trauto das Virtudes* as *Admonitiones* de S. Francisco?

⁶⁷ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 37.

4 – INVENTÁRIO DE 21.X.1474 POR FR. JOÃO DA PÓVOA

Titulo dos missaes [fol. 13v-14v-15]

1. item hum missal grande velho comprido que foe do convento do Porto e comprouho ao dicto convento frei Pero de Lemos vigário de Sam Clemente pera aqui xxiii dias de fevereiro anno do Senhor de mjl e iiii.c e xxviii^o seendo gardiam do convento do Porto frei Joham Vaaz. En testimonho da qual compra hi há huum alvará em papel: [anda na sancristia com as scripturas da casa].
2. item huum missal votivo novo que foe do convento de Viseu: e derão-no aqui por outro místico velho que está em Viseu roto caduco que foe de frei Pero Gonçalvez: [já o tornarom a Viseu e trouveram de lá o outro missal místico velho etc.].
3. item huum caderno de perfaços cantado que apontou frei Jorge cathellão.
4. item huum livrinho com távoas em que está officio de comungar ungir e enterrar os fraires escripto em purgamjnho em coiro preto com távoas muy bem ruudo dos ratos per nigligência de quem lhe meteo as hóstias dentro [creo que o fez frei Diogo ortellam;

- freyre Fernando de Alanquer o remendou já).
5. item huum solemne missal de Frandes que deu a esta casa Lopo de Calvos mercador do Porto estante em Flandres que lhe lá em Frandes pidio e requereo frei Joam da Póvoa pera este mosteiro no tempo que elle lá era notario geeral de Bruges anno domini 1484.
 6. item huum missal comprido de papel em forma que aqui trouve o dito freyre Joham da Póvoa vigário provincial encadernado novo.

Título dos livros do choro

7. item briviayro grande nobre letera velho e comunalmente verdadeiro: ho qual frei Pero Gonçalvez seendo daqui vigairo fez repartir em três volumes a saber o dominical a seu cabo e o santural a seu cabo e o salteiro também a seu cabo E assy estam três livros a saber huum briviayro em três volumes mui nobre e de gram volume comunalmente verdadeiro ainda que nom muito e de mui boa letra.
8. item huum outro briviayro mais manual mui mintiroso encadernado com távoas e coiro preto e mingoa-lhe a primeira vigillia do salteiro [já lha poseram].

9. item hūuas horas de sancta Maria com távoas e coyro vermelho velhas e mal amanhadas.
10. item huum salteiro velho todo comprido boa letera com assaz mintiras.
11. item hūuas horas de mortos nom bem acabadas velhas cobertas com coyro de vaca ou boy preto sem távoas.
12. item huum ordinario começado em boom purgaminho tem o dominical escripto e parte do santural. Seeria bem que o encadernassem e que o mandassem acabar e poer no choro.
13. item hūuas horas de Sancta Maria novas com seus sete psalmos e com todallas outras orações e oras que acostumam os frades leigos as quaaes apropriou a este oratorio de Sam Clemente frei Gil de Ferreira leigo. Escreveo-as frei Martinho de Lisboa: Elle tem o uso dellas ainda. E diz que em sua vida as quer aqui poer pera ficarem pera sempre ao oratório de Sam Clemente com condiçam que nunca as daqui levem nem emprestem nem dem a uso de ninguém e nem as vendam nem emalheem nem façam dellas outra cousa por descarrego de sua consciencia.
14. item huum capituleiro com salteiro que foe de Leirea e depois foe de frei Joam de Santoyo que morreo na hilha da Madeira frei Joam de Póvoa o fez viinr da ilha da

- Madeira onde andava perdido e o deu a este mosteiro da Concepçom anno domini 1486.
15. item huum dominical missal cantado que fez em porgaminho de Frandes frei Francisco de Siuilha per sua mão a rogo de frei Joham da Póvoa aviando-o mui bem frei Álvaro de Córdova gardiam anno domini 1487.

Título dos livros do latim

16. item huum livro em papel dos avangelhos presumo que nom som acabados roto e velho a maa letera.
17. item huum livro d'omelias em purgaminho e távoas de coyro começase: In illo tempore.
18. item buum sermonario em papel que começa: adam ubi es, bem velho com távoas de papel⁶⁸.
19. item hūuas partes de Donato em purgaminho boa letra começam: partes orationis quatro et viii e na fim tem formas de letras

⁶⁸ A precisão do *incipit* parece indicar tratar-se de *Summa de Vitiis et Virtutibus ou Tractatus Morales in Usus Praedicatorum* de Stephanus Langton (conf. Morton W. BLOOMFIELD et alii, *Incipits Latin Works on the Virtues and Vices...*, 41; Ch. Faulhaber, *Retóricas Clásicas y Medievales en Bibliotecas Castellanas*, in *Abaco*, 4(1973), 51-300, em que se anotam alguns dos ms. desta divulgada obra: n° 124-128).

- em rectorica com coyro vermelho e boa letera e tem outras muitas cousas⁶⁹.
20. item huum tractado magistri Alani de arte predicandi começasse: vidit Iacob escallam com távoas de papel sem coyro⁷⁰.
 21. item huum caderno de vida de Sancta Catherina⁷¹.
 22. item huum baldoairo em papel começa: omnis bon. Disci^{o72}.
 23. item huum quademo que tem officio da Trindade e de Sancto António e Neves e enterramentos e nom sei que al.
 24. item huum livro em papel sem tavoas boa letra ytálica pequeno volume das revelaçoens de Santa Brisida [he de frei Jacome gallego já lho deram]⁷³.
 25. item hūua forma noviçorum de frei Boaventura em latim escripto em papel mui

⁶⁹ Elio Donato, *Ars Minor*, em exemplar, ao parecer, incompleto.

⁷⁰ Allain de Lille (Alanus ab Insulis), O. Cist., *Summa de Arte Praedicatoria* (1199?) (Conf. Morton W. BLOOMFIELD et alli *Incipits of Latin Works on the Virtues and Vices...*, 558).

⁷¹ Possivelmente uma parte da vida de Santa Catarina de Alexandria. Ou será a de Santa Catarina de Siena semelhante à que vem no *Flos Sanctorum em Lingoagem: Sonetos Extravagantes*, Lisboa, 1513(?) (conf. ed. de Clara de Almeida LUCAS, 31-45).

⁷² Obra, ou parte, de um dos dois juristas Baldus (Baldus Novellus de Bartolinis da Perusio ou Baldus de Ubaldis da Perusio)?

⁷³ Santa Brigida da Suécia (†1373), *Revelationes*.

proveitosa leitura mais nom sei se he daqui sem tavoas foe escripto em Valemça [era de frei Gil de Guimaraaens]⁷⁴.

26. item outros dous livros escriptos da letera de frei Gil de Guimaraaens que foe vigário provincial achei antre os outros de papel encadernados sequer mal: de latim falla de muitas boas cousas mais nom sei se os leixou aqui pera casa se em garda pera sy: huum delles se começa: hec (ilegível) ho outro começa: [ilegível] precepturom; tem dos Proverbios e do livro da Sabedoria e de muitas outras boas coissas assaz. Em quatro de folha de papel he a sua marca⁷⁵.
27. item hũa brivia mui boa de papel em forma grande e boa a qual deu a Sancta Maria de Concepçom o cavaleiro de Lixboa Joam Gonçalves bom christão no capitulo de Sancta Christina provincial anno do Senhor de mil e cccclxxx.
28. item hũa postilla de Alberto de Pádua grande de forma em papel sobre todollos avangelhos dominicaaes do anno todo: mui boa que deu aqui frei Joam da Póvoa vigayro provincial⁷⁶.

⁷⁴ v. *Inventário* – Ínsua, 1491, nº 25.

⁷⁵ Livro «místico» com, entre outras obras, algumas partes da *Bíblia* (*Provérbios... Livro da Sabedoria*).

⁷⁶ Alberto de PÁDUA, *Expositio Evangeliorum Dominicalium et Festivalium*, talvez, na edição de Veneza de Adamo

29. item huum flos sanctorum storia lombar-
dica em boom volume com tavoas nova mui
comprida que deu aqui o dito frei Joam⁷⁷.
30. item huum Leonardo de Utino quoesmal
omni die sermoens: que se chama de
legibus em boom volume com távoas em
coyro branco que deu aqui o dito vigário
provincial frei Joam da Póvoa⁷⁸.
31. item huum suplemento ou bartolina com
távoas em gram volume de forma de papel
que deu aqui o sobre dito provincial⁷⁹.

da Rottweil e Andrea da Corona, 1476. (Desta edição, precisamente, existia um exemplar na livraria de S. Francisco de Alenquer que tinha sido igualmente oferecido por Fr. João da Póvoa Conf. *Apêndice II*).

⁷⁷ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 49. Embora sem a nota descritiva «de forma» que Fr. João da Póvoa habitualmente apunha nos exemplares impressos, talvez este volume possa identificar-se com o INC. 3 da B.N.L que conserva o «pertence» do convento de Nossa Senhora da Conceição de Matosinhos, herdeiro de S. Clemente das Penhas (conf. Maria Valentina A. Sul MENDES, *Catálogo de Incunábulo da B.N.L Lisboa*, 196-197, nº 654).

⁷⁸ Leonardo de UTINO, *Sermones Quadragesimales de Legibus*. Exemplar ms.? Talvez impresso. Será o actual INC. 224 da B.N.L., apesar de lhe faltar a respectiva nota de posse? O convento de Nossa Senhora da Conceição de Matosinhos possuía outra obra do mesmo autor – *Sermones de Sanctis*, Vicenza, Stephan Koblinger, 1480, que recebera de Fr. Álvaro de Córdova e é o actual INC. 1151 da B.N.L (conf. Maria Valentina C. A. Sul MENDES, *Catálogo de Incunábulo da Biblioteca Nacional de Lisboa*, 223, nº 761).

⁷⁹ V. Nicolau de AUSMO, *Supplementum Summae Pisanellae. Canones Poenitenciales*, Veneza, Vindelino da Spira,

Títulos dos livros da lingoagem

32. item huum livro em papel em lingoagem castilhana que se chama viridiayro começasse: aqui se começa⁸⁰.
33. item huum livro da vida de Christo e evangelhos em papel bem roto e bem velho que quasi nom tem começo.
34. item huum livro dos evangelhos e epistollas e começasse: muitos foram os que escreveram, em papel boa letera e velho.
35. item huum vergel da consolaçom em papel roto começasse: segundo como conta⁸¹.
36. item huum livro dos padres sanctos começasse: foe dicto duum velho que morava⁸².

1481. É o actual INC. 667 da B.N.L., exemplar, segundo o pertence assinado por Fr. João de Lisboa (1491), do Convento de Nossa Senhora da Conceição de Matosinhos (conf. Maria Valentina C. A. Sul MENDES, *Catálogo dos Incunábulo da Biblioteca Nacional de Lisboa*, 256, nº 885).

⁸⁰ v. *Inventário* – S. Clemente das Penhas, 1452, nº 13; *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 37.

⁸¹ v. *Inventário* – S. Clemente das Penhas, 1452, nº 16; *Inventário* – Ínsua, 1747, nº 37. Será importante ter em atenção que este exemplar do *Virgel [ou Virgeu] de Consolaçom* representará uma tradução algo diferente da que se conserva no Cód. Alcob. CCXLIV/211 da B.N.L. Com efeito este começaria «*Segundo como conta...*», enquanto o ms. alcobacence inicia a sua lição por «*segundo como diz...*».

⁸² Uma tradução das *Vitae Patrum* atribuídas a S. Jerónimo (v. *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 56)? Ou, talvez melhor, uma tradução dos *Apophthegmata Patrum*? O *incipit* que

37. item huum sacramental em purgamjnho que começa: segundo diz sancto Agostinho, com távoas e coiro vermelho⁸³.
38. item huum froleto de Sam Francisco em purgaminho começasse: Aqui sam escriptas⁸⁴.
39. item hūuas vidas e paixões começasse: Steuam per lingoagem⁸⁵.

registou Fr. João da Póvoa parece sugerir esta última hipótese.

⁸³ Apesar do *incipit* oferecido por Fr. João da Póvoa não foi possível identificar este sacramental. De todos os modos, é diferente da obra que existia na Ínsua (v. *Inventário - Ínsua*, 1474, nº 41).

⁸⁴ v. *Inventário - Ínsua*, 1474, nº 42. Como a seu tempo fizemos notar, o *incipit* difere do da lição impressa em Sevilla em 1492, ao mesmo tempo que parece garantir uma tradução portuguesa desta importante compilação de fontes franciscanas.

⁸⁵ Um *Flos Sanctorum*? Muito possivelmente; ainda que não saibamos nem do seu autor nem da sua extensão, sabemos que não deverá ser o exemplar registado em 1457 (nº 9), pois esse deveria estar em latim, já que os textos que estão nesta língua levam, geralmente, tal anotação e este está *em lingoagem*... E em latim existe também um exemplar da *Legenda Aurea* impresso já registado. De qualquer modo, para este tipo de obras (passionários) será importante ter presente os estudos de Mário MARTINS, S. J. - «O original em Castelhana de «Flos Sanctorum» de 1513», in *Estudos de Cultura Medieval*, Lisboa, ed. Verbo, s.a (1969), 255-267, e «Bernardo de Brihuega, compilador do *Livro e Legenda que fala de todos os Feitos e Paixões dos Santos Mártires*», in *Estudos de Cultura Medieval*, vol. II, Braga, Ed. Magnificat, 1972, 105-285 (esp. 129 com referência a este ms. de S. Clemente).

40. item huum livro em purgaminho tem muitas cousas; no começo tem a terceira Regra de Sam Francisco e a nossa Regra e muitas regras per lingoagem e dittos dos doutores e evangelhos e muitas outras cousas com muitos enxemplos dos sanctos padres com távoas e coiro preto. E tem constituioens antigas boom volumen⁸⁶.
41. item huums cadernos de papel que contem em si perguntas das confissoens começasse: esta távoa⁸⁷.
42. item VI quadernos de papel em lingoagem teem; muitas boas cousas confusas; estão desencadernados seriam boons cosidos ou encadernados.

⁸⁶ Tradução da *Regula Fratrum de Poenitentia* de Fr. Caro (1284) – ditos da «Terceira Regra de S. Francisco» – aprovada pela bula *Supra Montem* (18.VIII.1289) de Nicolau IV?

– Tradução (em português? em castelhano?) da *Regra* de S. Francisco (1221? 1223?) e *Constituições* da Ordem Franciscana (v. *Inventário* – Ínsua, 1474, n.ºs 29 e 36). Serão as ditas de Barcelona de 1451? Talvez, e assim o pensa F. Félix LOPES, *Memórias Avulsas da Livraria de S. Francisco de Xabregas*, 11, embora a sua caracterização como «antigas» possa levantar algumas dúvidas (v. *Inventário* – Ínsua, 1474, n.ºs 29 e 40) e, talvez por isso, o mesmo historiador franciscano em «Franciscanos Portugueses Pretridentinos Escritores, Mestres e Leitores», in *Repertorio de las Ciencias Eclesiásticas en España*, 7, Salamanca, 1979, 451-508, não retoma essa sua hipótese.

⁸⁷ Um *Modus ou Methodus confitendi* em português (Conf. *Inventário* – Ínsua, 1474, n.º 33).

43. item huum sacramental em papel novo mui bem ordenado e de mui nobre e mui proveitosa leitura; tem-no a seu uso frei Martinho de Lamego o velho; perteence a sam Clemente e foe de frei Pero Gonçalvez que o mandou escrever no Porto seendo el vigayro de Sam Clemente, ajam-no os fraires daqui e nom o percam ca he mui boa joya. E acharlhe-am huum alvará em como elle aqui perteence e que o tem o dito frei Martinho em sua vida per licencia do vigário provincial e que aa morte sua o tomem a Sam Clemente o qual frei Martinho agora mora em Alanquer e he tio de frei Gonçalo de Lamego cantor e tangedor e boom fraire menor conserve-o Deos amen [já aqui está que o ouveram per morte do dicto frei Martinho].
44. item huum Baldeiras sacramental em forma feito de papel em língoa castilhana, mui proveitosa leitura pera os confessores; deu-lho aqui frei Joam da Póvoa seendo provincial anno domini 1484⁸⁸.
45. item huum Mestre das Sentenças em pequeno vollume está em Viana no convento emprestado algũus dizem que perteence aa provinda de Aragon. Fr. Joham de Lisboa o deu aqui empero o com que

⁸⁸ v. *Inventário* – Ínsua, 1474, nº 44.

encarrego non sey nem nehũu nom o certifica. Empero o livro he muy boom e pequena marca e boa letera. Já o entregaram aqui do convento de Viana e aqui estaa já.

APÊNDICES

I

Obras manuscritas pertencentes
aos conventos de S. Francisco de Alenquer,
Nossa Senhora das Virtudes de Azambuja,
S. Francisco de Leiria, Santa Cristina
de Tentúgal, Santo António de Ponte de
Lima e S. Francisco de Viseu¹.

ALENQUER

– *Crónicas da Ordem*

¹ Na Introdução registámos as fontes destas informações e abordámos algumas das questões que envolvem.

AZAMBUJA

– *Livro dos Milagres de Nossa Senhora das Virtudes*

LEIRIA

- 1 – *Diurnal* (fora do uso de Fr. João de Lamego)
- 2 – *Breviário* (fora do uso do mesmo Fr. João de Lamego)

PONTE DE LIMA

- 1 – *Breviário* (escrito por Fr. Bartolomeu de Salvaterra)
- 2 – Francisco de Assis, Santo – *Regra* (em latim e em linguagem)
- 3 – id. – *Testamento* (em linguagem)
- 4 – *Estatutos de Barcelona* (em linguagem)

TENTÚGAL

- 1 – *Bíblia* [incompleta] (fora do uso de Fr. João de S. Mamede)
- 2 – *Floreto de S. Francisco em linguagem aragonesa ou catalana*

UISEU

- Horas de Sancta Maria
- *Livro do Abade Isacc* (na Ínsua em 1474 e 1491)

II

Impressos entrados até 1506-1507
nas bibliotecas de Santa Maria de Ínsua,
Nossa Senhora da Conceição
de Matosinhos, S. Francisco de Alenquer,
Santa Cristina de Tentúgal, Santo António
da Castanheira, Santa Catarina da Carnota,
S. Francisco de Setúbal, S. Francisco de
Viana do Castelo e S. Francisco de Leiria
e actualmente conservadas na Biblioteca
Nacional de Lisboa.

ÍNSUA

MARCHESINUS, Johannes, O.F.M., *Mammotrectus Super Bibliam*, Veneza, Nicolas Jenson, 1479. Pert.: In die invētioīs sete eccl̃s in insola fuit hic minit. Illuminat' liber per laude imaclate, coptioĩ v'gis me. Anõ Saluty 1489. B.N.L. INC. 633

UBERTINO DE CASALI, *Arbor Vitae Crucifixae Iesu Christi*, Veneza, Andrea Bonetis, 1485. Pert.: Convento da Santa Maria da Ínsua. Datas apostas: «1492.21 stb's ĩ ĩsula»; «ĩ Insula VI outob's aº d'i. 1492: ppe camiñha.» «1492: VII outb:s». B.N.L. INC. 722.

MATOSINHOS

- AQUINO, Santo Tomás de, *Opuscula*, Veneza, Hermann Liechtenstein, 1490. Pert.: Convento de N^a S^a da Conceição de Matosinhos, por óbito de Fr. Pacífico. B.N.L. INC. 999.
- AUSMO, Nicolaus de, *Supplementum Summae Pisanellae Canones Poenitentiales*, Veneza, Bartholomeu de Blavi, Andrea Torresani e Matteo de Paterbonis, 1481. Pert.: Convento de N^a S^a da Conceição de Matosinhos (Fr. João da Póvoa, 1491). B.N.L. INC. 667.
- BALBUS, Johannes, *Catholicon*, Lyon Mathias Huss, ca. 1486. Pert.: Fr. João da Póvoa, 1489, Junho, 26; Convento de N^a S^a da Conceição de Matosinhos (Fr. Nicolau de Lisboa, 1507, Abril, 4). B.N.L. INC. 195.
- Idem. Pert.: Convento de N^a S^a da Conceição de Matosinhos, por morte de Fr. João de Aguiar (Fr. João da Póvoa, vigário provincial, 1490, Julho, 13). B.N.L. INC. 668.
- BROMAYARD, Johannes de, *Summa Praedicatorum*, Basileia Joham Amerbach, ca. 1484. Pert.: Convento de N^a S^a da Conceição de Matosinhos, por morte de Fr. João de Aguiar (Fr. João da Póvoa, vigário provincial, 1490, Julho, 13). B.N.L. INC. 1313-1314.
- CARACCIOLUS, Robertus, *Sermones Quadragesimales de Peccatis*, Veneza, Giovanni

- e Gregorio de Gregori, 1490. Pert.: Comprado para uso de Fr. João da Póvoa (1491), Fevereiro, 21. (Fr. Nicolau de Lisboa, 1506, Agosto, 26). Convento de N^a S^a da Conceição de Matosinhos. B.N.L. INC. 803.
- CESAREIA, Eusébio de, *Historia Ecclesiastica*, Mantova Johan Schal, 1479 (?). Pert.: D. João de Azevedo, bispo do Porto. Convento de N^a S^a da Conceição de Matosinhos levado por Fr. Álvaro de Córdova. B.N.L. INC. 265.
- GUILHERME PARIENSE, *Postilla Super Epistolas et Evangelia*, Lyon Mathias Huss, 1493. Pert.: Convento de N^a S^a da Conceição de Matosinhos por morte de Fr. Pacífico (Fr. Pacífico, 1502). B.N.L. INC. 217.
- PHILELPHUS, Franciscus, *Epistolae*, Veneza, Vindelino da Spira, ca. 1473. Pert.: Convento N^a S^a da Conceição de Matosinhos (Fr. Nicolau de Lisboa, 1508, Março, 17). B.N.L. INC. 1209.
- HEROLD, Johannes, *Liber Discipuli de Eruitione Christifidelium*, Basileia, Joham Amerbach ca. 1485. Pert.: Concedido ao Convento de N^a S^a da Conceição de Matosinhos pelo Bispo do Porto (D. João de Azevedo). (Fr. Nicolau de Lisboa, vigário provincial, 1503). B.N.L. INC. 207.
- NIDER, Johannes, *Sermones de Tempore et de Sanctis cum quadragesimale*, Estrasburgo,

- Impr. de Jordanus de Quadlinburg, ca. 1483. Pert.: Fr. António Portuense, 1489. Convento de N^a S^a da Conceição de Matosinhos (Fr. Nicolau de Lisboa, vigário provincial). B.N.L. INC. 899.
- PÉREZ DE VALENTIA, Jacobo, *Commentum in Psalmos*, Valencia Gabriel Luis de Arinyo e Alfonso Fernández de Córdoba 1484. Pert.: Convento de N^a S^a da Conceição de Matosinhos por doação de D. João de Azevedo, bispo do Porto, por intermédio de Fr. Álvaro de Córdoba (Fr. Nicolau de Lisboa, 1507, Abril, 4). B.N.L. INC. 988.
- SPIERA, Ambrosius de, *Quadragesimale de Floribus Sapientiae*, Veneza, Vindelino da Spira, 1476. Pert.: Convento de N^a S^a da Conceição de Matosinhos (Fr. João da Póvoa, vigário provincial, 1488). B.N.L. INC. 1181.
- SAXÓNIA, Ludolfo de, *Vita Christi*, Estrasburgo Heirich Eggstein, 1474. Pert: Doação de D. João de Azevedo, bispo do Porto, ao Convento de N^a S^a da Conceição de Matosinhos (Fr. André de Jesus, vigário provincial, 1509, Setembro, 11). B.N.L. INC. 1161.
- UTINO, Leonardus de, *Sermones de Sanctis*, Vicenza, Stephan Koblinger, 1480. Pert.: Convento de N^a S^a da Conceição de Matosinhos por óbito de Fr. Álvaro de Córdoba,

que o houvera do bispo do Porto, D. João de Azevedo (Fr. Nicolau de Lisboa, 1507, Abril, 4). B.N.L. INC. 1151.

VALÉRIO MÁXIMO, *Facto et Dieta Memorabilia*, Veneza, Giovanni de Gregorio de Gregori, 1487. Pert.: Doado por D. João de Azevedo, bispo do Porto, a Fr. Álvaro de Córdova para o Convento de N^a S^a da Conceição de Matosinhos. B.N.L. INC. 747.

ALENQUER

BARTHOLOMAEUS ANGLICUS, *De Proprietatibus Rerum*, Estrasburgo, Impr. de Jordanus de Quedlinburg, 1491. Pert.: Do uso de Fr. Jordão de Santarém (1501, maio, 4). Convento de São Francisco de Alenquer, por óbito de Fr. Jordão de Santarém. B.N.L. 18.

CLAVASIO, Angelus de, *Summa Angelica de Casibus Conscientiae*, Chivasso, 1486. Pert.: Convento de S. Francisco de Alenquer, por morte de Fr. Estevão... (Fr. João da Póvoa vigário provincial, 1498). B.N.L. INC. 118.

UBERTINO DE CASALI, *Arbor Vitae Cruciferae Iesu Christi*, Veneza, Andrea Bonettis, 1485. Pert.: Livraria do Convento de S. Francisco de Alenquer. B.N.L. INC. 723.

TENTÚGAL

UBERTINO DE CASALI, *Arbor Vitae Crucifixae Iesu Christi*, Veneza, Andrea Bonettis, 1485. Pert.: Do uso de Fr. João da Póvoa que o recebeu de Luis de Medina, seu amigo de Sevilha (1488, Abril). Convento de Santa Cristina por doação de Fr. João da Póvoa (Fr. João da Póvoa, vigário provincial, 1491). B.N.L. INC. 725.

CASTANHEIRA (Vila Franca)

AUSMO, Nicolaus de, *Supplementum Summae Pisanellae Canones Poenitentiales*, Veneza, Vendelino da Spira, ca. 1473. Per.: Convento de Santo António de Vila Franca (Fr. João da Póvoa, vigário provincial, 1486, Maio, 14). B.N.L. INC. 629.

Bíblia, Veneza, Rinaldo da Nimega e Teodoro da Rijusburg, 1478. Pert.: Comprado por «91 mil Rs» para o Convento de Santo António de Vila Franca (Fr. João da Póvoa, vigário provincial, 1483, Agosto, 25). B.N.L. INC. 625.

Floreto de Sant Francisco, Sevilha, Meinardo Ungut e Estanislaio Polono, 1492. Pert.: Convento de Santo António da Vila Franca, comprado em Lisboa por «ccc Rs», enca-

dernado em Xabregas por Fr. Afonso da Ilha, em 1493 e pago por Colaça, mulher de João Gonçalves, escrivão dos livros del Rey (Fr. João da Póvoa, 1494, Janeiro, 14). B.N.L. INC. 175.

GREGORIUS IX, Papa, *Decretales*, Veneza, Tomaso de Blavi, 1486. Pert.: Fr. Francisco da Madalena Convento de Santo António de Castanheira (Fr. Nicolau de Lisboa, Maio, 24). B.N.L. INC. 738.

CARNOTA

PADUA, Albertus de, *Expositio Evangeliorum dominicalium et festivalium*, Veneza, Adamo da Rottweil e Andrea da Corona, 1476. Pert.: Convento de Santa Catarina da Carnota por doação de Fr. Henrique de Coimbra, que o recebera em Agosto de 1492 de Isabel Pacheca, viúva do Doutor Álvaro Pires (Fr. Gonçalo de Lamego, vigário – provincial; Fr. João da Póvoa, vigário provincial. Alenquer, 1496, Julho, 7). B.N.L. INC. 593.

SETÚBAL

BOAVENTURA, Santo, *Commentarius in Secundum Librum Sententiarum Petri Lombardi*, Veneza, Teodoro da Rijusburgl e Rinaldo da Nimega, 1477. Pert.: De Fr. Gonçalo, o pobre, para o Convento de São Francisco de Setúbal (Fr. João da Póvoa, vigário provincial, 1480). B.N.L. INC. 254.

GRACIANUS, *Decretum*, Veneza, Piero di Piesi, 1483. Pert.: Convento de São Francisco de Setúbal (1505). B.N.L. INC.609.

VIANA DO CASTELO

GORRIS, Guillermus, *Scotus Pauperum*, Lyon, Guillaume Balsarin, ca. 1487. Pert.: Doação de Fr. Simão de Lisboa ao Convento de S. Francisco de Viana do Castelo (1496, Fevereiro, 15). B.N.L. INC. 534.

LEIRIA

SALIS, Baptista de, *Summa Casuum Conscientiae*, Novi, Nicoló Girardengo, 1484. Pert.: Convento de São Francisco de Leiria, por doação de Fr. Henrique de Leiria, velho (Fr. João da Póvoa, vigário provincial, 1491). B.N.L. INC. 363.

III

Incunábulos pertencentes às bibliotecas
de Nossa Senhora da Conceição
de Matosinhos, S. Francisco de Alenquer,
Santa Cristina de Tentúgal, Santo António
de Castanheira (Vila Franca), S. Francisco
do Varatojo e S. Francisco de Leiria
e actualmente conservados na Biblioteca
Nacional de Lisboa.²

MATOSINHOS

AQUINO, Santo Tomás de, *Quaestiones de
duodecim quodlibet*, Veneza, Giovanni da
Colona e Johann Manthen, 1476. B.N.L.
INC. 597.

BARTHOLOMAEUS PISANUS, *Quadrage-
simale de Contemptu Mundi*, Milão, Ulrich
Scinzenzeler, 1498. B.N.L. INC. 290.

BOAVENTURA, Santo, *Opuscula*, Colónia,
Johann Koelhoff, o velho, 1486. B.N.L.
INC. 128.

– *Opuscula*, Estrasburgo, Jordanus de Quedlin-
burg, 1495. B.N.L. INC. 26-27.

² Apenas transcreveremos as marcas de «pertence» datadas,
mas assinalaremos (<) sempre que se tratar de obra que
pertenceu anteriormente a outra casa.

- BONIFACIUS VIII, Papa, *Liber Sextus Decretalium* [Constitutiones Clemens VI], Veneza. Andrea Torresani, 1499, 1500 < S. Francisco da Ilha da Madeira. B.N.L. INC. 1114-1115.
- (CORPUS JURIS CIVILIS) – *Justiniani Institutiones*, Veneza, Giovanni e Gregorio de Gregori, 1499. B.N.L. INC. 1091.
- DORLANDUS, Petrus, *Viola Animae*, Toledo, Pedro Hegenbach, 1500. B.N.L. INC. 605-606.
- DUNS SCOTO, Johannes, *Quaestiones in Quattuor Libros Sententiarum*, Veneza, Giovanni da Colona e Bartholomaeus Bellatus, 1477. B.N.L. INC. 445.
- CLAVASIO, Angelus de, *Summa Angelica de Casibus Conscientiae*, Veneza, Giorgio Arrivabene, 1495. B.N.L. INC. 957.
- GORRIS, Guillelmus, *Scotus pauperum*, Lyon, Guillaume Balsarin, ca. 1487 < Viana do Castelo. B.N.L. INC. 554.
- MAJLLARD, Olivier, *Sermones de Adventu; Sermones Quadragesimales; Sermones Dominicales; Sermones de Stipendio peccati et gratiae praemio*, Lyon, Jean de Vingle, 1498. B.N.L. INC. 249-250.
- ORBELLIS, Nicolaus de, *Expositio in quattuor Sententiarum Libros*, Paris, Félix Baligault, 1498. B.N.L. INC. 436.

- PUBLICIUS, Jacobus, *Artes Orandi, Epistolandi, Memorandi*, Veneza, Erhard Radolt, 1485. B.N.L. INC. 719.
- SALIS, Baptista de, *Summa Casuum Conscientiae*, Novi, Nicoló Girardengo, 1484 < Leiria. B.N.L. INC. 363.
- SANCTO GEMINIANO, Johannes de, *Sermones Funebres*, Lyon, Johau Clein, 1499 < Varatojo. B.N.L. INC. 257.
- VORAGINE, Jacobus de, *Legenda Aurea*, Estrasburgo, Jordanus de Quedlinburg, 1483. B.N.L. INC. 3.

ALENQUER

- AQUINO, Santo Tomás de, *Opuscula*, Milano, Giovanni Antonio e Benigno di Onate, 1488. B.N.L. INC. 273.
- CARCANO, Michael de, *Sermonalium de peccatis per adventum et per duas quadragesimas*, Veneza, Franz Renner e Nicoló de Francoforte, 1476. B.N.L. INC. 589.
- DUNS SCOTO, Johannes, *Quaestiones in quatuor Libros Sententiarum*, Veneza, Giovanni da Colona e Johann Manthen, 1477, 1487, 1477, 1476(?) (4 partes). B.N.L. INC. 602.
- FLORENÇA, Santo Antonino de, *Summa Theologica*, Veneza, Nicolás Jenson, 1479. B.N.L. INC. 1192/612-613.

- *Summa Theologica, Pars III*, Veneza, Giovanni da Colona e Johann Manthen, 1477. B.N.L. INC. 611.
- HOLKOT, Robertus, *Super Sapientiam Salomonis*, Hagenau, Heinrich Gran, 1494. B.N.L. INC. I 50.
- SAXÓNIA, Ludolfo, *Vita Christi*, Lyon, Mathias Huss 1486. < Leiria. B.N.L. INC. 262.
- VORAGINE, Jacobus, *Sermones de Tempore; Sermones de Sanctis; Sermones Quadragesimales*, Lyon, Johann Trechsel, 1491. B.N.L. INC. 213.

TENTÚGAL

- FLORENÇA, Santo Antonino de, *Confessionale = Defecerunt* (trad. esp.), Burgos, Friedrich Biel, 1492. B.N.L. INC. 114.

CASTANHEIRA (Vila Franca)

- GERSON, Johannes, *Opera*, Estrasburgo, Martin Flach, 1494. Pert.: Convento de Santo António de Castanheira (1567). B.N.L. INC. 21-23.
- KEMPIS, Tomás de, *Imitatio Christi. De Meditatione Cordis Jhoannes Gerson*, Veneza. [s.n.], 1496/97. B.N.L. INC. 1369.

SALIS, Baptista de, *Summa Casuum Conscientiae*, Veneza, Paganino de Paganini, 1479. B.N.L. INC. 1099.

MAUBURNUS, Johannes, *Rosetum exercitiorum Spiritualium et Sacrarum Meditationum*, Zwolle, Pieter van Os, 1494. Pert.: Convento de Santo António da Castanheira (1561). B.N.L. INC. 1186.

VARATOJO

BRICOT, Thomas, *Textus Abreviatus in Cursum Totius Logices Aristotelis*, Salamanca, Leonhard Hutz e Lope Sanz, ca. 1496. B.N.L. INC. 514.

LUCANO, *Pharsalia*, Veneza, Nicoló Battibovi, 1486. B.N.L. INC. 743.

SÁNCHEZ DE VERCIAL, Clemente, *Sacramental*, Sevilha, Antón Martínez, Bartolomé Segura e Alfonso del Puerto 1478. B.N.L. INC. 154.

SANCTO GEMINIANO, Johannes de, *Sermones Funebres*, Lyon, Johann Klein, 1499. B.N.L. INC. 257.

TORQUEMADA, Juan de, *Quaestiones Evangeliorum de Tempore et de Sanctis*, Brescia, Angelo de Britannici, 1498. B.N.L. INC. 108.

VORAGINE, Jacobus de, *Sermones de tempore Sermones de Sanctis Sermones Quadragesimales Mariae*, Veneza, Simone de Lovere, 1497. B.N.L. INC. 1441.

LEIRIA

CARACCIOLUS, Robertus, *Sermones de Laudibus Sanctorum*, Veneza, Benardino Benali 1490. B.N.L. INC. 807.

HEROLT, Johannes, *Sermones Discipuli de Tempore Sermones Discipuli de Sanctis Promptuarium Exemplorum; Promptuarium de Miraculis Beatae Mariae*, Lyon, Nicolaus Philippi, 1487. B.N.L. INC. 1173.

SAXÓNIA, Ludolfo de, *Vita Christi*, Lyon, Mathias Huss, 1486. B.N.L. INC. 262.

UTINO, Leonardus de, *Sermones de Sanctis*, Lyon, Johann Trachsel, 1495/96. Pert.: Convento de S. Francisco de Leiria (Fr. André Novembro, 27) (mas antes de 15.VII.1531, ano em que pertence já a Santo António da Figueira). B.N.L. INC. 227.

VIRTUDES

SANCTO CONCORDIO [OU DE PISA], O.P., Bartholomaeus de, *Summa de Casibus*

Conscientiae, Zamora, Antonio de Centenera., ca. 1482. Pert.: Convento de N^a S^a das Virtudes (1547). B.N.L. INC. 1201.

UISEU

MARCHESINUS, Johannes, O.F.M., *Mammotrectus Super Bibliam*, Veneza, Nicolás Jenson, 1479 < Insua. Pert.: Convento de S. Francisco de Viseu (4.III.1533). B.N.L. INC. 633.

IV

AUTORES E LIVROS RECOMENDADOS POR FR. LOPE DE SALAZAR Y SALINAS³

1. AGOSTOSTINHO Santo, [?]: 2S, 2/3.
2. ANGELA DE FOLIGNO, Beata, [*Libro?*]:
2S, 2/3.
3. ANSELMO, SANTO, *Pasión*, MVR, VII.
4. BARTHOLOMEIS, Henrique de, *Summa Aurea Super Titulis Decretalium*, MVR, V.
5. BERNARDO, Santo – Ciertas Doctrinas: MR.
I * *De Disciplina Monachorum*: MR, XV [Oração]: MR, XIV; [Ofício Divino]: MVR, XXX.
6. *Bíblia* (Velho e Novo Testamento): MR XII;
2S, 2/3.
7. BOAVENTURA, Santo, *Doctrina de los Novicios*: MR. II; XII; MVR, XV, XXX.
– *Vida Mayor* [de S. Francisco= *Legenda Mayor*]: 2S, 2/3.
– *Tratado*: MR, XIV.
– * *Theologia Veritatis*: 2S, 2/3 [Obediência]:
MVR, II [Pobreza]: MVR, III
8. CASSIANO, J., *De Statutis Monachorum*:
MR, II; XII; MVR., II, III, XXX.
– *Colaciones*: MR, XII; MVR, XXX.

³ Entre [] indicam-se as matérias para que, alguma vez, é aconselhada a leitura das obras referidas nos textos.

9. CLEMENTE V, Papa *Exivi de Paradiso*: MVR, XXX: 2S, L
10. CLÍMACO, J., Santo, *Scala Paradisi*: MR, XIV; MVR, II.
– *Climaco con sus glosas* MVR, XXX.
11. *Constitución [de S. Francisco] Para Sancta María De Los Angeles*: MVR, VI.
12. *Constitución Martiniana*: 2S, I.
13. *Constituciones*: MVR, VIII: 2S, I.
14. *Constituciones de la Custodia De Sancta Maria De Los Menores [1457]*: MVR, XIX (Conf. nº 34).
15. *Constituciones Generales de S. Bonaventura*: MVR. XXX.
16. *Corónica Antigua*: 2S, I.
17. *Corónicas de S. Francisco Antiguas*: MVR. XXX.
18. *Corónicas de S. Francisco*: MR, XII; MVR, III.
19. *Corónica Nueva*: 2S, I.
20. *Disputación de los Padres Antiguos De Italia Sobre La Regra*: MR, XII; MVR, XV, XXX (Conf. nº 26).
21. *Flores*: MR. XII; 2S, I.
22. *Florestas*: 2S, I.
23. FRANCISCO DE ASSIS, Santo, *Regla [de Onorio]*: 2S, I.
– *Regla [que nos concedio el Papa Inocencio sin bula]*: MR, XII.
– *Testamento*: MR, XII.

23. ISAAC, Aabade, *Colación*: MR, XIV.
23. JERÓNIMO, Santo, *Doctrina*: MR, XII. – (?); MVR, XXX.
26. LIRA, Nicolau de, *Declaraciones* (sobre a Biblia]: MVR, V.
27. *Libro De las Tentaciones e de la Disputación de los Padres de Italia*: MVR, XXX (Conf. nº 19).
28. *Ordinaciones* [Benedicto XII e Nicolas III]: 2S, 1.
29. *Ordinarios*: MR, XII.
30. *Ordinarios de la Orden*: MVR, VI.
31. OSTIENSE (v. Bartholomaeis, Henrique de).
32. PECKHAN, J., *Esposición*: 2S, 1.
33. ROMANIS, O.P., Huberto de, *Doctrina de Religiosos*: MR, II; XIV(?); MVR. XXX.
34. *Sacramentales*: MR, XII; 2S, 2.
35. SALAZAR Y SALINAS, Lope de, *Memoriale de la Religión*: MVR, XXX.
36. S. VICTOR, Ricardo de, *De Patriarchis*: MR, XII.
37. *Sumas de Casos*: MR, XII; 2S, 2.
38. *Tratado de la Obediencia*: MR, XII.
39. UBERTINO DA CASALE[?], [*Arbor Vitae Crucifixae?*]: MR, XIV.
40. VORAGINE, J. de, [*Legenda Aurea*]: MVR, V

PARA A HISTÓRIA DE UM TEXTO
E DE UMA FONTE DAS CRÓNICAS
DE FR. MARCOS DE LISBOA:
O *FLORETO* – OU OS «FLORETOS»?
DE S. FRANCISCO

«Siempre en las cosas dificultosas aún que me parece que lo entiendo y que digo verdad, voy con este lenguaje de que me parece...»
Santa Teresa, Moradas, V, 1

À memória do querido P. Fr. José Martí Mayor,
O. F. M., douto transcriptor do *Floreto*
de seu Pai, S. Francisco.

I – Permitam-me que nesta comunicação – que, dadas as circunstâncias, pouco mais poderá ser que um resumo do estado da questão, ainda que aproveite para tentar ensaiar, no sentido etimológico do termo, alguma hipótese – comece por afirmar que as *Chronicas da ordem dos frades menores...* (Primeira parte, Lisboa, 1557; Segunda parte, Lisboa, 1562;

Tercera parte, Salamanca, 1570) de Fr. Marcos de Lisboa são, tanto quanto sei, o primeiro projecto de uma crónica geral franciscana que logrou ser integral e imediatamente publicado, já que as tentativas anteriores ficaram, durante muito tempo, inéditas – e algumas, ainda assim, talvez, se encontrem –, apesar de, como diz o próprio Fr. Marcos, ser esse tipo de obra «notavelmente apetecido». E, para além disso, não deixa de ser curioso – e, no quadro geral do franciscanismo observante dos meados do século XVI, um tanto estranho – que tal projecto tenha sido iniciado e largamente desenvolvido sob a égide do português Fr. André da Ínsua, ministro geral dos franciscanos observantes entre 1547 e 1553 – e realizado por outro português – Fr. Marcos de Betânia, como, por esses dias, ainda se chamaria o que depois veio a ser Marcos de Lisboa¹ – e em português..., numa aplicação a uma empresa não propriamente nacional, de uma regra – a escrita em vulgar – que imperava na historiografia dos seus dias. Independentemente

¹ Gaspar BARREIROS, *Censuras sobre quatro livros intitulados em M. Portio Catam de originibus, em Beroso Chaldaeo, em Manethon Aegyptio e em Q. Fabio Pictor Romano*, Coimbra. João Álvares, 1561, na dedicatória ainda assim o chama: «Ao muito reverendo padre Frey Marcos de Bethania, mestre em sancta Theologia, da Seraphica ordem dos menores... saude em o Senhor».

dessa utilização de uma língua vulgar – e, para mais, de difusão muito restrita – e em obra nem apenas destinada a um público português nem visando um assunto pátrio, Fr. Marcos acabou por sentir as limitações da sua língua materna como veículo difusor do seu trabalho e, por isso, terminará optando pelo castelhano a partir de 1570, língua que, como rezam as aclarações de quase todas as edições não portuguesas – que, curiosamente, são as mais abundantes – facilitou a tradução para italiano e para as outras línguas. De qualquer modo, as suas *Chronicas* vieram a tornar-se num projecto europeu de larga audiência, como atestam as cerca de cem edições que obteve até ao século XIX².

² Francisco Leite de FARIA, «Fr. Marcos de Lisboa, c. 1511-1591 e as muitas edições das suas ‘Crónicas da Ordem de S. Francisco’» in *Revista da Biblioteca Nacional*, S.2. 6 (1991), 85-106, preciosas indicações que há que completar com outras buscas bibliográficas; Diego CICCARELLI, *La circolazione libraria tra i francescani di Sicilia*, Palermo, 1990, permite aumentar o número de edições recensadas pelo benemérito investigador capuchinho. Conjugando estas fontes e uma pesquisa em algumas bibliotecas espanholas e italianas. na edição anastática das três partes das *Crónicas da Ordem dos Frades Menores*, reproduzidas pela edição de 1615 (Lisboa), e publicada pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Porto, 2001), sob a responsabilidade do Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade da mesma Universidade (C. I. U. H. E.), procuramos dar, ainda que com alguma anomalia técnica, uma listagem das edições da obra de Fr. Marcos ultimamente conhecidas.

Para além da formação universitária de Fr. Marcos – estudou no colégio franciscano de S. Boaventura em Coimbra, onde se teria tornado «perito» na língua latina e «douto» na grega e na hebraica³, informações de difícil controlo e, talvez, decorrentes de um modelar elogio retórico, pois já tem sido dito, a propósito do seu interessante *De disciplina christiana*, que o seu latim «está muito abaixo dos grandes humanistas da sua época»⁴ –, o que devemos considerar, desde o ponto de vista que aqui nos importa, é o facto de ter começado a sua magna obra baseado em informação documental muito restrita, circunstância que não pode deixar de ser motivo de admiração. Verdadeiramente, ao começar, Fr. Marcos, sobre S. Francisco e os seus companheiros e Santa Clara, que constituem os centros da «Primeira parte» das *Chronicas*, impresso, pouco mais conhecia que a *Legenda Maior* (traduzida e impressa

Citaremos sempre por esta edição, cujo texto reproduz fielmente o texto das primeiras edições, salvo a supressão da tradução de algumas das laudes de Jacopone da Todi no final da «Segunda parte», por estas terem sido, entretanto, «completamente» editadas (Lisboa, 1576) por iniciativa do cronista franciscano.

³ Fernando da SOLEDADE. *Historia Serafica da ordem dos frades menores de S. Francisco da província de Portugal, Quinta Parte*, Lisboa, Off. de Antonio Pedroso Galram, 1721, IV, 3, 13, 209-305.

⁴ Mário MARTINS. *Fr. Marcos de Lisboa e a formação universitária* in *Brotéria*. XLI (1945), 74-81 (75).

desde 1477, pelo menos, em Milão⁵) de S. Boaventura e o *Liber conformitatum* (Milão, G. Ponticum, 1510) de Bartolomeu de Pisa, obras que, evidentemente, corriam, igualmente, em manuscrito, como manuscritas corriam essas *Chronicas* antigas – que haverá que identificar com a *Chronica XXIV* generalium ordinis minorum – que tão abundantemente utilizou. Nesse pouco mais, teremos, porém, de incluir ainda o *Floreto* de S. Francisco – o título quer em castelhano quer em português é um tanto mais extenso –, obra de que nos ocuparemos especialmente neste momento⁶. Há, contudo, que recordar que Fr. Marcos conhecia, através,

⁵ *SHORT-TITLE CATALOGUE of books printed in Italy and of Italian books printed in other countries from 1465 to 1600 now in the British Museum*, London, 1958, 118, regista *La vita del glorioso san Francesco*, Milan, A. Zaroto. 1477 e *La aurea Legenda Maior beati Francisci*, Papie, I. Burgofrancho, 1508, que aqui indicamos a título de meros exemplos.

⁶ Nada sabemos sobre a origem e a data de entrada em Portugal da «vida» de S. Francisco que se conserva no ms. 1192 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra para a qual chamou a atenção Giuliano Gasca QUEIRAZA, S. J., «La vita di san Francesco in castigliano antico: problemi e ipotesi» in *Collectanea Franciscana*, 43 (1973), 377-384, que, mais recentemente, foi estudado por Maria Joana de Sousa GUEDES, A «compilação de Coimbra». *Edição crítica do manuscrito 1192 da Biblioteca da Universidade de Coimbra* (Dissertação de Mestrado em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto), Porto, 1993; de qualquer modo, não parece que Marcos de Lisboa se tenha servido dessa obra.

quanto mais não fosse, do *Liber conformitatum*⁷ que os cita – e os extracta –, os títulos de algumas importantes fontes franciscanas que, como ele mesmo indica «ao lector», não pôde utilizar por, dada sua antiguidade, se terem perdido, como, por exemplo, a «Lenda antiga que compos o mestre frey Thomas de Celano, com authoridade e aprovaçam do Capitulo geral», isto é, o *Memoriale in desiderio animae de gestis et verbis sanctissimi patris nostri Francisci*, quer dizer, a chamada *Vita secunda* de Tomás de Celano..., e a «Lenda dos tres companheiros, a qual compuseram frey Leão, frey Angelo e frey Rufino companheiros dos padre S. Francisco», entendamos a *Legenda trium sociorum*... Não pudemos, porém, ainda verificar se, na «Primeira parte», chegou a servir-se das referências e passagens concretas dessas obras que pôde ler em *De conformitate*... E seria interessante fazê-lo. Para a «Segunda parte», Fr. Marcos deve ter-se dado imediatamente conta de que quase nada possuía e que, como ele mesmo declara,

⁷ Bartolomeu de PISA, *Liber aureus inscriptus. Liber conformitatum vitae beati ac seraphici Francisci ad vitam Iesu Christi domini nostri. Nunc denuo in lucem editus, atque infinitis propemodum mendis correctus a Reverendo, ac doctissimo P. F. Ieremia Bucchio*..., Bononiae, apud Alexandrum Benatium, 1590, edição que, por simples comodidade utilizamos, mesmo sabendo das actualizações que lhe introduziu o editor. Citaremos sempre por *Liber conformitatum*...

não poderia passar sem ir a Itália, donde resultou a «larga e honrosa peregrinação»⁸ que, a pé, empreendeu pela Europa que, por motivos das guerras e facções religiosas daqueles anos, era possível visitar⁹. Ele próprio, apesar do seu peregrinar por alguns centros franciscanos europeus que julgou poderem fornecer-lhe documentos e pistas, sentiu as limitações da recolha documental que, com muitos apoios – que hoje quase desconhecemos –, empreendeu¹⁰, tendo, contudo, aproveitado ainda muita dessa informação para a elaboração, em castelhano, da «Tercera parte»¹¹. E se todos sabemos o que,

⁸ Martinho do AMOR DE DEUS, *Escola de penitencia, caminho de perfeição. Chronica da santa provincia de Samo Antonio da regular e estreita observancia da ordem do seraphico patriarca S. Francisco no instituto capucho neste reyno de Portugal*. Lisboa Occidental. Herdeiros de Antonio Pedroso Galram, 1740, I, 123-124.

⁹ Marcos de LISBOA. *Segunda parte das Chronicas da ordem dos frades menores do seraphico padre S. Francisco...* Lisboa. Officina de Pedro Craesbeeck, 1615, «Frey Marcos ao Leitor».

¹⁰ José Adriano de Freitas CARVALHO, «As ‘Crónicas da Ordem dos Frades Menores’ de Fr. Marcos de Lisboa ou a história de um triunfo anunciado» in *Quando os frades faziam história. De Marcos de Lisboa a Simão de Vasconcelos* (Dir. de José Adriano de Freitas Carvalho). Porto, C. I. U. H. E., 2001, 9-81 (17-18, 32-33).

¹¹ Marcos de LISBOA, *Tercera parte de las Chronicas da ordem dos frades menores do seraphico padre S. Francisco*, Lisboa, Officina de Pedro Crasbeeck. 1615, «Anotacion de fray Marcos de Lisboa al devoto Lector».

desde o prólogo da «Primeira parte», deve a Ubertino de Casal, quer dizer, à *Arbor Vitae Crucifixae* (Veneza, 1485)¹², também sabemos quanto fundamental lhe foi, por exemplo, ter podido dispor, com vagares, no convento de S. Salvador de Florença, do *Fasciculus chronicarum ordinis minorum* de Mariano de Florença que, muito provavelmente, será o autor mais citado e aproveitado ao longo das partes segunda e terceira das suas *Chronicas*...

Porém, desse conjunto de fontes que no fim do «Prologo» – «Fr. Marcos ao lector» – o cronista criteriosamente elenca para a «Primeira parte» – um conjunto que ele mesmo reputa escasso – haverá que destacar, com alguma demora, o *Floreto de S. Francisco*¹³. Esta compi-

¹² José Adriano de Freitas CARVALHO, «Ahegas ao estudo da influência da 'Arbor Vitae Crucifixae' e da 'Apocalypsis Nova' no século XVI em Portugal» in *Via Spiritus I* (1994), 55-109.

¹³ Actualmente, dispomos de três edições desta obra: *Floreto de São Francisco. Reprodução fac-similada do incunábulo nº 175 da Biblioteca Nacional de Lisboa com Nota de Apresentação* de José Adriano de Freitas Carvalho, Porto, 1988; *Floreto de San Francisco (Siglo XV)*, [Presentación de Antolín Pérez Abad; Tanscripción de José Martí Mayor y Eva Cardona Recassens; Glosario de Emilio Blanco], Madrid, Editorial Cisneros, 1998; *Floreto de Sant Francisco (Sevilla, 1492)*, Estudio crítico, texto, glosario y notas de Juana María Arcelus Ulibarrena, Presentación de Enrico Menestò. Madrid, Fundación Universitaria Española / Universidad Pontificia de Salamanca, 1998. Citaremos sempre por esta última edição que, apesar de alguns equívocos de

lação de «fontes franciscanas» – especialmente do *De inceptione vel fundamento ordinis*, vulgarmente atribuído a um (e conhecido por) *Anonymus perusinus*, e do *Speculum perfectionis*, obras que vêm quase completamente traduzidas e em que se intercalam capítulos da *Vita secunda* de Tomás de Celano..., do *Actus beati Francisci et sociorum eius*, da *Legenda Maior* e de outras fontes que S. Clasen e, depois, Juana M^a Arcelus identificaram com precisão¹⁴, ainda que, como acontece aos melhores, as suas propostas de identificação possam ter, em alguns casos, uma melhor solução – acaba por revelar-se uma espécie de *collectio operum et extractuum* semelhante a outras que, um pouco por toda a Europa, se foram organizando – o *Speculum Vitae* (Metis, 1509)..., as chamadas *Compilações de Barcelona...*¹⁵ ou a que pode-

leitura do original, tem a enorme vantagem de, em cada capítulo, remeter para as «fontes franciscanas» e lugares paralelos em outras compilações. Permitimo-nos, porém, remeter para a recensão crítica que elaborámos desta edição em *Via Spiritus*, 6 (1999), 249-264.

¹⁴ Sophronius CLASEN, «*El Floreto de Sant Francisco. Colecctionis Hispanicae de S. Francisco eiusque sociis notitiarum analysis*» in *Collectanea Franciscana*, 35 (1965), 249-285; Juana M^a ARCELUS ULIBARRENA, *Floreto de Sant Francisco...*, ed. cit., *passim*, aponta, igualmente, para cada capítulo fontes e lugares paralelos.

¹⁵ Jacques CABELL, «*Glanes Franciscaines. La première compilation de Barcelone* (Barcelona, Biblioteca Central, cod. 645)», in *A. I. A.*, XXIII (1963), 231-453; *Glanes Fran-*

ria dizer-se a *Compilation parisienne*¹⁶, por exemplo – com o desejo de reunir, transcrever e divulgar textos e dados menos conhecidos e menos «oficiais» sobre o Fundador e os primeiros tempos da ordem. Como já tivemos ocasião de sugerir¹⁷, curiosamente – e estranhamente – o cronista português não parece ter utilizado as *Fioretti*, ainda que, como veremos, a lição textual de algum capítulo coincida, em algum momento, com alguma da tradição textual dessa obra em italiano, não sabendo nós se, a este respeito, conviria aqui precisar zonas dialectais. E dizemo-lo assim, lembrados de que a lição vulgar apresentada pelos modernos curadores da edição de *Actus Beati Francisci...* de J. Cambell (Assis, 1988) como tradução de

ciscaines. La seconde compilation de Barcelone (Barcelone, Biblioteca Central, cod. 665) in A. I. A., XXV (1965), 225-298.

¹⁶ Marian MICHALCZYK, *Une compilation parisienne des sources franciscaines. Paris, Nationale, ms. Lar. 12707*, Roma, 1983 (Extractum ex *Archivum Franciscanum Historicum*, 74 (1981) – 76 (1983).

¹⁷ José Adriano de Freitas CARVALHO. «As ‘Crónicas da ordem dos frades menores’ de Fr. Marcos de Lisboa ou a história de um triunfo anunciado» in *Quando os frades faziam história...*, ed. cit., 43. Aos exemplos que então apontámos juntamos ainda o conhecidíssimo caso do lobo de Gubbio que Fr. Marcos relata (*Chronicas*, 1, 10, 29), cuja lição textual diverge da de *Actus* (23) e da das *Fioretti* (21), na tradução destas apresentada pelos curadores da edição de *Actus* por J. Cambell.

Actus no «Saporoso vulgare trecenteso» – mas de acordo com que edição? – nem sempre concorda com a de algumas edições das *Fioretti*, como, por exemplo, a de Veneza, 1509 – sem editor conhecido – que possuía Gaspar Barreiros, o notável humanista português que, em 1562, veio a ser Fr. Francisco da Madre de Deus¹⁸. Convém lembrar, desde já, que o *Floreto* está como que organizado em torno do *Speculum perfectionis*, a obra central dessa compilação a que, naturalmente, Fr. Marcos mais recorreu. A origem, a autoria e a data do *Floreto* continuam – e, talvez, continuarão – sendo um mistério, mas se não podemos garantir a sua origem franciscana ibérica – a

¹⁸ *QUESTI SONO LI FIORETI DI SANCTO FRANCESCO* (Cólofon: *Impresse in Venetia nel M. D. IX a di XXVII de Marzo*) de que, actualmente, apenas conhecemos dois exemplares: o da Biblioteca Estense de Modena [(z. 9. 32. (2)] e o da Biblioteca de Évora (Res.539), exemplar este último que o C. I. U. H. E. da Universidade do Porto editou em edição anastática (Porto, 2001), com uma breve nota de apresentação (*Introdução à edição fac-similada das «Fioreti de Sanct Francesco», Veneza. 1509*) do autor destas linhas. Note-se que Anne Jacobson SHUTTE. *Printed italian vernacular religious books (1465-1550): a finding list*, Genève, 1983, 182, regista, talvez por equívoco, um exemplar em Florença (Biblioteca Nazionale). pois nem as buscas que aí efectuámos nem Max Sander, *Le livre à figures italien depuis 1467 jusqu'à 1530*, Milano, 1942, n.º 2878, para quem remete a referida investigadora, garantem tal existência; efectivamente, M. Sander, no lugar indicado, apenas aponta o belo exemplar de Modena.

compilação poderia ter chegado à Península Ibérica já total ou parcialmente formada e aqui ser traduzida, reorganizada e acrescentada de alguns textos¹⁹ –, podemos garantir contrariamente a algumas propostas já feitas sobre o assunto, que o «autor», entendamos, o compilador – se é que não houve mais do que um «autor» – não foi Fr. Francisco Ximénez, o futuro cardeal Cisneros, entrado, em 1484, aos 49 anos, nos franciscanos observantes, embora nada haja a opor a que pudesse ter contribuído para a versão final do impresso, se se confirmar – parece-me uma hipótese muito provável – que em 1492 foram introduzidos, à última hora, alguns textos que não existiriam na versão manuscrita de base²⁰. Evidentemente, não queremos, com algumas das hipotéticas

¹⁹ Discutimos esta sedutora hipótese, não contemplada por Juana María Arcelus Ulibarrena na sua douta introdução à sua edição do *Floreto de Sant Francisco*, ed. cit., 59-61, na já referida recensão in *Via Spiritus*, 6 (1999), 247-264 e ao recordar agora, pela releitura de Armando QUAGLIA, «El Floreto: Fonte storica sconosciuta di Marco da Lisbona e del Wadding» in *Studi Francescani*, LIV (1957), 41-49 (46, nº 27), que L. Wadding possuía e utilizou uma cópia manuscrita aparentemente mais volumosa que a do texto do incunábulo sevilhano, cremos sentir confortada essa nossa hipótese. Mantém-se ainda, muito naturalmente, o «mistério» da língua do *Floretum* do frade irlandês.

²⁰ É uma tese defendida por Juana María Arcelus Ulibarrena na sua citada introdução à edição do *Floreto de Sant Francisco...* (207).

reservas a que aludimos, negar que o *Floreto de S. Francisco*, tal como hoje o conhecemos, seja uma antologia ibérica. Naturalmente, quanto à sua organização final, assim será, embora reconhecendo que, pelo que diz respeito a conteúdos – personagens..., milagres..., casos raros..., cidades e lugares... – a tradução portuguesa da *Chronica XXIV generalium*, feita a partir de uma versão castelhana²¹, – poderia dizer-se mais peninsular... No entanto, menos por uma sua provável organização num quadro peninsular e mais pela sua recepção em ambientes das reformas observantes no século XV em Portugal e em Espanha, poderemos, sem grandes dificuldades, classificar o *Floreto* como uma obra ibérica. E, como aludiremos, a impressão, em 1492, de uma das versões dessa compilação, deverá ser vista como a consagração dessa recepção, mas também como o aproveitamento desse meio extraordinário de difusão e fixação que é a imprensa para lhe garantir uma ainda maior difusão, a fixação do texto e para facilitar a sua leitura. O impresso suplantara seguramente – ainda que os não

²¹ José Joaquim NUNES na sua introd. a *Cronica da ordem dos frades menores (1209-1285). Manuscrito do século XV*, agora publicado inteiramente..., Coimbra, 1918; Andres IVARS, «Una versión castellana de la ‘Leyenda de San Francisco’ y de la ‘Crónica de los XXIV Ministros Generales’» in *A. I. A.*, XVIII (1922), 252-266.

anulasse em todos os casos – o manuscrito, mesmo quando este fosse de «boa letera» e, em muitos casos, poderia oferecer uma lição textual mais correcta. É bem provável, para não dizermos quase seguro, como tentaremos sugerir, que Fr. Marcos ainda tivesse recorrido a alguma versão manuscrita.

Como se sabe, o *Floreto de sant Francisco*, tal como o conhecemos hoje, «data» dos fins do século XV, mais precisamente, de Sevilha em 1492, e nada há no seu texto nem na sua organização que, verdadeiramente, impedisse a sua organização por essas datas, pois, como já foi, um tanto arbitrariamente, defendido, é bem possível que certos textos tenham sido incluídos à última hora. No entanto, assim ou de «outro modo», temos notícias seguras da sua existência em casas observantes portuguesas – concretamente, aqui ao lado, no oratório de S. Clemente das Penhas –, desde 1452, o que poderá bem indicar que o seu registo no inventário da pequenina biblioteca da casa – 16 livros – feito, nesse ano, por Fr. Rodrigo de Arruda²², deverá significar uma sua circulação já anterior, ainda que não possamos

²² José Adriano de Freitas CARVALHO, *Nobres leteras... Fervosos volumes..... Inventários de bibliotecas dos franciscanos observantes em Portugal no século XV. Os traços de união das reformas peninsulares*, Porto, C. I. U. H. E., 1995, 57-69 [supra, 127-151].

ir mais além nesta afirmação. O inventariador indica ainda que era de «boa letera», registo que repete um novo inventário, em 1457, da mesma biblioteca, que seguia com o mesmo número de obras, embora não exactamente com os mesmos títulos. Fr. Gil de Guimarães, o autor desse inventário, precisa ainda que o exemplar do *Frorete*, apontado entre os «livros de coro e de mesa» – era, seguramente, uma leitura de refeitório –, estava em pergaminho. E em 1474, no extenso inventário que da livraria dessa casa elaborou – agora uma livraria com 45 obras –, Fr. João da Póvoa anota que era livro «em lingoagem» e dele dá o precioso *incipit*: *Aqui sam escriptas....* Dois exemplares do *Floreto* no minúsculo e perigoso – dada a sua construção nos penhascos junto ao mar – oratório de Matosinhos? Não cremos, pois nem agora nem em qualquer outro inventário posterior desse oratório volta a ser registado qualquer exemplar em pergaminho. E, mesmo ignorando o destino e da data em que deixou de estar na livraria do oratório o precioso exemplar – *em boa letera* – que aí se encontrava desde, pelo menos, 1452, sabemos que, de acordo com o inventário de Fr. João da Póvoa desse mesmo ano de 1474, um outro exemplar do *Floreto* existia em Santa Maria da Ínsua, mas com uma notável diferença – era «em papel»... E mais: tinha sido oferecido à casa, antes de

16.5.1474 – a data exacta do inventário –, por Fr. Jorge de Sousa, pregador e confessor – e, segundo alguns indícios, apreciador de fazer obras nas casas por onde passava e, tido, em coisas de política, por «hombre dobrado»²³... – que então estava de vigário dessa casa junto da foz do Minho. Fr. João da Póvoa, revelando-se um bom conhecedor do texto, informa ainda que se tratava de um exemplar *muito vicioso*. Com tal classificação que aplica muitas vezes nos seus inventários, quererá dizer, muito provavelmente, que se tratava de um exemplar com faltas e com erros, no fundo, em resumidas contas, que não oferecia uma lição textual considerada correcta. Qual seria o «arquétipo» – aceitemos, um tanto violentamente, o tecnicismo – textual do Padre Póvoa por esses anos de 1474, isto é, quando ainda não existia o texto impresso? Também o ignoramos. Poderemos levantar alguma suspeita? Talvez, como veremos. De todos os modos, em 1476, o mesmo Fr. Jorge oferecerá ao mesmo oratório da Ínsua uma outra cópia do *Floreto* mandada fazer pelo exemplar de Santa Cristina de Tentúgal que, anota Fr. João da Póvoa, estava em *lingoagem aragones ou catallana*... Sabendo que Fr. João da Póvoa tinha tomado o hábito

²³ José Adriano de Freitas CARVALHO. *Nobres lereras... Fer-mosos volumes...*, ed. cit., 61, n.º 182 [supra, 135, n.º 181].

em Santa Cristina, seria este o seu «arquétipo» do texto do *Floreto*? É uma suspeita e pode ser que venha a revelar-se uma hipótese... Antes, contudo, de voltar a esta indicação, convirá precisar que, mais tarde, depois de 24.8.1492 – data da impressão sevilhana –, confirmando agora alguma das nossas suspeitas, Fr. João da Póvoa assinalará, nesse mesmo inventário da Ínsua, que *de forma em castelhano está aqui também de outro modo...*, referindo-se, indubitavelmente, ao texto impresso em Sevilha em 1492... A aparente contradição cronológica é devida a que essa nota aposta ao inventário de 1474 é, evidentemente, posterior, já que esse grande «amador de bons livros» sempre foi anotando, actualizandoos, os seus inventários que, por esse amor à precisão e ao controle, parecem, muitas vezes, um pouco caóticos. A casa da Ínsua dispôs a partir de 1474 ou até já de antes – de três exemplares dessa compilação: dois manuscritos e um impresso. Por outro lado, como facilmente se reconhecerá, essa nota – *de forma em castelhano está aqui também de outro modo* – aposta, depois de 24.8.1492 –, junto ao exemplar inventariado em 1474²⁴, é, para nós, muito valiosa: para além de confirmar o conhecimento que tinha o

²⁴ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Nobres letras...*, *Fermosos volumes...*, ed. cit., 94, (nº 42) [supra, 197, nº 42].

Padre Póvoa do *Floreto*, assegura-nos que, além dos «muito viciosos», corriam outras lições do *Floreto* que não coincidiam – eram de *outro modo* – com o texto impresso em 1492, um *outro modo* que poderia ir desde a organização à quantidade de textos seleccionados, com as suas sempre possíveis variantes da lição textual²⁵. Isto indica – se preferirmos, podemos dizer parece indicar – que o texto do *Floreto* impresso, em Sevilha, pelos «companheiros» Menardo Ungut e Lançalao Polono, nesse «*annus mirabilis*», era apenas uma das versões que circulavam – ou, o que virá a significar o mesmo, uma versão expressamente preparada para a edição –, versões essas que, sempre que possível, iriam sendo abandonadas a favor do impresso, que, curiosamente, como se sabe, chegou até nós em contadíssimos (4) exemplares. Em Portugal, apesar de termos indicações de outros exemplares existentes, apenas conhecemos hoje o que pertenceu a S^o António da Castanheira. Talvez, por isso, não valerá a pena insistir, como já tem sido feito,

²⁵ Armando QUAGLIA, «El *Floreto*: Fonte storica sconosciuta di Marco da Lisbona e del Wadding» in *Studi Francescani*, LIV (1957), 41-49, aponta (46, n^o 27) que a cópia manuscrita que possuía Lucas Wadding «sembra essere molto piu voluminosa e complessa delle copie a noi note nell'edizione di Siviglia, che hanno solo 122 fogli...», enquanto a do frade irlandês teria, pelo menos, 554...

que no século XV circulavam na Península, em manuscrito, compilações próximas do *Floreto...* que não eram o *Floreto...* Possivelmente, será melhor dizer que havia do *Floreto* textos com variantes mais ou menos profundas²⁶...

Apesar de já termos pensado de modo diferente, cremos que o exemplar que Fr. Jorge de Sousa ofereceu à casa da Ínsua em 1476 era apenas uma cópia do exemplar *em lingoagem aragonês ou catallana* que havia em Santa Cristina. Esse deverá ser o sentido preciso desse tresladado que utiliza Fr. João da Póvoa para indicar a proveniência do exemplar oferecido²⁷, pois se estivesse em português seria mais natural que, como já o fizera para outro exemplar do

²⁶ Aliás, deverá notar-se que já em 1922, Andrés IVARS, «Una versión castellana de la «Leyenda de San Francisco» y de la «Crónica de los XXIV Ministros Generales», in *A. I. A. XVIII* (1922), 252-266 (259), colocou a hipótese de que o anónimo compilador do códice F-18 das Descalzas Reales (Madrid), que pertenceu à Imperatriz Maria de Áustria, em que se contém a *Legenda Maior* de S. Boaventura interpolada com a crónica dos 10 primeiros gerais, pudesse ter tomado alguns capítulos avulsos, que se seguem a essa crónica truncada, «de algún códice de dicho *Floreto* anterior a la impresión, puesto que el texto castellano de ésta, aunque semejante, aparece ya mejorado». Actualmente, de acordo com *Manuscritos e impresos del monasterio de las Descalzas Reales de Madrid*, Madrid, Patrimonio Nacional, 1999 (Dir. de María Luisa LópezVidriero), 36, o referido códice tem a cota F-13.

²⁷ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Nobres leteras..., Ferrosos volumes...*, ed. cit., 101, (n.º 28) [supra, 209, n.º 28].

Floreto – e fará para outras obras que inventaria quer em latim quer em castelhano –, desse o seu incipit em português ou, como tantas vezes também faz, apontasse concretamente a língua do manuscrito que inventaria. O que importa, porém, assinalar aqui é a existência de um exemplar em catalão em Santa Cristina antes de 1476..., o que indica que anteriormente a esta data corria uma – só uma? – versão em catalão, facto que não se tem assinalado²⁸. Estranhamente, porém, como poderia resultar dos escassos dados disponíveis, dir-se-ia que em castelhano, em Portugal, parece apenas ter circulado o impresso de 1492... E recordemos que Fr. João da Póvoa era um bom conhecedor da obra por sua directa leitura pessoal, mas também, como aludimos, por a ter ouvido ler nesse devotíssimo oratório de Santa Cristina – Fr. Manuel da Esperança, na segunda metade do século XVII, ainda se admirava da sua extrema simplicidade²⁹ –, pois aí tomou o hábito franciscano. Ainda que uns anos mais tarde, possivelmente à volta de 1525, Fr. Marcos poderia ter ouvido essa mesma leitura ou, se a

²⁸ José Adriano de Freitas CARVALHO, *Nobres leteras.... Ferosos volumes...*, ed. cit., 61, 101 (n.º 28).

²⁹ Manuel da ESPERANÇA, *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores na província de Portugal. Segunda Parte*, Lisboa, Officina de Antonio Craesbeeck de Mello, 1666, 12, 6, 654.

casa o possuía, a lição do texto castelhano de 1492..., pois também ele tomou o hábito na casa de Tentúgal. O seu preciso conhecimento do texto e a abundância do que dele tomará para as suas *Chronicas* não terão sido alheios a estas circunstâncias. Em Santa Cristina de Tentúgal não terá lido ou ouvido ler em português – nunca, porém, o garantiremos, já que os livros, como atestam os próprios inventários, circulavam entre as diferentes casas –, mas podemos ter por certo – ou, se quisermos ser extremamente prudentes, por altamente provável – que existiu uma tradução portuguesa do *Floreto*, pois, como estaremos recordados, o Padre Póvoa, em 1474, cita o *incipit* do exemplar de S. Clemente das Penhas em português: *Aqui sam escriptas*³⁰ ..., dispensandose, assim, de precisar que esse exemplar *em purgaminho* estava em português. Será mesmo possível – e somente possível – que Fr. Marcos se tenha servido de uma versão portuguesa – ainda que, talvez, não unicamente –, se aceitarmos que o

³⁰ Não deixa, porém, de ser importante assinalar que o que poderá dizer-se a «terceira parte» do *Floreto* sevilhano começa, precisamente, por *Aqui son escriptas algunas cosas notables de esse mesmo sant Francisco e de sus compañeros y de algunos fechos maravillosos de ellos...* Poderá pensar-se que esse manuscrito assinalado por Fr. João da Póvoa continha apenas essa parte? Apenas se pode dizer que tal não é crível e que provavelmente teria outra organização de capítulos.

título da obra no elenco das fontes para a «Primeira parte» – *Floreto das cousas do Padre Sam Francisco e alguns companheiros* – também não corresponde ao título do impresso castelhano – *Este es el Floreto de sant Francisco. El qual tracta de la vida e milagros del bienaventurado señor sant Francisco e de la regla de los frayles menores* –, a menos que admitamos que tal se deve a modalidades de tradução ou de apresentação, o que, se não é impossível, não parece muito provável. É apenas uma hipótese, mas o dar o título em português quando dá algum título em latim..., poderia ajudar a torná-la mais provável, ainda que, confessemos, o mais usual em Marcos de Lisboa é oferecer os títulos latinos em tradução portuguesa. E como veremos, a análise sumária que faremos do confronto de textos do *Floreto* inseridos nas suas *Chronicas* com a lição dos mesmos textos no impresso de 1492 poderia – dizemos apenas poderia – confortar tal possibilidade. É certo que nada impediria que tivesse recorrido a uma lição manuscrita e à lição impressa, trabalho que permitiria compreender melhor algumas diferenças entre a lição do *Floreto* que cita e a de 1492. E quase podemos estar seguros que assim deverá ter procedido.

II – Fr. Marcos cita o *Floreto das causas do Padre Sam Francisco* umas 118 vezes na «Primeira parte» das *Chronicas* e cerca de 11

na «Segunda parte»³¹ – e é sempre possível que tenhamos errado a conta para menos... –, mas as referências apostas em nota não correspondem ao número de textos extractados, pois, muitas vezes, por uma referência há vários textos do *Floreto* aproveitados, o que, com algum matiz que anotaremos, significa que «il *Floreto* [...] è stato saccheggiato completamente dall'illustre storico portoghese»³², abundantíssima utilização da obra – privilegiando o *Speculum perfectionis* – que, naturalmente, é mais notável na «Primeira parte», essa em que S. Francisco é, evidentemente, o ponto de partida e o centro. E havemos de notar que as *Conformidades*, isto é, o *De Conformitate* – ou, talvez melhor, o *Liber conformitatum* – que tantas vezes cita, rarissimamente lhe poderiam fornecer, como acontece, muito mais do que referências autoritativas.

Como acabamos de sugerir, tentaremos, com alguns rápidos exemplos (11) aproveitados dos 85

³¹ Armando QUAGLIA, «*El Floreto: Fonte storica sconosciuta di Marco da Lisboa e del Wadding*» in *Studi Francescani*, LIV (1957), 41-49, que não pôde dispor do texto completo do *Floreto* publicado em Sevilha, apenas contou 72 referências na «Primeira parte» (44, nº 17), mas talvez – o que não podemos agora verificar – isso se deva a que a tradução italiana – que, em muitos casos, apresenta importantes interpolações do texto original – não registre todas as referências ao *Floreto* apostas na edição primigénia.

³² Armando QUAGLIA, «*El Floreto: Fonte storica sconosciuta di Marco da Lisboa e del Wadding*» in *Studi Francescani*, LIV (1957), 41-49, (44).

que analisamos com mais precisão, evidenciar a hipótese da utilização, por parte de Fr. Marcos, de mais do que uma tradição textual, isto é, que não deverá ter recorrido apenas, como poderia supor-se, ao texto castelhano impresso em 1492³³. Por tal, distinguiremos, a partir deste momento, entre o *Floreto*-1492 e o «*Floreto*», isto é, entre a lição do incunábulo sevilhano e a de uma outra compilação idêntica que o cronista assim nomeia – e que hoje desconhecemos –, que utilizou e que bem poderia representar esse «outro modo» que anotou Fr. João da Póvoa em nota posterior a 24.8.1492 no inventário da Ínsua de 1474 e que poderia estar em português ou em castelhano ou até – quem sabe? – em *lingagem aragones ou catalana*³⁴. Que Fr. Marcos

³³ Armando QUAGLIA, «El Floreto: Fonte storica sconosciuta di Marco da Lisbona e del Wadding» in *Studi Francescani*, LIV (1957), 41-49, pôde já assinalar que, em algum caso, a lição apresentada por Fr. Marcos e pelo *Floreto*-1492 não coincidiam, mas não parece ter pensado que a divergência pudesse atribuir-se a diferente lição, pois afirma (44) que «il *Floreto* spagnolo e stato sacheggiato completamente dall'illustre storico Portoghese».

³⁴ Geralmente, não tem muito sentido tecer hipóteses do género. mas tendo em conta que o exemplar manuscrito do «*Floreto*» que possuía Lucas Wadding seria – parece... – muito mais extenso que o impresso sevilhano de 1492, nada impediria que o manuscrito do «*Floreto*» que utilizou Fr. Marcos contivesse outros textos que hoje não se lêem no *Floreto*-1492. Por exemplo: Fr. Marcos para o capítulo «Do lobo ferocíssimo que o sancto padre amansou» (*Chronicas*, l. 10. 29) indica como fontes a compilação

deverá ter conhecido um manuscrito em catalão é legítimo pensá-lo, já que, como sabemos, Santa Cristina onde se fez franciscano, possuía um exemplar do «*Floreto*» nessa língua...

I

Para narrar «Dos trabalhos que o Padre S. Francisco passou ao arrancarse deste mundo», Fr. Marcos segue, em excelente tradução, o «*De perfecta conversione eius ad Deum et de reparatione trium ecclesiarum*» da *Legenda Maior* (II, 1)³⁵, mas, depois de assinalar, com

ibérica – e tal relato não se encontra no *Floreto*-1492 – e as *Conformidades*, onde vem. A sua lição está, efectivamente, muito próxima – mas não é totalmente coincidente – da do *Liber conformitatum* (l. 10^a, 140v-141r), o que, contas feitas, pode levar a pensar que tanto Bartolomeu de Pisa como Marcos de Lisboa tivessem utilizado lições textuais próximas dependentes de *Actus* (23) ou das *Fioretti* (21). Adiante, examinaremos um caso semelhante que poderá abundar na confirmação desta proposta.

³⁵ Embora reconhecendo que, metodologicamente, não será o processo mais correcto, já que não oferecem – nem podiam oferecer, pois tal não é o seu objectivo –, as variedades das lições em que circularam e que, evidentemente, seria o que aqui mais nos importaria, todas as referências a fontes franciscanas estão tomadas de *Fontes Franciscani* (a cura di Enrico Menestò e Stefano Brufani), Edizioni Porziuncola (Assisi), 1995, que apresentam o texto latino das mesmas fontes, até então dificilmente acessível; *Actus Beati Francisci et Sociorum eius* (Nuova edizione postuma de Jacques Cambell con testo dei *Fioretti* a fronte, a cura di Marino Bigaroni e Giovanni Boccali), Edizioni Porziuncola (Assisi), 1988.

S. Boaventura, que Francisco, «lançado em terra ante a imagem do Crucifixo, foi cheia sua alma de hũa grande consolação do Spirito Sancto», junta que «com grande fervor fez tres vezes esta oração» – indicação esta (texto da oração e número de vezes que a disse) que não procedendo da *Legenda Maior*, foi também recolhida pelo *Floreto* (I, 2) que a não colheu no «Anonymus Perusinus», *De inceptione vel fundamentum ordinis* (I, 3-9) donde traduz o capítulo em que, por sua vez, a insere, porque nele não se encontra –, oração que Fr. Marcos declara ter tomado dessa grande compilação ibérica. Contudo, a comparação da lição das *Chronicas* com a do *Floreto*-1492 deixa sérias dúvidas:

«O alto e glorioso Deos e meu Senhor Iesu Christo, alumiai as trevas de meu coração e daime Fè direita, esperança certa, e charidade perfeita, e conhecimento de vós Senhor, assi que eu faça a vossa sancta e verdadeira vontade. Amem».

Chronicas, I, 1, 3, 2v-3r.

«O alto e glorioso Dios, alumbra las tinieblas de mi corazón, e dame fe derecha, esperança cierta e caridad perfecta e conocimiento de ti, Señor, assi que yo faga el tu Sancto e verdadero mandamiento. Amén.»

Floreto, I, 1, 382

À primeira vista, não teríamos dúvidas em aceitar que Fr. Marcos traduziu, introduzindo-lhe alguma perfeição ou matiz – «e meu Senhor Iesu Christo...», «vontade» por «mandamento» – o texto do *Floreto*-1492. No entanto, haveríamos que reconhecer que não seria de esperar que, apesar de tudo, um cronista interviesse, mesmo que para a «aperfeiçoar», no texto de uma oração de um santo, de quem, aliás, era filho espiritual. Essas nossas certezas, porém, esvaem-se quando vemos que o texto latino que da mesma oração apresenta L. Wadding em *Beati P. Francisci Assisatis Opuscula* coincide, quase exactamente, com o de Fr. Marcos:

«Magne et glorioso Deus, et Domine mihi Iesu Christe, illumina, oro te, tenebras mentis meae.

Da mihi fidem rectam, spem certa, et charitatem perfectam. Fac ut cognoscam te, Domine, ita ut ego *in omnibus omnia* secundum tuam sanctam et veram voluntatem perficiam»³⁶.

A comparação das miúdas variantes dos três textos parece indicar que Fr. Marcos não deverá ter-se servido do texto do *Floreto*-1492, mas, sim, de outra lição textual da mesma obra – já que declara que foi dela que copiou essa oração – que, mesmo com as variantes por nós

³⁶ Lucas WADDING, *Beati Francisci Assisatis Opuscula*, Antwerpiae, Oficina Plantiniana, 1623, 102. (O sublinhado é nosso).

sublinhadas no seu texto, também conheceu L. Wadding, – ele que, como sabemos, possuía uma cópia manuscrita do «*Floreto*» que não se identificaria com o impresso de 1492 –, já que aponta como fonte sua um «*Floretum*»³⁷ que poderá identificarse com um «*Floreto* spag-

³⁷ Lucas WADDING, *Beati Francisci Assisiatis Opuscula*, ed. cit., 103: «Hanc [orationem B. Francisci in suae conversionis initio] apud Marcum I, pan. libl. 3, et Floretum c. De convers. beati Francisci invenimus». Como, generosamente, me chamou a atenção o Prof. Agustí Boadas, O. F. M., quando, numa bela manhã em Barcelona comparámos livros e textos – a começar pelo exemplar da primeira edição waddingniana dos *Opuscula* que possui a acolhedora casa da rua de Santaló (e falo por experiência não apenas bibliográfica: Deste-me de comer quando tinha fome..., Deste-me de beber quando tinha sede..., Socorreste-me quando me roubaram..., etc.) –, caberia pensar que Lucas Wadding mais não fez do que traduzir, com remissão à sua fonte, o texto que traz Fr. Marcos. É uma sedutora hipótese que, logo depois, verifiquei parecer ter igualmente seduzido Armando QUAGLIA «El Floreto»: Fonte storica sconosciuta di Marco da Lisbona e del Wadding in *Studi Francescani*, LIV (195), 41-49 (46), que, contudo, será necessário ponderar mais sistematicamente, pois, em tal caso, teríamos de perguntar-nos porque em alguns casos recorreu ao seu «*Floretum*» – por exemplo: «*Floretum folio mihi 102*», a propósito da *Oratio pro commendanda sua familia* (*Opuscula*, ed. cit., 118) – e em outros copiou as citações que Fr. Marcos faz da obra. Ioannis de LA HAYE, *Sancti Francisci Assisiatis Minorum Patriarchae nec non S. Antonii Paduani eiusdem ordinis Opera Omnia*, Paris. Apud Carolum Rovillard, 1641, 18, apresenta a mesma lição textual que traz Lucas Wadding, sem, porém, referir as suas fontes, situação que não é nele usual.

nolo», mas não necessariamente com a lição impressa, como já se tem pretendido³⁸.

2

Também para a compilação peninsular remete Marcos de Lisboa quando, depois de recordar «como o servo de Iesu Christo Francisco renunciou ao pay toda sua herança temporal ate a camisa, diante do Bispo de Assis», aponta as críticas que recebia dos seus. A comparação da lição textual pode ser interessante:

«Estava hũ dia o santo varão em tempo de grande frio ouvindo Missa em hũa Igreja tão pobrememente vestido que se lhe pareciaõ as carnes, e vioo hum seu irmão que alli estava tambem, e mandoulhe dizer zombando delle, se lhe queria vender hum real de suor. E o servo de Deos muy alegre lhe respondeo: Eu o tenho todo muy bem vendido a meu Deos e meu Senhor»

Chronicas, I, 1, 5, 4v.

«Otra vez en tiempo de invierno, como una mañana se diesse a la oración, contento de pobrezillas vestiduras, hum su hermano

³⁸ Armando QUAGLIA. «*El Floreto*»: *Fonte storica sconosciuta* di Marco da Lisboa e del Wadding» in *Studi Francescani*, LIV (1957), 41-49, parece pensar (46) que o «*Floreto spagnolo*» se identifica unicamente com a lição impressa em 1492.

carnal viéndolo padecer grande frio, dixo a un su compañero en escarnio: “Di a Sant Francisco, si al no, que te venda una meaja de sudor”. Lo qual oyendo el varón de Dios Francisco, lleno de gozo e de alegría, respondió en fervor del Espiritu Sancto: “Por esso por çierto venderé al mi Señor este sudor por caro prescio”».

Floreto, II, 119, 621

Que Fr. Marcos, como assinala, tomou o texto dessa compilação, parece não haver dúvidas, mas que se tenha servido do incunábulo sevilhano tal vez não seja tão seguro, a menos que queiramos atribuir ao cronista localizações piedosas – «Ouvindo missa em hũa Igreja»... –, dramatizações – «que se lhe parecião as carnes»... – e mudanças de perspectiva do relato, como essa decorrente da tradução do tempo verbal no futuro pelo pretérito – «tenho vendido» pelo mais exacto «venderé» com que em 1492 se traduz o «vendam» de *Vita secunda* (12) e da *Legenda trium sociorum* (23) – isto é, elementos que, inexistentes nas suas fontes mais conhecidas (2Cl2, 3Ssoc23), radicalizam, pelo reforço do seu próprio contexto, a resposta de Francisco e a tornam num factu «histórico» e «trágico», pois revela uma decisão sua irreversível e já tomada naquele momento.

3

Ainda que, para as nossas sugestões, pudéssemos estabelecer aqui a comparação dos textos de Fr. Marcos (*Chronicas*, I, 1, 18) e do *Floreto*-1492 (II, 59) sobre Fr. João, o Simples, que apresentam abundantes variantes, não o fazemos, porque Fr. Marcos assinala como fonte sua não a compilação peninsular, mas, sim, o *Liber conformitatum* (I, 8º, 64v) – um brevíssimo texto que não pode ser a fonte do seu largo relato – e a «Crónica» de Santo Antonino de Florença, obra que não vimos. É preferível analisar as suspeitas que suscita a comparação da lição textual das *Chronicas* e do *Florero*-1492 ao narrar o amor fraternal que envolvia os primeiros tempos franciscanos. Embora com algumas variantes notáveis, a fonte de ambos é, evidentemente, o capítulo «De conversatione fratrum et dilectione quam invicem habebant» do *De inceptione vel fundamento ordinis*, o vulgarmente chamado «Anonymus Perusinus» (25-30).

«Cheos aquelles servos de Deos deste lume e graça divina, erão enviados pelo Padre a alumiar o mundo, e tornavão a santa Maria da Porciuncula de todas as partes como a sua madre, onde se vião hūs com os outros, e erão cheos de tanta alegria spiritual, que não sentião os trabalhos da mingoa

e contrariedades que padecião. De dia em seus tempos se ocupavão em trabalhos de suas mãos, mas seu continuo exercício era oração, orando frequentemente com devação e lagrimas, e levantandose em o quieto e profundo da noite a velar e orar ao Senhor em seus louvores e orações pelos peccadores. Amavãose hūs aos outros com entranhavel amor, e assi servia e criava hū ao outro como a mãy a hū soo filho que tem, e tanto ardia nelles a charidade, que lhes parecia cousa muy facil dar sua vida, não soo por honra de Christo, mas ainda por a salvação de seu irmão. Andando hũa vez dous frades caminho, acharão hum doudo que começou de apedrejar a hū delles, e o companheiro correndo se foi pôr diante, por que as pedras dessem antes nelle que em seu companheiro, com tão grande charidade o amava. Semelhantes cousas fazião muitas vezes, como fundados em verdadeira charidade e humildade. Hum ao outro como a senhor honrava e fazia reverencia, e o que entre elles era superior, em officio ou antiguidade ou algũa graça, mais humilde e baixo era que todos os outros, porque assi o aprendia do santo padre...»

Chronicas, I, 1, 19, 17v.

«Cuando los frayles se tornavan allí a Santa María de Porciúncula de todas las partes del mundo e se veyan unos a otros,

eran llenos de tan grand alegría e gozo spiritual, que no se acordavan de cosa alguna de la pobreza e de las contrariedades que padescían. Otrosí eran continuamente en oración, y en los trabajos de sus manos eran solícitos e cuydadosos porque alançasen de sí de todo en todo la ociosidad enemiga del ánima. Mas en las noches eran cuydadosos de se levantar en el sosiego de la noche en silencio çerca de aquello que dize el profeta: «A la media noche me levantava a confesar a tí» etc.

Otrosí oravan espessamente con mucha devoción e lagrimas e amaváanse unos a otros com amor entranhal e servían e criavan el uno al outro, assí como la madre a su solo hijo. En tanto ardía en ellos el amor de la muy pura caridad, que les parecía cosa ligera dar los sus cuerpos, no tan solamente por el nombre de Jesu Christo, mas aún por la salud de su hermano.

E un día, como dos frayles pasasen por una carrera, fallaron un loco el qual lançava piedras al uno de ellos, mas el otro, como viesse las piedras ser lançadas a su companhero, fue corriendo e púsose a los golpes de las piedras queriendo más que firiesen a él que al compañero, por la ferviente e entrañable caridad. Estas cosas fazían muchas veces porque eran fundados e raygados en verdadera caridad y en verdadera humildad.

Onde uno a otro, así como a su señor,
le acatava e dava reverencia, e qualquier
que entre ellos sobrepujaba en officio o en
ser, más humilde e más vil era visto que
todos los otros...»

Floreto, I, 7, 398-399.

O texto de Fr. Marcos que seleccionamos do capítulo em que apresenta, tal como a compilação peninsular, o narrado no respectivo lugar do *De inceptione vel fundamento ordinis*, poderia, à primeira vista, dizer-se uma tradução relativamente fiel do texto do *Floreto*-1492, ainda que com acrescentos e supressões nem sempre facilmente explicáveis. Na verdade, onde terá visto Marcos de Lisboa que os primeiros franciscanos tornavam a Porciúncula «como a sua madre»? E porque terá suprimido a citação do Profeta (Ps. 118, 62)? E onde terá lido que cada um assim procedia, «porque assi o aprendia do santo padre»? Decisões suas? Não o cremos, porque, embora não saibamos donde tomou o cronista aquele «como a sua madre» que prepara a alegria do reencontro que a seguir se anota, nem donde lhe veio esse «porque assi aprendia do santo padre» que acentua quanto todos imitavam a S. Francisco, sabemos que a outra fonte franciscana que narra estes factos – a *Legenda trium sociorum* (41-42) – também omite a citação do salmo, o que sugere que essas «amplificações» e essa

omissão deverão resultar da lição textual do «*Floreto*» que estava a seguir. No entanto, convirá notar que em dois ou três pormenores o texto das *Chronicas* está mais próximo da lição do *Anonymus Perusinus* que o do *Floreto*-1492. Com efeito, onde o texto latino da fonte franciscana diz «orabant cum devotione multa et lacrimis frequenter», Fr. Marcos utiliza o mesmo advérbio (frequenter – frequentemente), afastando-se assim do texto de 1492 (espessamente); do mesmo modo, onde no texto latino se lê «...quod eis facile videbatur tradere corpora sua...», Fr. Marcos traz «cousa muy facil dar sua vida...», lugar em que traz «cosa ligera»; igualmente, ainda que o «semelhantes cousas fazião muitas vezes...» traduza menos mais literalmente a lição do texto latino – Haec et his similia saepius faciebant...» – que o «Estas cosas fazian muchas vezes...» do *Floreto*-1492, não deixa de ser muito sugestivo que onde nas *Chronicas* se lê «o que entre elles era superior em officio ou antiguidade ou algũa graça...» corresponda com mais exactidão ao texto da fonte latina – «Quicumque inter eos officio vel gratia praecellebat...» – que o «qualquier que entre ellos sobrepujaba en officio o en ser...» do *Floreto*-1492. Tudo sumado, será violento sugerir que também aqui terá o cronista tido presente outra lição do «*Floreto*» que não a do impresso de 1492? Aliás, seria muito importante continuar a análise comparativa desses

capítulos das *Chronicas* e do *Floreto*-1492 para tentar assinalar outras variantes entre as suas lições textuais – aparentes interpolações que tanto suprimem como acrescentam –, de modo a tentar captar o trabalho de elaboração a que parece ter procedido o «*Floreto*» que Fr. Marcos também utilizou.

4

Tal como o texto anterior – e, por isso, valerá a pena insistir no resultado deste tipo de comparação textual – poderia defender-se que o seguinte texto das *Chronicas* depende, na parte que lhe é comum, literalmente do texto castelhano do *Floreto*-1492. No entanto, sabemos que o anónimo autor – melhor, talvez, autores – do *Floreto*-1492 não teve apenas presente as lições – tal como as conhecemos hoje – quer da *Compilatio Assisiensis* (120, 7-12) quer do *Speculum perfectionis* (97), pois sabemos que também utilizou – se é que não utilizou sobretudo – o *Liber conformitatum* (I, 12^o, 179r) ou um texto deste muito próximo. Como poderemos observar, há variantes que, por mínimas que sejam, não podem atribuir-se, sem mais, a um trabalho de tradução.

«E sendo assi aspero consigo, e induzindo com todas suas forças os servos de Deos a aspera e dura vida, não lhe aprazia

o rigor tão severo, que não fosse moderado com a discrição, e temperado com a piedade, e por isso dizia aos seus frades: O servo de Deos em comer e beber, e tomar todas as necessidades corporaes, deve satisfazer com discrição a seu corpo de maneira, que não fique razão ao irmão corpo de murmurar, que não pode estar *direito*, nem *tanto* na oração, nem andar alegre nos trabalhos, nem fazer outras boas obras, por lhe não ser dado o necessario a sua fraqueza. E quando o servo de Deos lhe der em boa e justa maneira as necessidades, e o irmão corpo for negligente, preguiçoso e sonorento em oração, jejuns e outras boas obras, hão então de castigar como a preguiçosa e má besta que come e não quer sofrer a carga. Mas se por a pobreza e mingoa o irmão corpo não pode haver todas suas necessidades, na saude ou doença, pedindo a seu prelado *por* amor de Deos, e não lhas dando, sofra com paciencia por amor de Jesu Christo, que tambem buscou e não achou quem o consolasse. E a tal necessidade lhe conta o Senhor, por martyrio, e porque fez o que era em si, e pediu humildemente sua necessidade, não tem culpa, ainda que por isso o corpo mais enferme».

Chronicas, I, I, 21, 20r.

«El siervo de Dios en comiendo, beviendo, durmiendo y en las otras neces-

sidades recibiendo, deve com discreción satisfacer a su cuerpo, así quel cuerpo no haya materia o causa de murmurar, diziendo: «No puedo estar levantado e allegarme a la oración, ni alegrarme en mis tribulationes e fazer otras obras buenas, porque no me satisfazes a mi menester e indigencia».

Ca si el siervo de Dios con buena e honesta manera e discreción satisfaze al su cuerpo, y el hermano cuerpo quisiesse ser negligente e perezoso e soñoliento en la oración, vigiliyas y en las otras obras buenas, entonces devríale bien castigar así como a asno malo e perezoso, porque quiere bien comer e no quiere levar la carga e ganar». Mas si por mengua e pobreza el hermano cuerpo no puede aver en sanidad las sobredichas menguas e necessidades como las demandare hūmil e honestamente de su hermano o perlado, súfralo en paciencia e con humildad por amor de Dios e esta necessidad serále contada e reputada por martirio. E porque fizo lo que suyo es, conviene a saber, que demande humildemente su necessidad, es escusado de pecado, e aún, sy el cuerpo enfermarse ende gravemente, recibirán grand gracia de Dios».

Floreto, II, 101, 595.

Se bem anotarmos, em alguns momentos, o texto português não corresponde exacta-

mente ao texto castelhano e, como acentuaremos, parece estar mais próximo da lição do *Speculum perfectionis*, ainda que possa ter acedido a um texto que, tal como o de que se serviu o *Floreto*-1492, também devia algo à lição que se lê no *Liber conformitatum* (I, 12^o, 179r e 11, 7^o, 243v). Com efeito, se deste ou da lição que representa pode ter tomado, como o *Floreto*-1492, o «e beber» – «bibendo» –, a primeira utilização de «irmão corpo» – «de maneira que não fique razão ao irmão corpo de murmurar...» – que não existe no *Floreto*-1492, corresponde quer ao texto do *Speculum perfectionis* (97, 3) – «ita quod frater corpus non valeat murmurare...» – quer ao do *Liber conformitatum* – «ita quod frater corpus non valeat murmurare...». Depois, do mesmo modo, a tradução de «Non possum stare erectus et insistere orationi...» por «não pode estar direito, nem [estar] tanto na oração...» parece representar melhor a tradição textual de *Speculum perfectionis* e do *Liber conformitatum* – neste em vez de «erectus» vem «rectus», o que poderá ter contaminado o texto que utilizou Fr. Marcos – que o «No puedo estar levantado e allegarme a la oración» do *Floreto*-1492. Por outro lado, onde o *Floreto*-1492 traz «porque no satisfazes a mi menester e indigencia» representando o «quia non satisfacis indigentiae meae» do *Speculum perfectionis* e do *Liber conformi-*

tatum, o «por lhe não ser dado o necessario a sua fraqueza» de Fr. Marcos, ao não recolher o «mi menester e indigencia» do *Floreto*-1492, poderá dizer-se representar outra lição que não a do incunábulo sevillhano. E quando Fr. Marcos diz «o irmão corpo não pode aver todas suas necessidades, na saude ou doença, sofra...», onde foi buscar esse «ou doença» que não vem no *Floreto*-1492 que apenas traz «el hermano cuerpo no puede aver en sanidad...»? Seguramente a uma lição textual que, descendo da *Compilatio Assisiensis* (120, 7-12) e do *Speculum perfectionis* (97, 6) – muito mais que da *Vita secunda* de Celano (129, 2-5) –, passava pelo *Liber conformitatum*: «frater corpus necessitates suas in sanitate et infirmitate habere non potest...». Finalmente, não parece igualmente poder atribuir-se apenas a uma técnica de tradução que, nas *Chronicas*, para dar o «[frater corpus necessitates suas in sanitate et infirmitate habere non potest] dum humiliter et honeste petierit a fratre vel prelato suo amore Dei et sibi non datur, sustineat, amore Dei, patienter, qui etiam sustinuit...» se tenha optado por «pedindoa a seu prelado por amor de Deos, e não lha dando, sofra com paciencia, por amor de Iesu Christo que tambem buscou e não achou quem o consolasse...». Evidentemente, não é do *Floreto*-1492 que Fr. Marcos recebe essa lição. Do *Liber conformitatum*?

Seria uma possibilidade – até poderia ser que dele recebesse Fr. Marcos aquele «Sofra com paciencia, por amor de Iesu Chirsto» que o *Liber conformitatum* dá como «sustineat amore Domini patienter...» –, só que teremos de ter em atenção – ainda que tal não seja absolutamente decisivo – que o cronista remete exactamente – embora hoje, em parte pela utilização de edições e manuscritos que desconhecemos, as suas remissões nem sempre sejam absolutamente fiáveis – para a compilação peninsular e não, como outras vezes, para a obra de Bartolomeu de Pisa, com cuja lição, aliás, não coincide em muitos outros detalhes. Haverá, porém, que ter igualmente em atenção que, como acontece em outras ocasiões, Bartolomeu de Pisa retoma, parcialmente, (11, 7^o, XIX in ordine, 243v) o mesmo texto e aí dá para «vigiliis» («Frater corpus vellet esse negligens et pigrum, vel somnolentum in oratione, vigiliis et...») um equivalente «jejuniis» – «frater corpus vellet esset negligens, et pigrum, vel somnolentum in oratione, jejuniis et...» – que também traz Fr. Marcos... O que, uma vez mais, pode muito bem querer dizer que, tal como nas variantes anteriores, tenha tido presente uma lição do «*Floreto*» que não a de 1492, lição esta que, em alguns momentos, coincidia com a do *Liber conformitatum*...

5

O texto seguinte poderá permitir tomar um pouco mais válidas as sugestões que vimos fazendo. Trata-se do conhecido texto – e de grande fortuna na tratadística de espiritualidade sobre a obediência religiosa – sobre o «De perfecto modo obediendi» e do exemplo com que o mostrava S. Francisco tal como o narra o *Speculum perfectionis* (47, 48), se bem que pode também encontrar-se, com algum matiz, na *Legenda Maior* (6, 4). Aliás, o cronista português conhecia muito bem e seguia, como se sabe, o texto de S. Boaventura, mas também aqui parece ter preferido lançar mão de outra lição textual.

«Irmãos meus muy amados (lhes dizia) a primeira palavra ouvida da obediencia, logo a cumpri, nem espereis que outra vez vos seja a obediencia posta, nem vos escuseis como de cousa impossível, ou a que não sois obrigados, porque ainda que eu vos mande cousa sobre as vossas forças a obediencia vos daria forças pera a fazer. E rogandolhe os frades, que lhes ensinasse a perfeita obediencia, respondeu: Difficilmente se acha religioso tão perfeito, que obedeça perfeitamente a seu prelado, e poslhe hũ exemplo do corpo morto. Tornai um corpo sem alma, e pondeo onde quiserdes, e veloeis não contradizer, nem resistir se o mudão, nem murmurar se o assentão, nem

se queixar se o deixão. E se o assentarem em hũa cadeira, não olha pera cima, mas pera baixo; se o vestirem de purpura, então fica mais amarelo, e descorado. Este he o verdadeiro e perfeito obediente, que não julga porque he mudado, nem tem cuidado onde sera posto, nem porfia porque o mudem, e se lhe dão algum officio, não deixa a costumada humildade, e quanto mais honrado he, tanto se tem por mais indigno».

Chronicas, I, 1, 28, 24r.

«Dezia el muy sancto Padre a sus frayles: «A la primera palabra cumplid el mandamiento e non esperedes que os sea dicho dos vezes, no canséys ni acatéis estar en el mandamiento cosa alguna de imposibilidad. Porque si sobre las fuerças vos mandasse la sancta obediencia, no carescerá de fuerças»^[39]. Onde, una vegada, assentándose con sus compañeros, dixo así: «Apenas es religioso en todo el mundo tan perfecto que obedesca bien a su perlado».

³⁹ A lição original do *Floreto-1492* carece aqui de pontuação; a querer introduzir alguma, talvez fosse melhor pontuar diferentemente: «porque si sobre las fuerças vos mandasse, la santa obediencia no carescerá de fuerças», em que o sujeito de «mandasse» tanto poderá ser um «yo» como, com alguma violência, a própria «santa obediencia», o que permitiria não alterar a aparente ambiguidade da lição original. Conf. *Floreto de São Francisco...*, (edição fac-similada), Porto, 1988, [56].

E luego los compañeros dixeron: «Dinos, Padre, qual sea la perfecta obediencia?», y élles dixo: «Toma el cuerpo sin ánima e ponle onde quisieres, e verle as no repunar movido, ni murmurar assentado, non reclinar dexado. El qual si en cáthedra será assentado, no mirará las cosas altas, mas a las baxas; si sea assentado o colocado en purpura, con el doblo se amarillece. E aqueste es verdadero obediente, el qual porque sea movido no juzga donde será colocado, no cura aunque dende sea mudado, no cobdicia ser promovido a oficio, tiene la acostumbrada humildad quando^[40] más es onrrado a tanto más indigno se reputa».

Floreto, II, 49, 495-496.

Os textos postos em paralelo indicariam, à primeira vista, que Fr. Marcos estava a seguir, de muito perto, a lição do *Floreto*-1492. As pequenas variantes – em que algumas relevavam de omissões – poderiam atribuir-se ao tradutor. Mas há que ter em consideração que o cronista português não aponta o texto da compilação ibérica como fonte sua, mas, sim,

⁴⁰ O original do *Floreto*-1492 oferece, efectivamente, a lição «quando», mas, examinado o original latino – «plus honoratus, plus reputat se indignum» (LM, 6. 4), (SP, 48,5) – parece evidente falha por «quanto», exactamente como traz Fr. Marcos. Conf. *Floreto de São Francisco...*, (edição fac-similada), Porto, 1988, [56].

– ainda que de um modo geral no começo do capítulo – S. Boaventura e Bartolomeu de Pisa, autores em que, efectivamente, aparece, total ou parcialmente, o texto que nos importa. No entanto, como é facilmente comprovável, a *Legenda Maior* (6, 4-13), se traz a comparação do verdadeiro obediente com um «Corpo sem alma» («examine»), não oferece o que tanto nas *Chronicas* como no *Floreto*-1492 se diz da necessidade da prontidão da obediência para que esta seja considerada perfeita. O mesmo se diga do *Liber conformitatum* (I, 12^o, 179v) que remete explicitamente para a *Legenda Maior* e para a *Legenda antiqua*, um célebre título que voltaremos a encontrar. Deste modo, para além da comparação do verdadeiro obediente com um «corpo morto» que aparece, sem variantes significativas, nas três fontes, o texto do *Floreto*-1492 poderia aparecer como a fonte mais precisa do texto das *Chronicas*. Contudo, se repararmos, o *Floreto*-1492 suprime o «Irmãos meus muy amados» com que Fr. Marcos inicia o seu texto e que, não aparecendo nem em *Legenda Maior* (6, 4) nem no *Liber conformitatum* (I, 12^o), marca o início das palavras de Francisco na lição do *Speculum perfectionis* (47,1) – «Frates carissimi, primo verbo preceptum implete...», do mesmo modo, onde o incunábulo sevilhano põe «Porque si sobre las fuerças vos mandase la sancta obediencia, no carescerá de fuerças» – aliás, com

a supressão de, além do mais, um «yo» («ego») que toma o texto mais ambíguo –, as *Chronicas* trazem «porque ainda que eu vos mandasse cousa sobre vossas forças, a obediencia vos daria forças pera a fazer», o que corresponde exactamente ao «quia et si supra vires ego vobis mandarem sancta obedientia viribus non carebit» do *Speculum perfectionis* (47, 2). Na mesma sequência, em 1492, não aparece «e pos-lhe hum exemplo do corpo morto» que corresponde perfeitamente à lição do *Speculum perfectionis* (48, 2) – «Verum et perfectum obedientem sub figura corporis mortui descripsit» –. Finalmente, no próprio exemplo, onde o *Floreto*-1492 diz que o «verdadero obediente[...] no cobdicia ser promovido a officio», Fr. Marcos, retomando o «verum et perfectum obedientem» do *Speculum perfectionis* (48, 2), põe «o verdadeiro e perfeito obediente[...] se lhe dão um officio não deixa a costumada humildade...» que corresponde muito mais exactamente à lição textual do *Speculum perfectionis* – [verus obediens] promotus ad officium solitam tenet humilitatem...» (48, 5) –, ainda que, no lugar já citado, a *Legenda Maior*, em lição que muito naturalmente repete o *Liber conformitatum*, ponha «euctus ad officium, solitam tenet humilitatem...». Cremos não ser difícil aceitar que, como nos outros, também neste caso Fr. Marcos recorreu a um texto do «Floreto» que não era o impresso em 1492.

6

Ao dedicar um capítulo a mostrar «Como queria o sancto Padre, que em todas as cousas dos frades reluzisse a sancta pobreza» (*Chronicas*, I, 1, 33), Fr. Marcos poderia recorrer, para encerrar esse capítulo – entretecido com outros textos da mesma fonte – à compilação franciscana impressa em Sevilha em 1492. Confrontemos os textos, sendo bem recordar que, em 1492, o texto castelhano fecha igualmente o capítulo em que se encontra (II, 119).

«Ao Bispo de Assis que hũa vez disse a S. Francisco: Dura cousa me parece, e muy trabalhosa e aspera vossa vida, não ter nenhũa cousa de que vivais. Respondeo o pobre de Christo: Senhor se tivermos fazenda, sernos hão necessarias armas pera a defender, e della nos nascerão defferenças, demandas, negoceos, e mil impedimentos pera o amor de Deos, e principalmente do proximo, por tanto temos por melhor, não querer neste mundo possuir algũa cousa, e nosso Senhor fará que por isso sejamos amados de todos, e nos mantenhão com suas esmolas»

Chronicas, I, 1, 33, 26v-27r.

«Mas el Obispo de la çibdad de Assis, al qual yva muchas vezes sant Francisco por consejo, reçibiéndolo benignamente, díxole:

«Dura parece la vuestra vida, conviene a saber, no poseer al guna cosa en el siglo». Al qual respondió sant Francisco: «Señor, si possessiones toviésemos, sernos yan necessarias armas para nuestro defendimiento, ca dende nasçen las qüestionnes e lides».

E plugo mucho al Obispo esta respuesta. Muchas vezes quando sant Francisco comia com los frayles, ponía çeniza en los manjares que comía».

Floreto, 11, 119, 622.

Eliminemos, sem nos demorarmos a investigar as razões por que o cronista português e o compilador – ou compiladores – castelhano acrescentaram, como fecho de capítulo, declarações – «e nosso Senhor fará que por isso sejamos amados de todos, e nos mantenhão com suas esmolas» – ou gestos de Francisco – «muchas vezes quando sant Francisco comía com los frayles, ponía çeniza en los manjares que comía» – que pertencem a outros capítulos. Sabemos que a fonte do *Floreto*-1492 vem quase no final do capítulo IX – «De modo vocationis fratris Sysvestri et de visione quam habuit ante ingressum ordinis» – da *Legenda trium sociorum* (35), se bem que possa ler-se também, com ligeiras variantes, no fim – igualmente – do capítulo «De primo loco ubi morati sunt et de persecutione parentum suorum»

do *De inceptione vel fundamento ordinis* (17), o «Anonymus perusinus», capítulo esse que o compilador – ou compiladores – castelhano não aproveitou, ele que tantas vezes não olhou a repetições.

Notemos ainda que, se o texto castelhano segue, de um modo muito cerrado, a lição textual representada pela *Legenda trium sociorum* – aliás, de um modo geral, também seguida de perto pelo *Liber conformitatum* (11, 4^o, 220) –, nele não se recolheram as consequências das «quæstiones e lides» («quæstiones et lites») que tanto a *Legenda trium sociorum* como o *De inceptione vel fundamento ordinis* apontam quase com a mesma fórmula: «soletque ex hoc amor Dei et proximi multipliciter impediri» (*Legenda* 3Sss, 35, 7), «Solet inde dilectio Dei et proximi impediri» (*De inceptione*, 17, 8). Parece, portanto, ser aceitável pensar que Fr. Marcos de Lisboa não recorreu ao *Floreto*-1492, pois nele não se expressam tais consequências. Poderia tê-las lido no *Liber conformitatum* que, como se sabe, também neste ponto, segue, de muito perto, a lição da *Legenda trium sociorum*. No entanto, estamos em crer que não é desta lição comum a esta *Legenda* e à obra de Bartolomeu de Pisa que Fr. Marcos se serve, ele que não aponta que ao bispo de Assis «pro consilio frequenter ibat vir Dei, benigne ipsum recipiens...» (3 *Soc*, 35, 6), isto é, segundo o

Floreto-1492, «yva muchas vezes sant Francisco por consejo, recibendolo benignamente». Também o *Liber conformitatum* não o aponta... e o *De inceptione...* também não... Deste modo, parece ser fácil aceitar que Fr. Marcos seguia uma lição que, diferente da transmitida pela *Legenda trium sociorum*, era comum ao *De Inceptione...* e ao *Liber conformitatum...*

Por outro lado, segundo o *Floreto-1492*, o bispo de Assis julgava a vida de Francisco e dos seus («vuestra vida»), apenas «dura», enquanto na *Legenda trium sociorum* (35, 5) e no *Liber conformitatum* essa vida «dura mihi videtur et aspera», qualificativos que se encontram igualmente no texto das *Chronicas*. Contudo, no texto de Fr. Marcos o rigor da «vida» de Francisco parece ao bispo não só «dura et aspera», mas também «muy trabalhosa», qualificação que, aparentemente, não se encontra em qualquer das fontes que vimos apontando. Curiosamente, porém, o «Anonymus perusinus» (17, 7) intensifica essa qualificação com um «multum» («dura multum et aspera»), donde o «muy trabalhosa» bem poderia ter a fórmula encontrada por Fr. Marcos para traduzir – se não a encontrou já traduzida – a lição do texto, mais aparentemente próximo do *De inceptione*, que estava a seguir.

E um pouco mais. Como a *Legenda trium sociorum* (35, 6) e o *Liber conformitatum*

(«Domine, si possessiones aliquas haberemus, nobis essent necessaria arma ad protectionem nostram»), o *Floreto-1492* traz à letra: «Señor, si possessiones toviéssemos, sernos yan necessarias armas para nuestro defendimiento». Ora, Fr. Marcos apresenta uma versão («Senhor, se tivermos fazenda, sernosão necessarias armas para a defender») que corresponde exactamente à do *De inceptioe* (17, 8)...: «Domine, si possessiones aliquas haberemus, arma ad protegendum necessaria nobis essent», em que as armas seriam necessárias para defesa da fazenda e não «ad protectionem nostram», isto é, «para nuestro defendimiento».

E aqueles «mil impedimentos» da lição de Fr. Marcos não poderão corresponder mais precisamente ao «plurimae» com que o «Anonymus perusinus» (17, 8) intensifica as «quæstiones et lites» que se seguiriam da posse de bens («oriuntur inde quæstiones et lites plurimae, et solet dilectio Dei et proximi impediri») do que ao «multipliciter» com que a *Legenda trium sociorum* (35, 7) e o *Liber conformitatum* intensificam o «impediri» («inde oriuntur quæstiones et lites soletque ex hoc amor Dei et proximi multipliter impediri»)?

Mesmo que possa discutir-se esta última proposta, cremos que parece evidente que, igualmente neste passo das suas *Chronicas*, Fr. Marcos de Lisboa não seguiu a lição do

Floreto-1492, mas, sim, a de outro «Fioreto» em que andaria compilado esse capítulo do *De inceptione*...

7

É bem conhecido que o amor e reverência de Francisco de Assis à Eucaristia chegou a determinar as suas opções pelo país do seu apostolado – «eligo provinciam Francie [...] maxime quia inter alios catholicos sancte Ecclesie reverentiam magnam exhibent Corpori Christo...» (*Comp. Assis.*, 108, 7) – e ainda, entre outras manifestações, a decisão de prover os frades que iam em missão «cum bonis et pulchris fermentis hostiarum ad faciendum hostias» (*Comp. Assis.*, 108, 17). Tanto *Floreto*-1492 como as *Chronicas da ordem dos frades menores* deram, naturalmente, atenção a este factos. Teria Fr. Marcos seguido a lição do *Floreto* sevilhano? Tentemos verificá-lo, ainda que saiba mos que, se nos fiássemos nas suas remissões para as suas fontes, neste caso, cronista não assinala a compilação peninsular como fonte desse capítulo em que discorre «Da fervente charidade que São Francisco tinha a Iesu Christo, e aos seus sanctos» (*Chronicas*, I, I, 41), mas, unicamente, a *Legenda Maior* e as *Conformidades*. Curiosamente, S. Boaventura não parece ocupar-se do caso preciso que aqui nos serve para tentar responder à questão que nos interessa – o envio de

vasos sagrados e bons ferros para fazer hóstias – e o *Liber conformitatum*, tanto quanto pudemos controlar esse *mare magnum*, se alude ao contexto em que tanto a *Compilatio Assisiensis* (108, 17) como o *Speculum perfectionis*(65) inserem essa referência ao cuidado e preocupação que punha Francisco na decência do culto da Eucaristia, não parece que diga algo sobre esses envios, ainda que aluda (I, 12^o, 176r) quer a com quanta «*efficatia inducit fratres ad reverent iam corporis et sanguinis domini*» – remetendo para uma da «Admonitiones» em que Francisco trata «*De fide et reverentia habenda ad sacramentum altaris...*» (I, 12^o, 177r) – quer, depois à recomendação que se encontra no mesmo contexto na *Compilatio Assisiensis* e no *Speculum* a que «*verba divina in terra reperta loco congruo ponantur*» (I, 12^o, 176r). Assim, Fr. Marcos estando a seguir, nesse capítulo, de modo muito próximo, a *Legenda Maior* (9, 2), depois de referir a altíssima reverência que S. Francisco tinha para com a Eucaristia, reverência que o teria tolhido de ser sacerdote, Fr. Marcos junta, tal como o *Floreto*-1492:

«E tinha encomendado a todos os ministros e frades que pollas províncias em que moravão tevessem cuidado de amoestar e pregar ao povo e clérigos e sacerdotes que tevessem o corpo do Senhor em lugar

conveniente, limpo e reverencial, e as igrejas e altares onde he ofrecido, fossem muy limpos e ornados. O que tomava sempre a encarregar nos capítulos aos frades e disto fez particular menção em o testamento e memorial que aos frades deixou. E algũas vezes mandou frades pellas igrejas com bons ferros de hostias pera as fazerem aos sacerdotes...».

Chronicas, I, 1, 41, 32r.

«Ca sant Francisco tanta reverencia e devoción avía en el cuerpo de Ihesu Christo, que quiso escribir en la Regla que los frayles en las provincias que morassen, toviessen ende cuydado, e amoestassen e predicassen a los clerigos e sacerdotes que pusiesen el Cuerpo de Ihesu Christo en lugar honesto e bueno. [...] E comoquier que no escribiesse estas palabras en la Regla, porque a los frayles ministros no era visto bueno que los frayles oviessen esto en mandamiento, empero el sancto Padre quiso revelar su voluntad de questas cosas a los frayles en su Capítulo y en otros sus escritos. E algunas vezes quiso enviar a algunos frayles por todas las provincias con buenos fierros e fermosos de hostias para las fazer».

Floreto, II, 69, 525-526.

Independentemente das notórias diferenças, por omissão, do texto de Fr. Marcos em

relação à lição do *Floreto*-1492 – e os parágrafos que omitimos, por irrelevantes para o nosso interesse, são disso uma importante amostra – há algumas referências no seu texto que não brotam dessa fonte. De qualquer modo, o que importa relevar aqui é que Fr. Marcos parece estar a seguir um texto que, tal como a *Compilatio Assisiensis* e o *Speculum perfectionis* – «tamen sanctus pater in Testamento suo et aliis suis scriptis fratribus relinquere voluit de hiis voluntatem suam» (*Comp. Assis.*, 108, 17) / «tamen in testamento suo et in aliis suis scriptis voluit relinquere fratribus voluntatem suam de iis» (*Spec. Perf.*, 65, 11) –, referia o «Testamento» – considerado como um «memorial», termo com que se anota o justo valor do último documento de Francisco como o de uma última recapitulação da sua vida e das suas propostas –, termo que não se encontra na lição desse passo do *Floreto*-1492, pois, ao parecer, «capítulo», mesmo no século XV, não se regista com o sentido de «testamento». J. Corominas, pelo menos, não o atesta.

8

Deixando de parte muitas outras passagens em que poderia discutir-se, pela sua não evidência imediata, a lição textual que segue Fr. Marcos – e nem todas as variantes entre o seu texto e o do *Floreto*-1492 poderão atribuir-se

quer a técnica de tradução quer à conjugação de diversas fontes, especialmente, as que dizem respeito a questões numéricas (quantidades de frades..., de demónios, dias de doença..., etc. –, fixemo-nos em uma outra passagem em que, segundo cremos, o cronista franciscano tem presente outra lição de um texto próximo do *Floreto*-1492, sem que com este se identifique. É o caso da célebre «benção» enviada a Fr. Leão. Fr. Marcos narra o caso e traz o texto da «benção» no capítulo sobre «como santo padre acudia aos seus frades ausentes tentados» (*Chronicas*, I, 1, 64).

«A frey Leão estando em conflicto de grave tentação do demonio, mandou o sancto Padre hum escrito de sua mão que elle desejava, e em recebendo e lendo devotamente o escrito, ficou livre da tentação, e com o mesmo scrito livrou a outros muitos. E o escrito era este. *Sic benedicetis filiis Israel et dicetis eis. Benedicat tibi Dominus et custodiat te. Ostendat Dominus faciem suam tibi, et misereatur tui. Convertat Dominus vultum suum ad te, et det tibi pacem.* Dete o Senhor sua benção, e guardete, volva a ti sua face, e aja de ti misericórdia volva sua face a ti, e dete paz, o Senhor te de a benção, frey Leão. Amen. São palavras e benção de Deos tiradas do livro dos Numeros».

Chronicas, I, 1, 64, 45r.

«Las palabras yuso escriptas embió sant Francisco a fray León, estando el dicho fray León en grand temptación e tribulación, el qual luego que recibió la Escriptura de la mano del santo Padre, le dexó toda la temptación.

«Bendígate el Señor e guárdete, buelva la su faz a ti e aya misericordia de ti, vuelva la su faz a ti e dete paz, el Señor te bendiga, fray León».

Floreto, 11, 113, 607-608.

Não discutamos aqui a má compreensão que, nas primeiras linhas, Fr. Marcos revela da proximidade de Fr. Leão em relação a Francisco, julgando-o nesse momento ausente, quando sabemos por Tomás de Celano (2C49) e, ainda que um pouco mais abstractamente, por S. Boaventura (LM, 11, 9) que Fr. Leão se encontrava com Francisco no Monte Alverna e por ele foi chamado para o ditado das «verba Domini et Laudes eius». É possível que haja um sobreposição (e confusão) de circunstâncias com as da Epístola ad *Fratrem Leonem*, em que, efectivamente, encontrando-se Fr. Leão longe de Francisco, este, por essa carta, permite-lhe que, quando quiser, venha até junto dele. Mas, o que nos importa aqui, é sublinhar que essa má compreensão não resulta do seguimento do texto do *Floreto-1492*, já que este, no seu resumo, reproduz com exactidão quer o que

diz Celano quer o que repete S. Boaventura. Por outro lado, o *Floreto*-1492 não dá o texto latino da bênção e este não coincide com o que vem no *Liber conformitatum* (II, 6^o, 237v e II, 26, 278r). E ainda que pudéssemos defender que a tradução que apresenta Fr. Marcos está muito próxima da do *Floreto*-1492 – um texto tão breve e tão simples e tão conhecido não se prestava a muitas variantes de tradução –, não podemos esquecer que o «Amen» com que Fr. Marcos encerra o texto em vulgar da bênção não aparece na lição do *Floreto*-1492 nem na do *Liber conformitatum*. E onde colheria Fr. Marcos a precisa referência à origem bíblica do texto da bênção? Ciência sua? Nada há que nos impeça de o pensar, devido à sua formação e estudos, mas para isso foi-lhe necessário ter encontrado o texto latino em causa em outra fonte que não o *Floreto*-1492, que é, convém não o esquecer, o que principalmente nos interessa neste momento.

9

O texto seguinte representa um caso curioso em que a comparação textual revela quase imediatamente que também agora o cronista tinha presente outra lição da compilação franciscana peninsular – para que remete o seu leitor, tal como lhe assinala as *Conformidades* – que não a do *Floreto*-1492. Com efeito, para

escrever o capítulo sobre «hũa grandíssima tentação de frey Rufino da qual o livrou o santo padre» (*Chronicas*, I, 1, 65), o cronista remete, como em outros muitos casos, para essas duas obras. E se no *Liber conformitatum* (1, 8^o, 63v) se conta essa «grandíssima tentação», de um modo algo resumido e nem sempre coincidente com a lição de *Actus beati Francisci* (33) – omitindo, por exemplo, algumas expressões em vulgar de Francisco –, no *Floreto*-1492 a lição apresentada em tradução está mais próxima – o que não quer dizer coincidente – da do original latino da lição mais vulgarizada de *Actus*. Comparemos, então, com a lição do *Floreto*-1492 o que desse capítulo das *Chronicas* releva para o nosso propósito mais imediato.

«... O frey Rufino não creas a Sathanas, não sabes tu que frey Francisco he na terra como Anjo de Deos, por quem o Senhor Deos trouxe e traz tantas almas a sua salvação, e não cessa de alumiar per elle o mundo? Não conheces quantas merces e graças divinaes temos per elle recebidas de Deos? Pois eu quero que em toda a maneira vas a elle, porque eu te vejo claramente enganado do demonio. E sahiose frey Rufino da cella, e veiose com frey Maseo ao padre S. Francisco. E como o vio o sancto disse-lhe. O frey Rufino cativelo, aquem ouviste, a quem foste crer? E contoulhe per ordem

toda sua tentação interior e exterior, declarandolhe como aquelle era o diablo que lhe aparecera, e não Christo».

Chronicas, I, 1, 65, 45v.

«... Entonces fray Maseo lleno de Espiritu Sancto, discerniendo claramente el engano del enemigo antiguo, dixo: «O fray Rufino, no sabes tu que fray Francisco es como ángel de Dios, el qual alumbró tantas ánimas e no çesa de alumbrar de cada día en el mundo e dei qual aún nos recibimos tantos dones de la gracia divina!? Pues quiero de todo en todo que tu vengas a él, porque yo te veo claramente enganado del diábol».

Por lo qual, luego fray Rufino salió de la çela para venir al sancto, al qual como de lueñe viesse sant Francisco començó a llamar, diciendo: «O fray Rufino, cativillo!, a quién oýste e creýiste? E toda la temptación que oviera de dentro, de fuera le rezó, e dixo, añadiendo que aquel que las sobredichas cosas le imprimiera, el diablo era e no Ihesu Christo»

Floreto, II, 113, 609

Recordemos, em primeiro lugar, que tanto a lição do *Floreto*-1492 como a das *Chronicas* não correspondem, como já assinalamos, exactamente à lição de *Actus* (33, 12) actualmente mais vulgarizada, que, até 1995, era, unicamente,

como se sabe, a de Jacques Cambell⁴¹. Aqui importa apenas chamar a atenção para a lição «Cativelo» das *Chronicas* – diante do «cativillo» do *Floreto*-1492. Só por si, esse «cativelo», que reproduz exactamente o «captivelle» de *Actus* – a lição das *Fioretti* traz igualmente «Cattivello»⁴² –, não só que aproxima mais do texto original a lição portuguesa oferecida por Fr. Marcos, mas também parece suficiente para garantir que, independente de qualquer técnica de resumo que possa ter praticado o cronista ou a sua fonte, a lição das *Chronicas* não depende da do incunábulo sevilhano. Independentemente do que possa vir a apurar-se sobre esse «cativelo», há que dizer que a palavra, de forte tinta italiana, aparece registada em algum grande dicionário português..., mas, infelizmente, sem consequências esclarecedoras⁴³. No entanto,

⁴¹ A outra edição é a oferecida, com uma ampla introdução, por Enrico Menestó in *Fontes Franciscani*; porém, a lição deste capítulo (33) não apresenta alteração.

⁴² Além da edição das *Fioretti*, dada pelos curadores da edição de *Actus* por J. Cambell, pode consultar-se a edição, com uma límpida introdução, de Felice Accrocca (PIEMME, 1997), que oferece a lição quatrocentista conservada no ms. Gaddi 112, da Biblioteca Medico-Laurenziana, onde, igualmente, se lê (138) «cattivello», confirmando a difusão dessa lição.

⁴³ Fr. Domingos VIEIRA, *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Língua Portugueza*, Porto, 1873, regista (II, 146, *subvoce*) «cativello», remetendo, porém, para «captivello», voz que, no lugar que lhe corresponderia, não aparece.

apesar da lição que a tradução portuguesa – feita sobre uma versão castelhana – da *Chronica XXIV generalium Ordinis minorum* oferece desse episódio também trazer esse surpreendente «cattivello», não foi desta obra, como à primeira vista poderia supor-se, que Fr. Marcos se serviu, como prova uma comparação de textos⁴⁴. Mais adiante, Fr. Marcos (*Chronicas*, I, 1, 76, 52v) oferecerá para outros «captivele» que Francisco aplica a si próprio (*Actus*, 8, 11 e 12), uma lição diferente, já que dá a sua tradução – «mesquinho e miserável» – onde o *Floreto*-1492 traz, de novo, por fidelidade ao texto original, «cattivillo». Nem necessário seria dizer que, independentemente de alguma variante, o *Liber conformitatum* (I, 8^o, 63v) não apresenta esse «cattivello» que, ao parecer, Francisco usava muitas vezes, e que passou ao texto do «Floreto» que Marcos de Lisboa, em mais este caso, utilizou.

⁴⁴ *CRÓNICA DA ORDEM DOS FRADES MENORES...*, ed. cit., I, 88: «E logo frey Rufino veeo a sam Framçisco. O qual veendo sam Framçisco viir longe começou de o chamar. dizendo: Oo frey Rufino cattivello, a quem criste? E disse-lhe o barom samto toda a temtaçom de dentro....»; o mesmo se diga daquele «cattivellos» com que Fr. Junípero, segundo a lição da mesma *Crónica*, increpa os que o conduziam à força e que, curiosamente, também mantém Fr. Marcos ao tratar de «Como o demonio fez levar a frey Junipero a força» (*Chronicas*, I, 6, 43, 176v), embora aqui, como assinala o cronista, a sua fonte sejam essas *Chronicas antigas*, isto é, a *Chronica XXIV generalium...*, como pode ler-se na tradução portuguesa (ed. cit.. 100).

Digamos ainda, em abono da nossa proposta, que nesse capítulo a que pertence o texto que analisamos, Fr. Marcos, em passagem que não seleccionamos, diz «era isto [a tentação de Fr. Rufino] no lugar de Carceres, no monte Subasio, perto de Assis», localização precisa que não se encontra no *Floreto*-1492, que se limita a dizer, mais imprecisamente, que «en el lugar de Monte Subasio» (I, 113, 609), omitindo não só «Carceres», mas também o «perto de Assis» («prope Assisium») que vem na lição latina mais vulgarizada, e que é igualmente comum ao *Liber conformitatum*.

10

Continuemos esta série de exemplos com a comparação da lição textual de todo um capítulo das *Chronicas* – «Doutro aparecimento feito ao santo padre» (I, 1, 84) – com a do correspondente do *Floreto*-1492 – «Como Ihesu Christo e la bienaventurada Virgen, e sant Juan Baptista y el Evangelista com muchedumbre de ángeles fablavan com sant Francisco estando orando una vegada en una montaña muy secretamente» (I, 136). A fonte de ambos, como se já terá percebido pela titulação do incunábulo sevilhano, é o de *Actus Beati Francisci* (19) – «Qualiter Christus et b. virgo Maria et ss. Iohannes Baptista et Evangelista cum multitudine angelorum loquebantur cum b. Francisco».

Convirá prevenir que, apesar do *Floreto-1492* seguir de muito perto o texto de *Actus*, tal como o oferece a lição mais vulgarizada – que, como se sabe, não teve em conta as diversas (3) famílias textuais –, algumas vezes oferece variantes que não deverão poder atribuir-se a simples questões de tradução.

«Hum frade mancebo e de muita pureza e inocencia morava em hum oratorio, no qual os frades não tinham mais que hũa pobre casinha em que se recolhão, e de dia e de noite se hião a mata e bosque a fazer oração. Veo ter o padre são Francisco aquelle lugar, onde ditas as completas se recolheo primeiro que todos pera dormir, porque depois dormindo todos, se levantasse a oração toda a noite, como era seu costume. E aquelle frade determinou experimentar a oração do santo padre, como orava, e se lhe aparecia nosso Senhor, em a oração, como ouvia contar a muitos. E lançouse a dormir junto do santo, e atou a sua corda com a do santo padre, porque levantandose o santo espertasse, não se fiando do seu sono. E espertando o santo do primeiro sono muy breve que tomava, dormião todos os frades, e querendose levantar manso achou sua corda atada com a outra, desatouse e sahio tão mansamente que não foi sentido, e foise ao mais alto do monte, porque mais

solitariamente orasse. Mas o frade com o cuidado com que se lançou acordou não muito depois, e não achando ali o santo padre, levantouse logo, e foise pera o monte, e correo grão parte delle ate chegar ao mais alto onde o santo estava em contemplação. E perto do lugar ouvio falar a muitos, e chegando-se mais pera ouvir e ver quem falava, vio hũa luz maravilhosa que de toda a parte cercava o santo varão, e na luz vio a nosso Senhor Iesu Christo, e a sua gloriosa madre, e a São João Baptista, e a São João Evangelista, e grande multidão de Anjos que estavam presentes. As quaes cousas vendo, ficou cheo de tanto pavor que caio esmorecido em terra. Acabada a oração e maravilhosa visitação divina, tomándose o santo, como ainda fazia escuro veio dar com os pes no frade que jazia como morto em terra. E avendo delle compaixão, tomou em seus braços como bom pastor a sua ovelha, e trouxeo ao lugar dos frades. E depois que tomou em si, soube delle como vira aquella visão, e poslhe obediencia, que a ninguem o descobrisse em sua vida. E assi o teve em secreto ate a morte do santo padre, e depois contava isto pera gloria de Deos e de seu santo, dando Fe ao que contava a perfeição de vida em que este religioso viveo, e acabou na religião.

Chronicas, I, 1, 84, 58r.

«Onde de los compañeros de esse mesmo sant Francisco se cuenta que un moço de pureza de paloma e de angelical ynocencia areado e recibido a la Orden, biviendo aún sant Francisco nuestro padre, como estoviesse en un lugarejo donde los frayles, no teniendo çelas, folgavan en el campo e alli dormían de noche e de día, vino alli sant Francisco. El qual como en la tarde, dichas completas, quasi ante todos los otros se allegasse e fuesse a dormir, porque despues de noche, durmiendo los otros, se lavantasse.

E aquel moço puso en su coraçón de querer asechar cuydadosamente dónde yva sant Francisco de noche, o qué fazía quando se levantava. E porque el sueño no le bur-lasse, echóse cabél a dormir, e ató su cordón con la cuerda de sant Francisco porque le pudiesse sentir quando se levantasse, y en tal manera lo fizo sabiamente, que sant Francisco no paró mientes ni sintió cosa alguna de tal atamiento.

E como todos los frayles durmiessen profundamente, levantóse sant Francisco e sintiendo ser tenuta la su cuerda com la cor-dezuela del moço, desatóla assi sabiamente quel moço no lo sintió en alguna manera.

E fuesse a un monte donde cerca del lugar estava una montaña muy hermosa para que solo vacasse allí en la oración e contemplación.

Mas el moço, el qual con grand cuydado deseava saber los fechos de sant Francisco, como despertando fallasse la cuerda del santo desatada de la su cordezuela, luego se levantó por asechar al santo así como lo avía propuesto. E como hallasse la puerta por donde entravao a la montaña abierta, pensando que por allí avía salido sant Francisco, luego entró a la montaña e anduvó fasta la altura del dicho monte donde sant Francisco se avía puesto a orar. E como fuesse alongado algúnd tanto dél, oyó que hablaron muchos, por lo qual allegándose poco a poco a aquellas bozes porque pudisse oyr más claramente las cosas que hablaban. E vido una luz maravillosa, la qual cercava de cada parte a sant Francisco, y en essa luz vido a Ihesu Christo e a la bienaventurada Virgen Santa María e a sant Juan Baptista y a sant Juan Evangelista e muy grand muchedumbre de ángeles, que fablaban com sant Francisco.

Las quales cosas todas mirando aquel moço e tremiendo, oyendo e viendo estas cosas com pavor, cayó quasi muerto en la carrera por donde sant Francisco avía de tomar.

E acabada la habla tan maravillosa, sant Francisco tornávase al lugar. E en essa tomada, como fuese aún noche profunda, falló com los pies al dicho moço quasi muerto que yazía en la carrera. Al qual el

santo Padre aviendo compassi3n e levant3ndole en los piadosos brazos suyos propios, ass3 como el buen pastor lieva la su oveja, e ass3 torn3-le al lugar. E sabiendo despu3s d3l que av3a visto la visi3n sobredicha, mand3le que no lo dixesse ni descubriesse a ninguno mientras qu3l bivi3se, el qual mientras quel santo Padre vivi3, siempre lo tuvo en secreto, seg3nd qu3l gelo av3a mandado. Mas despu3s de su passamiento, todas las cosas sobredichas revel3.

E aquesse moço cresci3 en grand gracia e devoci3n de Dios e de sant Francisco, e fue fecho ombre valiente, e acab3 en grand perfecci3n en la Orden».

Floreto, II, 136, 711-712.

À primeira vista, a comparaç3o das duas liç3es pareceria revelar que Fr. Marcos seguiu a liç3o do *Floreto*-1492, pois alguns casos de *amplificatio* e outros de *reductio* que se verificam no texto das *Chronicas* em relaç3o ao do impresso sevilhano poderiam, com alguma credibilidade, atribuir-se a t3cnicas de traduç3o. Em algum caso Fr. Marcos explicitaria, em outros sintetizaria essa liç3o que tinha presente. No entanto, em alguns desses casos podemos verificar que a mesma liç3o aparece em outras vers3es textuais, quer de *Actus* – e s3 pudemos utilizar a liç3o mais vulgar dada pelas ediç3es mais recentes – quer de algumas

das suas traduções representadas pelas *Fioretti*, já que estas parecem poder contribuir para a solução de alguma questão deste caso.

É dentro desta óptica, seria mesmo muito interessante poder verificar a quem – e, logo, em que data e por que razão – se há-de atribuir que esse «*puer quidam, puritate columbina et angelica innocentia*» venha na lição de Fr. Marcos apresentado como «*hum frade mancebo, e de muita pureza e inocencia*». E isto não apenas por uma questão de tradução, mas por nos recordarmos da polémica que percorreu boa parte das reformas peninsulares do século XV acerca da admissão ou do serviço de «*mancebos*» na ordem, e de que um bom exemplo são as respostas, não isentas de polémica, de Fr. Lope de Salazar y Salinas sobre esse ponto na reforma villacreciana⁴⁵.

De qualquer modo, se não nos foi possível encontrar tradição textual para aquela «pobre

⁴⁵ Lope de SALZAR Y SALINAS, *Primeras satisfacciones*, 7 [«Que recibimos chicos a la orden»] in *Introducción a los orígenes de la Observancia en España. Las reformas en los siglos XIV y XV* in A. I. A., XVII (1957), 800-804. Havemos que confessar que ignoramos se esta polémica tem qualquer relação com a que era concomitante entre conventuais e observantes sobre o receber crianças na ordem, que ecoa em muitas propostas de signo observante – como as de Giovanni da Capistrano –, como refere Fr. Marcos de Lisboa, *Chronicas...*, ed. cit., III, 1, 30, 17r; III, 1, 57, 33v *et passim*.

casinha em que se recolhião» os frades nesse «oratorio» – tanto *Actus* como as *Fioretti* quer na lição oferecida pelos curadores da edição de *Actus* de Jacques Cambell quer na edição de Veneza, 1509⁴⁶, quer ainda o *Floreto*-1492 apontam que, nesse «locelo» / «luogo piccolo» / «lugarejo», «fratres in campolectis propter penuriam quiescebant» / «frati per necessitã domivano in campoletti»⁴⁷ / «domivano in campo senza letti» (1509) / «los frayles, no teniendo çelas folgavan en el campo e allí dormian de noche e de día» – também não cremos que Fr. Marcos tenha «inventado» a situação, um tanto incongruente, já que se aí podiam recolher-se também poderiam rezar. E as *Chronicas* dizem que «de dia e de noite se hião à mata e ao bosque a fazer oração»... A lição do *Floreto*-1492 não lhe permitia tal «tradução».

⁴⁶ A edição de Veneza, 1509, cap. XVII («Duno fratucino che observo.f.f.e como lo fratucino vide una bella visione»), s. p.

⁴⁷ Felice ACCROCCA em nota (1) a este capítulo (17) da sua edição já citada das *Fioretti* (89) oferece a lição «capoletti» por «campoletti». «Generalmente – escreve – gli editori più recenti adottano la lezione: “in campoletti”, e spiegano che i frati dormivano su un comune spazio di terra. Ma la lezione «in capoletti», conservata anche da molti altri codici, tra i quali quello del Manelli, sembra forse preferibile; in tal caso si deve intendere, come propone M. D’Alatri, che piu frati si stendevano su pochi giacigli, ponendo gli uni il capo dove altri ponevano i piedi».

No entanto, o *Floreto*-1492, continuando a seguir de muito perto o texto de *Actus* (19, 2) afirma que S. Francisco, logo após Completas, se retirou a dormir para que «dormiendo los otros se levantasse», omitindo a tradução de «ut sepe consueverat», que Fr. Marcos traz, tal como o trazem as *Fioretti*: «come egli era usato di fare» – «come era usato de fare» (1509), hábito que, efectivamente, bem sabemos muito próprio de Francisco⁴⁸ – assim procedeu em casa de Bernardo de Quintavale que também o espiou⁴⁹ ... –, mas que, neste contexto, por sim-

⁴⁸ Marcos de LISBOA, *Primeira parte das Chronicas da ordem dos Frades Menores...*, ed. cit., I, 1, 21, 19v: «...E costumava em casa e fora recolherse com os outros a dormir, e como os sentia dormir, se levantava a orar...», hábito que não parece ter ido sem «murmurações», como se vê na nota seguinte.

⁴⁹ Marcos de LISBOA, *Primeira parte das Chronicas da ordem dos Frades Menores...*, ed. cit., I, 1, 8, 5v-6r; I, 6, 21, 160r. Compreensivelmente, S. Francisco sempre se viu muito «espiado» – a começar por Fr. Leão (*Chronicas*, ed. cit., I, 1, 83, 57v; I, 2, 54, 103r; I, 6, 16, 166r) e a acabar em anónimos frades como aquele que resolveu espiar o santo quando se retirava a orar depois que sentia os outros dormir: «E despois de agasalhado no mosteiro a que foi, e ditas as completas, foise o santo a repousar primeiro que os outros. O seu companheiro com outro frade ficarão murmurando do santo, que tambem como os outros comia e dormia. E determinou este frade ver se se levantava o santo de noite a oração como dizião, e não quis dormir aquella noite por ver o que fazia. E levantandose o santo padre na segunda vela da noite, sahio dentre os frades e foise ao bosque, e o frade apos elle sem o santo

ples comparação com a lição do *Floreto*-1492, poderíamos ser tentados a julgar uma «pia» nota do cronista. Do mesmo modo, sem discutir se aquele «determinou experimentar a oração do santo padre, como orava, e se lhe aparecia nosso Senhor em a oração» que se propôs o «frade mancebo» pode ou não traduzir o «posuit in corde suo sollicite explorare quo iret sanctus vel quid de nocte faceret cum surgebat» – que o *Floreto*-1492 traduz à letra – diante do que dizem as *Fioretti* – «Si pose in cuore di spiare sollecitamente le vie di santo Francesco, per potere conoscere la sua santità» –, também daquele «como ouvia contar a muitos» não conhecemos a tradição, tradição essa que, pelos vistos, não parece passar pelo *Floreto*-1492.

Contudo, quando Fr. Marcos aponta que S. Francisco despertou «do primeiro sono muy breve que tomava» – nota que tanto o *Actus* como o *Floreto*-1492 não dão ou não dão assim («profunde»?) – podemos ter a certeza que Fr. Marcos o encontrou na lição do texto que estava a seguir, pois nas *Fioretti* lê-se precisa-

o sentir, e posse em oração...» (*Chronicas ...*, ed. cit., I, 1, 85, 58r). Com um pouco de cuidado, seria possível – talvez – encontrar outras referências do mesmo género que poderiam remeter para uma curiosidade, nem sempre santa – «ficarão murmurando», diz o texto –, em torno da figura de Francisco... ao nível dos frades anónimos e para além das conhecidas «murmurações» dos ministros à volta dos rigores e estilos da *Regra*.

mente que, segundo a edição que acompanha o texto de *Actus* preparado por J. Cambell, «la notte in sul primo sonno [...] santo Francesco si leva...» ou, de acordo com a edição de 1509 (Veneza), «la notte in primo sonno [...] sancto Francesco se levo...»⁵⁰.

Passemos mais algum pormenor que quer *Actus*, quer as *Fioretti*, quer o *Floreto*-1492 anotam – como, por exemplo, o que dizem do «bosque» («silva pulcherrima»/ «la selva»/ «montaña muy hermosa») –, para fixar que tanto *Actus* (19, 7) como as *Chronicas* dizem que o «frade mancebo», depois de ter andado pelo bosque, chegou «ad dicti collis cacumen, ubi sanctus Franciscus se fixerat ad orandum», isto é, segundo a lição das *Chronicas*, «até chegar ao mais alto onde o santo estava em contemplação», nota que, omitida nas *Fioretti*, o *Floreto* dá numa lição – ambígua, pelo menos, e só absolutamente compreensível quando comparada com a de *Actus* – que Fr. Marcos não aproveitou: «e anduvo fasta la altura dei dicho monte donde sant Francisco se avía puesto a orar». Efectivamente, só lendo *Actus* se percebe cabalmente que «fasta la altura del dicho monte» quer dizer «ad dictis collis cacumen».

⁵⁰ Para o ponto de vista que aqui nos interessa, notemos que a lição das *Fioretti* seguida por Felice Accrocca (*I Fioretti...* ed. cit., 89) traz, ainda que num contexto de notáveis variantes, a mesma lição.

E quando as *Chronicas* informam que o «frade mancebo» foi «chegandose mais pera ouvir e ver quem falava» com S. Francisco não é em *Actus* (19, 8) – «appropinquans ut clarius que loquebantur percipere» – nem no *Florento-1492* – «porque pudiesse oír más claramente las cosas que hablaban» – que colhe esse «ouvir e ver» que sublinha a grande curiosidade do «mancebo», mas, sim, num texto que, como o de algumas lições das *Fioretti* – a oferecida em parelo ao texto de *Actus*, pelos curadores da edição de J. Cambell⁵¹ –, traziam essa expressão: «per vedere e per intendere quello ch'egli udiva», expressão que tem logo depois, como que a sua confirmação no «aspiciens ... et audiens» de *Actus* (19, 9).

Outro tanto poderia dizer-se da primeira consequência dessa visão: o «frade mancebo» «ficou cheo de tanto pavor que caio esmorecido em terra», pois poderemos sempre perguntar se o «tanto pavor» traduz o «tremebundus» de *Actus* (19, 9) – «tremebundus hec audiens, factus in extasi, in via» – e o «tremiendo» em tradução mais complexa – «tremiendo, oyendo

⁵¹ A lição de *Questi sono li Fioreti de Sancto Francesco* (Veneza de 1509), tal como a de *I Fioretti...* editada por Felice Accrocca não trazem «per vedere e per intendere quello ch'egli udiva...», mas, sim, «per intendere quello che udiva» (1509) ou «per udire e per intendere quello que san Francesco diceva...» (Accrocca).

e viendo estas cosas con pavor, cayó casi muerto en la carrera» do *Floreto*-1492. Uma questão de «economia» de tradução a supressão de um «tremendo» ou «trememente»? Poderia discutir-se, mas teremos que nos lembrar que as *Fioretti* suprimem pura e simplesmente qualquer alusão ao tremor e ao pavor, ainda que, evidentemente, tal esteja implícito na sua lição: «cade in terra tramortito». É esta lição – «cade in terra tramortito» – não estará mais próxima da das *Chronicas* – «caio esmorecido em terra» – que do «quasi mortuus cecedit» de *Actus* (19, 9) e da sua exacta tradução no *Floreto*-1492: «cayó casi muerto»? E se repararmos que, para além daquela supressão alusiva ao «tremebundus» – «tremiendo» a que aludimos, as *Fioretti* não assinalam que, como era evidente pela sequência narrativa, o «frade mancebo» caiu «in via, per quam rediturus erat sanctus» – que também assinala o *Floreto*-1492: «en la carrera por onde sant Francisco avía de tomar» –, podemos aceitar também que a supressão dessa nota nas *Chronicas* não será da responsabilidade de Fr. Marcos, pois não a deverá ter já encontrado no texto da versão do «Floreto» que tinha presente. O que vem a seguir, na complexidade das suas alusões, não altera estas sugestões.

De qualquer maneira, tudo ponderado, quer-nos parecer que, também aqui, Fr. Marcos de Lisboa não seguiu o texto do *Floreto*-1492.

Só resta perguntar: seria mesmo nesse «Fioreto» de que dispunha e que nós desconhecemos, que o cronista leu o caso desse «frade mancebo»? A pergunta tem uma razão de ser: de costume, Fr. Marcos assinala quer no início do capítulo quer em nota lateral a fonte ou fontes – nem que sejam simplesmente autoritativas, como, tantas vezes, acontece, nesta «Primeira parte» das suas *Chronicas*, com as suas remissões para o *Liber conformitatum* – de que se serve. Ora, este capítulo não traz qualquer notação de fonte. O caso não é único. Simples lapso? De todos os modos, como já sugerimos, não foi no *Floreto-1492* – uma das suas fontes aparentemente mais acessíveis no Portugal franciscano dos anos em que compunha a «Primeira parte» das suas *Chronicas* – que colheu a matéria desse capítulo.

II

Na sua complexidade, o caso seguinte, que pode pôr questões de método de trabalho por parte de Fr. Marcos, poderá sugerir, à primeira vista, que quer o afastamento da lição do texto das *Chronicas* da do *Floreto-1492*, quer a sua coincidência com a lição do *Liber conformitatum* tanto podem derivar de uma preferência – a explicar, algum dia – de Fr. Marcos pela lição apresentada por Bartolomeu de Pisa – autor que não cita como fonte sua

para o capítulo que estudaremos – como da (possível) coincidência da lição dada por este último autor com a compilação franciscana peninsular – obra expressamente aí citada – e, por sua vez, a desta com a de *Actus* (28). Compararemos as lições oferecidas pelas quatro obras para a narrativa do caso do leproso impaciente e blasfemo que Francisco converteu, isto é, o exemplo de «Como o santo padre com a humildade edificava e convertia os proximos» (*Chronicas*, I, 1, 72), «De la Segunda parte de la rubrica, conviene a saber, de la gracia que uvo sant Francisco de sanidades» (*Floreto*, II, 130), do *Liber conformitatum* (II, 5^o) que ilustra a «conformidade»

«Franciscus minoratur» e «De leproso blasfemo, quem s. Franciscus sanavit in anima et in corpore».

«Como o santo padre nos serviços dos leprosos exercitasse seus frades pera que nesta escola aprendessem mortificação e humildade, ouve entre os leprosos hũm impacientissimo, perverso, e por certos sinaes visto que o demonio o senhoreava. Os frades assinados pera seu serviço pelo santo padre, o servião com toda diligencia e cuidado, mas o leproso incitado pelo demonio lhes dizia todas as injurias e doestos que se podem cuidar, e as vezes com punhadas e pancadas os tratava mal. E o que era peor

que não farto disto se tornava contra Deos e sua gloriosa madre e seus santos, com tão grandes blasfemias que tremião as carnes dos que as ouvião. Os frades sofrião com paciencia suas injurias e pancadas, mas não podendo sofrer as blasfemias contra Deos, se forão ao santo, e lhe contarão o que passavão com aquelle leproso. Foise o santo ao leproso, e entrando na casa onde estava o saudou, Deos te dê paz irmão muito amado. E respondeo o leproso. Que paz posso eu ter, pois Deos me tirou a paz, e todo de dentro e de fora vivo em guerra e tormento? E começou o santo padre a consolalo. Irmão meu he necessario aver paciencia, porque estes trabalhos corporaes aproveitão muito pera a salvação da alma, se com paciencia são recebidos. E o leproso respondeo. Como posso ter paciencia, que nem de dia nem de noite vivo hũa sã hora sem pena. E não sò são atormentado de minha infirmitade, mas tambem dos teus frades que me destes pera me servirem, porque nenhum me serve, mas matãome. Conhecendo o santo padre pelo Spirito santo, que era aquelle leproso atormentado do demonio, foise fazer por elle oração a Deos contra o mau spirito, com muitas lagrimas e fervor. Acabada a oração, tornou a elle, e disselhe. Irmão muito amado eu te quero servir pois os outros te não servem a tua vontade. E disse o leproso, muito embora, mas que podes tu mais fazer que

os outros. E disselhe o santo, farei quanto tu quiseres. Ve agora o que queres que te faça. Quero (disse) que me laves todo, porque não posso sofrer este fedor de meu corpo. Fez logo S. Francisco aqueitar agoa com ervas cheirosas, e despioo e começou de o lavar todo com suas proprias mãos, e outro frade lhe lançava agoa. E como de fora hia lavando o corpo, assi hia sarando da lepra, e de dentro alumiava Deos, e alimpava sua alma. E começando o leproso a tornar em si livre do demonio, com grande contrição chorava muitas lagrimas e lavava sua consciencia das nodoas de seus peccados. Finalmente acabando de ser lavado, limpo, e são do corpo, tocado das mãos do santo humilde, juntamente acabou de ser limpo e são da alma, tambem pela oração do santo. E rompeo em tantas lagrimas de contrição que a altas vozes clamava dizendo que era digno de mil infernos polas blasfemias que contra Deos tinha ditas, e por sua impaciencia, e injurias que aos frades que o servião fizera. E durou quinze dias este pranto que continuamente fez que lhe sahia das entranhas da alma, com que invocava a misericordia divina, e confessouse muito inteiramente de todos seus peccados. E depois de ficar confortado e firme no Senhor, foise o padre S. Francisco daquelle lugar, temendo polo milagre o concurso da gente. E o que fora leproso e já são do corpo e da alma,

enfermou dahi a poucos dias, e recebidos todos os sacramentos da igreja, finou em o Senhor. Estando o padre S. Francisco em oração no mesmo tempo em hũa montanha, appareceolhe aquella alma enlevada no ar, e mais resplandecente que o sol, e disselhe. Conhecesme padre? E perguntandolhe o santo quem era, respondeo. Eu são aquelle leproso que nosso Senhor Iesu Christo por tua humildade e merecimentos sarou e hoje entrou no reino da gloria, por o que dou graças a nosso Senhor e ati padre, benta seja tua alma e teu corpo, bentas sejam tuas palavras e obras, porque per ellas muitas almas se salvão no mundo. E sabe que não ha dia em que os Anjos e santos de Deos lhe não dem gloria e graças, por os grandes fructos que por ti e tua ordem faz em todo mundo em seus escolhidos. Por tanto confortate em o Senhor, e persevera em o conhecimento e graça divina. E desapareceo, ficando o padre S. Francisco dando graças a nosso Senhor».

Chronicas, I, 1, 72, 49v-50r.

«Ca aconteció una vegada, que en un lugar donde los leprosos eran servidos de los frayles, era un leproso assí ponçoñoso, sañoso e cruel, que no era dubda a alguno ser commovido por el spíritu maligno, ca a los frayles que le servían, no solamente los denostava con aborrecibles denuestos e los

fatigava con injurias, mas lo que era peor que los llagava con palos o con otras cosas de muchas maneras, y encima desto, lo que era mucho peor e aborrescible, blasfemava al bendito Ihesu Christo e a muy Sancta Madre e a los otros santos.

Onde como quier que aquellos frayles de las injurias e llagas a ellos fechas, estudiaron por su poder de ayuntar el mérito de la paciencia, empero las blasfemias de Ihesu Christo e de su Sanctísima Madre no las podía la consciencia dellos comportar, porque no parecienssen ser parcioneros de tamaño pecado. Por la qual cosa conçertaron de dexar al dicho leproso, porque por aventura no fuessen blasfemadores de Dios e nutridores de vaso del diablo.

Mas esto no lo quisieron hazer fasta que a sant Francisco, que estava en outro lugar çercano, mostrassen todas las cosas por orden, las quales cosas oydas, sant Francisco fue al dicho lugar donde estava el leproso, y entrando a él, dicho: «*Dios te dé paz*, hermano muy amado!», al qual respondió: «Y qué paz puede ser a mí? Ca Dios me la quitó y me hizo ya señor de los mártires».

E sant Francisco dixo a él: «Hermano, ave paciencia, porque los males que aquí son dados a los cuerpos, a salud del ánima son dados si con paciencia sean sofridos». E él respondió: «Como puedo sofrir pacientemente? Como la mi pena perseveraré de

día y de noche?, ca no solamente soy atormentado e quemado de la enfermedad, mas aún de los frayles que me diste en servidores espessamente afligido, porque no es ninguno que me sirva assí como conviene».

E sant Francisco, conociendo por espíritu que era atormentado del espíritu maligno fue e rogó por él a Dios muy devotamente.

E fecha la oración tornó a él, diziéndole: «Mucho amado, yo te quiero servir pues que tú no eres contento de los otros». Él qual respondió: «Pláceme, mas que podrás hazer más tú que los otros?»

El santo le dixo: «Yo faré qualquier cosa que tú quisieres». E dixole él: «Quiero que me laves, ca todo fiedo, en tanto que no me puedo sufrir a mí mesmo».

Entonces sant Francisco fizo luego escalentar agoa com muchas yervas odoríferas, e despojando aquel leproso, començole a lavar con sus santas manos. E otro frayle echava agoa encima, e assí como el agoa lavava el cuerpo de fuera, assí le limpiava todo de la lepra, assí que tanta consolación sintió dentro en la su ánima que luego, com muy grand compunción, comenzó a llorar muy amargosamente. E assí como el cuerpo era lavado por el agua e alimpiado de la lepra de fuera, assí la consciencia era bautizada e alimpiada por lágrimas de toda su maldad.

E como todo fuesse sano e limpiado de fuera, tanta compunción concibió e tan-

tas lágrimas echó, que perfectamente fue también untado e sano de dentro; llorava e llamava a alta voz diziendo que era digno del inflemo por las injurias e llagas hechas a los frayles e por la impaciencia e blasfemia fecha contra Dios e los santos. E bien por quinze días le duró aquel maravilloso llanto, el qual salía de las entrañas del corazón, e continuamente no fazía sinon llorar la misericordia de Dios; con la qual compunción e lágrimas confessó todos sus pecados a un sacerdote.

E sant Francisco, viendo tan espantoso e tamaño miraglo, faziendo gracias a Dios, partióse de allí e fuesse a partidas muy apartadas e remotas, temiendo que si el dicho miraglo fuesse publicado en el pueblo, todos viniessen a él. Lo qual él, por humildad, con todo corazón evitava, ca estudiava assí como siervo fiel e sabio dar la gloria e honor a Dios, e para sí procurar entre los hombres desonrra y escamio. Mas el dicho leproso, después de avida sanidad e aquella maravillosa compunción, a poco de tiempo enfermó, e bien armado de los ecclesiasticos sacramentos, partióse desta vida.

E el santo varón, orando apartado en la montafia, aparecióle el dicho leproso finado alçado en el ayre más fermoso que el sol, diziéndole: «Reconósceme, Padre?», al qual sant Francisco dixo: «Quien eres tú?» E respondió: «Yo soy aquel leproso, el

qual Ihesu Christo bendito, por tus merecimientos sanó, y oy me llamó al Parayso e al su Regno, de lo qual fago gracias a Dios todopoderoso e a ti. E bendicha sea la tu ánima y el tu cuerpo, e bendichas sean las tus palabras e las tus obras, porque por ty son e serán salvas muchas ánimas. E sepas que non es día en que los ángeles e todos los otros santos e santas no den muchas gracias a Dios de los santos frayles que por tu orden a cada parte del mundo son fechos. E por ende esfuérçate e da destas cosas gracias a Dios, e quédate con la bendición de Dios!» A aquestas cosas dichas, desapareció y el santo quedó muy consolado»

Floreto, II, 130, 681-684.

«Aliud exemplum ponit *Legenda antiqua*. Cum enim B. F. leprosis ad serviendum suos fratres deputaret, ut viam perfectae humilitatis adicerent, et tenerent, contigit quendam leprosum illo in tempore vivere pestilentissimum, impatientem, et protervum, et certis signis a diabolo agitatum, et quod deterius est, Dei blasphemum. Cui cum beatus Franc. fratres ad serviendum deputasset, et ipsi fratres toto conatu deservirent eidem, ille spiritu agitato maligno, lingua sua pestifera injuriam, et impropria ipsis irrogabat: ac manu propria flagellis, et pugnis multimodis eos verberabat, et quod est super omnia horrendum Christum benedictum, et

matrem, ac sanctos alios blasphemabat. Verum fratres de irrogatis parum curantes, blasphemiam autem Dei tolera renequeuntes, ad B. F. iuverunt cuncta sibi per ordinem ennarantes: quibus auditis beatus F. ad dictum leprosum accessit, et ingressus ad eum dixit. Deus det tibi pacem charissime. Cui illi respondit. Et qualis mihi pax est: immo Deus abstulit mihi pacem: quia totus (inquit) sum marcidus. Et beatus F.: Charissime habe patientiam, quia mala; que hic corporibus inferuntur, valent ad animam salutem, si equanimiter tolerentur. At ille. Quomodo patienter possum tolerare; cum mea paena die, noteque perseveret? Nam non solum ab infirmitate comburor et crucior: sed etiam à fratribus. quos mihi in servitores dedisti, vehementer affligor; quia nullus est, qui mihi serviat, ut oportet. S. Fr. per spiritum sanctum cognoscens, quod ille a demonio vexabatur, ivit et Deum pro ipso devote oravit, et facta oratione, redit ad ipsum infirmum dicens. Charissime; ego volo servire tibi, ex quo tu non est contentus de aliis. Et ille respondit. Placet mihi; sed qui tu plus caeteris agere poteris? Respondit beatus F. Quicquid cupis faciam. Et ille. Volo, ut laves me; quia totus feteo intantum, quod me ipsum ferre non valeo. B. F. statim fecit calefieri aquam cum herbis odoriferis, et expolians ipsum caepit suis propriis manibus lavare leprosum, et alius frater aquam desuper

infundebat; et sicut corpus exterius lavando sanabat; ita suam animam mundabat interius; unde cum leprosus sanari inciperet, statim ex compunctione intima caepit amarissime lachrimari, et sicut corpus lavabatur aqua, et mundabatur a lepra; ita baptizabatur lachrimis conscientiae; et mundabatur ab omni iniquitate. Cum vero esset lotus, et sanatus perfecte exterius, fuit unctus, et sanatus interius; et ideo in tantam compunctionem prorupit, et lachrimas, quod altissima voce plorabat, et clamabat se dignum inferno propter injurias illatas fratribus, et pro plagis et flagellis, quae fecerat in eosdem, et propter impatientiam, et blasphemiam in Deum, et sanctos; unde per 15 dies duravit ille planctus mirabilis, qui ab intimis praecordiis procedebat, et erumpebat, et continuo nihil aliud, nisi Dei misericordiam invocabat; et cum hac compunctione, et contritione sua peccata confessus est sacerdoti. Beatus autem Fran. videns tam notum, et apertum miraculum gratias agens Deo, recessit illinc, et ad partes multum remotas accessit; ne si dictum miraculum notum fieret populo, omnes ad ipsum concurrerent; quod ipse propter humilitatem toto posse vitabat. Dicitur vero leprosus post miraculosam sanitatem, et compunctionem praehabita infirmatus est, et armatus Ecclesiasticis sacramentis, post paucos dies finivit in domino. Et cum B. Fr. in loco remoto in silva oraret, dictus lepro-

sus iam defunctus apparuit ei speciosior sole, et in aere sublevatus dixit. Recognoscis me? Cui, S. F. inquit? Ego sum leprosus ille: quem Christus benedictus (te promerente) sanavit, et hodie vado ad regnum beatum; de quo Deo, et tibi gratias ago. Benedicta sit anima, et corpus tuum, et benedicta sint verba, et opera tua; quia per te multae animae salvabuntur in mundo, et scias, quod non est dies in mundo, in quo sancti Angeli. et sancti, ac sanctae Dei non referant magnam gratiam Deo de sanctis fructibus, qui per te, et tuum ordinem undique patrantur per orbem. Et propterea confortare, et gratias redde Deo et sta cum benedictione Dei, et beatus Fran. his auditis remansit valde consolatus. Sic ergo iam dictis patet beatum F. amatorem fuisse abjectorum, et sic vere humilem».

Liber conformitatum, II, 5^o, 225r-225v

«1. Cum viveret in hoc miserabili et flebili seculo, b. p. n. Franciscus, illuminatus a Spiritu sancto, semper studebat totis viribus imitari D. n. Ihesu Christi vestigia.

2. Unde sicut Christus peregrinum dignatus est fieri, ita b. Franciscus se et suum Ordinem vere peregrinum ostendit; et etiam in regula sua scribi fecit, ut tanquam peregrini et advene in hoc seculo Domino Deo servirent.

3. Sicut insuper Christus venit, non solum servire leprosis illos sanando et

mundando in corpore, sed etiam pro illis mori voluit sanctificando et mundando in anima; ita b. Franciscus, Christus cupiens conformari, leprosis affectuosissime serviebat, 4. ministrando cibaria, lavando membra putrida, mundando vestimenta et insuper ruendo ferventer in oscula.

5. Ordinavit etiam quod fratres sui Ordinis per diversa mundi loca ob amorem Christi, Qui ut leprosus pro nobis voluit reputari, ubicumque leprosi essent, illis sollicite deservirent. Fratres in multis locis, sicut s. obedientie filii, hoc promptissime faciebant.

6.

Accidit autem semel quod in quodam loco, ubi serviebatur leprosis, erat quidam leprosus tam pestilens, impatiens et protervus quod nulli dubium erat ipsum per malignum spiritum agitari; sicut enim spiritus Dei agit animam ad cuncta salubria, ita spiritus malignus ad omnia scelera. 7. Nam dictus leprosus sibi servientes, non solum horrendis improperiis imponebat et sagittabat injuriis, sed quod peius est, flagelliis et plagis multimodis vulnerabat. 8. Et insuper hoc, quod erat horrendum et pessimum, Christum benedictum, Matrem eius sanctissimam et sanctuos alios blasphemabat. 9. Unde quamvis de injuriis predictis et plagis fratres illi studerent pro posse patientie meritum cumulare, tamen nullo modo blasphemias ipsorum conscientia poterat substinere, ne tanti sce-

leris participes viderentur. 10. Quapropter decreverunt dictum leprosum derelinquere, ne forent blasfematoris Dei et vasis diaboli nutritores.

11.

Sed hoc quod decreverant noluerunt facere, nisi prius s. Franciscus, Qui in alio loco morabatur, omnia per ordinem indicassent.

12. Quibus auditis, s. Franciscus ad dictum leprosum accessit; et, ingressus ad eum, dixit: «Deus det tibi pacem, fr. carissime!».

Cui ille: «Et qualis michi pax est? Immo Deus accepit michi pacem, quia totus, inquit, sum marcidus».

13. Et s. Franciscus ait: «Carissime, habe patientiam, quia mala que hic corporibus inferuntur ad anime salutem proveniunt, si equanimiter tollerentur».

14. Et ille respondit: «Quomodo possum tollere patienter, cum pena mea die noctuque perseveret? Nam, non solum ab infirmitate comburor et crucior, sed etiam a fratribus, quos michi servitores dedisti, vehementer affligor: quia nullus est qui michi serviat ut oportet».

15. Sanctus autem Franciscus, cognoscens per Spiritum sanctum quod ille a maligno spiritu vexabatur, ivit et pro ipso devote Dominum exoravit. Et facta oratione, rediit ad infirmum, dicens: «Carissime, ego volo servire tibi ex quo tu non es contentus de aliis».

16. Et respondit: «Placet michi; sed quid poteris facere plus ceteris?». Et s.

Franciscus ait: «Quicquid cupis, faciam». Et ille: «Volo, inquit, quod laves me, quia totus feteo, in tantum quod meipsum ferre non valeo».

17. Sanctus autem Franciscus statim fecit calefieri aquam cum multis odoriferis herbis; et expoliens illum, incepit suis sanctibus manibus lavare leprosum; et alius frater aquam superius infundebat. 18. Et sicut corpus sanabat exterius, ita animam mundabat interius; unde cum leprosus sanari inciperet, statim ex compunctione intima cepit amarissime lacrimari. 19. Et sicut lavabatur corpus aqua et mundabatur lepra, ita baptizatur lacrimis conscientia et mundabatur ab omni iniquitate. 20. Cum vero totus esset lotus et sanatus exterius, perfecte fuit unctus et sanatus interius: et ideo in tanta compunctione prorupit et lacrimis, quod altissima voce plorabat 21. et clamabat se dignum inferno propter injurias illatas fratribus et pro plagis et flagellis que fecerat in eosdem et propter impatientiam et blasfemias contra Deum. 22. Unde per quindecim dies duravit sibi planctus ille mirabilis, Qui ab intimis precordis erumpebat, et continue nichil aliud quam misericordiam Dei invocabat. Et cum hac compunctione et lacrimis peccata sua omnia confessus est sacerdoti.

23. Beatus autem Franciscus, videns tam notum miraculum, gratias agens Deo, recessit illinc et ad partes multum remo-

tas accessit, ne, si dictum miraculum fieret notum populo, omnes ad ipsum concurrerent: quod ipse sanctus propter humilitatem toto posse vitabat. 24. Studebat enim, *tantumquam fidelis servus et prudens*, Deo gloriam et honorem reddere et sibi inter homines dedecus et ignominiam procurare.

25. Dictus vero leprosus post miraculosam sanitatem et compunctionem prehabitam infirmatus est et, armatus ecclesiasticis sacramentis, post paucos dies finivit in Domino.

26. Sancto vero Francisco in silva quadam orante in loco remoto, apparuit dictus leprosus defunctus, *speciosior sole*, in aere sublevatus, dicens: «Recognoscis me?». 27: Cui s. Franciscus: «Quis, inquit, es tu?». Et ille: «Egosum, inquit, leprosus quem Christus benedictus, te promerente, sanavit; et hodie vado ad regnum beatum, de quo Deo et tibi gratias ago. 28. Benedicta sit anima tua et corpus tuum, et benedicta sint verba et opera tua, quia per te multe anime salvabuntur et salvantur in mundo. 29. Et scias quod non est dies in mundo, in quo omnes sancti angeli et omnes sancti et sancte Dei non referant magnas gratias Deo de sanctis fructibus Qui per te et tuum Ordinem undique patrantur per orbem. 30. Et propterea confortare, gratias redde Deo et sta cum benedictione Dei». Et hiis dictis, ille perrexit ad Dominum et s. Franciscus

remansit valde consolatus. Ad laudem D. n.
Ihesu Christi. Amem».

Actus, 28

Como estaremos de acordo, a lição de *Floreto*-1492 não foi a que teve presente Fr. Marcos para escrever a parte desse capítulo das suas *Chronicas* e em que, como dissemos, dá como fonte sua a compilação peninsular. Se o defendêssemos, teríamos de justificar as razões por que Fr. Marcos não só suprimiu e, em algum caso, traduziu mais resumidamente o texto incunábulo sevilhano, mas também as razões por que Bartolomeu de Pisa apresenta uma lição em que se verificam, quase exactamente, os mesmos processos e os mesmos resultados, ainda que a sua lição coincida – em algum momento, sobretudo no final do capítulo – com a lição do *Floreto*-1492. Ora, como já insinuámos e facilmente se poderá verificar, este reproduz o texto de *Actus b. Francisci* (28), ainda que, é verdade, de um modo perfeitamente exacto em relação ao texto da versão mais vulgarizada, pois, por exemplo, onde *Actus* (28, 12) traz «Et qualis michi pax est? Immo Deus accepit michi pacem, quia totus, inquit, sum marcidus», o *Floreto*-1492 escreve «e qual paz puede ser a mi?, ca Dios me la quitó y me hizo ya señor de los mártires», lição que também não vemos nem no *Liber conformitatum* nem

nas *Chronicas*. De resto, o *Floreto*-1492, porque utiliza esse capítulo com o mesmo objectivo da narrativa de *Actus* – mostrar a conformidade de Francisco com Cristo no que se refere à concomitância da cura do corpo com a da alma («*ilios sanando et mundando in corpore, sed etiam pro illis mori sanctificando et mundando in anima*», *Actus*, 28, 3) – conserva o respectivo «prólogo», prólogo este que diverge do que trazem o *Liber conformitatum* e as *Chronicas*, já que estas obras – e é uma coincidência muito interessante – seleccionaram o episódio como documento da humildade de Francisco. Será, então, o *Liber conformitatum* a fonte da lição de Fr. Marcos?

Aparentemente, assim o diríamos. Com efeito, além de outras pequeníssimas divergências, os dois textos introduzem, como já aludimos, a narrativa com o mesmo «prólogo» – estruturante ou, se preferirmos, determinante do sentido do caso narrado – e coincidem em outros momentos que, por sua vez, significativamente, os afastam de *Actus* e do *Floreto*-1492. Assim, narrando esse caso, o *Liber conformitatum* diz que o leproso «*manu propria flagellis, et pugnibus multimodis eos verberabat*» e as *Chronicas* que «e as vezes com punhadas, e pancadas os tratava mal», lição que diverge um tanto não só nos instrumentos («*flagellis et pugnibus*» / «punhadas, e pancadas»), mas também no

verbo indicador da acção «verberabat» («tratava mal», na exacta lição de Fr. Marcos), frente ao «flagellis et plagis multimodis vulnerabat» de *Actus* (28, 7) que o *Floreto-1492* traduz, talvez por uma certa *contaminatio* de palavras («plagis»...«vulnerabat»), por «los llagava con palos y otras cosas»... E onde o *Liber conformitatum* põe que S. Francisco, tomado da oração, começa a lavar o leproso «suis propriis manibus» («com suas próprias mãos» nas *Chronicas*), o *Actus* (28, 17) traz «Suis sanctibus manibus», tal como o *Floreto-1492*: «con sus santas manos».

Depois, tanto o *Liber conformitatum* como as *Chronicas* coincidem na supressão de um parágrafo que, se o tivessem conhecido, não teriam (provavelmente) suprimido, dado que o seu sentido abunda precisamente a significação estruturante – a humildade de S. Francisco – do exemplo que narram: «Studebat enim, tanquam *fidelis servus et prudens*, Deo gloriam et honorem reddere, et sibi inter homines dedecus et ignominiam procurare» (*Actus*, 28, 24), isto é, segundo a incunábulo sevilhano, «Ca estudiava assí como siervo fiel e sabio dar la gloria e honor a Dios, e para sí procurar entre los ombres desonrra y escarnio».

Coincidindo com *Actus* (28, 29) – «non est die in mundo, in quo omnes sancti angeli et omnes sancti et sanctae non referant magnas gratias Deo...» – e com o *Floreto-1492* – «non es

dia en el que los ángeles e todos los otros santos e santas no dem muchas gracias a Dios...» –, o *Liber conformitatum*, com ligeira variante, traz «non est dies in mundo, in quo sancti angeli, et sancti et sanctae non referant magoam gratiam a Deo...», onde as *Chronicas*, um pouco mais abreviadamente, dizem «não ha dia em que os Anjos e santos de Deos lhe não dem gloria e graças...».

Actus (28, 30) – «E hiis dictis, ille perrexit ad Dominum et s. Franciscus remansit valde consolatus» e o *Floreto*-1492 – «A aquestas cosas dichas, desapareció y el santo quedó mucho consolado» – apontam, se bem que com diferentes termos («perrexit ad Dominum» – «desapareció»), que, depois do defunto leproso ter desaparecido, S. Francisco ficou muito consolado («valde consolatus» – «mucho consolado»), enquanto o *Liber conformitatum* «beatus Francisci his auditis, remansit valde consolatus», se coincide, parcialmente, com a lição de *Actus* e do *Floreto*-1492 («remansit valde consolatus»), omite, porém, que a consolação de Francisco foi depois do desaparecimento do defunto leproso, circunstância que aponta a lição de Fr. Marcos – «e desapareceo, ficando o padre S. Francisco dando graças a nosso Senhor», omitindo este, por seu turno, uma notação explícita a qualquer consolação, mesmo que o seu «dando graças a nosso Senhor» possa conter, implicitamente, essa consolação.

Como conclusão – e porque, também aqui, estamos a analisar coincidências e divergências textuais explícitas e não coincidências e divergências de sentido implícito – é possível defender que a lição do *Floreto-1492* coincide com a mais vulgarizada de *Actus* – ou com uma muito próxima desta – e que o *Liber conformitatum* representa uma outra lição, tal como as *Chronicas*.

Há, contudo, uma passagem que merece uma atenção especial. O *Liber conformitatum* aponta que o leproso era «pestilentissimum, impatientem et protervum et certis signis a diabolo agitato» e as *Chronicas* afirmam que era «impacientissimo, perverso e por certos sinais visto que o demonio o senhoreava», o que, apesar de tudo, não diz exactamente a mesma coisa. «Pestilentissimum» não é o mesmo que «impacientissimo», ainda que «perverso» possa ser uma tradução de «protervum». Mesmo que se venha a apurar algum dia que, por qualquer motivo, a lição de Fr. Marcos oferece uma outra lição e não uma contaminação ocasional de «impacientissimos» com «pestilentissimum», há que dizer que quer *Actus* (28, 6) – «erat quidam leprosus tam pestilens, impatiens et protervus quod nulli dubium erat ipsum per malignum spiritum agitari» – quer o *Floreto-1492* – «era um leproso assí ponçoñoso, sañoso e cruel, que non era dubda a alguno ser conmovido por el

espírito maligno» – omitem qualquer referência a «Certis signis» – «por certos sinais» que trazem, respectivamente, o *Liber conformitatum* e as *Chronicas*. Um indício mais das aproximações e divergências da lição textual das quatro obras em causa.

De qualquer modo, cremos ser evidente que, apesar de remeter para a compilação peninsular, não foi, como facilmente se conclui, da lição editada em Sevilha em 1492 que Fr. Marcos de Lisboa tomou esse exemplo da humildade de seu pai espiritual. E, dada a não absoluta fiabilidade das remissões de Fr. Marcos nas indicações das fontes de cada capítulo, nada impediria que, apesar de a não referirem para este caso, as *Chronicas* pudessem depender da obra de Bartolomeu de Pisa. No entanto, dando um passo mais, teremos notado que o *Liber conformitatum* indica precisamente que esse «exemplum ponit Legenda antiqua», um título este que nem sempre identifica a mesma compilação. Com efeito, se, alguma vez, por *Legenda antiqua* se entende a *Compilatio Assisiensis* (ou *Legenda perusina*)⁵², Fr.

⁵² Marino BIGARONI, Introd. a «*Compilatio Assisiensis*» dagli Scritti di fra Leone e Compagni su S. Francesco d'Assisi... Porziuncola, 1992, I-II; Roberto RUSCONI, «Dalla “questione francescana” alla storia» in VV. AA. *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana*, Torino, Einaudi, 1997, 352.

Lope de Salazar y Salinas, por exemplo, parece identificá-la com o *Speculum perfectionis* ou com uma compilação dele muito próxima⁵³. A *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, quer dizer, a versão portuguesa da *Chronica XXIV generalium*, entende por *Legenda antiqua* o *Memoriale in desiderio animae* (correntemente dito *Vita secunda*) de Tomás de Celano⁵⁴, identificação que, por sua vez, Fr. Marcos, no elenco das suas fontes da «Primeira parte» das suas *Chronicas*, igualmente aceita ao referir a «Legenda antiga que compos o mestre frey Thomas de Celano, com authoridade e aprovaçam do Capitulo geral». Assim sendo, não será possível defender que Marcos de Lisboa seguiu um «Fioreto» que oferecia uma lição textual idêntica ou muito próxima à dessa *Legenda antiqua* em que colheu o *Liber conformitatum* esse mesmo exemplo?

Por outro lado, convirá, agora, anotar um outro dado que poderá ajudar a consolidar a

⁵³ José Adriano de Freitas CARVALHO, «Nobres letras... Fervosos volumes»..., ed. cit., 19, 67.

⁵⁴ *CRÓNICA DA ORDEM DOS FRADES MENORES*..., ed. cit., II, 68-69: «Este geral [Fr. João de Parma] mandou por muitas cartas a frey Thomas de Çipriano que acabasse a vida de sam Framçisco que he dita lenda Antigua, ca em no primeiro trautado, que fora compilado por mandado do dito geral frey Creçemçio, solamente avia feita memçom de vida e das palavras de sam Framçisco e dos milagres nom avia feita memçom, avia-os leixados...».

nossa proposta: o cronista português, especialmente no «Livro sexto» da «Primeira parte», insere alguns capítulos que, tomados, segundo indica, do «Floreto», das *Chronicas antigas* e do *Liber conformitatum*, não se encontram, pelo que à primeira dessas fontes diz respeito, no *Floreto-1492*. É o caso de vários capítulos referentes a Fr. Junípero, personagem que, se mal não lemos, não mereceu mais do que uma ligeira referência no texto de 1492⁵⁵, e a Fr. Cristóvão, personagem totalmente ausente do *Floreto* impresso em Sevilha.

Deste modo, quando Marcos de Lisboa conta «De hum jantar que frey Junipero fez aos frades» (*Chronicas*, I, 6, 41, 176r), e de «Como o sancto frey Junipero era temido dos demonios» (*Chronicas*, I, 6, 42, 176v) e ainda «Da oração do sancto frey Junipero e da sua morte» (*Chronicas*, I, 6, 45, 178r) a sua fonte deverá ser, como assinala, o «Floreto» – mas, evidentemente, não o *Floreto-1492* –, já que as *Chronicas antigas*, para as quais também remete – e em que, efectivamente, se lêem⁵⁶ –, não lhe forneceram a lição que apresenta. Outro tanto pode dizer-se de uns quantos «Milagres do sancto frey Christovão de gra-

⁵⁵ *FLORETO DE SANT FRANCISCO...* ed. cit., 582, em que se apresenta Fr. Junípero como modelo de paciência.

⁵⁶ *CRÓNICA DA ORDEM DOS FRADES MENORES...*, ed. cit., I, 110-111: 97-98: 114, respectivamente.

ves e diversas infirmitades» (*Chronicas*, I, 6, 104,181r-182v)⁵⁷.

Há ainda mais alguns capítulos em que, como dissemos, o cronista português aponta como fonte sua o «*Floreto*» e as *Conformidades* e que, de facto, se podem ler na obra de Bartolomeu de Pisa, mas não no *Floreto*-1492. Assim, o «Juízo que foy revelado de huns frades Menores» [de Inglaterra] (I, 10, 17, 250r) não vem no *Floreto* castelhano, tal como os Privilegios declarados per o Anjo a S. Francisco» [em o oratório de Santo Urbano] (*Chronicas*, I, 10, 26, 253-254) que se lê no *Liber conformitatum* (I, 9º, 131r), mas ausentes do *Floreto*-1492; finalmente, Fr. Marcos ao recordar o «Aparecimento feito ao P. S. Francisco» (*Chronicas*, I, 10, 34, 257r-257v) remete para o «*Floreto*» e para as *Conformidades*, mas, curiosamente, tal «aparecimento», evocado a Fr. Leão, que não aparece na edição sevilhana do *Floreto*, também não segue literalmente a lição oferecida pelo *Liber conformitatum* (I, 9º, 130v-131r)⁵⁸, o que é um excelente indício a poder solidificar

⁵⁷ *CRÓNICA DA ORDEM DOS FRADES MENORES...*, ed. cit., I, 313-326.

⁵⁸ Marcos de LISBOA, no capítulo citado, refere que S. Francisco ordenou a Fr. Leão que lavasse com água, vinho, óleo e bálsamos a pedra em que esteve sentado Cristo quando lhe apareceu, enquanto as *Conformidades* trazem água, vinho, leite e bálsamo.

um pouco mais a nossa proposta. Por outro lado, estes capítulos ausentes do *Floreto*-1492, mas presentes num «*Floreto*» que também utilizava Fr. Marcos, podem ajudar a perceber algumas das diferenças entre o conteúdo antológico de ambos.

III – Já que nos baseamos em uma selecção de 85 casos todos pertencentes ao Livro I da «Primeira parte» das *Chronicas da ordem dos frades menores* em se que narra a vida de S. Francisco, poderíamos ter apresentado mais alguns exemplos de capítulos ou passagens de capítulos dessa «Primeira parte» que, com mais ou menos possibilidades, poderão remeter para um «*Floreto*» que represente uma lição textual não totalmente coincidente com a que, em 1492, imprimiram Mestre Menardo Ungut e Lançalao Polono. Alguns, como, por exemplo, o episódio de Fr. João, o Simples (I, I, 18), não os discutimos, quer porque Fr. Marcos dá como fonte alguma obra que (ainda) não consultamos, quer devido à sua ampla extensão. Cremos, porém, que os onze exemplos apresentados serão suficientemente ilustrativos desse facto.

Naturalmente – e nunca partimos de outro pressuposto – Fr. Marcos também utilizou – e, talvez, até dele se tenha preferentemente servido ao longo das suas *Chronicas* – o impresso de 1492, como poderia demonstrar a com-

paração de grande número de capítulos ou passagens de capítulos em que as lições textuais das *Chrónicas* e dessa grande compilação franciscana peninsular – peninsular, porque organizada ou traduzida ou completada na Península Ibérica – são absolutamente coincidentes. Para além de nos poder atestar que durante a primeira metade do século XVI ao lado do impresso sevilhano corriam as versões manuscritas do «Floreto» conhecidas já na primeira metade de Quatrocentos – o que, em si, conleva uma certa normalidade – mas que, por vezes, se esquece –, garantida até por outros domínios literários, da poesia à novela –, essa utilização do manuscrito e do impresso – a ser verdadeira, como sugerimos – poderá igualmente indiciar-nos algo sobre os métodos de trabalho de Fr. Marcos e da sua «equipa» – copistas, ajudantes, tradutores, etc.... – de que certamente pôde dispor, para levar a cabo a magna empresa a que, por encargo hierárquico, meteu ombros. Será violento sugerir que a utilização do manuscrito e do impresso derivaram – em parte, se quisermos – das urgências do trabalho? Sabemos muito pouco dos métodos do trabalho «literário» nos tempos modernos, mas podemos entrevê-lo – antes de mais, para o do cronista português, claro! – quando o vemos ler, seleccionar, copiar os volumes das «infinitas» – o termo é de Fr. Marcos – *Chronicas*

geraes de Mariano de Florença – assim designa o cronista português o *Fasciculus chronicarum ordinis minorum* – na biblioteca do convento de S. Salvador de Florença. Teremos alguma vez pensado que tal trabalho, realizado à sua vontade – «onde as tive todo o tempo que me foy necessario pera tirar dellas o que compria»⁵⁹, mas durante o breve tempo que andou por Itália e em que leu outras obras que cita – a ampla *Franceschina*, por exemplo –, foi apenas seu?

IV – Por outro lado, também não é possível abordar agora – não temos tempo, mas havemos de ter ocasião – as questões dos modos de utilização do *Floreto* de Sant Francisco nas *Chronicas da ordem dos frades menores*, cujo exame poderia ajudar-nos a perceber como Fr. Marcos leu o *Floreto*-1492 ou o «Floreto»..., já que, historiador e empenhado divulgador de obras de espiritualidade, não o leu, evidentemente, como aquela «santa» Joana «mujer, predicadora, y párroco», ainda sua contemporânea (†1534) – a que dedicou um interessante trabalho a Madre Maria Victoria Triviño – que o lia à letra, donde resultou, alguma vez, pôr em prática impossíveis imitações de gestos de S. Francisco⁶⁰. Independentemente de algumas

⁵⁹ Marcos de LISBOA, *Segunda parte das Chronicas da ordem dos frades menores...*, ed. cit., «Frey Marcos ao Leitor».

⁶⁰ María Victoria TRIVIÑO, *Mujer, predicadora y párroco. La Santa Juana (1481-1534)*, Madrid, 1999, traz (53), de

aparentes exceções, Marcos de Lisboa serviu-se da *Legenda Maior* de S. Boaventura – essa *Legenda* que é, antes de mais, um alto tratado de espiritualidade centrado em S. Francisco – como de um amplo e consagrado – e, se quisermos, «Oficial» – *canevas* em que vai inscrevendo – para o dizer com propriedade deveríamos dizer bordando – episódios da vida de Francisco de Assis extractados dessa grande compilação peninsular de modo a repor..., a avivar..., ou a completar os que, com alguma avareza, aponta ou simplesmente alude ou até omite Boaventura de Bagnoregio⁶¹. O simples

acordo com a biógrafa de Juana Vazquez Gutiérrez, que «oyendo esta Santa Virgen leer una lección de un libro llamado *Floreto* del glorioso Padre san Francisco, cómo había mandado ir a un fraile a predicar desnudo no teniendo pecados, (se dijo) como yo no iré a confesarme de los míos y desnudarme de ellos desnuda en carnes, y hiriéndolas con piedra y pato a cada pecado que dijere? Encomiéndome a Dios y a vos, padre san Francisco, y (con) sólo la cuerda señida a mi cuerpo y cuello, quiero ir a confesar como malhechora. Y por tal me pregonaré ante Dios y (ante) mi confesor, fraile de vuestra Orden». A Madre Maria Victoria Triviño, O. S. C., chama a atenção para que não deverá confundir-se o relato em causa do *Floreto*-1492 (54) com o de *Fioretti* (30). O texto, efectivamente, não se encontra nas *Fontes Franciscani*, mas aparece na *Legenda Vetus* editada por P. Sabatier, segundo aponta Juana María Arcelus Ulibarrena nas fontes desse capítulo do *Floreto*-1492.

⁶¹ Stanislao da CAMPAGNOLA, introd. a *Legenda Maior* in *Fontes Franciscani*, ed. cit., 755-773; Giovanni MICCOLI,

folhear da «Primeira parte» das suas *Chronicas* indica-nos, imediatamente, que a *Legenda Maior*, tirando os poucos capítulos com materiais seus integralmente construídos, funciona – muitas vezes, mas nem sempre – como a introdução ao tema ou aspecto da biografia de Francisco que Marcos de Lisboa quer desenvolver, para logo se empenhar em uma demonstração dessa introdução – esquecendo, algumas vezes, algum exemplo que sobre o assunto apresentava o sétimo ministro geral –, para tal enfiando, um após outro, nem sempre por meio de algum breve comentário, episódios tirados do *Floreto-1492* ou do «Floreto», isto é, de uma versão em que a obra estava de «Outro modo», para o dizer com a expressão com que, como estaremos recordados, Fr. João da Póvoa caracterizava uma versão que conhecia e que não correspondia ao texto do incunábulo sevilhano. Em certo sentido, poderia sugerir-se que o *Floreto* – em qualquer das suas lições e, ao parecer, sempre centrado no *Speculum perfectionis* – parece ter sido lido e funcionado como

«Bonaventura e Francesco» in *Francesco d'Assisi. Realtà e memoria di un'esperienza cristiana*, Torino, 1991, 281-302; Jacques DALARUN, «Da Bonaventura alla malavventura di Francesco d'Assisi» in *La malavventura di Francesco d'Assisi*, Milano, 1996, 151-175, representam, tanto quanto pudemos controlar, os mais sérios pontos de vista sobre estas questões e os seus sentidos.

um repositório de altos *exempla* para ilustrar brilhantemente, completando-a e até redimensionando-a, uma doutrina – a observância da «Observância» de Francisco –, com a vantagem de serem realmente históricos. Um processo de «pregação»? Talvez – processo, aliás, que poderá não ter sido alheio ao grande êxito das *Chronicas*, sempre tão utilizadas como leitura de refeitório – e que, por outro lado, teve a vantagem de tornar Francisco um pouco mais «histórico». De qualquer modo, hoje por hoje, parece um acerto do autor das *Chronicas* o ter recorrido ao *Floreto* – e ter sabido utilizá-lo –, pois permitiu-lhe lançar mão de duas fontes franciscanas importantes – o *De inceptione ordinis* e, sobretudo, o *Speculum perfectionis*⁶² – para fazer a história da observância por Francisco da *forma vitae* que inaugurou e a que sempre se manteve fiel. Será violento defender que as *Chronicas* procuram ser a demonstração da validade actual, porque actuante, dessa fidelidade que é a observância e que quis ser a Observância?

⁶² R. MANSELLI, «*Nos qui cun eo fuimus*». *Contributo alla Questione Francescana*, Roma, Istituto Storico dei Cappuccini, 1980, 30-33, e Felice ACCROCCA, *Francesco e le sue immagini. Momenti della evoluzione della coscienza storica dei frati Minori (secoli XIII-XVI)*, Padova, 1997, 56-92, determinam a importância do *Speculum Perfectionis* no quadro das fontes franciscanas.

Valerá a pena, por tudo isto, voltar, mais alguma vez, a todas estas questões, com a certeza, como ele reconhece, que desde Portugal, por esses anos, com a escassa documentação de que então dispunha, não poderia ter ido muito mais além.

... *Domos pauperulas, cellulas et ecclesias
parvulas*: as fidelidades dos primeiros
observantes em Portugal (1392-1453)
a Francisco «arquitecto» olhadas
ao espelho dourado do século XVII

I

Quando hoje falamos em reformas antes da Reforma, especialmente ao longo dos séculos XIV e XV, deveríamos não esquecer que, de certo modo, poderemos estar a projectar – ou arriscarmo-nos a projectar – 1517 num passado e «tratamos» as reformas como se fossem uma antecipação ou, pelo menos, um conjunto de propostas para a profunda reforma da Igreja de que se sentia necessidade desde – para a datar de alguma maneira – os meados do século XIV. O que, evidentemente, não quer dizer que muitas das propostas da reforma com e depois de Lutero não tenham levado a cabo – ou tentado levar a cabo – algumas aspirações de reforma medieval¹. Com a resolução

¹ Baste-nos aqui remeter para Heinz Schilling, *Martin Luther. Rebelle dans un temps de rupture*, Paris, Salvator, 2014

do Grande Cisma (1417 / 1418), o Concílio de Constança propô-la e exigiu que o novo papa, Martinho V, procedesse à «reforma» da Igreja... A reforma que Fr. André Dias propunha em *Gubernaculum Conciliorum* (anterior a 1435), parece-nos espelha muito bem os tópicos dessa reformação:

Ninguém, segundo o Apóstolo, nos poderá ser nocivo, se formos bons observadores da lei evangélica, espíritos zelosos da fé cristã, sobretudo se reformarmos a Igreja de Deus na sua cabeça e nos seus membros, multiplicando os concílios gerais, arguindo a simonia, ambição e tráfico dos benefícios, a sua acumulação, o adultério, o concubinato, a fornicação e a pompa dos clérigos, a tirania dos prelados, a péssima distribuição dos benefícios e outros vícios públicos, quaisquer que sejam, incluindo os maus costumes; instando os clérigos e prelados virtuosos, afáveis e benignos a dirigirem por bons exemplos aqueles que estão debaixo de seus cuidados pastorais, a reformarem assim no temporal como no espiritual os benefícios e igrejas que lhes estão afectos e a neles residirem pessoalmente increpando e, com penas e censuras eclesiásticas, corrigindo e reformando os relaxados e desobedientes,

(1ª ed. alemã, Verlag C. H. Beck o HG, Munich, 2012), pp. 263-264, 451, *et passim*.

*rebeldes, litigiosos e recalcitrantes sem aceção de pessoas*²...

Contudo, se algumas das reformas religiosas de carácter eminentemente jurídico levadas a cabo ou propostas em torno desses séculos como as empreendidas por alguns bispos visando a residência dos curas nos seus benefícios ou a assiduidade dos cabidos ao coro, por exemplo, poderiam contar-se, mesmo somando privilégios e excepções para contornar as leis canónicas, entre os itens do esboço de Fr. André Dias, outras, as de algumas ordens religiosas, eram, sobretudo, meios para resolver – o que nem sempre queria dizer sanar – seculares tensões internas que tinham como epicentro a interpretação da vontade dos fundadores – S. Francisco e S. Domingos, por exemplo – plasmada em textos que, como o típico – ou trágico? – caso dos franciscanos, uns interpretavam à letra vincando a *intentio* do seu fundador claramente manifestada no seu Testamento final (1226), e outros interpretavam, por o dizer de algum modo, *ad sensum* amparados na

² Citamos pela tradução que deste texto oferece José S. da Silva Dias, *Correntes de sentimento religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1960, I, p. 490. Para outros textos do *Gubernaculum conciliorum* e o seu autor, António D. de Sousa Costa, *Mestre André Dias de Escobar, figura ecuménica do século XV*, Roma – Porto, s.e., 1967, continua a ser a referência bibliográfica incontornável.

palavra da Igreja – o papa, antes de mais – traduzida esta em textos normativos que, por sua vez, interpretavam ou reinterpretavam, com valor de lei, o projecto fundacional³.

Não será violento dizer que foram estas tensões que, com mais ou menos violência, ditaram algumas das reformas das ordens religiosas – dominicanos⁴, franciscanos, eremitas da Serra de Ossa⁵, por exemplo – ao longo dos séculos XIV e XV e que culminaram, no caso dos filhos de Francisco de Assis que é o que nos interessa

³ Roberto Lambertini e Andrea Tabarroni, *Dopo Francesco: l'eredità difficile*, Torino, Edizione Gruppo Abele, 1989; Roberto Rusconi, «Dalla “questione francescana” alla storia» in Maria Pia Alberzoni *et alii*, *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana*, Torino, Einaudi, 1997, pp. 339-357, esp. as pp. 349-353, dedicadas a examinar «*Regulam spiritualiter observare: un'identità difficile?*».

⁴ Para a reformação da Ordem de S. Domingos nestes tempos parece-nos será suficiente recordar as páginas de Fr. Luís de Sousa sobre a fundação da observância dominicana em Benfica in *Segunda parte da História de S. Domingos particular do Reino e Conquistas de Portugal*, Lisboa, Typ. do Panorama, 1866, II, 1-9, p. 95-141; as consequências, via Itália, desta reformação podem ver-se em Vicente Beltrán de Heredia, *Las corrientes de espiritualidad entre los dominicos de Castilla durante la primera mitad del siglo XVI*, Salamanca, s. e., 1941.

⁵ João Luís Inglês Fontes, *Da «Pobre vida» à congregação da Serra de Ossa: génese e institucionalização de uma experiência eremítica (1366-1510)*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2012 (Tese de Doutoramento policopiada) estudou com grande apuro crítico e documental esta «reforma».

aqui, com a aceitação – a partir de 1368, com o movimento de Paulo de Trincis⁶ – e depois com a institucionalização do movimento de Observância... – aqui, concretamente, na Península Ibérica –, logo depois das observâncias⁷...

II

Para melhor situar e perceber a representação de Francisco que conlevava a sua concepção das casas e igrejas franciscanas nos diversos projectos de ubiquação dos primeiros oratórios e conventos dos observantes portugueses – uma reforma que se introduz em Portugal a partir de 1392 –, talvez não seja ocioso aludir a essa tensão inicial entre os franciscanos que

⁶ Fr. Marcos de Lisboa, *Tercera parte de las Chronicas de la Orden de los frayles menores del seraphico padre San Francisco*, Lisboa, Officina de Pedro Crasbeeck, 1615, I, 1,1-4, pp. 1r-3r (Em «Ao Leitor» da edição fac-similada desta obra expusemos as razões de ordem editorial que nos levaram a optar por esta edição em lugar da edição *princeps* [1557-1570]); Mario Sensi, *Le osservanze francescane nell'Italia centrale*, Roma, Istituto Storico dei Cappuccini, 1985, pp. 39-73 *et passim*.

⁷ Para estes movimentos franciscanos peninsulares haverá sempre que ter presente, segundo nos parece, AA.VV., *Introducción a los orígenes de la Observancia en España. Las reformas en los siglos XIV y XV, A.I.A.*, nºs 65-68 (1957); José Adriano de Freitas Carvalho, «De l'Observance et des observances de l'Observance à la plénitude de l'Observance au Portugal» in Frédéric Meyer et Ludovic Viallet (direct.), *Identités franciscaines à l'âge des réformes*, Clermont-Ferrand, Presses Universitaires Blaise-Pascal, 2005, pp. 143-164.

remonta, como é bem sabido, aos dias do seu próprio fundador⁸. Talvez assim nos seja permitido ver como essa tensão conduziu, depois da morte de Francisco e ao longo dos séculos – aqui até ao século XV –, à auto-representação dos dias fundacionais de Rivo Torto e como, no Portugal de finais de Trezentos e das primeiras décadas de Quatrocentos se traduzia, da parte das pequeníssimas comunidades fundadoras da Observância, em factos concretos, especialmente, tanto quanto podemos perceber através das crónicas do século XVII devidas a Fr. Manuel da Esperança e Fr. Fernando da Soledade⁹, na eleição do lugar das fundações das casas e da respectiva construção, sem, claro

⁸ Sobre esta questão, com importantes orientações bibliográficas, poderá sempre ver-se, Grado G. Merlo, «Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana» in Maria Pia Alberzoni *et alii*, *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana*, Torino, Einaudi, 1997, pp. 3-32. A. Vauchez, *François d'Assise. Entre histoire et mémoire*, Paris, Fayard, 2009, pp. 197-199.

⁹ Fr. Manuel da Esperança, *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco. Segunda parte* (Lisboa, Antonio Craesbeeck de Mello, 1656-1666 e Fr. Fernando da Soledade, *Historia Serafica Cronologica da Ordem de S. Francisco da Provincia de Portugal. Tomo III*, Lisboa, Manoel e Joseph Lopes Ferreira, 1705; Luís de Sá Fardilha, «Uma introdução à *Historia Seraphica... na província de Portugal*» in *Quando os frade faziam história. De Marcos de Lisboa a Simão de Vasconcelos*, Porto, C.I.U.H.E., 2001, pp. 103-119, é ainda hoje imprescindível ao abordar esta grande crónica monástica portuguesa.

está, esquecer a forma do hábito e a *vexata quaestio* dos remendos do mesmo.

Antes, porém, convirá lembrar que hoje sabemos muito mais sobre S. Francisco e seus primeiros companheiros do que os seus frades dos século XIV e XV, pois além de dispormos de toda uma ingente e sistemática investigação sobre as «fontes franciscanas»¹⁰, podemos ultrapassar as dificuldades, então vigentes, resultantes das considerações do que se pode dizer textos «oficiais» – já se escreveu sobre «la suprema ufficialità» da *Legenda maior* de Boaventura de Bagnoregio – e textos que, desclassificados, depois que o capítulo franciscano de 1266 ordenou a sua destruição e substituição pela *Legenda maior* boaventuriana¹¹, circulavam mais ou menos «clandestinamente». Recorde-mos que apesar de terem sobrevivido vários códices – mais de 20 – da *Vita* de Tomaso de Celano, isto é, da que conhecemos por *Vita*

¹⁰ Jacques Dalarun, *La malavventura di Francesco d'Assisi. Per un uso storico delle leggende francescane*, Milano, Edizioni Biblioteca Francescana, 1996, parece-nos permanece um excelente guia destes textos e da sua história.

¹¹ O mesmo, mas talvez não com o mesmo alcance, se passou entre os dominicanos como estuda Luigi Canetti, “*Domini custos*”. *Contributi alla storia di san Domenico nelle fonti agiografiche del XIII secolo*, Sala Baganza, Editoria Tipolitotecnica, 1994; id., *L'Invenzione della memoria. Il culto e l'immagine di Domenico nella storia dei primi frati Predicatori*, Spoleto, Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo, 1996, pp. 11-12, 257, 431-432, *et passim*.

prima (1Celano) e do *Memoriale in desiderio animae de gestis et verbis sanctissimi patris nostris Francisci* que circula como *Vita secunda* (2 Celano) – mas o que é isto comparado com os 400 códices que possuímos da *Legenda maior*? –, só no século XVIII (1768) se editou 1Celano e que 2 Celano só no século XIX (1803)... O *Tractatus de miraculis Beati Francisci* que fazia parte da *Vita secunda* de Celano, tendo apenas sobrevivido dois códices, só veio a ser editado em 1904¹². Deste modo, em princípio, o que conheciam os primeiros observantes sobre S. Francisco remetia para esse texto maior de S. Boaventura..., para tradições orais dos primeiros companheiros de Francisco que uns quantos textos tinham, algum dia, mais ou menos fixado e que se viam copiados, interpolados e, alguma vez, até reatribuídos¹³... Em muitos destes últimos, com consequências trágicas para muitos franciscanos individual-

¹² Stanislao da Campagnola, *Le origini francescane come problema storiografico*, Perugia, Università degli Studi, 1979, pp. 124, 125; Jacques Dalarun, *La malaventura di Francesco d'Assisi. Per un uso storico delle legende francescane*, ed. cit., 69, 91, 161.

¹³ Marc Boriosi, «Ré-inventer Saint François. Les réécritures en langue vulgaire des légendes de Saint François dans les milieux franciscains réformateurs italiens (fin XIV^e-fin XV^e siècles)» in Pierre Chastang (dir.), *Le passe à l'épreuve du présent. Appropriations et usages du passe du Moyen-Âge à la Renaissance*, Paris, PUPS, 2008, pp. 359-373.

mente e para a ordem, um certo radicalismo era de lei... Para a Península Ibérica teremos sempre que ter presentes muitos desses textos que, traduzidos, vieram a formar o *Floreto de Sant Francisco* (Sevilla, M. Ungut, e L. Polono, 1492) – o chamado *Anonymus perusinus...*, *Speculum perfectionis...*, muito da *Compilatio Assisiensis*, também conhecida por *Legenda perusina...*, da *Legenda trium sociorum...*, do *Actus Beati Francisci...*, algo da *Vita secunda* de Celano..., da *Expositio Regulae* de Ângelo Clareno... e até das *Verba fratris Conradi* [de Ofida]... – que veio a ser uma obra que Fr. Marcos de Lisboa manejou com gosto e perícia como fonte da sua *Crónica*¹⁴.

¹⁴ Fr. Marcos foi, como que por obrigação «profissional» (além da devoção, certamente), um leitor atento do *Floreto*, mas em *Nobres Leteras...*, *Fermosos Volumes...*, Porto, 1995, p. 60 (*Supra*, p. 172) apontamos, entre os possuidores dessa obra nos fins do século XV e começos de quinhentos, o duque de Medina Sidónia. Curiosamente, contrariando a nossa expectativa dadas as estreitas relações do duque D. Jaime de Bragança († 1532) com a Observante província da Piedade, em que quis professar [Frei Manuel de Monforte, *Chronica da Provincia da Piedade, primeira capucha de toda a Ordem*, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1751, pp. 31-32], não parece que esteja registado o *Floreto de Sant Francisco* no inventário da grande biblioteca de seu filho, o duque D. Teodósio I, que estudaram com todo o seu imenso saber Aires A. Nascimento «Erudição e livros em Portugal ao tempo de Arias Montano: a biblioteca do

2 – Quando, em 1220, *in quodam capitulo*, renuncia, *ad servandam humilitatis sanctae virtutem*, ao cargo *de religione praelationis officium* (2C,143¹⁵) que, para ele devia ser, mais do que para ninguém ao longo dos tempos, uma carga, Francisco estaria longe de imaginar que, apesar de todas as suas prevenções, os ministros, talvez já sob a orientação dos frades «letrados»¹⁶, não estavam a seguir o seu veemente conselho, dado em duras palavras, de *mores non mutare nisi in melius* (2C,188). Arriscando pelos meandros da sempre difícil cronologia da sua biografia, poderá dizer-se que Francisco teria já verificado que, em relação à construção das casas da ordem, por exemplo, as suas orientações de sempre estavam a mudar ou havia a tentativa de as mudar. Efectivamente, se o Assisiense talvez já não apelava para um modelo de habitação

Duque de Bragança» in *Ler contra o tempo: condições dos textos na cultura portuguesa (recolha de estudos em hora de vésperas)*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2012, II, pp. 705-729, e Ana Isabel Buescu, *A livraria renascentista de D. Teodósio I, duque de Bragança*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2006.

¹⁵ Para as «fontes franciscanas» seguimos a lição de *Fontes Franciscani* (a cura di Enrico Menestò e Stefano Brufani), Assisi, Edizioni Porziuncola, 1995.

¹⁶ Grado G. Merlo, «Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana» in Maria Pia Alberzoni *et alii*, *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana*, ed. cit., pp. 10-11.

que se inspirasse estritamente no *tugurius* que, *locus angustissimus* [...] *ut in eo sedere auto quiescere vix valerent* (1C,42; LM, IV,3), que ele e os primeiros companheiros conheceram em Rivo Torto, não deixava, contudo, de instruir os seus frades (*suos*) no sentido de *habitacula pauperula facere, ligneas, nos lapideas*, como recorda Celano (2C,56) e repete, com precisões de teólogo espiritual e, talvez, «não-precisões» de mais liberal mestre de obras já de outros tempos, Boaventura – *docebat fratres, ut pauperum more pauperulas casas erigerent* (LM, VII, 2¹⁷). E como prova de que os «costumes» estavam, pelas razões que fossem, a mudar poderemos sempre recordar que, ao parecer em 1221, isto é, no ano seguinte a ter deixado o governo da ordem, Francisco começou a destruir a casa, de telhas e ladrilhos, que, à pressa, estavam a erguer em Porciúncula, como lembra Celano (2C,57) e, a seu modo, também S. Boa-

¹⁷ S. Boaventura, logo no começo do seu generalato (1257), na carta enviada a todos os ministros provinciais (*Licet insufficientiam meam*) recomendava vivamente de acordo com a benemérita tradução de Marcos de Lisboa: «E porque a pobreza he a alta prerogativa de nossa religião, porque esta nobre pérola, vilmente não seja lançada e conculcada dos porcos, asi trabalhay [por] cortar a causa dos discursos, e questas, que he a sumptuosidade dos edificios, e dos livros...» (*Parte segunda das chronicas da ordem dos frades menores*, Lisboa, 1562, II, 14, p. 47v-49v, que citamos pela edição fac-simile da de Lisboa, Officina de Pedro Crasbeeck, 1615, I, 1, 21, p. 25v.)

ventura (LM, VII,2)¹⁸. E isto, porque temia que *cito expandendum per ordinem, et accipiendum omnibus in exemplum quidquid in loco illo arrogantius videretur* (2C,57). Como, possivelmente, nunca viremos a saber as leituras, directas ou indirectas, que das fontes franciscanas ditas não-oficiais fizeram os franciscanos observantes portugueses¹⁹, registemos também desde já que

¹⁸ A. Vauchez, *François d'Assise*. ed. cit., p. 198, alude ao significado deste gesto de S. Francisco.

¹⁹ A julgar pela muito parcial amostragem que podem fornecer os inventários das bibliotecas franciscanas feitos na sequência da exclausuração (1834), os franciscanos portugueses pouco mais terão conhecido que o *Firramenta trium ordinum dominis patris B. Francisci* que possuíam os franciscanos de Santo António de Caminha (C.I.U.H.E., *Da memória dos livros às bibliotecas da memória - I - Inventário da livraria de Santo António de Caminha*, Porto, 1998, nº 519) e o *Liber conformitatum vitae B. Francisci ad vitam Iesus Christi*, Milão, 1510, de Bartolomeu de Pisa que existia em Santo António de Ponte de Lima (C.I.U.H.E., *Da memória dos livros às bibliotecas da memória - I - Inventário da livraria de Santo António de Ponte de Lima*, Porto, 2002, nº 108). Nelas não encontramos, por exemplo, nem o *Floreto de Sant Francisco...*, nem *Cantos morales, spirituales, y contemplativo, compuestos por el beato F. Jacopone de Tode, frayle menor*, Lisboa, Francisco Correa, 1576, obra cuidada por Fr. Marcos de Lisboa que mesmo não sendo uma «fonte franciscana» para elas de tantos modos remete. Recordemos, porém, que sempre liam ou ouviam ler as *Crónicas* de Fr. Marcos de Lisboa em que muitas se encontram ou copiadas ou extractadas e que os inventários então levados a cabo não registaram, amontoando-os, como declaram os inventariadores, em caixotes, centenas de livros «arruinados» ou «esfarrapados».

a *Compilatio Assisiensis* – já dita *Legenda de Perusina* –, e no *Speculum perfectionis* podiam ver não só confirmadas, mas ainda bem precisadas aquelas orientações e exemplos aduzidos por T. de Celano e, mais sumariamente, por S. Boaventura. Com efeito, na *Compilatio Assisiensis*, a propósito duma igreja que buscava Francisco para a sua ordem e que veio a ser a semi-arruinada de Santa Maria dos Anjos na Porciúncula, regista-se que desejava *acquirere [...] aliquam parvam et pauperulam ecclesiam ubi fratres valeant dicere horas suas* e, logo, *juxta eam aliquam parvam et pauperulam domum ex luto et vigminibus constructam, ubi fratres possint quiescere et operari suas necessitates*, e que a casa que quis derribar na Porciúncula substituía *quandam pauperulam et parvam casinam copertam de palea, et parietes erant constructi ex vigminibus et luto* que ele e os seus frades tinham construído (CAss., 56). No *Speculum Perfectionis*, precisando Celano (2C, 56), aponta-se que Francisco *circa mortem suam in testamento suo scribi voluit quod omnes cellae et domus fratrum essent de lignis et luto tantum, ad conservandum melius paupertatem et humilitatem* (SP, 9²⁰) – não discutamos a

²⁰ Quase pelas mesmas palavras tais disposições vêm reiteradas na abertura do capítulo 11 do *Speculum perfectionis*: *Quomodo fratres fuerunt sibi contrarij in faciendo loca et aedificia pauperula maxime praelati et scientiati: Cum*

glosa das palavras do *Testamento* (1226) –, o que se repete, em termos muito próximos, no capítulo seguinte: *Postea [fratres] faciant fieri domos pauperulas ex luto et lignis et aliquas cellulas, in quibus fratres aliquando possint orare et laborare pro maiori honestate et vitanda otiositate*. E quanto à construção das igrejas da ordem volta-se a sublinhar no mesmo capítulo que *ecclesias etiam parvas fieri faciant...* (SP, 10²¹).

beatus Franciscus constituissent ut ecclesiae fratrum essent parvae et domus eorum fierent solum ex lignis et luto, in signum sanctae paupertatis et humilitatis, volens hoc incipere reformari in loco Sanctae Mariae de Portiuncula, maxime de domibus constructis ex lignis et luto, ut hoc esset memoriale sempiternum omnibus fratribus praesentibus et futuris...

Controlamos as nossas citações de *Speculum perfectionis* pelo texto que oferece o opulento trabalho de D. Solvi in Anonimo della Porziuncola, *Speculum perfectionis: status fratris minoris*. Firenze, Edizione del Galuzo, 2006, pp. 12, 13, 14.

²¹ *Floreto de Sant Francisco*, Sevilla, Menardo Ungut aleman e Lançalao Polono compañeros, 1492, s.f., Cap. X, p. 36: *De la manera de tomar e edificar lugares segund la intencion de Sant Francisco* < SP, 10 (Utilizamos a ed. fac-simile do *Floreto* com «Nota de Apresentação» de José Adriano de Freitas Carvalho, Porto, Publicação do Congresso Internacional «Bartolomeu Dias», 1988, p. 35. Citaremos sempre por esta edição, actualizando as maiúsculas e minúsculas, desdobrando abreviaturas e seguindo a numeração factícia da paginação). Haverá que registar duas edições mais recentes do *Floreto: Floreto de San Francisco (Siglo XV)*, *Presentación*: Antolín Abad Pérez; *Transcripción*: José Martí Mayor y Eva Cardona Recasens; *Glosario*: Emilio Blanco,

Todas estas orientações de Francisco passaram, por tradução quase integral, do *Speculum perfectionis*, para o *Floreto Sant Francisco*, essa grande «compilação» ibérica – porque não dizê-lo assim?²² – que, no que toca à matéria que aqui nos ocupa, coincide, quase à letra, com a *Compilatio Assisiensis* (56): *Allegandose el tiempo del capitulo general el qual se faziacada año cerca de Santa Maria de Porciuncula considerando el pueblo de Assis que los frayles se multiplicavan cada dia e como todos venian ay cada año e como no tenian sino una casilla pequeña cubierta de pajas, las paredes de la qual eran de mimbre e lodo*²³ ... *Despues fagan fazer casas pobres de barro e de maderos e algunas çeldillas en que los frayles puedan algunas vezes orar e*

Madrid, Editorial Cisneros, 1998; Juana Maria Arcelus Ulibarrena, *Floreto de Sant Francisco [Sevilla, 1492].” Fuentes franciscani” y literatura en la Península Ibérica y el Nuevo Mundo. Estudio crítico, texto, glosario y notas. Presentación de Enrico Menestò*, Madrid, F. U.E. Universidad de Salamanca, 1998.

²² Convirá igualmente recordar aqui as duas chamadas «compilações de Barcelona» datáveis, a 1^a, da primeira metade do século XIV, e a 2^a, dos começos do século XV, estudadas por Jacques Cambell, «Glanes franciscaines. La première compilation de Barcelone», in A.I.A., XXIII (1963), pp. 65- 91; 391-453; «Glanes franciscaines. La seconde compilation de Barcelone» in A.I.A., XXV (1965), pp. 223-298.

²³ *Floreto de Sant Francisco*, ed. cit., cap. VII, p. 35: *Como quiso sant Francisco destruir una casa que avia fecho el pueblo de Assis cerca de Santa Maria de Porciuncula* < SP,7.

trabajar por mayor onestad e por evitar la ociosidad... E fagan hazer las iglesias pequeñas... A circulação do *Floreto de Sant Francisco*, manuscrito e impresso, está documentada²⁴, sendo suficiente lembrar aqui que Fr. Marcos de Lisboa, na *Primeira parte das Chronicas da Ordem dos frades menores* (Lisboa, J. Blavio, 1557), o utilizou abundantemente²⁵. Contudo, não é para essa «compilação ibérica» que o grande cronista remete ao tratar, obliquamente, a propósito do «amor e afeição que S. Francisco tinha a pobreza», da construção das casas, mas, sim, juntamente com o *De conformite vitae Beati Francisci ad vitam Domini Iesu*, para o capítulo da *Legenda mayor* que atrás citamos²⁶ – curio-

²⁴ José Adriano de Freitas Carvalho, “*Nobres leteras... Fermosos volumes...*”. *Inventários de bibliotecas dos franciscanos observantes em Portugal no século XV. Os traços de união das reformas peninsulares*, Porto, Faculdade de Letras do Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1995, [supra pp. 127-138; 197, nº 42; 213, nº 14; 216, nº 13; 225, nº 38].

²⁵ Roberto Rusconi, «Frei Marcos de Lisboa e le “Crónicas de san Francisco”»: un ragglitore delle memorie storiche e agiografiche del francescanesimo medievale»; José Adriano de Freitas Carvalho, «Para a história de um texto e de uma fonte das Crónicas de Fr. Marcos de Lisboa: o *Floreto* – ou os “Floreto” – de S. Francisco» in AA.VV., *Frei Marcos de Lisboa: cronista franciscano e bispo do Porto*, Porto, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade – Instituto de Cultura Portuguesa, 2002, respectivamente, pp. 273-296, e 7-57, [supra pp. 252-359].

²⁶ Fr. Marcos de Lisboa, *Primeira parte das Chronicas da Ordem dos frades menores do seraphico padre sam Fran-*

samente as mesmas autoridades para as quais, com um pouco mais de precisão, remeterá Fr. Manuel da Esperança um século depois²⁷ –,

cisco, seu instituidor e primeiro ministro geral, Lisboa, Joannes Blavio de Colonia, 1557, I, 1, 31 (Remetemos para a já citada edição fac-símile da *Primeira parte das Chronicas da Ordem dos frades menores do seraphico padre Sam Francisco*, Lisboa, Officina de Pedro Crasbeeck, 1614, p. 25v.)

²⁷ Fr. Manuel da Esperança, *Historia seráfica da Ordem dos frades menores de S. Francisco na Provincia de Portugal. Primeira parte*, Lisboa, Officina Craesbeeckiana, 1656, I, 11, p. 68: ao tratar da fundação do convento de Alenquer, em 1216, escreve: «aquelles benditos padres primitivos [...] fundavão os seus conventos, pobres, piquenos, humildes, nos quaes vivião como anjos [...] He verdade que esta traça não podia ser perpetua, porque muitos padroeiros não quizerão regular suas grandezas pelas nossas pouquidades, o concurso da gente pedia grandes igrejas, e a multidão dos frades necessarios pera o serviço dos povos requeria dilatados edificios. E já N.P. S. Francisco, sendo consultado neste ponto por Frei Leão, seu companheiro, disse aquellas palavras tão santas, e tão prudentes: *Tenhão embora os meus frades grandes casas, pois o tempo os obriga; mas quero eu, que nellas guardem a regra, sem offenderem com algum peccado mortal a divina Majestade*. Isto dizia o seu espírito seráfico...». Em nota lateral remete para «Pisan. *Conformit.* 16; Opusc. 8, Franc. tom. 3». Mais adiante (23, p. 96) remete para «S. Bon. *De vita S. Franc.*, c. 7». A citação, um tanto glosada, de Bartolomeu de Pisa vem em *De Conformitate*, Fructus XVI (L. 2, Fruct. IV) (conf., Fr. Bartholomaeo de Pisa, *De Conformitate...*, Quaracchi, 1906, *Analecta Franciscana*, tomus IV, p. 106); a referência de S. Boaventura é a de LM, 7,2 que citamos em nosso texto; a citação dos *Opúsculos* de S. Francisco deverá remeter para uma das «Collationes» – conjunto de 28 breves práticas de «tipo exortativo» atribuídas a S. Francisco e extractadas, tal como

embora, evidentemente, não tenha sido esse texto boaventuriano que forneceu os «modelos» aos «observantes» galegos e portugueses quando ergueram as suas primeiras casas à volta de 1392.

Tendo presente este cenário em que se esboçaram tradições, por vezes polémicas, de rudimentares arquitecturas e paisagens percebidas por meio de alguns textos que as filtravam, talvez seja legítimo tentar abordar agora como é que tais arquitecturas e paisagens – para não dizer esse S. Francisco que está nos seus fundamentos – se viram projectadas – se representavam –, depois de séculos de tensão entre «comunidade» franciscana e pequenos grupos de franciscanos que hoje, generalizando, gostamos de dizer, abusivamente, «espirituais» e / ou «observantes», nos movimentos observantes nos fins do século XIV e primeira

eram conhecidas de Fr. Manuel da Esperança, dos escritos do *Poverello* e de várias fontes franciscanas; a «Collatio Quinta», por exemplo, «De Sancta paupertate», é todo um longo trecho de LM, 7, 1-2 onde se lê precisamente: «... *Filius autem hominis non habuit ubi caput suum reclinaret. Propter quod pauperum more pauperulas casulas erigite, quas non habitare debetis ut próprias, sed sicut peregrini et advenae alienas*» (Utilizamos aqui por comodidade a lição oferecida por *Opusculorum Sancti Francisci Tomus Tertius in Sancti Francisci Assisiatis minorum Patriarchae, nec non S. Antonii Padovani eiusdem ordinis Opera Omnia Postilis illustrata....Opera et labore R. P. Joannis La Haye, Parisiis, Apud Carolum Rovillard, 1641, p. 44*).

metade do século XV em Portugal. Um modo – *um*, pois sempre poderá haver outros – de aproximação a tal cenário é, parece-nos, procurar observar, através de alguns exemplos maiores, como se foram projectando as novas fundações e como tal projecto, encerrando-o em pequenas «cabanas» ou «tabernáculos» de paupérrimos materiais em lugares «desertos» – com tudo o que a palavra conleva –, actualizava o Francisco que, aí, através delas, delineavam. Conhecemos hoje algo de tal projecto através das crónicas de Fr. Manuel da Esperança e de Fr. Fernando da Soledade, seu continuador, que no-lo transmitem, muitas vezes, em tons superlativos. Não esqueçamos, contudo, que esse tom superlativo, mais que um exagero falsificante, era o único meio de que dispunham para traduzir as dimensões de uma realidade distante de séculos que já mal podiam abarcar, a não ser com a lente da admiração e do afecto embaciada, por vezes, pela nostalgia.

Depois de, resumidamente, elencar as biografias possíveis dos introdutores da observância em Portugal²⁸ e de se manifestar a favor da

²⁸ Fr. Manuel da Esperança, *Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco. Segunda parte*, Lisboa, Antonio Craesbeeck de Mello, 1666, X, 25, pp.419-421, completa, naturalmente, as breves indicações sobre os começos da Observância em Portugal que fornece Fr. Marcos de Lisboa, *Tercera parte de las Chronicas de la*

precedência fundacional de S. Francisco de Viana do Castelo contra a pretensão de Mosteiró, Fr. Manuel da Esperança, apoiando-se, como fará muitas vezes, nas memórias dessa coluna da observância lusitana que foi Fr. João da Póvoa, dá a «notícia» dos «princípios do convento» da então vila de Viana²⁹. Começando pelo lugar onde, «[em] hum monte alto, povoado em muitas partes de arvoredos sylvestres, e muito acomodado pera a vida solitária», havia uma fonte e aí ergueram a sua primeira casa Fr. Gonçalo Marinho e seus companheiros. Era «o edifício de pedras soltas e ramos, tão pequeno e humilde, que toda a casa junta parecia hũa cela». Mesmo estando «hoje despovoado» – o P. Esperança escrevia cerca de 1663 e sabemos que o visitou pessoalmente³⁰, como

Orden de los frayles menores, ed. cit. 1,23 -24, pp. 13r-14r. O grande cronista franciscano dará, depois de tratar da casa de Viana, uma biografia mais completa de Fr. Gonçalo Marinho (Citaremos sempre por M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, seguido do nº do Livro em romana, o capítulo e a página em árabe. Transcreveremos sempre de acordo com lição da edição que seguimos, ainda que ajustemos à norma actual o uso de maiúsculas e minúsculas).

²⁹ M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 26, pp. 422-424.

³⁰ M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 26, pp. 423-424: além do desaparecimento de algumas «memórias» sobre o convento deixadas por Fr. João da Póvoa, «Outra perda se acumulou a esta, porque sabendo

a outros de que se ocupa – «lhe dura o mesmo nome de *cela*». Tal estreiteza e fragilidade terá obrigado «brevemente» os frades a procurarem, «mais acima», um lugar mais conveniente, mas sempre «escondido», pois se de «vista larga pera se descobrir o ceo, de poucas partes da cerca se vem as praias do mar, ou as ribeiras do Lima». Resumindo, o cronista confessa que «não tenho mais que dizer, senão que ficou a casa tão pequena e tão pobre como na idea a traçarão os seus mesmos fundadores, que vinham ressuscitar neste Reino a maior perfeição do estado franciscano». Se não sabemos em que fontes se basearam os fundadores para «idear» a traça da casa, sobre a igreja do convento, que também ainda se conservava quando o cronista andou por Viana, «toda está cheirando a devação», a tal ponto que – diz comovidamente o cronista – «de mi confesso que quando nella entrei, notavelmente se recreou minha alma, apacentando os olhos por aquellas pouquidades, mas grandes delícias do espírito serafico»³¹. Anotemos apenas que «aquellas pouquidades» nos remetem tanto para a pequenez da igreja – tamanho..., lavores

o mundo como todos os [papéis] que fora ajuntando o P. Fr. Marcos pera compor a quarta parte das Cronicas estavam neste convento, quando eu aqui mesmo os quiz ver ninguém me deu novas delles».

³¹ M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 26, pp. 424.

arquitectónicos... – como, a confirmá-las, para as recomendações de S. Francisco sobre a construção das igrejas da ordem. E a crítica que imediatamente lança o P. Esperança ao ver «agora», isto é, nos seus dias observantes, «trocar-se tudo» – entenda-se as igrejas e casas pequenas – «em outras casas maiores e suntuosas» – crítica sobre que haveremos de nos interrogar – quase não faz mais que tornar essas «pouquidades» ainda mais pobres e humildes.

Santa Maria de Mosteiró responde ao mesmo modelo. Efectivamente, Fr. Diogo Arias, o seu fundador, e seus companheiros souberam apreciar um lugar que não passava de «hũa mata brava [...] emboscada em deserto na ladeira de hum monte, do qual os olhos descobrem, à banda do Occidente, nas ribeiras do Minho, mas distante hũa legoa, a nossa vila de Valença³². Tudo à roda estava despovoado, sem vizinhança de gente que pudesse apegar-lhe os cuidados do mundo, de que andavão fugindo [...] A solidão do lugar, a espessura das arvores, a subida do monte, tudo isto espertava as saudades do Ceo...». Aí havia, porém, junto de uma fonte, uma ermida dedicada à Virgem Maria que lembrando-lhes a de Porciúncula – a eles ou ao P. Esperança? – pela sua pobreza

³² M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 31, pp. 438-439.

– «estava aqui tão pobre, que em lugar de telha era colmada de palha» –, cujo «rústico» ermitão, diante do projecto fundacional, logo se prontificou a largá-la³³... Neste preciso local fundaram a primeira casa («oratório») da qual nada sabemos. O que sabemos é que nesse mesmo ano (1392), por «melhorarem de sítio» começaram a construção do convento – de oratório a convento, um subtil itinerário? – de cujo «edifício não podemos presumir custosa architectura, sendo mestra desta obra a santíssima Pobreza, que nos governava a seu modo naquelle dourado tempo». A melhoria de lugar e casa deverá ter sido assinalável, pois, abandonados o oratório, a ermida e a fonte – que ficavam a «hum tiro de pedra» –, tudo se desfez e cremos que o cronista, independentemente dos documentos que possa ter utilizado, reconstruiu a pobreza da nova fundação ao ver que, ao ser restaurado em 1557, o convento não «perdeo muito da sua primeira forma, ou da sua fermosura, que trazia enfeitçada a gente...». Passemos, mais uma vez, outras linhas que Fr. Manuel da Esperança dedica aos «suntuosos edifícios de pedras burnidas....»³⁴.

É possível que, para esta reconstrução – à

³³ M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 31, pp. 439.

³⁴ M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 31, pp. 441.

sua maneira, arqueológica – da casa de Mosteiro, Fr. Manuel da Esperança se tenha servido do que lhe foi dado contemplar em alguma provável visita que tenha feito ao local. Se a fez, não o declara, contrariando o que garante para outros casos. Um destes é, agora, precisamente, S. Paio do Monte, entre Caminha e Vila Nova de Cerveira. Aí esteve, pela primeira vez, em 2 de Outubro de 1642, quer dizer, 21 anos antes que escrevesse as enlevadas páginas que lhe dedica na sua crónica³⁵.

Principiando, como sempre, por lembrar a topografia do lugar – a sua nostalgia dos «dourados tempos» da Observância nunca o leva a imaginar que, nos quase três séculos mediantes entre essas primeiras fundações e os dias em que, historiando-as, nelas medita, a natureza dos sítios (a altura das árvores..., a espessura das matas...) não era, com certeza, exactamente a mesma –, assinala que o terreno escolhido por Fr. Gonçalo Marinho e seu companheiro para a fundação da casa de S. Paio está «quasi assentado no espinhaço d'hum monte, que correndo

³⁵ «A primeira vez, que cheguei a este sitio, e foi em 2 de Outubro de 1642, quando me vi no meio de hum deserto...» [...] Seria ingratião deixar eu de referir o que me aconteeceo hontem 12 de Feveiro de 1663, a tempo em que escrevia estas suas maravilhas...», M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 31, e 36, pp. 450 e 457 respectivamente.

de Caminha para sima, aqui se levanta mais, coroando-se de penhas, que parece competirem com as nuvens...»³⁶. Apenas se lá chega por caminhos «ásperos» serpenteando pelo meio das rochas e «quebrados precipícios»... Na sua frente, dando à Galiza, abre-se «hum precipitado vale...». Apesar de toda esta aspereza que sobrevoavam águias, «he regado este sitio com duas fontes perenes, e cercado de arvoredos sombrio, com que fica muito fresco, porem humido, e exposto ao rigor do inverno...». Existiria já tal «arvoredos» – «os carvalhos altos» para onde trepava para «alta contemplação» Fr. Pedro Díaz, um dos primeiros observantes – em 1392? O lugar seria assim «fresco»? O que sabemos é que em 1642, Fr. Manuel da Esperança, ao visitá-lo, viu-se «no meio de hum deserto, sobre despenhados montes, à sombra de um arvoredo tristonho, pizando flores sylvestres, que esmaltavão a terra [...] parecia-me que já estava no Ceo...». Aí construíram logo «hūas choupanas de ramos em lugar de dormitório, dando principio a hum convento tão pobre que desvelados alguns guardiães por melhorarem a obra, não excederam até agora os apertos da pobreza...»³⁷. À falta confessada de documentação sobre a

³⁶ M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 34, pp. 448-449.

³⁷ M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 34, pp. 449.

casa, sabemos que o que viu, em 1642, não foi, evidentemente, as «choupanas» – tê-las-á visto em qualquer compilação de fontes franciscanas, como o *Floreto*, por exemplo? –, mas, sim, «hūas casas que representavam mais aposentos de pobres, que morada de gente religiosa», «representação» onde parece voltar a ocorrer, à mistura com ecos de outros textos que assinalámos, o *pauperum more pauperulas casas* com que S. Boaventura (LM, 7,2) resume todas as insistentes recomendações de Francisco – já se aludiu à «ossessione [de Francisco] circa la costruzione rozza che dovrebbe essere quella di un convento»³⁸ – e todos os reiterativos capítulos de outras fontes que, então, mandou, como se sabe, rejeitar e destruir... E mesmo isto que viu não representava mais que a reconstrução – talvez pudéssemos mesmo falar aqui duma idealização da sua memória –, a partir das «ruínas» em que tinha ficado a casa depois do saque – «não ficou pedra sobre pedra; levarão a telha e a madeira, cortarão as arvores da cerca...» –, que sofreu à raiz do seu abandono

³⁸ Jacques Dalarun, *La malavventura di Francesco d'Assisi*, ed. cit, p. 106; o mesmo autor abordou a questão pela perspectiva da oposição dos materiais de construção (telha, pedra/madeira, barro, palha) em um belo trabalho: «Les maisons des frères: matériaux et symbolique des premiers couvents franciscains» in *Le village médiéval et son environnement. Études offertes à Jean-Marie Pesez*, Paris, Publications de la Sorbonne, 1998, pp. 75-95.

pelos observantes em 1570, ruínas essas a partir das quais a restaurou Fr. António Bravo³⁹. A este se viriam a dever essas tais «casas que mais representavão aposentos de pobres, que moradas de religiosos» que viu o P. Esperança, em 1642, tudo idealmente filtrado pelos textos – quaisquer que eles tenham sido: da *Legenda Mayor* aos do *Floreto de Sant Francisco*, do *De conformitate* aos *Opuscula* de S. Francisco – em que se espelhava a perfeição dos tempos de Francisco... Estranhamente, nada nos diz – se mal não lemos – o P. Esperança sobre a igreja, apenas informando que «passados mais de cem anos, quando a igreja se acrecentou de novo» – devia ser ou ser considerada pequena – «foi achado o seu corpo [de Fr. Pedro Díaz] incorrupto»⁴⁰, o que nos sugere as transformações – «as muitas fortunas» – por que foi passando... E, de certo modo, compreende-se o seu silêncio ao sabermos que, em consequência do referido saque, a igreja, apesar de poupada, «em tal estado ficou, que mais parecia hum triste curral, que casa de oração»⁴¹.

A quarta casa da Observância em Portu-

³⁹ M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 35, pp. 452-454.

⁴⁰ M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 34, pp. 450.

⁴¹ M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 35, pp. 452.

gal foi Santa Maria da Ínsua⁴² que, de certo modo, inaugura a atracção que os observantes portugueses tiveram em construir, quase literalmente, em cima do mar.

Trata-se de uma casa construída, igualmente em 1392, numa ilha na foz do rio Minho e por tal sujeita a todas as inconstâncias do mar e da intempérie e das tempestades como a que a assolou em 1512⁴³. E, mais ainda, se não fosse um milagre teriam tido que abandonar o sítio por falta de água doce... A sua solidão absoluta – «o lugar mais solitário e hum daquelles, pera onde o Senhor costuma levar as almas, que faz mais participar nas suas consolações... totalmente separado da conversação do mundo» – era ainda uma terra sem aves em dias do P. Esperança – «hoje» –, porque, «erão tantas antigamente as aves, em particular as que crião na area, que se tomavão às mãos e de sua pena enchião os cabeças, porem hoje tem voado daqui todas, e não se acha hum passaro, se não he por maravilha»⁴⁴... Contudo, nesta terra «no meio do mar» havia, com o respectivo ermitão, uma ermida dedicada à Virgem Maria (Santa Maria de Carmes).

⁴² M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 37-40, pp. 459-471.

⁴³ M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 37, pp. 462.

⁴⁴ M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 37, pp. 460.

Se, mesmo com recurso às fontes franciscanas, apenas podemos imaginar como seriam «os estreitos tabernáculos»⁴⁵ – o que estará a traduzir o cronista? – que o fundador da Ínsua, Fr. Diogo Arias, erguera para morada dos frades⁴⁶, o convento – os seus restos que, provavelmente, visitou o cronista – que levantaram depois, «ficou tão lindo, e ajustado com a planta da santa pobreza, que parecia hũa jóia no ornamento da nossa religião». A completa metamorfose datará de cerca de 1471, ano em que Fr. Jorge de Sousa se meteu a «ordenallo em forma religiosa», para o que «acrecentou a capella, fez celas, retelhou a casa toda»⁴⁷ e, por obra de Fr.

⁴⁵ Fr. Pedro de Jesus Maria José, *Cronica da santa e real provincia da Imaculada Conceição de Portugal*, Lisboa, 1754, dedica todo um largo capítulo a este convento: «Origem e progresso do real convento de Santa Maria da Insua de Caminha» em que o seu fundador, Fr. Diogo Arias, «ideou a obra da casa conforme às máximas da santa pobreza, que mais próprio lhe era o nome de pobre cabana, que convento religioso»..., expressão mais próxima das com que as fontes franciscanas caracterizam as construções segundo a vontade de S. Francisco do que a erudita que lhes aplica o P. Esperança. Há uma edição deste capítulo da *Crónica* de Fr. Pedro de Jesus Maria José com Introdução e actualização de Manuel Busquets de Aguilar, Lisboa, s. ed., 1965.

⁴⁶ M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 37, pp. 461.

⁴⁷ M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 38, pp. 463; Fr. Jorge de Sousa não só restaurou e ampliou o convento, mas também, continua o cronista, «buscou

Afonso de Barros que, por suas mãos, a construiu inteira, foi sendo «cingido por hũa parede feita de pedra ensossa». Puseram-lhe ainda «por fora, hũa forte barbacam, que [pudesse] fazer encontro ao impeto das areas, e dos mares»⁴⁸ ... A sua grandeza pode, de certo modo, avaliar-se pelo facto de ter capacidade para os dez ou doze frades regulares, sendo, porém, que normalmente nele não conseguíam morar mais que dois ou três. Permita-se-nos uma certa ironia, mas os cabeçais de penas que usavam teriam horrorizado, como comodidade demoníaca,

livros pera rezarem no coro», o que é confirmado pelo inventário dos seus livros feito, em 1474, por Fr. João da Póvoa, em que se incluiu «hum Frolete de são Francisco em papel que deu frei Jorge muito vicioso» (conf. José Adriano de Freitas Carvalho, *Nobres leteras...Fermosos volumes... Inventários de bibliotecas dos franciscanos observantes em Portugal no século XV. Os traços de união das reformas peninsulares*, Porto, C.I.U.H.E., 1995, pp. 89-98. A história arquitectural do convento da Ínsua pode ser seguida na ampla investigação que Ana Ramos Assis Pacheco dedicou à arquitectura franciscana a partir da fundação do Varatojo, em 1470: *Construção de um mundo interior. Arquitectura franciscana em Portugal, Índia e Brasil (Sécs. XVI-XVII)*, Coimbra, Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitectura, 2012 (Texto policopiado); e em «Eremitérios e claustros, lugares próprios ao recolhimento religioso» (no prelo), importantes trabalhos de que a extrema generosidade da autora me facilitou a leitura.

⁴⁸ M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 27, p. 461; 28, p. 464.

S. Francisco... (2C,64⁴⁹; LM, 5,2)...., o que não obstou que o arcebispo Fr. Bartolomeu dos Mártires quando a visitou, em lágrimas, visse «na terra [um] retrato do ceo». De qualquer modo, perante tempestades e ataques de «hereges do Norte e turcos de Argel», a casa da Ínsua foi abandonada em 1618⁵⁰.

O afã fundador dos primeiros observantes em Portugal encontrou agora (1392), em Leça da Palmeira, cerca do Porto, um lugar «agreste» e «deserto» e «inculto» e sem água potável acessível onde, porém, havia uma «pobre ermida» dedicada a S. Clemente edificada sobre a penedia à beira do mar, donde o nome por que era conhecida e por que foi sempre nomeada a casa durante os oitenta e três anos da sua existência. Do edifício conventual nada nos diz Fr. Manuel da Esperança, porque, muito provavelmente, quando escrevia, à volta de 1663, já nada dele existia. E como que a justificar esta nossa sugestão e a conseqüente mudança da casa, em 1481⁵¹, para um lugar próximo, dotado agora,

⁴⁹ Tomás de Celano, *Vita secunda*, 64: «Quid ei accidit nocte quadam pro plumeo pulvinari» (*Fontes Francescani*, ed. cit., 501-503; conf. LM, 5,2; CAss., 119).

⁵⁰ M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 40, p. 471.

⁵¹ M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 42, p. 477; haverá, cremos, que entender os oitenta e três anos que os observantes «sustentaram a praça de S. Clemente» por referência a 1475, ano em que se começou a tratar

em absoluto contraste, de uma natureza amável como de écloga pastoril, escreve que, apesar dos «penhascos» que, a modo de biombos, ou guarda ventos emparão este tosco descampado», «as ondas, quando mais embravecidas, saltando por cima delles, vinhão alagar a casa e em hũa hora destruião quanto se tinha obrado em muitos anos inteiros»⁵². Como o cronista não nos faz imaginar a casa, temos que imaginar – o que é fácil perante o que acabamos de ver – a sua fragilidade e a sua pobreza a julgar pelos seus materiais de construção – facilmente destruídos pelas ondas –, pela das alfaias da capela – um sacrário de madeira apenas dourado por fora..., um turíbulo de latão, vestimentas de lã ou linho e «duas ou três d’hũa seda muito velha», «os frontaes do mesmo pano, e o mais rico de fustão» –, da roupraria dos cinco ou seis frades – «treze cubertas de burel, e de picote com quatro mantas da terra estendidas sobre taboas [...] nem havia um lençol na enfermaria [...] e não sofrião os prelados no dormitório, nem hum cabeçal de penna»⁵³... Pelos vistos, eram estes mais rigorosos que os prelados da

da mudança de lugar para a quinta da Granja, depois conhecida por quinta da Conceição.

⁵² M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 31, p. 472.

⁵³ M. Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 31, p. 473.

Ínsua... Ou conheceriam a reacção de S. Francisco a propósito da almofada de penas que o fizeram usar uma noite?

Mas será sempre misteriosa esta atracção dos primeiros observantes, que não seriam inconscientes dos riscos inerentes, por fundar algumas casas como que em desafio ao mar. Além do convento da foz do rio Minho e do de Matosinhos levantaram ainda, sessenta anos mais tarde, mais um, pelo menos, ao alcance das ondas – S. Bernardino de Atouguia.

Antes, porém, de considerar este último caso, examinemos, ainda que rapidamente, a fundação de algumas outras casas – a casa e não tanto o lugar – nos primeiros tempos da Observância, limitando, porém, em razão da homogeneidade da informação, a nossa observação a alguns outros dos tratados por Fr. Manuel da Esperança – 1402..., 1407..., 1419..., 1423..., 1430..., 1437... – e, como termo *ad quem* da nossa observação, 1440, ano não só da fundação de Santa Cristina de Tentúgal, mas também em que, depois de Gonçalo Marinho, Diogo Arias e Afonso Saco, morre, por último, Pedro de Alamancos, o outro dos primeiros fundadores da reforma observante em Portugal⁵⁴. A nossa aproximação não pre-

⁵⁴ Segundo Fr. Manuel da Esperança, depois de 1400 e antes de 1425, tinha morrido Gonçalo Marinho; em 1420, falecera Diogo Arias; em 1440, Pedro de Alamancos; em

tende mais do que ver até que ponto os anos da primeira metade do século XV continuaram, na fidelidade às orientações de seu pai S. Francisco, o «tempo dourado» – é a perspectiva de Esperança e Soledade – das primeiras fundações. S. Bernardino de Atouguia, ainda que fundado muito depois – entre 1451 e 1453 –, servir-nos-á, não tanto para visualizar a continuação – ou a sobrevivência? – dessa fidelidade, mas, sobretudo, para documentar em anos um tanto já tardios, confirmando-a, como tal fidelidade se manifestava, uma vez mais, na arriscada eleição de um lugar fundacional junto de um ribeiro muito perto do mar.

Santo António da Castanheira, cerca de Vila Franca de Xira, foi fundado, provavelmente, em 1402, numa quinta cedida por uns devotos onde havia uma ermida dedicada a Santo António e «hũa fermosa fonte [...], cujas agoas conduzidas dos antigos por argamassas secretas banharão fabricas e figuras curiosas...»⁵⁵. Instalados na quinta «com grandíssimo

1437, Afonso do Saco (*Historia Serafica... Segunda parte*, X, 28 pp. 429; XI, 13, 550; XI, 10, 541; XI, 13, 551, respectivamente. De Fr. Pedro Díaz lhe faltavam totalmente notícias sobre a sua vida, *id.*, X, 25, p. 420, e Fernando da Soledade, no «Proémio» ao tomo III, p. 37, glosa, à sua maneira, o P. Esperança.

⁵⁵ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XI, 2, p. 519; «Agora – deverá, muito provavelmente, entender-

aperto», quase sem terra e quase sem água, devido a questiúnculas legais e à rapina de muitos vizinhos, «o corpo da casa, [...] naceo acanhado, e humilde, como filho da pobreza [...] Não erão mais naquelle ditoso tempo, que hum estreito albergue de peregrinos e pobres, que caminhavão de passagem pera melhores paizes»⁵⁶. Assim se conservaram aqueles «tabernáculos de santos», pois a casa «nunca ouzou alevantar-se da terra em quanto a criarão a seu peito os primeiros fundadores», até que, dado o concurso da gente que vinha à ermida do santo padroeiro, «foi necessário estender os edifícios»... Devido às obras apoiadas por Afonso V († 1481)– para nos situarmos nos limites do século XV⁵⁷ –, «de tal modo [começou a ser alte-

-se, no tempo em que o cronista escreve – tais «figuras curiosas arrebetão todas em hum tanque de obra bem acabada onde a arte as ajudou a subir»... Talvez seja esta uma «das outras obras insígnies» com que D. Jorge de Ataíde, bispo de Viseu, filho do primeiro conde da Castanheira, engrandeceu o convento já em tempos em que este pertencia à província observante de Santo António (*id.*, XI, 2, p. 521).

⁵⁶ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XI, 2, p. 520.

⁵⁷ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XI, 2, p. 520. «Além de muitas pessoas, se menores no estado, iguaes na devoção», cronologicamente incolocáveis, o cronista aponta ainda João II, a rainha D. Leonor, sua mulher, e João III, mas estes dois últimos pertencem já ao século XVI, em anos em que os aumentos do convento já deveriam estar avançados; no capítulo seguinte particulariza algumas das esmolos reais e de grandes senhores.

rado], na perfeição e grandeza, que [hoje] não parece o que era»⁵⁸. Da primitiva igreja desta casa que, apesar de, canonicamente, poder ser considerada convento, até muito tarde «não acabava de sair do seu estado humilde de oratório», nada informa o P. Esperança, pois os únicos dados que sobre a igreja do convento traz dizem respeito às «magníficas obras» que nela mandou fazer D. Jorge de Ataíde, bispo de Viseu, à volta de 1563.

S. Francisco das Orgens (Viseu) foi fundado numa vinha em que já existia, feito pelo dono desse terreno onde se implantou a casa, em 1407, um arremedo de convento⁵⁹, que os fundadores, com Fr. Pedro de Alamancos à frente, desenvolveram. Como era a casa e a igreja? Não sabemos. Apenas se nos diz que cerca havia, como quase sempre, uma fonte e uma ermida, da invocação esta, então, de S. Domingos, e que só depois de obtida a licença papal para a fundação (1424), começaram os frades as obras. Mas como estas «erão de pobres, sempre ficaram acanhadas, e humildes»⁶⁰. Com a

⁵⁸ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XI, 2, p. 520.

⁵⁹ Assim interpretamos a exposição um tanto elíptica de Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XI, 6, p. 530.

⁶⁰ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XI, 7, p. 531-532.

ajuda, porém, de reis, senhores, bispos e simples leigos⁶¹ – como João Afonso de Fraguzela, um ferreiro, que, em 1532, deixou toda a sua fazenda à casa –, «ficou o convento, depois de acabado, hum dos bons que ouve nesta provincia [de Portugal], porque as casas não tinhão ostentação que imitasse os soberbos edificios»⁶². É pouco para a nossa observação de um convento que nasceu e se desenvolveu num sítio onde tudo, a Natureza ajudada pelo trabalho dos frades, «lhe dava certos esmaltes do Paraíso do Ceo», mas nesse pouco, mesmo que idealizados, transparece a fidelidade dos observantes fundadores – por algo o principal era Fr. Pedro de Alamancos – à letra de tantas recomendações de S. Francisco: casa pequena, humilde, sem ostentação... Contudo, também é certo que descobrimos que relativamente depressa começaram aumentos e outras grandezas – pedra de cantaria..., uma torre com o seu relógio..., um dormitório..., uma capela da Imaculada Conceição na igreja..., etc. – que o P. Esperança vai desafiando e que, algumas vezes, como veremos, lastima.

Passemos Santa Catarina da Carnota (Alenquer), com a sua ermida que, durante alguns

⁶¹ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XI, 7 e 8, pp. 532-537.

⁶² Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XI, 7, p. 532.

anos, foi a igreja da casa. Se esta, fundada, em 1408, por Fr. Diogo Arias, sempre ficou tão limitada que, «a seu modo merece também espanto», a ermida era tão pequena que «o coro chegava quasi à porta»⁶³. Daí a necessidade de uma igreja para uma casa que, depois de 1415, já tinha claustro «armado» sobre «doze colunas de jaspe que nos trouxe de Seita quando a foi conquistar o rei [...] D. João, às quaes juntamos outras quatro da pedra da terra»⁶⁴. Pelas

⁶³ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XI, 12, p. 545.

⁶⁴ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XI, 12, p. 546. Naturalmente, este claustro e o que depois se levantará no convento da Carnota nada tem a ver com o claustro que exigia S. Francisco na *Regula pro eremitiis data* (1217-8 / 1221) – ... *et habeant unum clastrum, in quo unusquisque habeat cellulam suam [...]* *In claustro, ubi morantur non permittant aliquam personam introire necque ibi comedant...* – nada tem a ver com o que, então, nas ordens monásticas e, depois, nas mendicantes se considerava um claustro. Era um espaço aberto onde existiam ou para onde deitavam as celas dos eremitas e, talvez, rodeado de uma sebe, como recomendava Francisco para delimitar o espaço de um convento (Conf.: *Deinde, accepta benedictione ab episcopo, vadant et faciant mitti magnam carbonariam in circuitu terrae quam pro loci aedificatione acceperunt, et ponam ibi bonam sepem pro muro in signum sanctae paupertatis et humilitatis* [SP, 10; CAss., 58] Sublinhado nosso). No *Sacrum commercium* insinua-se o que, dentro dos limites de cada casa, poderia ser o claustro: *Illa [Dama Pobreza] petens sibi clastrum ostendi. Adducentes eam in quodam colle ostenderunt ei totum orbem quem respicere poterant, dicentes: Hoc est clastrum nostrum,*

mesmas datas, ao parecer, «engenhou-se pobremente hum dormitorio terreo com as demais oficinas e ainda que passado algum tempo se levantou de sobrado não subia tanto da terra que pareça suntuoso, ou levantado no ar...»⁶⁵.

Esta «grandeza» da casa da Carnota – um claustro –, o primeiro que o P. Esperança regista – que diria Fr. Giordano da Giano, ele que, como já lembramos, não sabia, quando foi fundar à Alemanha (Erfurt, 1225), o que era um claustro⁶⁶? – também podia ver-se, pouco depois, na casa levantada, em 1419, junto da ermida de Nossa Senhora das Virtudes (Azambuja). Como era consequência de um voto seu a Santa Maria, o rei Duarte «não fez menos de hum convento inteiro. Podéra ser mais se as nossas coitadisses,

domina (Sacrum commercium sancti Francisci cum domina Paupertatis, 30, que citamos pela lição oferecida por Stefano Brufani, Assisi, Edizioni Porziuncola, 1990, p. 173).

⁶⁵ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XI, 12, p. 546.

⁶⁶ Conta Giordano da Giano (*Cronaca*, 43): «Colui, poi, che dai cittadini era stato dato ai frati come procuratore, interrogo frate Giordan, se desiderasse che il luogo fosse edificato a forma di chiostro. Questi, che non aveva mai visto chiostru nell'Ordine, ripose: "Non so cosa sia un chiostro: edificateci semplicemente una casa vicino all'acqua, perché possiamo scendere in essa a lavarci i piedi". E così fu fatto» (À falta de um texto latino acessível, utilizamos: *Cronaca*, tradução e notas de A. Cabassi e F. Olgiatei, in *Fonti francescane*, Padova, Edizioni Messagero, 1983 [3ª ed.], p. 1995).

que eu tenho por virtudes, não lhe atarão as mãos. Só o claustro na sua capacidade, colunas, e arcos de cantaria mostra a sua grandeza, contudo muito menos que elle desejava»⁶⁷. Não nos interessem aqui as grandezas da cerca, dos pomares, da vinha, da horta e outras grandezas que o P. Esperança tenta desculpar com um *sic transit...*, mas registemos que não parece fosse no texto do *De conformitate* (Fructus XVI), por si citado com glosa (mal) atribuída a Fr. Leão, que encontravam as «coitadisses» dos frades alguma justificação para a magnificência real do rei fundador e de outros que se lhe seguiram e nisso o seguiram.

Em 1423, fundam os observantes o convento de Santa Sita (Tomar), a partir, mais uma vez – ou como sempre? – de uma velha e praticamente abandonada ermida dedica à virgem mártir portuguesa. O cronista não nos informa como era a casa, apenas nos garantindo – ele que lá morou ou lá esteve – que «não levantamos então majestosos edifícios, que podessem competir com os soberbos da terra, senão apozentos pobres...»⁶⁸. E assim deve ter ficado muitos anos até que, vendo o desamparo e «miséria» da casa, D. Manuel e

⁶⁷ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XI, 22, p. 574.

⁶⁸ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XI, 33, p. 605.

outros soberanos começaram a sua reconstrução. Contudo, se «com isto [tiveram] novo convento assi na disposição com a mudança de algũas oficinas, como na fabrica dellas, mas não creceo em o corpo, antes ficou tão pequeno e humilde como era»⁶⁹. Da igreja, antiga ou moderna, se mal não lemos, nada se nos diz, a não ser que o Venturoso começou por reformar ou por construir a sacristia e a capela mor...

S. Francisco do Funchal é um caso muito interessante, pois, verdadeiramente, representa o que poderia dizer-se uma dupla fundação: um vago sedeamento num lugar entre o mar – onde viviam em «lapas» – e a serra – habitando as suas «covas» – sem levantar, que se saiba, construção digna do nome de oratório ou, muito menos, de convento, onde se manterão, nessa fragilidade tão grata a S. Francisco, cerca de uma década, e, logo depois, a edificação de um frágil convento.

Com efeito, em 1430, de acordo com os cálculos de Fr. Manuel da Esperança, chegam, com um Fr. Rogerio, castelhano, que virá a ter um certo relevo em outras fundações, os primeiros observantes – castelhanos, galegos, biscaínicos, directamente ou vindos das Canárias –, que «encovados pela serra, conversavão só com

⁶⁹ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XI, 33, p. 606.

Deos». Apoiado em documentos de arquivo, o cronista lembra, exaltando-o, o seu estilo de vida próprio de antigos anacoretas: «Não trazião sandálias, nem tamancos, mas com os pés em todo o rigor descalços pizavão pedras duras [...] Nos seus hábitos não havia já figura que parecesse de frades [...] Entrarão aqui amortalhados num saco de burel velho, e pobre, não tinham outro burel com que se remendassem [...] a santa pobreza, logo lhes deparou peles de lobos marinhos, ordinários na ilha, e com ellas cubrirão sua nudez [...]»⁷⁰ Se estes Hilariões que não pareciam frades – «e nisto pareciam mais frades» – viviam nesta Tebaída das «covas e lapas» da Ilha da Madeira, outros companheiros havia «que [...] com o mesmo intento erão bons pera o próximo, trabalhando, e cançando pela sua salvação. Discorrião pelos lugares da ilha, que inda que erão poucos, continuavão muitas vezes em Machico [...] pregavão...». Eram, franciscanamente, Maria a Maria... Destes últimos, no Funchal, lugar de mais gente, «sempre alguns residirão a pé quedo, porém em casa particular ou pelas casas alheas, e sem forma de convento, que constasse de prelado, e de súbditos...». E assim chegaram, com bulas papais ou sem elas – aqui, como em outros

⁷⁰ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XII, 12, p. 670 671.

casos, o P. Esperança sempre vai dizendo que a sua falta se devia a que os frades não atentavam em tais detalhes... –, a erguer a casa, o que o cronista calcula ter sido em ou à volta de 1440⁷¹... Da «figura do convento» – a palavra é do cronista – nada verdadeiramente se nos diz, mas o P. Esperança supõe que nela «se estava declarando, quaes erão os moradores della: gente pobre e humilde, desprezadora das vaidades da terra». Entalado d’hũa parte com hũa rocha quebrada, e da outra com hũa ribeira brava», não nos custa assim supô-lo também, e aceitar que «o convento dizia com a igreja, a qual ainda se vê, tão pobre, e tão estreita, que fazia espertar as saudades do Ceo»⁷². Não nos interessem aqui os casos de tentações diabólicas, suicídios e desesperos de solidão e sentido de desamparo que assaltaram alguns desses primeiros fundadores de S. Francisco do Funchal, nem a peripécias do seu quase abandono do convento, em 1459, o seu regresso e refundação – «quatro celas térreas, melhor dissera choupanas» – no Machico, etc.,

⁷¹ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XII, 12, p. 671-672.

⁷² Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XII, 12, p. 673-675. A referência ao suicídio de algum frade, por esta época, talvez igualmente sugerida por uma alusão do P. Esperança (*id.* p. 673), tomámo-la de Fernando A. da Silva e Carlos A. de Meneses, *Elucidário Madeirense*, Funchal, 1966 (3ª ed.), III, p. 15.

pois são aspectos que ultrapassam os limites e os objectivos que nos propusemos.

Santa Cristina de Tentúgal, nascido à sombra de uma ermida em que se invocava a mártir romana, foi erguido em 1437 e é muito interessante que os seus fundadores – um sacerdote castelhano e um leigo português – tenham logrado que o infante Pedro de Avis – deu o terreno e subvencionou a construção – aceitasse «não [sair] com algũa grande machina que desdissesse do nosso estado de pobreza»⁷³. E assim ficou «todo o convento – que canonicamente não passava de oratório – térreo, tão humilde e estreito, que nesse particular era hũa maravilha». E a fórmula das exigências «arquitectónicas» do Assisiense – *faciant fieri domos pauperulas* –, mais uma vez traduzida por «humilde e estrito», vem logo completada com outra das suas recomendações – [*faciant fieri*] *aliquas cellulas* –, pois «ainda hoje – escreve o cronista em 1663 – se vem na parede do lado do refeitório os sinaes das portinhas das suas primeiras celas»⁷⁴... Se P. Esperança viu – como é provável que tenha visto – os sinais das portinhas, também deve ter calculado que essas «primeiras celas» eram *cellulae* – celinhas –

⁷³ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XII, 5, p. 650.

⁷⁴ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XII, 5, p. 650.

onde, apesar de tão pequenas «os nossos padres antigos não abafavão dentro»... Deixemos a crítica e anotemos o tamanho da casa ainda tão «franciscano» em 1437...

Resta-nos examinar a fundação, tardia por referência às primeiras fundações da Observância em Portugal, de S. Bernardino de Atouguia, em 1453. O lugar que lhes foi oferecido, com umas casas em redor de uma fonte, «posto que fosse em terra firme, sem pensão, e risco de se passarem as agoas, ficou o convento tão vizinho a ellas, que da sua estancia se logra a presença do mar»⁷⁵. Talvez tenham os fundadores – «todos testemunhas verdadeyras do admirável rigor em que então florescia o estado de nossa regular Observancia»⁷⁶ – habitado essas casas antes de erguerem o convento, mas este, erguido junto de um ribeiro perto do mar, «era tão pobre que mais parecia choupana de passageyros, que domicilio de religiosos». Este esboço geral, que nos remete, muito provavelmente através da *Legenda maior* (7, 1), para as reiteradas exigências de S. Francisco, vem depois um pouco mais concretizado, pois o cronista informa que «ficou a casa [...] quasi toda feyta de adobes, e tão estreita e resumida,

⁷⁵ Fernando da Soledade, *Historia Serafica... Tomo Terceiro*, I, 14, p. 78.

⁷⁶ Fernando da Soledade, *Historia Serafica... Tomo Terceiro*, I, 14, p. 79.

que se outras por grandes, e sumptuosas levão as atenções dos homens, esta no extremo de humildade grangeou estimações de hũa rara maravilha». Tanto os materiais de construção como o tamanho da casa nos estão a sugerir que o P. Soledade descrevia o convento como uma dessas *casas pobres de barro e de maderos* com que no *Floreto* se traduz o *domos pauperculas ex luto et lignis* do *Speclum perfectionis* (10), essa bitola literária de tantas fidelidades. Por isso não custa aceitar a informação que sobre ela recebeu o cronista, pois disseram-lhe que «primeyra igreja, [renovava] a memoria da pobreza estreytíssima de nossos padres primitivos», já que era «dos mesmos adobes, obrada com pouco custo, e tanta singeleza, que hum alguidar sem fundo, pelo qual entrava a luz do sol, lhe servia de espelho...»⁷⁷. Compreendemos que muitos anos depois, em 1595, perante as tantas vezes que viram a casa e a igreja alagadas, tenham tido de mudar a casa para um lugar mais alto.

Esta evocação dos seus primeiros conventos entre 1392 e 1430 permitiu-nos detectar um denominador comum dessas fundações dos primeiros observantes franciscanos em Portugal ou – conviria apurá-lo – também em Portugal:

⁷⁷ Fernando da Soledade, *Historia Serafica... Tomo Terceiro*, I, 15, p. 81.

a sua localização na periferia muito alargada dos centros urbanos – aldeias, vilas ou pequenas cidades. E isto, certamente, tanto por uma vocação que, antes de mais, reflectia o que havia sido – momentaneamente, se quisermos – uma das vertentes das opções de vida de Francisco de Assis – o eremitismo, sempre manifestado no seu profundo gosto pelos lugares retirados propícios à contemplação em que perpassaria o deserto onde Cristo se retirou (*Mt.*, 4,2)⁷⁸ e que Francisco evocou alguma vez (*SP*, 9) –, como por circunstâncias que poderíamos dizer temporais: a falta de meios financeiros de quem estava totalmente dependente da esmola..., oposição dos franciscanos claustrais instalados em algumas dessas vilas e cidades, por exemplo. A natureza rude dos penhascos no alto dos montes ou a sombra das altas árvores que tanto sublinharam os seus cronistas ou até a arriscada construção à borda do mar – haverá exemplos em outras províncias franciscanas europeias?⁷⁹

⁷⁸ Grado Giovanni Merlo, «Tentazioni e costrizioni eremitiche», in *Tra eremo e città. Studi su Francesco d'Assisi e sul francescanesimo medievale*, Assisi, Edizioni Porziuncola, 1991, 113-130; Giovanni Miccoli, *Francesco d'Assisi. Realtà e memoria di un'esperienza Cristiana*, Torino, Giulio Einaudi, 1991, pp. 209, 239-240, 241.

⁷⁹ As preciosas reflexões e verificações dos *loca* franciscanos entre 1216 e 1226 feitas por Luigi Pellegrini, «L'esperienza eremitica di Francesco d'Assisi e dei primi francescani» in *Francesco d'Assisi e francescanesimo dal 1216 al 1226*

– poderiam ter sido, em alguns casos, uma consequência desse periférico que, quase sempre, queria dizer, com os matizes de modo e tempo que se quiserem, ruralização – campo, montanhas, penhascos, covas, despovoados, apartamentos –, ruralização essa que, muitas vezes, se interpretava (ou propunha) como um regresso às origens.⁸⁰ É, porém, de notar que S. Francisco quando dá as suas orientações para a edificação das casas parece não ter feito exigências sobre o tipo de lugar que, oferecido, deviam aceitar... Concomitantemente, pudemos verificar as fidelidades – de lugar, de pobreza de construção e de arquitectura – às exigências de Francisco de Assis por parte dos iniciadores da reforma observante, seus fundadores, em Portugal. Evidentemente, as nossas fontes, foram as primeiras crónicas dos observantes portugueses da denominada «província de Portugal». Fr. Manuel da Esperança, em muitos casos, viu *in*

(Atti del IV Convegno Internazionale, Assisi, 15-17 ottobre 1976), Assisi, SIDSF, 1977, pp. 279-313, não permitem descortinar qualquer antecedente de tal orientação.

⁸⁰ Para Observância na Itália de Quatrocentos, onde, ao parecer, esta ruralização acompanhava «al generale processo di “ruralizzazione” in corso nella società», haverá que tomar nota das considerações de Anna Benvenuti, «L'Osservanza e la costruzione dell'identità storica del francescanesimo» in Franco Bolgiani e Grado G. Merlo (eds.), *Il francescanesimo dalle origini alla metà del secolo XVI. Esplorazioni e questioni aperte*, Bologna, Il Mulino, 2005, pp. 189-197.

loco – e soube transmiti-lo – ruínas e vestígios em que descobria, muitas vezes apoiado em memórias e documentos elaborados por quem, de algum modo, ainda tinha alcançado esses tempos – continuemos a ter Fr. João da Póvoa, por exemplo principal –, essas fidelidades às orientações do santo de Assis. E por umas e outros pautou as «pouquidades» das casas..., das igrejas..., das alfaias..., dos móveis..., que traduziu com as palavras – algumas vezes, com fórmulas exactas ou aproximadas com que as «fontes franciscanas» e obras que, com mais ou menos polémica, as elaboraram⁸¹ – difundiam essas orientações: da *Legenda Maior* e do *Speculum perfectionis* ao *De conformitate*, passando por Marcos de Lisboa – e, porque não?, mesmo que não o cite explicitamente – pelo *Floreto de Sant Francisco* em que tantas dessas fontes vêm compiladas. Poderemos, contudo, sempre perguntar-nos se essa «idea» – a palavra, recordaremos, é do P. Esperança – em que iam os primeiros fundadores observantes traçando os projectos das pobres casas – muitas de ramos, madeira, adobes, pedras soltas... – nos lugares

⁸¹ Teremos sempre de reter como modelo de investigação e, naturalmente, de informação, neste campo, o eruditíssimo estudo de Roberto Rusconi, «La tradizione manoscritta delle opere degli spirituali nelle biblioteche dei predicatori e dei conventi dell'Osservanza» in *Picenum Seraphicum*, XII (1975), pp. 63-137.

que encontravam ou lhes ofereciam e que o cronista foi arqueologicamente descobrindo, não espelhará a leitura que dessas fontes – quaisquer tenham sido os caminhos por que as alcançou – fez Fr. Manuel da Esperança diante dos vestígios de uma realidade que os fundadores da Observância construíram dadas as limitações de toda a ordem que se impunham – pobreza..., solidões – e lhes eram impostas pelos diversos contextos sociais – falta de materiais..., meios financeiros..., etc. Uma realidade que, ao parecer, ele via estar a alterar-se, em sentido contrário – para pior, claro –, nos seus dias e que já o fundador dos fundadores a tinha igualmente criticado glosando, muitas vezes, o seu próprio conselho aos ministros – *mores non mutare nisi in melius* (2C,188) –, como, por exemplo, quando, depois das recomendações sobre o modo e o tipo de construção das casas, concluía: *Multoties fratres faciunt fieri magna aedificia, rumpendum nostram sanctam paupertatem, in murmurationem et malum exemplum proximorum; et quandoque occasione melioris et sanctioris loci vel maioris concursus populi, propter cupiditatem et avaritiam dimittunt illa loca et aedificia vel destruunt ea et faciunt alia magna et excessiva...* (SP, 10;CAss, 58). Estas considerações críticas, que o P. Esperança, se as não leu em *Floreto de Sant Francisco* quase literalmente traduzidas, leu com certeza na

página do *De conformitate* em página que cita e já ficou anotada⁸².

Efectivamente, ao tratar da construção de alguns dos primitivos conventos da Observância em Portugal, Fr. Manuel da Esperança olha ao espelho do «tempo felicíssimo» e da «idade dourada» em que se construía pequeno e pobre o seu «agora» em que, como sugere, as casas franciscanas crescem em tamanho e adorno, *magna et excessiva*.... E assim renovava o grande cronista, re-revendo-se nele, esse poderoso mito das origens em que, naturalmente, já se tinham revisto os que na Ibéria franciscana começaram a dizer-se depois de «reformados»..., «observantes»...

É o que logo acontece ao comentar o que, à falta de qualquer vestígio, se podia presumir da pobreza estreita de Mosteiró levantado «naquelle dourado tempo» em que «a santíssima pobreza, nos governava a seu modo...»⁸³. E a mesma reflectida comparação precisa-se um pouco mais ao recordar, a propósito do comum zelo e da pobreza dos frades de S. Clemente das Penhas, que «ainda então era estimada delles a

⁸² A. Vauchez, *François d'Assise*, ed. cit., pp. 197-198, 292, 305, alude, interpretando-a, como se impunha contextualmente, a esta questão das «grandes casas» que os frades menores iam – voluntariamente ou por imposição das circunstâncias (apostolado..., vontade doadores...) – construindo.

⁸³ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 21, p. 440.

seráfica pobreza, que sobre tudo nos fez sempre agradáveis ao mundo»⁸⁴. E apesar do convento de Nossa Senhora das Virtudes lhe mostrar as «grandezas» com que a vontade do rei seu fundador a quis adornar em 1419, o franciscano cronista afirma que «durava ainda o felicíssimo tempo da primitiva Observancia, em que os grandes rigores excediam os limites das nossas obrigações»⁸⁵. Parece evidente que os tempos verbais – nos governava..., era então estimada..., durava ainda... – introduzem a uma mudança – guardemos “mudança” como eufemismo – em que ao longo dos séculos se foi deformando, quer dizer, perdendo a sua primeira forma, a Observância até chegar ao «agora» em que a contempla o seu cronista. Uma simples constatação? Talvez um pouco mais, pois o P. Esperança, confrontando as construções primitivas desse «felicíssimo tempo» – tão idealizadas quanto se queira, que viu em S. Francisco de Viana – «De mi confesso, que quando nella entrei, notavelmente se recreou minha alma, apacentando os olhos por aquellas pouquidades, mas grandes delicias do espírito seráfico» – com o seu «agora», referido este à construção do novo convento – que, ao parecer, não foi

⁸⁴ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 41, p. 472.

⁸⁵ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, XI, 25, p. 581.

sem polémica⁸⁶ –, comenta: «E agora, que estou vendo trocar-se tudo em outras casas maiores e suntuosas, parece que de puro sentimento me estala o coração». E este comentário não se fica por esta simples comparação, pois, logo imediatamente, apostrofa em tom mais crítico: «Que mais queria hum frade de S. Francisco, pois he pobre, e peregrino na terra, que hũa cabana, ainda que mal composta, onde podesse de passagem recolher-se até chegar ao Ceo?». E como que aproveitando a seu favor, mas com alguma restrição que os confirma, os argumentos dos que, pretendendo justificar a construção de novas e maiores casas, criticava S. Francisco – *Ecclesias etiam parvas fieri faciant; non enim debent facere fieri magnas ecclesias causa praedicand populo, nec alia occasione* (SP, 10; CAss, 58) –, continua: «He verdade que o nosso instituto de acudir à consolação dos povos no que pertence à alma nos obriga a estender as igrejas, e a multiplicar as celas; contudo, em hum deserto, entre penedos e arvores onde o mesmo Autor da Natureza fugio tanto de se

⁸⁶ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 26, p. 423: «Sabemos que a vila deu o sitio pera o novo convento, e também ajudaria nas obras se não as fizesse todas. Porem isso nos escondeo de proposito quem nesta casa, e noutras reformou a seu modo os memoriaes antigos do grande servo de Deos Fr. João da Povia. Agora nos falta nestes o espirito, e graça d'aquelle santo varão, e as melhores noticias ficarão também nos seus papeis sepultadas».

mostrar curioso, a pouco custo da Arte se acenderia mais a devação do espírito»⁸⁷. E, por isso, diante do modo com se procedera, a meados do século XVI, em Santa Maria de Mosteiró, pondera: «Nem quando a casa por velha se tornou a restaurar no anno de 1557, perdeu muito da sua primeira forma, ou da sua fermosura, que trazia enfeitada a gente, porque indo ella desencovar num deserto hũa casa de S. Francisco, não quer ver suntuosos edificios, pedras burnidas, frizos dourados, esculturas curiosas, madeiras de preço, e diferentes na cor, nem cousa algũa que cheire a vaidade. Quer achar hum dormitório limpo, hũas oficinas pobres, e hũa casa, da qual se possa dizer, que nella se agazalha a Serafica Pobreza»⁸⁸. E esta *aurea mediocritas* seráfica que se perfila neste último apontamento crítico, parece ter sido a pauta por que se reformou, algumas vezes, S. Paio do Monte. Com efeito, diante de «hum tão pobre convento», «desvelados alguns guardiães por melhorarem a obra, e a traça do edificio, não excederão até agora os apertos da pobreza. E tenho por cousa certa, que estas paredes desordenadas, e toscas maior abalo farião nas almas, que se contentão com pouco seguindo a

⁸⁷ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 26, p. 424.

⁸⁸ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, X, 31, p. 441.

Christo crucificado, e pobre, do que outras mais suntuosas, e ricas»⁸⁹. É possível sugerir, sem grande violência – mas as leituras de um autor e consequentes intertextualidades são, como se sabe e termos verificado ao longo destas linhas, uma questão complexa – que Manuel da Esperança estivesse a lembrar-se de – e a aplicar, generalizando-as – algumas das palavras de S. Francisco, transluzidas pelo *Speculum Perfectionis*, sobre o que considerava falsas justificações para construir grandes igrejas que, em parte, já recordamos: *Ecclesias etiam parvas fieri faciant; non enim debent facere fieri magnas ecclesias causa praedicand populo, nec alia occasione, quoniam maior humilitas et melius exemplum est cum vadunt ad alias ecclesias ad praedicandum. Et si aliquando praelati et clerici, religiosi vel saeculares, ad loca ipsorum venerint, domus pauperulae, cellulae et ecclesiae parvulae eorum praedicabunt illis, et ipsi aedificabuntur plus de hujusmodi quam de verbis* (SP, 10; CAss, 58). Como já lembramos, se não as leu traduzida no *Floreto de Sant Francisco*, o cronista leu-as na página já também, algumas vezes, citada de Bartolomeu de Pisa.

Fr. Manuel da Esperança, porém, em 1663, não se limita a esta crítica e a sugestão de solu-

⁸⁹ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Segunda parte*, I, 11, p. 69.

ções. Alguns anos antes, a propósito do restauro – do temporal e do espiritual – do convento de Alenquer, em 1399, perante a necessidade que antes tinha havido de aumentar e engrandecer a casa, enunciando o tema, indicava já a solução: «E muito melhor nos fora ordenar os conventos em hũa mediania, na qual se visse, como sómente de passagem pouzava nelles gente pobre, cuja vida não tem assento sobre a face da terra, que querer competir na grandeza, e nas riquezas da obra com os principes do mundo, que nisto ostentão a sua felicidade»⁹⁰. É uma solução que S. Francisco, a estarmos pelo testemunho de Fr. Leão (*si nin è vero...*) citado pelo *De conformitate*, talvez viesse a aceitar...

De qualquer modo, diante da evolução da architectura da ordem nos seus dias – e, ao parecer, já de antes⁹¹ –, ao P. Esperança essa *aurea mediocritas* seráfica já teria bastado para lhe causar «saudades do Ceo».

⁹⁰ Manuel da Esperança, *Historia Serafica... Primeira parte*, X, 34, p. 449.

⁹¹ Não sabemos se a história da Architectura Religiosa em Portugal teve, alguma vez, em conta estas considerações críticas do P. Esperança para datar as transformações – restauros, remodelações, aumentos – de algumas casas franciscanas ou a construção de outras à volta de 1642 – 1663, como parece ser o caso de S. Francisco de Viana.

BIBLIOGRAFIA

- ACCROCCA, Felice, *Francesco e le sue immagini. Momenti della evoluzione della coscienza storica dei frati Minori*, Padova, 1997.
- ACCROCCA, Felice, v. *Fioretti*.
- Actus Beati Francisci et Sociorum eius* (Nuova edizione postuma de Jacques Cambell con testo dei *Fioretti* a fronte, a cura di Marino Bigaroni e Giovanni Boccali), Edizioni Porziuncola (Assisi), 1988.
- ALBERZONI, Maria Pia, et alii, *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana*, Torino, Einaudi, 1997.
- AGOSTINHO, Santo (Ps.-), *Libro do Soliloquio de Santo Agostinho*, (Ed. crítica de Maria Adelaide do Valle Cintra), Lisboa, C.E.F., 1957.
- ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, (Nova Edição preparada e dirigida por Damião Peres), Porto - Lisboa, Livraria Civilização, 1968.
- ADAM DA PARMA, v. Salimbene di Adam da Parma.

- AGUILAR Manuel Busquets de, *Crónica de Fr. Pedro de Jesus Maria José* (Introdução e actualização) Lisboa, s. ed., 1965.
- ÁLVARES, João, *Obras*, (Ed. de Adelino de Almeida Calado), Coimbra, por Ordem da Universidade, 1960.
- ANDRÉS, Melquíades, *La Teología Espanola en el Siglo XVI*, Madrid, B.A.C., 1956 (2 vols.).
- Anedotas Portuguesas e Memórias Biográficas da Corte Quinhentista. Istorias e Ditos Galantes que sucederão e se disserão em Paço*, (Ed. de Ch. L. Lund), Coimbra, Liv. Almedina, 1980.
- ANONIMO DELLA PORZIUNCOLA, *Speculum Perfectionis Status Fratris Minoris*, Edizione critica e studio storico-letterario a cura di Daniele Solvi, Firenze, Edizione del Galuzo, 2006.
- ARCELUS ULIBARRENA, Juana Mary, *Recensão a Floreto de Sant Francisco*, ed. de José Adriano de Freitas Carvalho, Porto, 1988, in *A.I.A.*, 49 (1989), 652-655.
- ATAÍDE, Jorge de, Eugenio, *El Erasmismo y las Corrientes Espirituales Afines*, in *R.F.E.*, 35 (1952), 31-99.
- ASSIS, Francisco de, Santo, v. Francisco de Assis, Santo.
- AZEVEDO, Narciso de, *Indicação Sumária dos Incunábulo da Biblioteca Publica Municipal do Porto*, Porto, 1988.
- Barlaam e Josaphat*, (Ed. crítica das versões castelhanas por J. E. Keller e R. W. Linker), Madrid, C.S.I.C., 1979.
- BASTO, A. Magalhães, *Memórias Soltas e Inventários do Oratório de S. Clemente das Penhas e do*

- Mosteiro de N^a S^a da Conceição de Matosinhos dos Séculos XIV e XV por Fr. João da Póvoa e Outros*, Porto, S. ed., 1940.
- BENVENUTI, Anna, «L'Osservanza e la costruzione dell'identità storica del francescanesimo» in Franco Bolgiani e Grado G. Merlo, *Il francescanesimo dalle origini alla metà del secolo XVI. Esplorazioni e questioni aperte*, Bologna, Il Mulino, 2005, pp. 189-197.
- BIGARONI, Marino, v. *Compilatio Assisensis...*
- BLASUCCI, António, *Le Fonti Francescane nel «De Conformitate» di Fra Bartolomeo da Pisa (+ 1401). Considerazione Critiche e Riflessi nella Storia*, in *Lettura delle Fonti Francescane Attraverso I Secoli: il 1400*, (a cura di G. Cardaropoli e M. Conti) Roma, ed. Antoruanum, s. A. (1981), 301-336.
- BLOOMFIELD, Morton W., *Incipits of Latin Works on the Virtues and Vices, 1100-1500 A.C.*, Cambridge Mass 1979.
- BOCCALI, Giovanni, v. *Compilatio Assisiensis*.
- BOLGIANI, Franco e MERLO, Grado G., *Il francescanesimo dalle origini alla metà del secolo XVI. Esplorazioni e questioni aperte*, Bologna, Il Mulino, 2005, pp. 189-197.
- BORIOSI, Marc, «Ré-inventer Saint François. Les réécritures en langue vulgaire des légendes de Saint François dans les milieux franciscains réformateurs italiens (fin XIV^e-fin XV^e siècles)» in Pierre Chastang (dir.), *Le passe à l'épreuve du présent. Appropriations et usages du passe du MoyenÂge à la Renaissance*, Paris, PUPS, 2008.

- BOVE, Cristoforo, *Il significato Ecclesiale delle Riforme Minoritiche*, in *Lettura delle Fonti Francescane Attraverso I Secoli: il 1400*, (a cura di G. Cardaropoli e M. Conti), Roma, ed. Antonianum, 1981, 119-142.
- BRAGA, Teófilo, *História da Universidade de Coimbra*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1982.
- BRANCO, Elsa Maria, v. *Castelo Perigoso*.
- BRANDÃO, Domingos de Pinho, *Teologia, Filosofia e Direito na Diocese do Porto nos Séculos XIV e XV, Alguns Subsídios para o seu Estudo*, Porto, C.E.H., 1960.
- BUESCU, Ana Isabel, *A livraria renascentista de D. Teodósio I, duque de Bragança*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2006.
- CAMBELL, J., *Glanes Franciscaines*, in *A.I.A.*, 23 (1963) 61-91; 391-452; 25 (1965), 223-298.
- CAMPAGNOLA, Stanislao da, *Le Origini Francescane come Problema Storiografico*, Perugia, Università degli Studi, 1979 (2^a ed.).
- CARACCILO, Roberto, *Opere in Volgare*, (a cura di Enzo Esposito; Introduzione di Raul Mordenti), Galatina, Congedo Editore, 1993.
- CARDAROPOLI, G. e CONTI, M. (Edits.), *La Lettura delle Fonti Francescane Attraverso I Secoli: il 1400*, Roma, ed. Antonianum, s.a. (1981).
- CARDINI, Franco, *Francesco d'Assisi*, Milano, A. Mondadori, 1990.
- CARVALHO, A. H. da Silva, *Incunábulo da Real Bibliotheca Pública Municipal do Porto*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1904.
- CARVALHO, José Adriano de Freitas, «Das Edições de S. Boaventura em Portugal nos Séculos XVI,

- XVII e XVIII. Semântica de uma Influência na História da Espiritualidade Portuguesa», in *A.I.A.*, 47 (1987) 131-159.
- CARVALHO, José Adriano de Freitas, «Erudição e Espiritualidade no Século XVI em Portugal. Nótula a propósito da «Imagem da Vida Cristã» de Fr. Heitor Pinto», in AA.VV., *Humanismo Português 1500-1600*, Lisboa, Academia das Ciências, 1988, 653-681.
- CARVALHO, José Adriano Freitas de, v. *Floreto de San Francisco*.
- CASALE, Ubertino da, v. Ubertino da Casale. *Castelo Perigoso* (edição crítica, introd. e notas de Elsa Maria da S. Branco, Lisboa, Ed. Colibri, 2001).
- CASTRO, Manuel de, v. *Crónica de la Provincia Franciscana Santiago*.
- CÁTEDRA, Pedro M., «Fundación y Dote del Convento de la Visitación de Madrid de Monjas Clarisas», in *A.I.A.*, 47 (1987), 307-329.
- CÁTEDRA, Pedro M., *Sermón, Sociedad y Literatura en la Edad Media San Vicente Ferrer en Castilla (1411-1412). Estudio bibliografico, literario y edición de textos inéditos*, Junta de Castilla y León, 1994.
- CEPEDA, Isabel Vilarés, «Os Livros da Rainha D. Leonor, Segundo o Códice 11352 da Biblioteca Nacional de Lisboa, in *R. B. N. de Lisboa*, S. 2.^a 2 (1987) 51-81.
- CID, Isabel, *Incunábulo da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora. Catálogo Abreviado*, Évora, 1988.
- CINTRA, Maria Adelaide do Valle, v. Agostinho, Santo (PS.).

- CLASEN, Sophronius, «El Floreto de Sant Francisco Colletionis Hispanicae de S. Francisco Eiusque Sociis Notitiarum Analysis», in *Collectanea Francescana*, 35 (1965), 249-286.
- «*Compilatio Assisensis*» dagli *Scritti di Fra Leone e Compagni su S. Francesco d'Assisi*, (a cura di Marino Bigaroni, e Giovanni Boccali), Assisi, Ed. Porziuncola, 1992.
- CONTI, M., v. Cardaropoli, G.
- CORREIA, F., «O Livro dos Milagres de Nossa Senhora das Virtudes compilado por Fr. João da Póvoa», (Ed., introd. e notas de), *R. B. N. de Lisboa*, S. 2^a, III, (1988) 7-42.
- COSTA, António D. de Sousa, *Mestre André Dias de Escobar, figura ecuménica do século XV*, Roma – Porto, s.e., 1967.
- COSTA, António D. de Sousa, «Le Fonti Francescane nei Testi Legislativi Francescani del 1400», in *La Lettura delle Fonti Francescane attraverso I Secoli: il 1400*, (a cura di G. Cardaropoli e M. Conti), Roma, ed. Antonianum, s.d. (1981), 139-262.
- COSTA, Antonio D. de Sousa, *Studio Critico e Documenti Inediti Sulla Vita del Beato Amedeo da Silva nel Quinto Centenario della Morte*, Roma, Pontificium Athenaeum Antonianum, 1985.
- COSTA, Avelino de Jesus, *A Biblioteca e o Tesouro da Sé de Braga nos Séculos XV a XVIII*, Braga, 1984.
- Crónica da Ordem dos Frades Menores (1209-1285)*, (Ed., introdução e notas de José Joaquim Nunes), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1918.

- Crónica de la Provincia Franciscana de Santiago por un Franciscano Anónimo del Siglo XVII*, (Ed. introd., rectificaciones y notas de Manuel de Castro, O.F.M.), Madrid. *A.I.A.*, 1971.
- CRUZ, António, *Santa Cruz de Coimbra na Cultura Portuguesa da Idade Média I: Observações sobre o «Scriptorium» e os Estudos Claustrais*, Porto, 1964.
- CUNHA, Rodrigo da, *Catálogo dos Bispos do Porto*, Porto, João Rodrigues, 1623.
- DALARUN, Jacques, *La malavventura di Francesco d'Assisi. Per un uso storico delle leggende francescane*, Milano, Edizioni Biblioteca Francescana, 1996.
- DALARUN, Jacques, «Les maisons des frères: matériaux et symbolique des premiers couvents franciscains» in Laurent Feller, Perrine Mane et Françoise Piponnier (Eds.), *Le village médiéval et son environnement. Études offertes à Jean-Marie Pesez*, Paris, Publications de la Sorbonne, 1998, pp. 75-95.
- DAMIATA, Marino, *Pietà e Storia nell' «Arbor Vitae» di Ubertino da Casale*, Firenze, ed. «Studi Francescani», 1988.
- DI FONZO, L., «L'Anonimo Perugino tra le Fonti Francescane del Secolo XIII. Rapporti Letterali e Testo Critico», in *Miscelanea Francescana*, 72 (1972) 117-483.
- DI MAIO, Roberto, *Riforme e Miti nella Chiesa del Cinquecento*, Napoli, Guida Edit., 1973.
- DIAS, José Sebastião da Silva, *Correntes de sentimento religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1960.

- DINIS, António J. Dias, «O Espólio do Infante D. Henrique. Subsídio para o seu Estudo», in *Colectânea de Estudos* (Segunda Série), 1951, 193-257.
- DISTELBRINK, Balduinus, *Bonaventura Scripta Authentica. Dubia vel Spuria Critica Recensita*, Roma, Ist. Storico Capucchini, 1975.
- DUARTE, Luis Miguel – FERREIRA, Maria da Conceição F., «Dependentes das Elites Vimaranenses Face à Justiça no Reinado de D. Afonso V», in *R.F.L.U. do Porto, (História)*, II^a S., VI (1989), 175-221.
- ESPERANÇA, Manuel da – SOLEDADE, Fernando da, *Historia Seraphica dos Frades Menores da Província de Portugal*, Lisboa, Officina Craesbeeckiana, 1656 (1^a P.); id., Lisboa António Craesbeeck, 1666 (2^a P.); id., Lisboa, Manuel Joseph Lopes Ferreira, 1705 (3^a P.); id., ibid., 1709 (4^a P.); id., António Pedroso Gaivão, 1721 (5^a P.).
- Evangelios (Los) Apócrifos. Colección de Textos Griegos e Latinos*, (Versión Crítica e Estudios Introductorios y Comentarios por A. de Santos Otero), Madrid, B.A.C. 1984.
- ESPOSITO, Enzo, v. Caracciolo, R.
- FAULHABER, Charles B., *Latin Rhetorical Theory in Thirteenth and Fourteenth Century Castille*, University of California Press, Berkley, Los Angeles, London, 1972.
- FAULHABER, Charles B., «Las Retóricas Hispano-latinas Medievales (s. XIII-XV)», in *Repertorio de las Ciencias Eclesiásticas en España*, 7, Salamanca, 1979, 11-65.

- FAULHABER, Charles B., *Libros y Bibliotecas en la España Medieval. Una Bibliografía de Fuentes Impresas*, Londres, Grant and Cutler, 1987.
- FELICÍSSIMO, Albino, «Os Estudos e o Trabalho Intelectual na Ordem Franciscana», in *Estudios Franciscanos*, 89 (1988), 127-154.
- Fioretti, *Questi Sono li Fioreti di Sancto Francesco*, Venetia nel M. D. IX a di XXVII de Marzo [Reprodução fac-similada da BPÉvora com introdução de José Adriano de Freitas de Carvalho], Porto, CIUHE, 2001.
- I Fioreti di San Francesco*, à cura e con introduzione di Felice Accrocca, Casale Monferrato, Piemme, 1997.
- Floreto de Sant Francisco*, [Sevilha, 1492], Reprod. fac-simil. e Nota de Apresentação de José Adriano de Freitas de Carvalho, Porto, 1988.
- Fonti Francescane, Scritti e Biografie di San Francesco d'Assisi. Cronache e altre Testimonianze del Primo Secolo Franciscano. Scritti e Biografie di Santa Chiara d'Assisi*, Padova, Ediz. Messaggero, s.a.
- FERREIRA, Maria da Conceição F., v. Duarte, Luis Miguel.
- Francesco d'Assisi, Documenti e Archivi Codici e Biblioteche Miniature*, Milano, Electa s.a. (1982).
- FONTES, João Luís Inglês, *Da “Pobre vida” à congregação da Serra de Ossa: génese e institucionalização de uma experiência eremítica (1366-1510)*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2012.
- FRANCISCO DE ASSIS, Santo, *Ecrits*, (Ed. de Théophile Desbonets), Paris, ed. du Cerf – Les Editions Franciscaines, 1981.

- FRANCISCO DE ASSIS, Santo, *Escritos*, (Ed. de Isidoro Rodriguez Herrera e Alfonso Ortega Cannona), Murcia, Publ.s del Instituto Teológico de Murcia O.F.M., 1985.
- FREIRE, A Brancamp, v. Lopes, Fernão.
- FREITAS, Eugénio de A. da Cunha e, *O Convento Novo de Santa Maria da Consolação (Padres Loios)*, Porto, Gabinete de História da Cidade, 1947.
- GARCIA ARAGÓN, Leonardo, v. *Summa Franciscana*.
- GARCIA GARCIA, Antonio, *Estudios sobre la Canónica Portuguesa Medieval*, Madrid, F.U.E., 1976.
- GARCIA GARCIA, Antonio – MÚGICA, Jesús M., «O Livro de las Confesiones de Martín Pérez», in *Itinerarium*, XX (1974), 137-151.
- GARCIA ORO, J., «EL Elemento Espanol en las Reformas Portuguesas Pretridentinas», in *Compostellanum*, 15 (1970), 559-591.
- GARIN, Eugenio, *Prosatori Latini del Quattrocento*, Milano, Ricardo Riccardi Ed. s. a.
- GIANO, Giordano *Cronaca* (traduzione e note di A. Cabassi e F. Olgiati, in *Fonti francescane*, pp. 1995.
- GUEDES, Maria Joana P. A. de Sousa, *A «Compilação de Coimbra»*. *Edição Crítica do Manuscrito 1192 da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, (Ed. Policopiada. Dissertação de Mestrado em História Medieval), Porto, 1993.
- HABBLER, C., *Bibliografia Ibérica del Siglo XV*, La Haya-Leipzig, 1903 (I P.); La Haya-Leipzig, 1917.

- HEREDIA, Vicente Beltrán de, *Las corrientes de espiritualidad entre los dominicos de Castilla durante la primera mitad del siglo XVI*, Salamanca, s. e., 1941.
- HILLCARTH, J. N., *Ramon Lull and Lulism in Fourteenth Century France*. Oxford, Clarendon Press, 1971.
- HORCH, Rosa Maria Erika, *Clemente Sánchez. Dados Biográficos*, in *Didaskalia*, 16 (1986) 347-364.
- HORCH, Rosa Maria Erika, *O Primeiro Livro Impresso: Um Depoimento*, in *R. B. N. de Lisboa*, S. 2^a, 2 (1987) 41-51.
- Horto do Esposo* (ed. de Irene Freire Nunes), Lisboa, Ed. Colibri, 2007.
- Horto do Esposo*, (Texto Inédito do Fim do Século XIV ou Começo do Século XV, ed. critica com introdução, anotações e glossário de Bertil Maler), Rio de Janeiro, 1956.
- IVARS, André, *Una Versión Castellana de la «Leyenda de San Francisco» y la «Crónica de los XXIV Ministros Generales»*, in *A.I.A.*, 18 (1922) 252-266.
- IVARS, André, *El «Libre dels Angels» de Francisco Eximenes y Algunas Versiones Castellanas del Mismo*, in *A.I.A.*, 19 (1931) 108-114.
- JOSÉ, Pedro de Jesus Maria, *Cronica da santa e real província da Imaculada Conceição de Portugal*, Lisboa, 1754.
- KELLER, J. E. – LINKER, R.W., *v. Barlaam e Josaphat...*
- LA HAYE, Parisiis, *Opusculorum Sancti Francisci Tomus Tertius in Sancti Francisci Assisiatis minorum Patriarchae, nec non S. Antonii Padovani*

- eiusdem ordinis Opera Omnia Postilis illustrata... Opera et labore*, Apud Carolum Rovillard, 1641.
- LACERDA, M. Correa de, v. *Vida de Honrado Infante Josaphat...*
- LADERO QUESADA, Miguel A. – QUINTANTILLA RASO, Concepción, «Bibliotecas de la Alta Nobleza Castellana en el Siglo XV», in *Livre et Lecture en Espagne et en France sous l'Ancien Régime*, Paris, Editions A.D.P.F s.a (1981), 47-63.
- LAMBERTINI, Roberto e Andrea Tabarroni, *Dopo Francesco: l'eredità difficile*, Torino, Edizione Gruppo Abele, 1989.
- LAWRENCE, Jeremy, «Nueva Luz sobre la Biblioteca del Conde de Haro: Inventario de 1445», in *El Crotalón*, I (1984) 1073-1111.
- LETURIA, Pedro, *Estudios Ignacianos*, Roma 1957.
- LINKER, R.W., v. *Barlaam e Josaphat...*
- LISBOA, Marcos de, *Primeira [Segunda e Terceira] Parte das Chronicas da Ordem dos Frades Menores do Seraphico Padre Sam Francisco... Agora novamente impressa e emendada pelo Padre Frey Luis dos Anjos*, Lisboa, Officina de Pedro Craesbeeck, 1615.
- LOPES, Fernando Félix, *Lembranças Avulsas da Livraria do Convento de S. Francisco de Xabregas*, Lisboa, 1979.
- LOPES, Fernando Félix, «Franciscanos Portugueses Pretridentinos. Escritores, Mestres e Leitores», in *Repertorio de las Ciencias Eclesiásticas en Espana*, 7, Salamanca, 1979, 451-508.
- LOPES, Fernando Félix, «Franciscanos em Portugal Antes de Formarem Província Independente

- Ministros Provinciais a que obedeciam», in *A.I.A.*, 45 (1985) 349-450.
- LOPES, Fernão, *Crónica del Rei D. Joham I de Boa Memória e dos Reis de Portugal o Décimo*, (Ed., Introd. e notas de A. Brancamp Freire), I.N.-Casa da Moeda, Lisboa, 1973.
- LÓPEZ, Atanasio, «Documentos Relativos al Convento de Palenzuela», in *A.I.A.*, 13 (1916) 321-333.
- LUDOLFO CARTUSIANO, *Livro da Vita Christi em Lingoagem Português*. (Edição fac-similar e crítica do Incunábulo de 1495 cotejado com os Apógrafos por Augusto Magne, SJ.), Rio de Janeiro, 1957.
- LUND, CH. L., v. *Anedotas Portuguesas...*
- MAGNE, Augusto, v. *Ludolfo Cartusiano...*
- MALER, Bertil, v. *Horto do Esposo*.
- MANSELLI, Raul, «Nos qui cum eo fuimus». *Contributo alia Questione Francescana*, Roma, Ist. Storico del Capuccini, 1980.
- MANSELLI, Raul, v. *Speculum Perfectionis* (Minus).
- MARQUES, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, Lisboa, I.N.-Casa da Moeda, s.a., (1980) 1952.
- MARTINS, Mário, *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, Livraria Cruz, 1956.
- MARTINS, Mário, *O Penitencial de Martín Pérez em Medievo-Português*, Lisboa, 1957.
- MARTINS, Mário, «As Florinhas de S. Francisco e a Crónica da Ordem dos Frades Menores», in *Brotéria*, 70 (1960), 154-163.
- MASSAUT, J.-P., *Mystique Rhénane et Humanisme Chrétien d'Eckart. à Erasme. Continuité, Convergence ou Rupture?*, in AA.W., *The Late Middle*

- Agnes and Dawn of Humanism outside Italy*, Leuven, University Press, The Hague, Martinus Nijhoff, 1972, 112-130.
- MATEU IBARS, J., *Braquigrafia de Sumas. Estudio Analítico en la «Traditio» de algunos Textos Manuscritos, Incunables e Impresos*, Barcelona, Universidad de Barcelona, 1984.
- MATTOSO, José, *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, s.a. (1982).
- MENDES, Maria Valentina A. Sul, *Catálogo de Incunábulo da Biblioteca Nacional de Lisboa*, Lisboa, 1988.
- MEERSEMAN, G. G., *Ordo Fraternalitas. Confraternite e Pietà del Laici nel Medioevo*, Roma, Herder Editrice, 1977.
- MEERSEMAN, G. G., *Dossier de l'Ordre de la Pénitence au XIII Siècle*, Fribourg, Ed. Universitaires, 1982.
- MENESTÒ, Enrico, *Dagli Actus al «De Conformitate. La Compilazione come Segno della Coscienza del Francescanesimo Trecentesco*, in AA.VV., *I Francescani nel Trecento*, Università di Perugia – Centro di Studio Francescani, Assisi. 1988, pág. 41-68.
- MERLO, Grado G., *Tra Eremo e Città. Studi su Francesco e sul Francescanesimo Medievale*, Assisi, ed. Porziuncola, 1991.
- MERLO, Grado G., «Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana» in Maria Pia Alberzoni et alii, *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana*, Torino, Einaudi, 1997.
- MERLO, Grado G., v. BOLGIANI, Franco.

- MEYER, Frédéric et Ludovic Viallet (direct.), *Identités franciscaines à l'âge des réformes*, Clermont-Ferrand, Presses Universitaires Blaise-Pascal, 2005.
- MICCOLI, Giovanni, *Francesco d'Assisi. Realtà e Memoria di un'Esperienza Cristiana*, Torino, Einaudi, 1991.
- MONFORTE, Manuel de, *Chronica da Provincia da Piedade, primeira capucha de toda a Ordem*, Lisboa, Miguel Manescal da Costa, 1751.
- MORDENTI, Raul, v. Caracciolo, R.
- MORENO, Humberto Baquero, *Um Aspecto da Política Cultural de D. Afonso V: A Concessão de Bolsas de Estudo*, Lourenço Marques, Universidade de Lourenço Marques, 1970.
- MORENO, Humberto Baquero, *A Batalha de Alfarrobeira. Antecedentes e Significado Histórico*, Lourenço Marques, 1973.
- MURPHY, J. J., *Rhetoric in the Middle Ages*, University of California Press, Berkeley, Los Angeles, London, s.a. (1974).
- NASCIMENTO, Aires A., «Erudição e livros em Portugal ao tempo de Arias Montano: a biblioteca do Duque de Bragança» in *Ler contra o tempo: condições dos textos na cultura portuguesa (recolha de estudos em Hora de Vésperas)*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2012.
- NETO, Serafim Da Silva, *Textos Medievais Portugueses e seus Problemas*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Casa Rui Barbosa, 1956.
- NIMMO, Duncan, *Reform and Division in the Franciscan Order (1226-1538)*, Roma, Capuchin Historical Institute, 1987.

- NUNES, Irene Freire, v. *Horto do Esposo*.
- NUNES, José Joaquim, v. *Crónica da Ordem dos Frades Menores...*
- PELLEGRINI, Luigi, «L'esperienza eremitica di Francesco d'Assisi e dei primi francescani» in *Francesco d'Assisi e francescanesimo dal 1216 al 1226* (Atti del IV Convegno Internazionale, Assisi, 15-17 ottobre 1976), Assisi, SIDSF, 1977, pp. 279-313.
- PEPARNAUT ESPELT, J., *Dos Tratados «Espirituales» de Arnau de Vilanova en Traducción Castellana Medieval*, Roma, Iglesia Nacional Espanola 1976.
- PISA, Bartholomeu de, *De conformitate vitae Beati Francisci ad vitam Domini Iesu*, Ad Claras Aquas (Quaracchi), ex typographia Collegii S. Bonaventura, 1912.
- POTESTÀ, G. Luca, *Storia ed Escatologia in Uheritino da Casale*, Milan. Pubblicazione della Università Cattolica, 1980.
- POTESTÀ, G. Luca, «Gi Studi su Angelo Clareno. Del Ritrovamento della Raccolta Epistolare alle Recenti Edizioni», in *Riv. di Storia e Letteratura Religiosa*, 25 (1989) 111-143.
- POTESTÀ, G. Luca, *Angelo Clareno. Dai Poveri Eremiti ai Fraticelli*, Roma, I.S.I.M.E., 1990.
- QUAGLIA, Armando, *El Floreto: Fonte Storica Sconosciuta di Marco da Lisbona e del Wadding*, in *Studi Francescani*, 54 (1957), 40-49.
- QUEIRAZZA, G. Gasca, *La Vita di San Francesco in Castigliano Antico. Problemi e Ipotesi*, in *Collectanea Franciscana*, 43-4 (1973), 717-383.

- QUETIF, J. – ECHARD, J., *Scriptores Ordinis Praedicatorum*, Lutetiae Parisiorum, 1719.
- Reformas (Las) en Los Siglos XIV y XV. Introducción a los Orígenes de la Observancia en España, in *A.I.A.*, 17 (1957, n.º 65-68).
- RICARD, Robert, *Études sur l'Historie Morale et Religieuse du Portugal*, Paris, Centro Cultural Português, 1970.
- ROCKINGER, L., *Briefsteller und Formelbücher des elften bis vierzehnten Jahrhunderts. Quellen und Erörterungen zur bayerischen und deutschen Geschichte*, IX, Munique, 1863-1864 (2 vols.).
- ROSSI, Berardo, v. Salimbene di Adam da Parma.
- RUSCONI, Roberto, «La Tradizione Manoscritta delle Opere degli Spirituali nelle Biblioteche del Predicatori del Conventi dell'Observanza», in *Picenum Seraphicum*, 12(1975) 63-137.
- RUSCONI, Roberto, «Dalla “questione francescana” alla storia» in Maria Pia Alberzoni *et alii*, *Francesco d'Assisi e il primo secolo di storia francescana*, Torino, Einaudi, 1997, pp. 339-357.
- Sacrum Commercium Sancti Francisci cum domina Paupertate*, a cura di Stefano Brufani, Assisi, Edizioni Porziuncola, 1990.
- SAÍNZ RODRÍGUEZ., P., *Espiritualidad Española*, Madrid, Rialp, 1961.
- SALAZAR, Pedro de, *Crónica y Historia de la Fundación y Progreso de la Provincia de Castilla de la Orden del Bienaventurado Padre S. Francisco*, Madrid, En la Imprensa Real, 1612.
- SALAZAR Y SALINAS, Lope, *Escritos [Memoriale Religiosis; Memorial de la Vita y Ritos; Cons-*

- tituciones; *Primeras Satisfacciones; Segundas Satisfacciones; Testamento*], in *Las Reformas en los Siglos XIV y XV, A.I.A.*, 17 (1957), nº 65-68.
- SALIMBENE DI ADAM DA PARMA, *Cronaca*, Bologna, Radio Tau, 1987 (Introd. di Berardo Rossi).
- SANTOS OTERO, A. de, v. *Evangelios Apócrifos*.
- SCHILLING, Heinz, *Martin Luther. Rebelle dans un temps de rupture*, Paris, Salvator, 2014.
- SENSI, Mario, *Le Observanze Francescane nell'Italia Centrale*, Roma, Istituto Storico del Cappuccini, 1985.
- SILVA, Fernando da, *Elucidário Madeirense*, Funchal, 1966 (3.^a ed.).
- SOLEDADE, Fernando da, v. *Esperança*, Manuel da.
- SOLVI, Daniele, v. *Anonimo della Porziuncola*.
- SONET, J., *Le Roman de Barlaam et Josaphat*, Paris, 1949.
- Sepeculum Perfectionis (Minus)*, (Ed. de M. Bigaroni e Introd. de R. Manselli) Assisi ed. Porziuncola, 1983.
- SOUSA, Ivo M. Carneiro de, *A Rainha da Misericórdia na História da Espiritualidade em Portugal na Época do Renascimento*, [Ed. Policopiada. Dissertação de Doutoramento em Cultura Portuguesa), Porto, 1993.
- SOUSA, Luís de, «Sobre a fundação da observância dominicana em Benfica» in *Segunda parte da História de S. Domingos particular do Reino e Conquistas de Portugal*, Lisboa, Typ. do Panorama, 1866.
- Summa Franciscana vel Sancti Francisci et Clarae Assisiensium Opuscula, Biographia et Docu-*

- menta*, Compilavit Leonardus Garcia Aragón, O.F.M., Prologo J. F. Cuenca Molina, Murcia (Publicaciones del Instituto Superior Teológico Franciscano), 1993.
- TABARRONI, Andrea, v. LAMBERTINI, R.
- TAVARES, Pedro Vilas Boas, «Das Crónicas da Ordem às leituras: uma livraria franciscana do século XVI (Algumas das disponíveis no caso de Caminha)», in *A.I.A.*, 51 (1991) 357-374.
- TELLE, E. V., «En Marge de l'Eloquence Sacrée aux XV-XVI Siècles», in *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance*, 43 (1981), 449-470.
- UBERTINO DA CASALE, *Arbor Vitae Crucifixae Jesu*, Veneza, Andrea Bonettis, 1485, (Ed. anastática de Charles T. Davis, Torino, Bottega d'Erasmus, 1961).
- VAUCHEZ, A., *François d'Assise. Entre histoire et mémoire*, Paris, Fayard, 2009.
- VEIGA, Albino de Bem, v. *Virgeu de Consolaçom. Vergel de Consolação*, v. *Virgeu de Consolaçom*.
- VIALLET, Ludovic, v. MEYER, Frédéric.
- Vida do Honrado Infante Josaphat, Filho dei-Rey Avenir*, (Ed. de M. Corrêa de Lacerda), Lisboa, Junta de Investigação Ultramar, 1963.
- Domingos VIEIRA, *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Língua Portuguesa*, Porto, 1873.
- VILLA PADIERNA, Isidoro de, «L'Observanza in Spagna», in AA. VV., *Rinascimento del Francescanesimo. L'Osservanza*, Assisi, 1985.
- Virgeu de Consolaçom*, (Ed. de Albino de Bem Veiga), Baía, Livraria Globo, s.a (1959).

- Vita del Povero e Humile Servo di Dio Francesco*, (Ed. e Introd. de A. Marini), Assisi, Ed. Porziuncola, 1985.
- VON AUW, Lúdia, «A propos d'Angelo Clareno», in AA. VV., *Chi Erano gli Spirituali*, Assisi, S.I.S.F. 1976, 205-220.
- VON AUW, Lydia, *Angelo Clareno et les Spirituels Italiens*, Roma. Ed. di Storia e Letteratura, 1979.
- VORAGINE, Jacobo de, *La Legenda Aurea*, (Traducción del Latin: Fray José Manuel Macias), Madrid, Alianza Editorial, 1982.
- WADDING, Lucas, *Annales Minorum*, IX, Roma, Typis Rochi Bernabó, 1734.
- WADDING, Lucas, *Beati Francisci Assisiatis Opuscula*, Antuerpiae, Officina Plantiniana, 1623.
- ZAFARANA, Zelina, *Da Gregorio XV a Bernardino da Siena. Saggi di Storia Medievale*, Regione dell'Umbria - «La Nuova Italia» Editrice, s.a. [1987].
- ZURARA, Gomes E. de, *Crónica da Tomada de Ceuta*, Lisboa, Academia das Ciências, 1915.

ÍNDICE ONOMÁSTICO¹

- Accrocca, Felice, 315, 324,
327, 328, 360
- Afonso V (rei de Portugal),
166, 181, 182, 240, 262,
263, 266, 268, 276, 373,
376, 378, 379, 380, 391,
413, 414, 419
- Agostinho (Santo), 87, 106,
134, 399
- Aguilar, Manuel Busquets
de, 393
- Alcácer, João de, 78
- Almeida, Fortunato de, 69
- Amadeu da Silva Meneses
(Beato), 96
- Andrés, Melquíades, 62
- Anjos, Luís dos, 169, 179
- Anónimo *Floreto de Sant
Francisco*, v. *Floreto de
Sant Francisco*, 11, 119,
129, 131, 132, 148, 149,
166, 181, 182, 240, 262,
263, 266, 268, 276, 373,
376, 378, 379, 380, 391,
413, 414, 419
- Arcelus Ulibarrena, Joana
M., 129, 262, 263, 266,
358, 379
- Arouca, Álvaro de, 78, 191
- Arruda, Rodrigo de, 73-76,
99, 133, 213, 268
- Asensio, Eugenio, 62
- Ataíde, Jorge de, 399, 400

¹ A menos que constem da Introdução ao ensaio *Nobres leteras... Fervosos volumes...*, não registamos os autores e/ou possuidores das obras elencadas nos inventários e respectivos apêndices aí publicados. Obviamente, não assinalamos aqui as referências a S. Francisco.

- Ausmo, Nicolau de, 96, 103, 119, 205, 225, 236, 240
- Azevedo, João de, 104, 110, 112, 167, 173, 193, 208, 237-240, 262, 263, 266, 268, 276, 373, 376, 378-380, 391, 413, 414, 419.
- Azevedo, Narciso de, 105
- Barcalha, Rodrigo da, 78, 191
- Barreiros, Gaspar, 256, 265
- Basto, Artur Magalhães, 69, 73, 74, 76, 99, 134, 159, 163, 188
- Belém, Jerónimo de, 169
- Besse, Bernardo de, 93, 203
- Berardini, Lorenzo, 29
- Blanco, Emilio, 262, 378
- Boaventura (Santo), 22, 32, 53, 54, 57, 59, 63, 78, 93, 94, 106, 121, 140, 141, 175, 179, 180, 198, 203, 204, 210, 217, 223, 258, 259, 273, 280, 296, 299, 306, 311, 312, 358, 371, 372, 375, 377, 381, 390, 426, 444
- Bove, Cristoforo, 61
- Braga, Teófilo, 124, 128
- Brandão, Domingos Pinho, 74, 75, 128
- Brufani, Stefano, 21, 279, 374, 403
- Buescu, Ana Isabel, 374
- Calado, Adelino de Almeida, 100
- Calufetti, A., 21
- Calvos, Lopo de, 173, 220
- Cambell, Jacques, 131, 145, 263, 264, 279, 315, 324, 327, 328, 379
- Campagnola, Stanislaio da, 68, 358, 372
- Caracciolo, Roberto, 109
- Cardoropoli, Gerardo, 61
- Cardini, Franco, 127
- Cartusiano, Ludolfo, v. Saxónia, Ludolfo de, 91
- Carvalho, Gil de, 87, 190
- Carvalho, José Adriano de Freitas, 127, 261, 262, 264, 268, 270, 271, 273, 274, 352, 369, 378, 380, 394
- Carvalho, A. H. da Silva, 106
- Cátedra, Pedro, 114, 128
- Cassiano, 32, 54, 57, 59, 93, 204, 250
- Castro, Manuel de, 156, 158
- Castro Nuño, Alcaidessa de, 82, 173, 190
- Celano, Tomaso de, 20 21, 23-25, 27, 260, 263, 294, 311, 312, 352, 371, 372, 373, 375, 377, 395
- Cepeda, Isabel Vilarés, 129, 150
- Ciccarelli, Diego, 257
- Cintra, Luís F. Lindley, 124, 201
- Clareno, Ângelo, 29, 32, 132, 181, 182, 373
- Clasen, Sophronius, 132, 148, 263

- Clemente V (Papa), 1222, 193, 251
- Colombarini, S., 24
- Conceição, Cristóvão da, 22
- Manuel da Conceição, 183
- Conti, M., 26, 61
- Costa, António D. de Sousa, 26, 87, 96, 367
- Costa, Avelino de Jesus, 106
- Cruz, António, 128
- Cunha, Pedro da, 79, 80
- Cunha, Rodrigo da, 110
- Dalarun, Jacques, 359, 371, 372, 390
- Damiata. Marino, 106
- Davis, Charles T., 35, 181
- Desbonnets, Théophile, 51
- Deus, Martinho do Amor de, v. Martinho do Amor de Deus, 261
- Dias, José Sebastião da Silva, 367
- Di Fonzo, Lorenzo, 131, 132
- Dinis, António J. Dias, 87
- Distelbrink, Balduinus, 59, 60, 93, 94, 198, 203, 204, 210
- Duarte, Luís Miguel, 134
- Esperança, Manuel da, 22, 43, 71, 73, 78, 80, 81, 87, 111, 115, 119, 123, 138, 155, 162, 166, 183, 274, 370, 381-408, 412, 414-420
- Estrasburgo, Hugo Ripelin de, v. Hugo Ripelin de, 60
- Faria, Francisco Leite de, 257
- Faulhaber, Charles B., 129, 195, 222
- Felicíssimo, Albino, 26
- Filelfo, Francisco, 113
- Fiore, Gioachino da *Floreto de Sant Francisco*, 11, 119, 129, 131, 132, 148, 149, 166, 181, 182, 240, 262, 263, 266, 268, 276, 373, 376, 378, 379, 380, 391, 413, 414, 419
- Forte, Doroteo, 33, 168
- Freire, Anselmo Brancamp, 124
- Freitas, Eugénio da Cunha e, 111
- García Aragon, Leonardo, 21
- García y García, Antonio, 95, 205
- García Oro, José, 182
- Garin, Eugenio, 182
- Gasca Queirazza, Giuliano, 151, 152
- Giano, Giordano da, 170, 403
- Gonçalves, João, 88, 173, 241
- Godinho, Helder, 93
- Guadalupe, João de, 79, 165
- Guedes, Joana de Sousa, 172, 259
- Guimarães, Gil de, 77, 84, 94, 99, 26, 162, 192, 217, 269
- Hillgarth, J. N., 202

- Hugo Ripelin de Estrasburgo, 60
- Humphrey, K. W., 33
- Ínsua, André da, 71, 256
- João II (rei de Portugal), 77, 111, 118, 137, 150, 162, 177, 399
- José, Pedro de Jesus Maria, v. Pedro de Jesus Maria José, 393
- Ladero Quesada, Miguel A., 134
- Lambertini, Roberto, 368
- Lamego, João de, 117, 123, 154, 162, 234
- Lawrence, Jeremy, 30, 198, 203
- Leão (companheiro de S. Francisco), 260, 310, 311, 325, 354, 321, 404, 420
- Lecce, Roberta de, v. Caracciolo, Roberto, 109
- Leiria, Henrique de, 126, 242
- Leonardi, Claudio, 28
- Leturia, Pedro, 41
- Lira, Nicolau de, 59, 252
- Lisboa, Marcos de, v. Marcos de Lisboa, 11, 140, 141, 166, 178, 179, 205, 256-259, 261, 264, 276, 279, 283, 288, 303, 305, 316, 323, 325, 329, 351-354, 357, 358, 359, 369, 370, 373, 375, 376, 380, 383, 413
- Lisboa, Nicolau de, 111, 236, 237, 238, 239, 241
- Lobo, Francisco, 80, 173, 175, 201, 202, 210, 264
- Lopes, Fernando Félix, 68, 70, 74, 91, 99, 105, 140, 156, 161
- López, Atanasio, 159, 435
- Machado, Diogo Barbosa, 161
- Magne, Augusto, 92, 202
- Maler, Bertil, 93, 200
- Manselli, Raoul, 130, 360
- Marchesinus, Johannes, 105, 195, 235, 249
- Marcos de Lisboa, 11, 140, 141, 166, 178, 179, 205, 256-259, 261, 264, 276, 279, 283, 288, 303, 305, 316, 323, 325, 329, 351-354, 357, 358, 359, 369, 370, 373, 375, 376, 380, 383, 413
- Marinho, Gonçalo, v. Mariño, Gonzalo, 71, 87, 97, 155, 156, 384, 388, 397
- Mariño, Gonzalo, 71, 87, 97, 155, 156, 384, 388, 397
- Marques, José, 129
- Martínez de Lara, Rodrigo, 156
- Martinho do Amor de Deus, 261
- Martins, Mário, 74, 81, 93, 94, 95, 201, 204, 227, 258
- Martí Mayor, José, 255, 268

- Massaut, Jean Pierre, 62
 Mateu Ibars, J., 83
 Medina, Luis de, 18, 173,
 176, 240
 Meersseman, G. G., 98
 Meneses, Beatriz de, 86, 87,
 173, 192
 Meneses, Carlos A. de, 407
 Menestò, Enrico, 21, 131,
 262, 279, 374, 379, 436
 Merlo, Grado G., 22, 370,
 374, 411, 412
 Meyer, Frédéric, 369
 Miccoli, Giovanni, 22, 24,
 160, 178, 358, 411
 Michalczyk, Marian, 264
 Monforte, Manuel de, 373
 Mordenti, Raul, 109, 426
 Múgica, Jesús M., 95, 205

 Nascimento, Aires A., 373
 Neto, Serafim da Silva, 74,
 116
 Nicolau III (Papa), 122, 193
 Nimmo, Duncan, 30, 53,
 131, 144
 Nunes, Irene Freire, 93, 433
 Nunes, José Joaquim, 116,
 267, 428

 Ofida, Conrado de, 373
 Olgiate, F., 21, 403

 Pacheco, Ana Ramos Assis,
 394
 Pádua, Alberto de, 121, 224
 Parisiense, Guilherme, 112,
 213

 Parma, Salimbene de Adam
 da, v. Salimbene de Adam
 da Parma, 28
 Pedro de Avis (Infante), 408
 Pellegrini, Luigi, 411
 Penacova, Tristão de, 79,
 98, 193, 197, 212
 Pereira, Fernão, 134
 Pérez Abad, Antolín, 262
 Pérez de Valencia, J., 112
 Pinto, Heitor, 34
 Pisa, Bartolomeu de, 150,
 259, 260, 279, 295, 299,
 303, 330, 346, 351, 354,
 376, 381, 419
 Poça, Antonio da, 79
 Pombal, Diogo de, 75, 76,
 77, 78, 216
 Porto, António do, 78, 82,
 104, 111, 190, 192, 193,
 207, 208
 Porto, Gomes do, 67, 100,
 159, 161, 163, 165, 179
 Potestà, Gian Luca, 29, 106,
 182
 Póvoa, João da, 43, 69,
 76-95, 98, 100, 103-113,
 115-122, 126, 135-139,
 155, 159, 162-164, 167,
 173, 174, 176
 Quaglia, Armando, 166,
 266, 272, 277, 278, 282,
 283
 Quintavale, Bernardo de,
 325

 Ricard, Roberto, 124, 125

- Romans, Humberto de, 32, 59, 107
- Rufino (companheiro de S. Francisco), 260, 313, 314, 316, 317
- Rusconi, Roberto, 107, 351, 368, 380, 413
- Saint-Tierry, Guillaume de, 59
- Sáinz Rodríguez, Pedro, 107
- Salazar, Pedro de, 159
- Salazar y Salinas, Lope de, 30, 32, 34, 37, 39, 41, 42, 43, 44, 51, 58, 60, 62, 65, 90, 128, 142, 146, 147, 148, 151, 165, 250, 252, 323, 352
- Salimbene de Adam da Parma, 28
- Salvaterra, Bartolomeu de, 78, 122, 190, 207, 208, 234
- Santarém, Jordão de, 116, 239
- Santarém, Vasco de, 79, 80, 91, 201, 203, 204, 210, 211
- Saxónia, Ludolfo de, 91
- Schilling, Heinz, 365
- Sensi, Mario, 157, 369
- Sevilha, Francisco de, 111
- Shutte, Anna Jacobson, 265
- Silva, Aires Gomes da, 86, 87, 173, 192, 207
- Silva, Amadeu da – Meneses, v. Amadeu da Silva Meneses (Beato), 87, 96
- Silva, Elsa M. Branco da, 94
- Silva, Fernando A. da, 407
- Silva, João Gomes da, 86
- Soledade, Fernando da, 43, 73, 79, 97, 117, 127, 138, 155, 159, 160, 161, 163, 165, 258, 370, 383, 398, 409, 410
- Sousa, Ivo Carneiro de, 150
- Sousa, Jorge de, 78, 79, 135-138, 192, 201, 211, 270, 273, 393
- Suárez Fernández, Luis, 138
- Tabarroni, Andrea, 368
- Tavares, Pedro Vilas Boas, 69
- Telle, Émile V., 110
- Todi, Jacopone da, 258
- Torre, Antonio de la, 138
- Triviño, María Victoria, 357, 358
- Ubertino da Casale, 35, 105, 107, 118, 181, 252
- Vauchez, André, 370, 376, 415
- Veiga, Albino Bem da, 95, 198
- Viallet, Ludovic, 369
- Vieira, Domingos, 315
- Vila Real, Diogo de, 79
- Villacreces, Pedro de, 30, 32, 35, 39, 40, 44, 51, 64, 148, 151, 153, 155, 158, 165, 180
- Villapadierna, Isidoro de, 31, 145, 157
- Viseu, Pacífico de, 70, 71

Wadding, Lucas, 67, 68, 73, Zafarana, Zelina, 83, 109
161, 166, 169, 272, 278, Zurara, Gomes Eanes de, 87
281, 282

ÍNDICE TOPOGRÁFICO

- Alenquer, 97, 105, 115, 117,
121, 162, 164, 169, 183,
239, 245, 381, 401, 420
- Caminha, 80, 156, 187, 388,
389
- Castanheira (Vila Franca
de Xira), 118, 120, 240,
246, 398
- Funchal, 405, 406, 407
- Ínsua, 43, 67, 69, 71, 72,
77-105, 109, 110, 111,
117, 118, 121, 122, 125,
128, 135-140, 153-156,
163, 167, 170, 172, 173,
175, 176, 177
- Leça da Palmeira, 67, 395
- Leiria, 85, 97, 122, 123,
124, 125, 126, 234, 242,
243, 248
- Madeira, Ilha da, 103, 138,
221, 222, 406
- Matosinhos, 67, 89, 103,
108, 111, 154, 156, 176
- Montalverna, 311
- Mosteiró, 384, 388, 415
- Paço de Sousa, 100
- Penhas, S. Clemente das
(Leça da Palmeira), 67,
68, 69, 73, 75, 76, 78,
81, 87, 88, 94, 98-104,
108, 125, 128, 133, 139,
153-156, 159, 168, 170,
172, 176, 179, 188, 199,
201, 205, 213, 218, 225,
226, 268, 275, 415
- Ponte de Lima, 98, 120, 122,
170, 190, 193, 197, 209,
212, 234, 376
- Setúbal, 120, 121, 175, 202,
235, 242
- Tentúgal, 117, 118, 154, 155,
165, 166, 170, 173, 234,
240, 246, 270, 275, 397,
408
- Varatojo, 84, 138, 194, 247,
394
- Viseu, 120, 122, 191, 195,
199, 219, 234, 249, 400
- Xabregas, 91, 97, 105, 111,
154, 154, 169, 241



Cofinanciado por:



ISBN 978-972-36-1624-8



9 789723 616248